



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROFESSOR
MILTON SANTOS - IHAC
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROFARTES

LÍLIAN RODRIGUES DA SILVA

SEU SILÊNCIO INCOMODA MEU BARULHO: ATIVANDO O
CORTEJO DE BUMBA MEU BOI EM MARECHAL DEODORO/AL

Salvador
2025

LÍLIAN RODRIGUES DA SILVA

**SEU SILÊNCIO INCOMODA MEU BARULHO: ATIVANDO O
CORTEJO DE BUMBA MEU BOI EM MARECHAL DEODORO/AL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em
Artes - PorfArtes da Universidade Federal da Bahia como
requisito para a obtenção do título de Mestra em Artes.
Orientador(a): Prof. Cristiano Figueiró)

Salvador
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa (BURMC)

- S586s Silva, Lilian Rodrigues da
Seu silêncio incomoda meu barulho: [recurso eletrônico] ativando o cortejo de Bumba meu Boi em Marechal Deodoro/AL / Lilian Rodrigues da Silva. – dados eletrônicos. 2025.
259 f. : il. Color.
- Orientação: Prof. Dr. Cristiano Severo Figueiró.
Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Artes (PROFARTES). Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes E Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2025.
Disponível em formato digital, modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br>
1. Educação - Ensino e aprendizagem. 2. Bumba meu Boi - Marechal Deodoro (AL). 3. Folclore - Folguedos - Marechal Deodoro (AL). I. Figueiró, Cristiano Severo. II. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes E Ciências Professor Milton Santos. III. Título.

CDU: 376:398(813.5)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROFESSOR MILTON SANTOS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

ATA DA SESSÃO PÚBLICA - DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO
PARA O MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

Área de Concentração: Ensino de Artes

Linha de Pesquisa: Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes

Atendendo à legislação vigente, às 10 horas e 30 minutos do dia 30 de Maio de 2025, através do link <https://conferenciaweb.rnp.br/ufba/defesas-profartes-ufba>, reuniu-se a Banca Examinadora, presidida pelo Professor Doutor Orientador **Cristiano Severo Figueiró**, com os Professores Doutores Luiz Claudio Cajaiba (membro interno), Marcos Santos (membro externo à instituição) e Marcelo Gianini (membro externo) afim de arguirem sobre o Trabalho de Conclusão para o Mestrado da Aluna **Lilian Rodrigues da Silva** intitulado "**Seu silêncio incomoda meu barulho: ativando o cortejo de Bumba meu Boi em Marechal Deodoro AL**", requisito final para a obtenção do título de **Mestre em Artes**. Aberta a sessão pelo Presidente, coube a mestranda, na forma regimental, expor o tema de seu Trabalho de Conclusão, findo o que, dentro do tempo regulamentar, foram apresentadas as arguições pelos membros da Banca Examinadora. Em seguida, deram-se as explicações que se fizeram necessárias. Em ato contínuo, a Banca Examinadora reuniu-se reservadamente para proceder à avaliação final, conforme critérios estabelecidos pelo Regimento do Programa, sendo o trabalho:

x ☒ **Aprovado** ☐ **Aprovado com alterações** ☐ **Reprovado**

Destaca-se:

Caráter inédito da pesquisa e o crescimento do trabalho desde o exame de qualificação até a defesa.

Recomendam-se as seguintes alterações:

Que sejam acolhidas as sugestões da banca e realizadas pequenas correções levantadas durante a defesa.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo acadêmico.

Salvador, 30 de Maio de 2025.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Cristiano Severo Figueiró
Presidente/Orientador


Cristiano Severo Figueiró
Data: 26/05/2025 16:03:07-0100
verifique em <https://www.idm.br.gov.br>

Prof. Dr. Luiz Claudio Cajaiba

Membro interno/PROF-ARTES

Prof. Dr. Marcos Santos


Marcos dos Santos Santos
Data: 26/05/2025 16:03:05-0100
verifique em <https://www.idm.br.gov.br>

Membro externo

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROFESSOR MILTON SANTOS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

Prof. Dr. Marcelo Gianini

Documento assinado digitalmente
 **MARCELO GIANINI**
Data: 04/08/2025 11:24:11-2300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Membro externo

De acordo:



Documento assinado digitalmente
LILIAN RODRIGUES DA SILVA
Data: 04/08/2025 14:46:54-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Acadêmica

A minha ancestral retirada da mata, a minha bisavó (in memoriam), às minhas avós Maria Satu e Regina da Silva (in memoriam), à minha mãe Cícera Carlos da Silva e à Maya Rodrigues Vital. À todas as mulheres que teceram minha vida com suas vidas e à vida tecida a partir da minha vida. A meu pai Ademar Rodrigues da Silva (in memoriam).

Às vezes eu fico pensando

E meu pensamento

Me leva para um tempo distante

Me leva até a minha infância...

Quando eu brincava na margem do rio

Edson Gomes

AGRADECIMENTOS

À comunidade do Vale do Reginaldo, meu reconhecimento e carinho. Agradeço a Julianderson, que possibilitou minha entrada na universidade, e à Alitânia, minha primeira professora, a pessoa que convenceu minha família de que eu deveria estudar. À Silvia Karoline Costa, por ter me apoiado no início deste projeto e à Aninha, por ser minha consultora nas questões do Bumba Meu Boi, meu muito obrigada!

Agradeço a todas as pessoas que propagaram seu conhecimento através das entrevistas. Um agradecimento especial ao Zé do Boi, por compartilhar comigo seu saber, suas memórias e conexões, e a Almir Medeiros, por colaborar de forma tão importante com sua música.

Agradeço à minha família — meu pai, minha mãe e meus irmãos —, a Davi, que esteve comigo quando o projeto ainda era um embrião, e a Maya, meu espaço de amor diante do caos. Agradeço a Rose e Emerson, por abraçarem este projeto na escola, e a toda equipe gestora e pedagógica da Escola Estadual José Correia da Silva Titara. Agradeço aos professores Rafael e Juliana, pela colaboração e a todos os estudantes que o tornaram possível.

Ao meu orientador, Cristiano Figueiró, agradeço por confiar neste trabalho. À Paula Reis, cuja generosidade possibilitou minha permanência nos estudos em Salvador..

À Brigada Jovem do MST e à comunidade azul por cederem os instrumentos musicais e pela parceria. À Ednaldo e a todos do grupo Pérola.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo ativar o cortejo do Bumba Meu Boi na educação básica, integrando-o ao contexto pedagógico escolar. Ao longo de três anos de experiência, o estudo documenta a trajetória da inserção do Bumba Meu Boi nas práticas educacionais, oferecendo propostas pedagógicas para sua implementação. A pesquisa analisa os resultados obtidos com essa prática, observando os procedimentos adotados, os desafios enfrentados, os sucessos alcançados, e com base nessas observações, realiza ajustes nas estratégias pedagógicas. O desenvolvimento da metodologia incluiu uma investigação detalhada da tradição do Bumba Meu Boi, com ênfase nas suas particularidades em Maceió e na região metropolitana, especificamente em Marechal Deodoro. O trabalho se mostra como o primeiro dossiê dedicado ao Bumba Meu Boi em Alagoas e combina memória afetiva com conhecimento teórico, pedagógico e musical, proporcionando uma análise sobre a formação do cortejo e as possibilidades de sua inserção no ambiente escolar, incluindo saberes culturais locais na educação básica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Distribuição do Bumba meu Boi pelas cidades Alagoanas.....	33
Figura 02 - Letreiro com o nome do Boi.....	34
Figura 03 – Estudante Anne Caroline Alves Borges, vivenciando a função de condutora do Boi Pérola.....	35
Figura 04 - Bois executando movimentos em plano alto.....	36
Figura 05 - Detalhes da decoração do Bumba Meu Boi na década de 2009.....	37
Figura 06 - Boi Pérola e Vaqueiro.....	39
Figura 07 – Processo de construção do Bumba meu Boi de papelão.....	41
Figura 08 – Bumba Meu Boi com parte traseira plana.....	42
Figura 09 – Bumba Meu Boi com parte traseira arredondada.e Vaqueira Bruna.....	42
Figura 10 – Bumba Meu Boi Gavião em 1994.....	44
Figura 11 - Boi Mandacaru (perfil).....	52
Figura 12 - Boi Mandacaru (frente).....	53
Figura 13 - Boi Carcará (perfil).....	54
Figura 14 - Confeção do Boi Serpente.....	55
Figura 15 - Boi Pistoleiro.....	56
Figura 16 - Boi Lá Fúria (perfil).....	57
Figura 17 - Bruna, Vaqueira do Boi Mandacaru.....	58
Figura 18 - Gabriela Berto de Souza, percussionista do Bumba meu Boi da Titara.....	59
Figura 19 – Tinho, fundador, presidente e Vaqueiro do Boi Pérola.....	61
Figura 20 – Natalício Rodrigo Silva dos Santos, Vaqueiro do Boi Safary, com trajes que seguem a temática.....	62
Figura 21 - Emerson Santos, Vaqueiro do Boi Fênix.....	67
Figura 22 - Boi Pistoleiro (perfil) com vaqueiro Raí da Silva Fernandes.....	65
Figura 23 - Aluna Luanny Mariah Conceição Vieira aprendendo com Tinho a guiar o Boi Titara.....	63
Figura 24 - La Urso.....	68
Figura 25 - Detalhe da vestimenta de La Urso feita com sacolas plásticas.....	70

Figura 26 - Máscara de Bobo do Bloco Bobo Gaiato, da cidade de Porto de Pedras.....	71
Figura 27 - Bobo da Escola Estadual Professora Aurelina Palmeira de Melo.....	75
Figura 28 - Partitura da clave do Bumba meu Boi em Maceió (surdo).....	81
Figura 29 - Comparação entre a clave de samba reggae (acima) e a clave do	
Figura 30 - Partitura dos ritmos de Bumba meu Boi em Maceió (Repique, Tarol, surdo 1, surdo 2, surdo 3 e surdo 4).....	85
Figura 31 - Partitura da melodia entoada por brincantes durante o cortejo: ê boi....	85
Figura 32 - Clave do Bumba meu boi (Batida da minha memória) executada pelo surdo.....	86
Figura 33 - Variação do ritmo do Bumba meu boi maceioense executado pelo surdo com uma baqueta.....	86
Figura 34 - Ritmo do Bumba meu boi maceioense executado pelo surdo com duas baquetas.....	86
Figura 35 - Ritmo do bumba meu boi maceioense executado pelo tarol.....	86
Figura 36 - Ritmo do bumba meu boi maceioense executado pelo repique.....	87
Figura 37 - Chamada do repique conforme minha memória.....	87
Figura 38 - Chamada do repique conforme aprendi com meus alunos.....	89
Figura 39 - Oficina com Bumba meu Boi Pérola na Escola Titara.....	93
Figura 40 - Aprendizagem do ritmo Bumba meu Boi.....	94
Figura 41 - Oficina de ritmos Bumba meu Boi com Pedro Victor Alves.....	97
Figura 42 - Bumbas meu Boi executando a dança amistosa do cruzamento.....	101
Figura 43 - Cortejo com vários Bumbas Meu Boi na Zona Sul.....	104
Figura 44 - Boi Lá Fúria (frente), com Vaqueiro Aloísio Miguel Silva dos Santos...	107
Figura 45 - Tambores no I Cortejo de Bumba meu Boi da Escola Titara.....	108
Figura 46 - I Cortejo de Bumba meu Boi da Escola Titara.....	107
Figura 47 - Trajeto do I Cortejo de Bumba meu boi da Escola Estadual José Correia da Silva Titara.....	110
Figura 48 - Escola - tradição - cultural - território.....	111
Figura 49 – Bumba Meu Boi Pérola e Bumba meu Boi Titara.....	126

Lista de Quadros e Gráficos

Quadro 01 - Divisão das turmas das 2ª séries por equipes.....	22
Quadro 02 - Processo de aprendizagem da 1ª e 2ª etapas do projeto.....	23
Quadro 03 - Conteúdos textuais sobre a tradição de Bumba Meu Boi em Maceió e região metropolitana.....	26
Quadro 04 - Catalogação de nomes de Bumba Meu Boi em maceió.....	46
Quadro 05 - Exemplos comparativos entre nome e tema.....	49
Quadro 06 - Exemplos de nomes e temas escolhidos pelos estudantes de 2022 e 2024.....	51
Quadro 07 - Quadro comparativo entre Bobo, La Urso, La Ursae Folharal.....	73
Quadro 08 - Desenho das famílias rítmicas que compõe o Axé music.....	84
Quadro 09 - Proposta didática 1.....	114
Quadro 10 - Proposta didática 2.....	120
Quadro 11 - Proposta didática 3.....	120

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Divisão das turmas das 2ª séries por equipes.....	120
Gráfico 02 - Processo de aprendizagem da 1ª e 2ª etapas do projeto.....	121

SIGLAS

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

UPB (Universo Percussivo Baiano).

Fundação Municipal de Ação Cultural (FMAC)

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Centro Educacional de Pesquisa Aplicada (CEPA)

Secretaria de Estado da Educação (SEDUC)

HTPC

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - PÓS ESCURIDÃO, BUMBA!	11
CAPÍTULO 1 - O SOM OCUPA OS ESPAÇOS SILENCIADOS	16
1.1 GUERREIROS DA MEMÓRIA	18
1.2 PANORAMA EDUCACIONAL	22
1.3 ASPECTOS HISTÓRICOS DO BOI EM ALAGOAS	24
1.4 O BOI	30
1.4.1 O Boi na escola.....	36
1.5 DANDO NOME AOS BOIS	40
1.5.1 Nomeando os Bois na escola.....	45
CAPÍTULO 2 - PRÁTICAS PARA A QUEBRA DE SILÊNCIO	55
2.1 VAQUEIRO	57
2.1.1 Vaqueiros e Vaqueiras da Titara.....	62
2.2 LA URSO	64
2.2.1 Tem La Urso na escola?.....	72
2.3 PRÁTICAS PARA QUEBRA DE SILÊNCIO	73
2.4 INSTRUMENTOS MUSICAIS E RITMO	77
2.5 APITOS	86
2.6 CONFECÇÃO DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS	87
2.7 FAZENDO BARULHO NA ESCOLA	89
CAPÍTULO 3 - O CORTEJO	95
3.1 ATIVANDO CORTEJO DE BUMBA MEU BOI	104
3.2 - PROPOSTAS DIDÁTICAS PARA BUMBAR	109
3.3 ECOS DO BUMBA: RESULTADOS OBTIDOS	119
3.4 - CORTEJO PEDAGÓGICO	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS: O SOM REFLETE POR ENTRE OBSTÁCULOS	131
REFERÊNCIAS	132
APÊNDICES	135
APÊNDICE A - Entrevista com Dona Lourdes de Lima Arcanjo	135

APÊNDICE B - Entrevista com José Carlos dos Santos (Zé do Boi) - Parte 1..	149
APÊNDICE C - Entrevista a José Carlos dos Santos (Zé do Boi) - Parte 2.....	194
APÊNDICE D - Entrevista a José Carlos dos Santos (Zé do Boi) - Parte 3.....	206
APÊNDICE E -Transcrição da Entrevista a Allan Victor (Presidente da Liga de Grupos de Bumba meu Boi de Maceió).....	229
APÊNDICE F– Entrevista com Natalício Rodrigo Silva dos Santos (Natal).....	250
APÊNDICE G – Entrevista com Joelma Ferreira da Silva.....	252
APÊNDICE H – Entrevista com Christiano Barros Marinho da Silva.....	255

INTRODUÇÃO - PÓS ESCURIDÃO, BUMBA!

Seu silêncio incomoda meu barulho: ativando o cortejo de Bumba Meu Boi em Marechal Deodoro/AL, apresenta o percurso de aprendizagem a respeito da ativação do cortejo de Bumba Meu Boi na educação básica, com estudantes das segundas séries do ensino médio da Escola Estadual José Correia da Silva Titara na cidade de Marechal Deodoro, região metropolitana de Maceió, AL. O trabalho integra as práticas de ensino da cultura popular ao sistema escolar de educação com base em método de ensino musical que respeita a sabedoria de matriz africana.

No que se refere ao Bumba Meu Boi alagoano, dentro do campo que me propus a estudar - fazendo um recorte da tradição em Maceió e na região metropolitana de Marechal Deodoro, no contexto de cortejo, a partir da década de 1990 até a atualidade - ainda não foram pesquisados o ritmo, a instrumentação, a dança, critérios para escolha de nomes dos Bois, construção do Bumba, aspectos sociais e identitários, especificamente no que se refere ao cortejo e às formas como conduzir uma aprendizagem da tradição fundamentada nesses aspectos.

Há escassez de registros quanto ao processo histórico de desenvolvimento do Bumba Meu Boi em Alagoas até chegar na forma como se manifesta atualmente no estado. Tampouco há uma análise a respeito das práticas de ensino junto aos brincantes ou à educação básica em Alagoas.

Chasan (2014) aponta sugestões valiosas nesse sentido, tais quais: a elaboração de um dossiê histórico-cultural detalhado sobre essa tradição em Maceió e um plano de salvaguarda em consonância a Lei Estadual 7.285/2011, que trata do registro de bens culturais de natureza imaterial em Alagoas.

Como ativar o cortejo de Bumba Meu Boi na educação básica aproveitando os ensinamentos existentes dentro da cultura popular e somando-os com as práticas pedagógicas institucionalizadas? Esse é um problema que me move como professora devido ao fato de ter nascido na comunidade Vale do Reginaldo em Maceió-AL, um território que destaca-se, na brincadeira. Lembro nitidamente de mim, ainda menina lutando contra o medo da imponência do Boi “Gavião¹”, objeto de estudo desta.

Já na adolescência me sentia muito incomodada com a brincadeira, pois, logo após as festividades de réveillon iniciavam-se os ensaios da bateria que acontecia nos fundos da casa onde eu morava na época. Era difícil para mim estudar ou focar

¹ @boigaviao

em algo que exigisse concentração devido ao volume dos sons dos instrumentos musicais, do apito, dos gritos de comando. Foram anos participando indiretamente dos estudos sonoros daquele grupo musical. Tal vivência deixou em mim grande marca, contribuindo para a construção da minha identidade pessoal, cultural e territorial.

Inevitavelmente, após a conclusão da graduação em Música/Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) levei esses aprendizados para minha trajetória profissional, mais especificamente ao meu exercício docente. Acredito genuinamente que essas abordagens podem contribuir para um ensino que aproxime o aluno da sua identidade e transmitir esse conhecimento de uma forma honesta é muito importante.

Alexandra Dumas (2015) nos faz pensar em como inserir esses fenômenos espetaculares na educação institucional; fala da dimensão estética presente em manifestações culturais populares e o reconhecimento de possibilidades reflexivas, criativas e educativas especialmente no que tange o ensino e a aprendizagem de arte - as potencialidades e possibilidades de transposição metodológica e de procedimentos técnicos vindos de manifestações populares e sua migração para processos artísticos pedagógicos.

Se o ser humano tem um potencial de conhecimento a ser desenvolvido pelo processo de aprendizagem, espera-se que os estímulos para o seu senso estético sejam variados gerando motivações e necessidades diversificadas. Sendo a escola a instituição formal voltada para o ensino, espera-se que ela mesmo crie situações de aprendizagem relacionadas também à cultura popular e não apenas depositar nos processos informais e espontâneos características dessas manifestações as oportunidades de aprendê-las e conhecê-las em perspectivas históricas críticas e criativas (Dumas, 2015, p.108)

Dumas argumenta que introduzir a cultura popular na escola traz benefícios. Isso ocorre porque os estudantes, ao se depararem com elementos culturais familiares, passam a se sentir mais conectados ao ambiente escolar. Isso desperta o interesse deles pelo assunto e, conseqüentemente, pelo aprendizado. Além disso, a cultura popular pode ser explorada em diferentes disciplinas, com textos, estudos culturais e estéticos. O próprio objeto da cultura popular pode se tornar o foco do conhecimento, permitindo uma ampliação do entendimento e da apreciação da própria cultura dos estudantes, tanto de forma estética, quanto crítica e criativa.

A autora explica que o ensino de arte nas escolas pode começar a partir das manifestações culturais tradicionais da cidade ou região dos alunos. A ideia é utilizar

essas manifestações como ponto de partida e, gradualmente, introduzir os conceitos e conteúdos artísticos. Durante o processo de aprendizagem em arte, os alunos observam elementos visuais, sonoros, narrativas dramáticas, interpretações e criações gestuais que surgem a partir do conhecimento prévio que eles já possuem. Dessa forma, eles podem explorar diferentes referências estéticas ao longo da aprendizagem.

Esta pesquisa tem como objetivo ativar o cortejo de Bumba Meu Boi na educação básica, levantando informações sobre essa manifestação, inserindo-a no contexto escolar e analisando o processo de aprendizagem.

Para fundamentar a pesquisa tomei como base três pontos de partida: o dossiê elaborado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN): “Complexo cultural do bumba-meu-boi do Maranhão” (NUNES, 2011), que detalha aspectos importantes sobre a cultura, a história e a arte do Bumba-meu-boi, abordando seus elementos, significados, e o processo de registro como patrimônio imaterial; o documentário ‘Nas quebradas do boi’ (2019), que estreou na programação do Cine Cidadania do Centro Cultural Arte Pajuçara e retrata toda a paixão e moção da comunidade do Vale do Reginaldo, em Maceió, Alagoas em função do Bumba Meu Boi e a entrevista concedida por Zé do Boi, que contribuiu para o aprofundamento dos estudos sobre o cortejo e características específicas desta prática alagoana.

No primeiro capítulo, descrevo o contexto escolar, destacando aspectos da organização pedagógica e a forma como as atividades foram conduzidas de maneira geral, dentro do projeto *Guerreiros da Memória*. Na sequência, traço um panorama educacional, relatando como foram concebidos os planejamentos, os caminhos que me levaram a elaborá-los e o modo como se estruturou o desenvolvimento das ações para ativar o cortejo na educação básica.

Apresento aspectos históricos (BRANDÃO, 2023; ROCHA 1984) e as especificidades do Boi na capital, Maceió e região metropolitana, mencionando os elementos ligados à criação de nomenclatura, construção, decoração, movimentos realizados durante a dança pelo Boi e seu condutor como base para a etapa prática do processo de construção, decoração, dança, criação de nome e tema dos Bois pelas turmas que compõem a Escola Estadual Titara. Explora-se o surgimento do Boi Pérola, na Ilha de Santa Rita, em Marechal Deodoro, e do Boi Gavião, no Vale do Reginaldo. Em seguida, apresenta-se os Bois criados pelas turmas, descrevendo

seus nomes, temas e decoração, ressaltando os procedimentos que motivaram suas escolhas.

No segundo capítulo o estudo se debruça sobre o repasse dessa manifestação no sistema da educação básica, observando a maneira como ela se manifesta em seu contexto cultural e aliando este conhecimento a um ensino que respeite essa tradição. Apresento a personagem Vaqueiro, seus movimentos, vestimentas e dança, revelando as dificuldades encontradas para adaptar as metodologias presentes na brincadeira à instituição escolar. Também exploro a personagem La Urso e a experiência de ensino da professora mestre Joelma Ferreira da Silva ao elaborar uma proposta didática voltada a essa personagem, que tem similaridades com outras mascaradas em Alagoas.

Abordei questões metodológicas que se desenrolaram em sala de aula e como aproveitar as práticas de ensino-aprendizagem que se dão dentro das tradições populares no território em que os alunos estão inseridos. Para o aprofundamento dessas questões foram convidados a adentrar no espaço escolar o grupo de Bumba meu boi Pérola², da Ilha de Santa Rita, sob a direção de Ednaldo José Monteiro da Silva (Tinho) e o ex-aluno Pedro Victor Alves, percussionista do boi, além da utilização da suíte “Festança” do músico e professor Almir Medeiros.

Fiz um panorama a respeito dos instrumentos e ritmos que compõem a tradição de Bumba na cidade. Para guiar os procedimentos de ensino musical tomei como base o método UPB (Universo Percussivo Baiano). Nele, Letieres Leite (2017) desenvolve uma metodologia que respeita a sabedoria musical de matriz africana - já abordada anteriormente por autores como Kubik (2008) e Pinto (2004) -, tomando como guia o conhecimento presente nas características próprias da música negra brasileira, provenientes da diáspora. A compreensão do sistema de claves³ é fundamental para essa proposta.

No terceiro capítulo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é abordada como documento normativo de fundamental importância que estabelece as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da educação básica. Descrevi o trajeto e as características do cortejo do Bumba meu Boi, considerando o percurso, contextos de amizade e rivalidade entre grupos e territórios, refletindo sobre momentos de auge da manifestação e as razões que

² @bumbameuboi_perola_oficial

³ Padrões rítmicos mínimos regulares executados de forma “circular” (LEITE, 2017, p.18).

levaram ao seu declínio. Relata-se como ocorreu o I Cortejo de Bumba meu Boi na Escola Estadual José Correia da Silva Titara, destacando a integração entre tradição, escola e território.

Por fim, apresentei três propostas didáticas para ativar o cortejo de Bumba Meu Boi na educação básica, os resultados obtidos ao longo dos três anos de execução do projeto. Relata-se os procedimentos metodológicos desenvolvidos, refletindo sobre os desafios enfrentados por docentes do componente curricular arte ao elaborar um plano de ensino que incorpora manifestações da tradição popular no ensino médio.

“Seu silêncio incomoda meu barulho: ativando o cortejo de Bumba meu Boi em Marechal Deodoro, Alagoas” é fruto de uma pesquisa de três anos de imersão na escola estadual de ensino médio e de uma vida (por que não?) entrelaçada ao tema das celebrações populares alagoanas. Através dele, almejei criar um espaço que conecte a transmissão viva da cultura popular, o território dos estudantes e a educação básica contribuindo para que o conhecimento que recebi seja passado adiante com o mesmo respeito, profundidade e afeto com que me foi entregue.

CAPÍTULO 1 - O SOM OCUPA OS ESPAÇOS SILENCIADOS

A Escola Estadual José Correia da Silva Titara, que a princípio se localizava em Maceió, no Centro Educacional de Pesquisa Aplicada (CEPA), foi demolida como medida preventiva da Secretaria de Estado da Educação (SEDUC) ao risco de desabamento do bairro do Pinheiro devido à extração de sal-gema pela petroquímica Braskem. Posteriormente foi reconstruída e inaugurada no dia 9 de março de 2020 em Massagueira, povoado da cidade de Marechal Deodoro, região metropolitana da capital. Onze dias depois da inauguração houve o isolamento social obrigatório devido à COVID 19. Em abril de 2022, ao ingressar no corpo docente da instituição encontrei uma escola silenciosa, recém construída, pós pandêmica, tendo de fato, seu primeiro ano letivo completo (de forma presencial) naquela unidade.

Meses depois, levei surdos, repiques e taróis para a escola. Conduzi uma turma da segunda série do ensino médio para a quadra. Ao ver os jovens com os instrumentos nas mãos, um colega de trabalho se aproximou e argumentou que a arte no ensino médio não deveria ser trabalhada daquela forma, pois isso remetia ao ensino fundamental. Segundo ele, nessa fase da educação, o mais adequado seria o ensino de história da arte. Talvez estivesse se referindo à história da arte europeia, mas não chegamos a discutir o ponto. O profissional aconselhou que os instrumentos não deveriam soar. Soaram!

Minutos depois, um segundo colega chegou e informou aos alunos que precisavam parar e voltar para a sala. Não concordei. O homem perguntou qual o conteúdo de ensino e se eu já o havia ministrado teoricamente. Quando confirmei que sim, ele pediu que os estudantes não tocassem, alegando que o barulho estava incomodando os professores. Destaco a forma desrespeitosa e misógina com que esses dois homens conduziram sua abordagem durante a aula de arte, questionando meu trabalho na frente dos estudantes e dando ordens tanto para mim quanto para a turma. Diante dessa situação, sendo eu uma professora com menos de 1,60m e não pesando mais que 40 kg, recém-chegada à escola, precisei me agigantar para defender os direitos assegurados pelas normativas educacionais, minha graduação em Música/Licenciatura, minha pós-graduação em Arte-educação, a aprovação no concurso público estadual que me tornou docente naquele espaço, além de uma vida dedicada ao ensino.

Posteriormente, a articuladora da escola⁴, que em algum momento se juntou à conversa, de forma brilhante se deu ao trabalho de percorrer todas as 11 salas de aula da instituição para dialogar com os professores e perguntá-los se os tambores, de fato, estavam atrapalhando suas aulas. Unanimemente disseram que não. Ao tomar posse de tal informação o colega falou que meu barulho estava incomodando seu silêncio. Respondi: Pelo contrário. Seu silêncio incomoda meu barulho! A frase pôs fim à discussão e se tornou o tema desta dissertação. O som expandiu ocupando espaços silenciados! Que rufem os tambores!

⁴ Facilitadora da comunicação e da integração entre diferentes setores da escola, dentre eles: professores, gestores, alunos, pais e comunidade. Coordena, media e promove a implementação de projetos, ações pedagógicas e atividades que envolvem todos esses agentes.

1.1 GUERREIROS DA MEMÓRIA

O trabalho sobre o Bumba Meu Boi iniciou no ano de 2022 e atualmente está inserido no calendário pedagógico anual da escola, constituindo parte do projeto Guerreiros da Memória, que contempla tradições populares alagoanas inserindo-as na instituição e integrando os fazedores de arte e mestres da cultura aos estudantes.

O processo de aprendizagem foi estruturado a partir de uma estratégia metodológica que dividiu 3 tradições por 3 séries. As turmas das 1ª séries trabalharam com o *Coco Alagoano*; as das 3ª séries estudaram o *Guerreiro Alagoano (em 2022) e a quadrilha (em 2024)*; e as turmas das 2ª séries, ficaram com o Bumba Meu Boi. Em cada turma, os estudantes organizaram-se em equipes, ficando responsáveis por um aspecto específico da tradição, de forma colaborativa para garantir a construção coletiva do projeto.

No contexto da Escola Estadual José Correia da Silva Titara, um número significativo de alunos relata não poder participar de atividades ligadas às tradições populares, especialmente aquelas que envolvem tambores ou dança. De acordo com os próprios estudantes, a principal razão para essa proibição é a orientação religiosa de suas famílias, predominantemente cristãs evangélicas.

A instituição está situada a poucos quilômetros do cenário histórico em que, segundo a Secretaria de Cultura de São Miguel dos Campos (2022), os indígenas Caetés devoraram Dom Pero Fernandes Sardinha, o primeiro bispo do Brasil numa área localizada entre a Barra de São Miguel e a praia do Francês (povoado de Marechal Deodoro, que se encontra a menos de 5 km da escola). A contradição entre a resistência às manifestações culturais afro-indígenas e a própria história do território evidencia como a colonização ainda reverbera na formação da identidade local e nas práticas educacionais. É inevitável não me confrontar com a minha própria história, sendo obrigada a permanecer numa instituição cristã e afastada da cultura popular.

Pensando em acolher estudantes em suas especificidades e garantir que tivessem oportunidade de acessar as práticas pedagógicas e culturais do projeto, possibilitando a participação de todos, criei equipes de audiovisual, produção artística, diários de memória e de pesquisa. Vale a pena destacar que independente da equipe escolhida, os adolescentes puderam estar presentes em todas as Oficinas disponibilizadas, mesmo que fosse apenas como espectadores.

Na equipe de pesquisa, os estudantes receberam um subtema definido por

sorteio, relacionado ao tema da manifestação cultural estudada pela turma.

2I01 - Boi Imperador⁵: História e o papel do Bumba Meu Boi na comunidade local.

2I02 - Origens e História do Bumba Meu Boi no Brasil.

2I03 - Boi Pérola: História e o papel do Bumba Meu Boi na Comunidade local.

2I04 - As rendas de Marechal Deodoro.

Os integrantes dessa equipe se prepararam ao longo de todo o bimestre, participando das oficinas e aprofundando-se nos temas previamente definidos. Deveriam apresentar sua pesquisa de maneira atrativa para os visitantes, podendo optar por diferentes formatos, como cartazes, folders, banners, colagens, maquetes e outros recursos. A culminância do trabalho ocorreu nos dias 12 através do I Cortejo de Bumba Meu Boi da Escola e 13 de junho de 2024, quando os alunos compartilharam suas descobertas de pesquisa, diários, material audiovisual e apresentações artísticas com os demais colegas e docentes da instituição.

A equipe de audiovisual registrou, fotografando e filmando as oficinas, ensaios, rodas de conversa, preparativos e apresentações do projeto até o dia do cortejo. Tinha a responsabilidade de participar das Oficinas e produzir semanalmente fotos e um vídeo editado abrangendo imagens de todo o processo de aprendizagem.

A equipe Diários de Memória ficou responsável pelo registro escrito das experiências individuais dos alunos durante oficinas, apresentações, vivências e consultorias, documentando suas percepções.

A equipe de produção artística foi responsável pela elaboração visual da sala de aula, adornando-os com elementos típicos aos temas escolhidos e produções realizadas.

Quadro 01 - Divisão das turmas das 2ª séries por equipes

Construção e Decoração do Bumba Meu Boi
Vaqueiros e condutores
Músicos

⁵ @boi_imperador.al

Pesquisa
Diários de Memória
Produção Artística

Elaborado por Lílian Rodrigues da Silva

O desenvolvimento das atividades pedagógicas do projeto Guerreiros da Memória, contou com oficinas, vivências com mestres da tradição, rodas de conversa, leituras e reflexões. O processo de aprendizagem ao longo do bimestre se constituiu em duas etapas. A primeira etapa ocorreu a partir da primeira semana de Maio, culminando com o cortejo no dia 12 de Junho e no dia 13 de Junho com as apresentações das equipes de Pesquisa, Audiovisual, Diários de Memórias e Produção Artística para a comunidade escolar. No dia 14 de Junho tem-se início um recesso de 15 dias.

A partir do retorno das atividades em Julho, deu-se início à segunda etapa do projeto, que envolveu a apreciação dos materiais elaborados pelos estudantes, bem como das vivências e descobertas adquiridas ao longo do processo de aprendizagem. Foi nessa fase que direcionei a aprendizagem para um viés mais teórico, a partir de leituras sobre o Bumba Meu Boi no Brasil.

Destacou-se o Festival⁶ de Bumba Meu Boi do estado e o conhecimento das leis que asseguram a continuidade dessa tradição. Possibilitando reflexões críticas e discussões sobre o assunto que interligou questões da cultura do território, política e sociedade. Importante salientar os momentos de formação de roda de conversa, onde os alunos compartilharam suas vivências sobre o Bumba Meu Boi e a respeito de seu valor enquanto patrimônio cultural imaterial. Assim se consistiu o processo de aprendizagem da 1ª e 2ª etapa do projeto.

Quadro 02 - Processo de aprendizagem da 1ª e 2ª etapas do projeto

	Oficina de construção do Bumba meu Boi de papelão	
	Nomeação dos Bois e escolha do tema	

⁶ O Festival de Bumba meu Boi é um concurso onde diversos grupos de Boi se apresentam e competem pelo primeiro lugar.

1ª etapa	Apresentação do Bumba meu Boi Pérola	Registros dos alunos através de Diários de memória, Pesquisa e Produção audiovisual
	Consultoria com o Grupo de Bumba meu Boi Pérola	
	Oficina de decoração do Bumba Meu Boi de papelão	
	Oficina de aprendizagem dos instrumentos do ritmo de Bumba meu Boi	
	Oficina introdução ao ritmo do Bumba meu Boi	
	Oficina de ritmo do Bumba Meu Boi	
	Oficina de Performance entre o Boi e o Vaqueiro	
	Caracterização do Vaqueiro	
	Cortejo	
2ª etapa	Apreciação dos materiais elaborados pelos estudantes	
	Reflexões acerca das experiências vividas	
	leituras sobre o Bumba Meu Boi	
	Leis Alagoanas a respeito do Bumba Meu Boi	

Elaborado por Lílían Rodrigues da Silva

Abordaremos, a seguir, o processo didático de desenvolvimento das atividades das equipes de confecção e decoração do Boi, do grupo de músicos e da equipe de vaqueiros e condutores que performam embaixo do Bumba, que levou à ativação do I Cortejo de Bumba Meu Boi da Escola Estadual José Correia da Silva Titara.

1.2 PANORAMA EDUCACIONAL

Os procedimentos utilizados para ativar o cortejo de Bumba Meu Boi na educação básica foram realizados na Escola Estadual José Correia da Silva Titara, localizada em Marechal Deodoro, Alagoas. A instituição oferece ensino regular, integral e EJA. Atualmente atende cerca de 567 alunos. A pesquisa foi realizada em 2022, com 2 turmas - 2M01⁷ (45 estudantes) e 2M02 (40 estudantes) - e em 2024 com 4 turmas - 2I01⁸ (39 estudantes), 2I02 (37 estudantes), 2I03 (38 estudantes), 2I04 (41 estudantes) - de 2ª série do ensino médio, do sistema integral de ensino, onde cerca de 240 adolescentes participaram diretamente desta experiência. As atividades ocorreram durante o segundo semestre do ano letivo de 2022 e primeiro semestre de 2024, através do componente curricular de Arte.

Planejei aulas que buscassem dialogar com as vivências do corpo discente em seu território. Por meio de anamnese e observação, descobri que muitos jovens participavam de práticas artísticas como coco, bandas de fanfarra, quadrilha, capoeira e puxada de rede⁹. Com base nessas informações, selecionei uma manifestação cultural para cada uma das três etapas do ensino médio. As turmas das 2ª séries foram contempladas com o Bumba-meu-Boi.

A aprendizagem teve início com a exibição do documentário “Nas Quebradas do Boi” (MACHADO, 2019). Além do filme, não encontrei material didático que atendesse as demandas pedagógicas necessárias para uma compreensão honesta da brincadeira, especialmente quando ela está desvinculada do contexto de competição, como acontece nos chamados Festivais de Bumba-meu-Boi em Maceió. Desse modo, senti a necessidade de colher e sistematizar informações a respeito.

Mantenho contato junto a pessoas que detêm esse saber, o qual também está internalizado em mim e em alguns de meus alunos. No entanto, percebi que ao lecionar, omitia detalhes, pois as informações estavam tão intrínsecas em mim que não conseguia detectar o que, e de que forma comunicá-las. Ao tentar repassar o conhecimento adquirido, especialmente para aqueles que não estavam familiarizados com a brincadeira ou nunca haviam participado de uma saída de

⁷ 2ª série do ensino regular matutino da turma 01

⁸ 2ª série do ensino Integral da turma 01

⁹ Puxada de rede é uma manifestação cultural tradicional associada à capoeira.

rua¹⁰, percebi que muitas vezes havia dificuldade de compreensão.

A elaboração desse material me orientou, enquanto professora, a resolver dúvidas e a transmitir o conteúdo de maneira mais precisa e objetiva. Nesse percurso, foi necessário ativar minha memória, fazer meu trajeto de retorno ao passado, desde a minha infância, acessar informações e integrá-las ao presente junto aos estudantes – *sankofa*!¹¹

A escrita a respeito das particularidades do Bumba meu Boi alagoano serve como material de apoio didático e de pesquisa para docentes e pode ser disponibilizada nas aulas da educação básica, em atividades extraclasse e/ou como material de estudos e aprofundamento dos estudantes, podendo ser divididas da seguinte forma:

Quadro 03 - Conteúdos textuais sobre a tradição de Bumba Meu Boi em Maceió e região metropolitana.

Características do Bumba meu Boi
Personagens do Bumba meu Boi
Instrumentos musicais e sua construção, arranjos, escrita dos ritmos e dos arranjos
Confecção do Boi;
Escolha do nome e Temática dos Bois
Saída de rua - concentração, trajetos e costumes
Amizade e rivalidade entre grupos e territórios;
Origem de grupos de Bumba Meu Boi: Pérola ¹² e Gavião

Elaborado por Lílian Rodrigues da Silva

¹⁰ Momento em que o Bumba meu boi sai em cortejo pelas ruas. Em Maceió também é conhecida por arrastão.

¹¹ *Sankofa* é um conceito de origem africana, especificamente da cultura dos povos Akan, em Gana. A palavra é formada por três partes: "san" (voltar), "ko" (ir) e "fa" (pegar). Portanto, *sankofa* pode ser traduzido como "voltar e pegar" ou "ir buscar o que foi perdido".

¹² @bumbameuboi_perola_oficial

Para além do contexto pedagógico, tenho orgulho deste primeiro momento da pesquisa, que se desenrolou durante todo procedimento pedagógico, pois carrego a utopia de que, cada vez que ela for lida ou utilizada em sala de aula, o som dos tambores irá ultrapassar os morros do Vale do Reginaldo, alcançando diversos contextos geográficos, sociais e políticos.

Sinto que essa é uma obrigação pessoal, a contribuição mínima aos estudantes e ao espaço cosmológico que habitei durante mais de 30 anos. Faço questão de apresentar o Bumba Meu Boi alagoano - que é tão diferente de como se apresenta em outros estados brasileiros e em contextos midiáticos - pois não se pode compreender plenamente os procedimentos utilizados para a condução didática deste trabalho sem primeiramente conhecê-lo. Nesse sentido, ele permanece silenciado. É preciso fazer barulho!

1.3 ASPECTOS HISTÓRICOS DO BOI EM ALAGOAS

No Brasil, as celebrações de Bumba Meu Boi estão inseridas em todas as regiões, mas se destacam especialmente no nordeste. Em cada estado a tradição pode ter nomes diferentes como Boi Bumbá - na região norte, Boi de Reis, Boi de Mamão - em Santa Catarina; Boi de Jacá; A manifestação pode ter particularidades, de acordo com o estado em que acontece a brincadeira, quanto ao ritmo, aos instrumentos musicais, aos personagens, à confecção do boi, às tradições.

Bumba-meu-boi é o termo genérico pelo qual é conhecida a manifestação cultural popular brasileira que tem o boi como principal componente cênico e coreográfico. Há registros de brincadeiras de boi em todas as regiões do Brasil, com as especificidades que dão conformidade diferente a uma mesma expressão cultural cuja denominação pode variar de acordo com o lugar de ocorrência. Bumba-meu-boi, Boi-bumbá, Boi Surubi, Boi Calemba, Boi-de-mamão, Boi Pintadinho, Boi Maiadinho, Boizinho, Boi Barroso, Boi Canário, Boi Jaraguá, Boi de Canastra, Boi de Fita, Boi Humaitá, Boi de Reis, Reis de Boi, Boi Araçá, Boi Pitanga, Boi Espaço e Boi de Jacá são algumas das terminologias que a brincadeira do boi, com suas diferenças e similitudes, recebe nos mais diferentes estados do Brasil (NUNES, 2011, p. 17).

Há diferenças em relação ao(s) período(s) em que o Boi sai às ruas ou se apresenta à população, bem como quanto à forma dos movimentos do vaqueiro, do Boi, quanto à interação entre os dois e também quanto às danças. No Maranhão, por exemplo, a brincadeira está relacionada à religiosidade de matriz africana e ocorre em diversos momentos durante o ano, de acordo com seus rituais como: ensaios, batismo, apresentações e morte, que acontecem desde o sábado de aleluia se estendendo até dezembro. Já em Maceió a brincadeira não tem caráter religioso.

Atualmente está interligada a apresentações competitivas em festivais, que podem ocorrer em qualquer época do calendário. Há também ensaios e saídas de rua.

Embora a brincadeira tenha características próprias dependendo do território onde acontece, há, em todo o país, similaridades. Dentre elas, NUNES (2011, p. 18), relata um “boi-artefato feito de algum tipo de madeira, conforme a região, com chifres e cobertura de pano, animado por um miolo¹³ que lhe empresta movimentos, enquanto o folguedo é executado com música, dança e dramatização”. O autor relata a quantidade de personagens da brincadeira em alguns estados brasileiros, dentre eles Alagoas, informando que aqui há 14 tipos:

Dentre as brincadeiras de Boi identificadas, o Bumba-meu-boi pernambucano foi o que apresentou maior número de personagens, cerca de 44; seguido do Boi-de-mamão de Santa Catarina, com 43; Boi Calemba do Rio Grande do Norte, com 38; Bumba-meu-boi do Maranhão, com 34; Boi Surubi cearense, com 29; Boizinho do Rio de Janeiro, com 19 e Boi-bumbá paraense e amazonense, com 18. Figuram com o menor elenco os Boizinhos de São Paulo e Rio Grande do Sul, com 5 e 8 personagens, respectivamente; o Bumba-meu-boi da Bahia, com 9, o do Espírito Santo, com 11; o alagoano, com 14; e os de Rondônia e do Piauí, com 16. (NUNES 2011, p.21).

Em Alagoas, originalmente, o Auto do Boi fazia parte do reisado, manifestação cultural natalina (BRANDÃO, 2023). Também pode ser observado no Guerreiro Alagoano, tradição inspirada no reisado, que combina música, dança, entremeios e partes. A música (chamada de peça) e a dança composta por treinados (sapateados) englobam ritmos como coco, valsa, marcha, toré, entre outros. As partes são enredos teatrais cantados, existindo, a título de exemplo, a parte da Lira e a parte do Índio Peri. Os entremeios são momentos em que outras personagens entram na brincadeira e interagem com o público. Entre as personagens estão o Papa Figo, o Jaraguá, Calú, etc. Muitas vezes, essas figuras conseguem arrecadar dinheiro das pessoas que estão assistindo. O Boi, por sua vez, é uma das personagens que compõem os entremeios do Guerreiro¹⁴. Rocha (1984, p. 57 e 58), afirma que:

“Em Alagoas, a apresentação do Bumba é semelhante a um teatro de revista. Consta de desfile de bichos e personagens fantásticos, ao som de cantigas entoadas por cantores do conjunto musical que faz o acompanhamento. Toda a estrutura de apresentação teatral faz lembrar das ligações do Bumba com as revivências e sinais bastante visíveis da

¹³ Em Maceió chama-se condutor ou tripa.

¹⁴ Informações obtidas por meio da vivência junto ao Guerreiro Grande Poder em Maceió, que iniciou suas atividades em 2024, através da ativação da memória de Josenildo Santos de Assis, filho do mestre Verdellino, ao lado de sua família. Juntos formam o grupo: @os_verdelinhos.

Commedia Dell Arte medieval”. [...] Mateu e Catirina que apresentam os bichos, Capitão-do-Cavalo-Marinheiro que é uma espécie de Mestre-Sala e mais os entremeios: Foialar, Morto - e - vivo, Empreiteiro, Jaraguá, Escova-Bota, Sinhá Filipa, Caboclo do Arco, Lilía, Margarida, Matuto da Goma, Papagaio, Empata - Samba Barbeiro, Casamenteiro, Vida Gozada, Lobisomem e o último entremeio a aparecer - o Boi - que dá nome ao auto.

O autor (1984, p. 59) relata ainda a presença da tradição em Antunes, povoado de Maragogi e diz, sobre o enredo presente no Auto, que: “O último entremeio é o do Boi, caracterizado pela morte deste, com uma paulada do Mateu. Logo após ele é estranhamente ressuscitado. Depois do remédio ministrado pelo doutor, ele fica vivo e sai dançando”.

Théo Brandão, ao mencionar municípios alagoanos onde essa tradição podia ser observada, (FILHO¹⁵ apud BRANDÃO, 2003, p. 59) apresenta Marechal Deodoro como exemplo citados no século XIX:

Versões do auto ou referências ao mesmo se têm encontrado em épocas diversas: no fim do século passado por Melo Moraes Filho, em Taperaguá, povoado do município de Marechal Deodoro (antiga cidade das Alagoas); e no século atual [XX], por Alfredo Brandão, Jorge de Lima, Arthur Ramos e Abelardo Duarte.

O pesquisador Diegues Júnior (DIÉGUES, J. 1958, apud BEZERRA. 2023, p. 17) - que coincidentemente é o nome da rua principal do Vale do Reginaldo, palco de três décadas da minha vida e palco do cortejo do Boi Gavião que abordaremos mais adiante - relata a existência de duas cidades onde a brincadeira estava ativa em 1940:

Ainda neste sentido do deslocamento das culturas populares e sua reconfiguração em uma nova cadeia significativa - a explosão e emergência dos bumbas-meus-bois urbanos são reveladoras, quando verificamos que, em 1940, Manoel Diegues Jr (1958) em seu levantamento dos folguedos alagoanos identifica a existência do bumba-meu-boi em apenas dois municípios alagoanos – Maceió e Porto de Pedras.

Por volta de 1960, BRANDÃO (2003, p. 59), afirma que em Alagoas o auto podia ser visto em Maceió e em São Miguel dos Milagres, no povoado de Porto da Rua, onde tinha o nome de “‘três pedaços’, isso porque, na explicação do seu ensaiador, Mestre Cirilo, o Morto-e-Vivo, o Rei dos Três Pedaços, consta de três partes: duas mortas e uma viva”.

Em determinado momento, porém, o Boi em Maceió se desvincula do auto tradicional - realizado em época natalina, indo até janeiro, no dia de Reis - se estendendo até o carnaval. Desse modo, assume um papel de caráter mais

¹⁵ Melo de Moraes Filho

individualizado, no sentido de desvincular-se do reisado, inserindo-se em blocos momescos. Essa transição marca um processo de transformação da tradição, que culmina na configuração atual do Bumba Meu Boi na cidade.

É importante destacar que o Boi presente no Reisado, relatado por Brandão e Rocha (2003, 1984) , o Boi presente no Guerreiro e o Boi no cortejo e festival de Bumba meu Boi de Maceió no cenário atual da cidade, são personagens de práticas culturais distintas. O tamanho do Boi, a construção, os instrumentos utilizados, bem como a dança e a música, são completamente diferentes em cada uma dessas tradições. Neste trabalho, abordarei especificamente o Boi presente no cortejo de Bumba Meu Boi em Maceió, considerando o período dos anos 1990 até os dias atuais.

Alagoas, paraíso das águas, é o segundo menor estado do Nordeste em extensão territorial, contudo, nele se concentra uma vasta riqueza cultural. Sua capital, registra a presença de diversos grupos de Bumba Meu Boi. Em 2004, Zé do Boi, fundador da Liga de Grupos de Bumba Meu Boi de Alagoas¹⁶ catalogou a existência de 60 grupos (MACHADO, 2019). Atualmente, existem 40 grupos registrados na Liga, sendo 34 da cidade de Maceió e 6 de outras cidades (SILVA, 2025). Bezerra (BEZERRA, 2023, p. 17), embora não cite a fonte de onde obteve a informação, afirma que, em Maceió: “Atualmente, o avolumado de grupos sinaliza algo em torno de aproximadamente cem grupos espalhados em quase toda a totalidade - exceção da Ponta Verde - dos bairros da cidade de Maceió”.

Em seu trabalho Chasan (2014), menciona o projeto de cartografia cultural, fruto de uma parceria entre a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e a Fundação Municipal de Ação Cultural (FMAC), que busca identificar e mapear as expressões e grupos culturais da cidade. Na fase inicial do projeto, os pesquisadores identificaram grupos de Bumba meu Boi, escolas de samba, blocos carnavalescos tradicionais e registraram os arraiais de bairros que animaram as comunidades durante os festejos juninos de 2013.

Embora o site esteja desativado, foram realizadas catalogações iniciais de 20 grupos de Bumba Meu Boi em Maceió (porém, ao olhar o mapa anexo em CHASAN (2014), pode-se perceber apenas 14). Essas catalogações incluíram uma cartografia que mapeou a distribuição dos grupos em cinco localidades da cidade, sendo eles:

¹⁶ Instituição sem fins lucrativos que atua na organização, divulgação e preservação da brincadeira de Bumba meu Boi em Alagoas.

Jacintinho¹⁷, Poço, Pajuçara, Jatiúca, Ponta da Terra¹⁸ e Vergel -, permitindo uma possível visualização de onde esses grupos estão inseridos. Catalogando os seguintes: Boi Amizade, Boi Olodum, Minotauro, Rastafary, Diamante Negro, Xique Xique¹⁹, Boi Lacrau²⁰, Falcão, Dragão²¹, Jaguar²², Boi Garantido (Pacato)²³, Boi Tigre²⁴, Gavião, Águia²⁵, Boi Barrão, Boi Anaconda²⁶, Pura-Raça²⁷, Águia de Ouro²⁸ e Paraná.

Além dos grupos apontados pelo projeto Cartografia do Município, CHASAN (idem), utiliza a Liga como fonte de dados informando outros grupos: Boi Vingador²⁹, Safary³⁰, Cão de Raça³¹, Bumbá Alagoano³², Boi Trovão³³, Faraó³⁴, Fênix³⁵, Imperador, Leão³⁶, Búfalo³⁷, Boi Felina, Escorpião³⁸, Bezerra da Paz, Rei Bumbá e Boi da Paz. Segundo a autora, tais grupos estão localizados nos bairros do Jacintinho com 28%, Jatiúca com 20%, Pajuçara com 20% e Ponta da Terra com 17%. O Vale do Reginaldo não foi mencionado. Apesar de não ter o status de bairro, assim como a Ponta da Terra - por ser considerado uma região pertencente ao bairro do Poço, mas que engloba o território de outros bairros, como o Jacintinho, Farol, Feitosa - é um território municipalmente reconhecido pela tradição de Bumba e número elevado de grupos.

Em Maceió, capital do estado, a figura do Boi esteve diretamente ligada ao carnaval, desfilando nos espaços reservados às comemorações carnavalescas na cidade, logo após as escolas de samba locais. Era comum ver cortejos de grupos de

¹⁷ O bairro do Jacintinho é uma das áreas mais povoadas e conhecidas da capital de Alagoas. Localizado na parte central da cidade, é um bairro popular, comercial e residencial, com forte presença cultural.

¹⁸ Localidade situada numa parte do território do bairro do Poço, em Maceió

¹⁹ @cocoxiqueal

²⁰ @boilacrau

²¹ @boidragao

²² @boijaguareshow

²³ @boipacato

²⁴ @bumbameuboitigre

²⁵ @biuaguia

²⁶ @boianaconda2002

²⁷ @boi_pura_raca

²⁸ @aguiadeouro

²⁹ @boi_vingador98

³⁰ @boisafaryoficial

³¹ @cao.de.raca

³² @bumba_al_oficial

³³ @bumba_meu_boi_trovao_

³⁴ @bumba_meu_boi_faraó

³⁵ @Bumbameubofenix

³⁶ @bumba_meu_boi_leao_oficia_

³⁷ @bufaloboi

³⁸ @boiescorpiao

Boi nas ruas da capital durante esse período. A brincadeira chegou a ser conhecida como Boi de carnaval e os ensaios da bateria ocorriam em janeiro, logo após o dia de reis, indicando a preparação para as festividades dessa época do ano. Esse fato se conecta com a tradição no maranhão onde:

Tem-se notícia de Bois de São Luís que ensaiavam ou se apresentavam durante os dias de Carnaval no final do Século XIX. Dois documentos atestam a presença dos Bumbas no período momesco. Um requerimento, datado de 1º de fevereiro de 1893, solicitava ao Chefe de Polícia licença para um Bumba-meu-boi da Rua do Gavião realizar ensaios até o último dia do carnaval. Uma segunda solicitação encaminhada ao Chefe de Polícia do Maranhão no final do mês de janeiro de 1890 tratava da concessão de licença para “fazer dansar pelas ruas desta cidade durante os dias de carnaval a brincadeira Bumba-meu-boi e prometendo, como nos annos anteriores, guardar a melhor ordem possível, de maneira a evitar qualquer barulho por menos que seja...” (NUNES 2011, p.22 e 23).

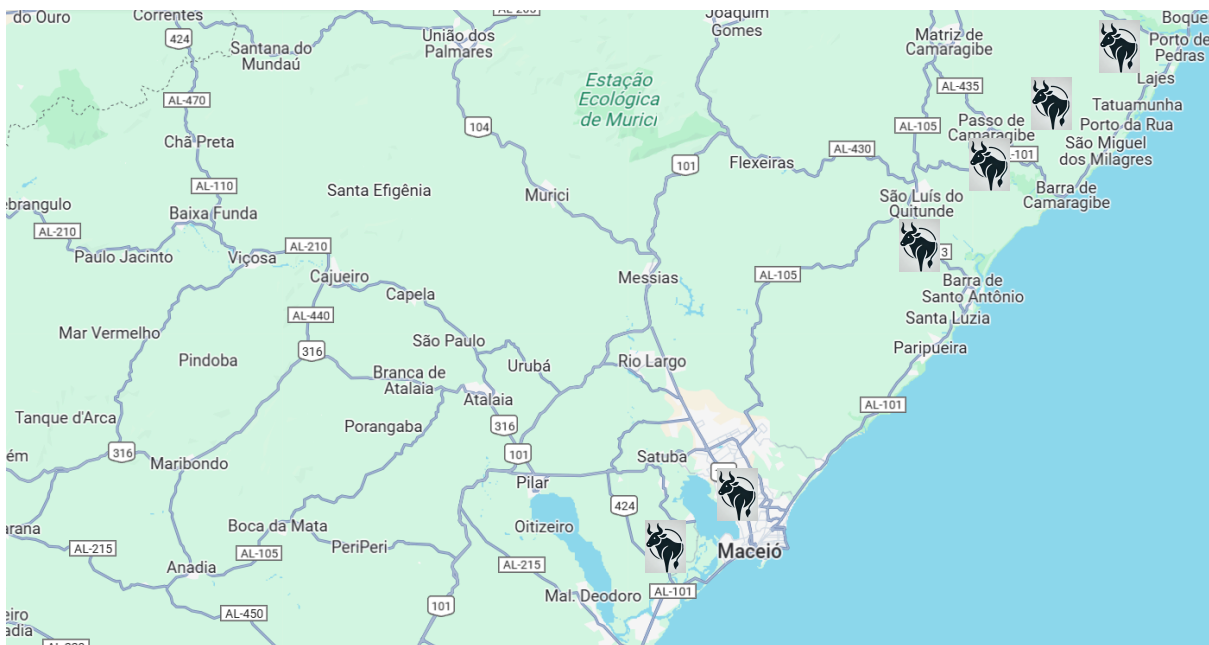
É possível observar que, além de Porto de Pedras, outras cidades litorâneas ao norte de Alagoas, como Barra de Santo Antônio, Porto da Rua (vila de São Miguel dos Milagres) e Passo de Camaragibe, também mantêm a tradição do Bumba Meu Boi. Alan Vitor dos Santos em entrevista, Silva (2025) relata que, a batida nesses municípios difere de Maceió, principalmente devido à variação nos instrumentos utilizados. Enquanto na capital alagoana há preferência por instrumentos de madeira, no interior predominam instrumentos de alumínio, além do uso da zabumba. Para Alan, há diferenças no timbre e no ritmo. Observa ainda que, apesar das particularidades locais, os brincantes vêm se adaptando ao formato atual da brincadeira em Maceió, tornando o estilo cada vez mais próximo ao da capital.

É importante destacar a criação do Boi Pérola em Marechal Deodoro como um marco para a disseminação desta tradição, no contexto da contemporaneidade, em mais uma nova cidade do estado de Alagoas (desta vez mais ao sul), além de ser o primeiro grupo fora da capital que participa do Festival de Bumba meu Boi de Maceió. Por outro lado, do ponto de vista histórico, a existência do auto na cidade já foi relatada no século XIX (BRANDÃO apud FILHO 2003). Com a criação do grupo Pérola, o Boi retorna a esse território dois séculos depois, em uma nova configuração. De qualquer forma, trata-se de um acontecimento significativo!

Na capital alagoana, a brincadeira do Bumba Meu Boi é notoriamente de predominância masculina. No entanto, Lourdes de Lima Arcanjo se destaca como fundadora e presidente de um grupo, o Boi Trovão. Apesar desse cenário, já existiram grupos formados exclusivamente por mulheres, nos quais a figura central costuma ser uma vaca, e todas as integrantes são do sexo feminino. A título de

exemplificação posso citar a Vaca Mimosa e a Raça Canina no bairro do Jacintinho, que já não existem e, mais recentemente, o grupo de Bumba Minha Vaca do ateliê Ambrosina³⁹, localizado no bairro do Pontal.

Figura 01 - Distribuição do Bumba meu Boi pelas cidades Alagoanas



Elaboração de Lílian Rodrigues da Silva⁴⁰

No paraíso das águas, existem três leis que promovem e protegem a tradição do Bumba Meu Boi, são elas: a **Lei nº 6.819 de 2018**, que declara a Liga dos Grupos de Bumba Meu Boi de Maceió de utilidade pública; a **Lei 8.029 de 2018**, que reconhece o Bumba Meu Boi como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Alagoas; e a **Lei nº 9.218 de 2024**, que inclui o Festival Bumba Meu Boi no calendário oficial de eventos do estado, garantindo sua realização.

³⁹ <https://www.atelieambrosina.com.br/bumba-minha-vaca> e @atelieambrosina.

⁴⁰ Mapa obtido através do Google maps e ilustração de boi criada através de Inteligência artificial.

1.4 O BOI

O Boi é a personagem central da festa, que dá nome à brincadeira. Em Alagoas, se destaca por seu tamanho imponente, sendo, possivelmente, o maior em altura e largura entre as manifestações dessa tradição no Brasil.⁴¹ Sua cabeça ostenta grandes chifres enfeitados com fitas, tem o comprimento de cerca de 3 m e peso aproximado de 30 kg.

Ao medir o Bumba Meu Boi Xique-Xique, do Jacintinho, em março de 2025, foram encontradas as seguintes dimensões: a altura, do dorso ao chão sem considerar a cabeça ou os chifres, é de 2,20 metros; a largura é de 1,12 metros; e o comprimento, da ponta do chifre à base da cauda, é de 3 metros.

Figura 02 - Letreiro com o nome do Boi.



Fotógrafo: Christiano Barros

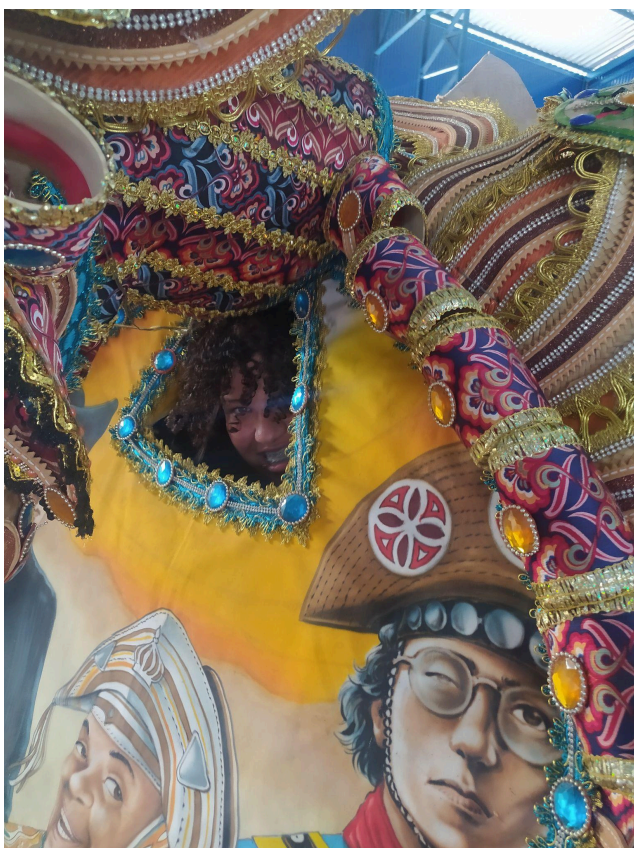
Há a tradição de nomear cada boi, com sua identificação gravada em uma das laterais do corpo, utilizando tintas, bordados ou costura. Durante a brincadeira, o animal ganha vida pelo corpo do condutor ou tripa, pessoa que o movimenta enquanto o vaqueiro guia seus passos com um bastão ou vara, criando uma interação entre ambos por meio da dança.

A estrutura resultante torna-se bastante pesada, exigindo um grande esforço

⁴¹ Estive presente nos festejos juninos do Maranhão e pude conhecer o Boi Famosão, de Humberto Campos. Quando criança, Humberto não conseguia assistir às apresentações do Bumba Meu Boi, o que o levou a fazer uma promessa: construir um boi gigantesco. O resultado foi o Boi Famosão, com impressionantes 6 metros de altura, muito maior do que os bois típicos da tradição maranhense. Embora o Bumba Meu Boi de Alagoas seja o maior boi do Brasil, o Boi Famosão se destaca como uma exceção, criada a partir de uma promessa pessoal.

físico do condutor. O artista que faz o Boi dançar, executa diversos movimentos característicos da brincadeira. O Boi se movimenta em diferentes níveis: plano baixo, médio e alto. Em plano baixo, o Boi se curva diante do Vaqueiro ou das pessoas da comunidade, criando uma imagem de reverência; Em plano baixo ou médio, ele se apoia em uma base lateral, como se estivesse prestes a virar para a direita ou para a esquerda; No plano médio ou alto, assume uma posição diagonal, podendo inclinar a cabeça para cima ou tocá-la no chão, com a traseira elevada. Além disso, o Boi realiza movimentos de rotação, ora rápidos, ora mais lentos, destacando seu protagonismo na dança.

Figura 03 – Estudante Anne Caroline Alves Borges, vivenciando a função de condutora do Boi Pérola.



Fotógrafa:: Lílian Rodrigues da Silva (2024).

Um dos movimentos que mais exigem habilidade é o que chamarei de “deslize”. Nele, o condutor apoia a parte traseira do Boi no chão enquanto eleva a dianteira. A partir desse posicionamento, o Boi se encaminha rapidamente pelo solo em direção ao vaqueiro, criando um efeito contínuo, como se estivesse deslizando no chão. Durante sua performance.

O Boi também pode se mostrar descontrolado, indomável, correndo em direção às pessoas e ao vaqueiro, cabendo a este, a função de chamar sua atenção

e guiá-lo. Esses movimentos atuais se conectam com a tradição, no contexto do reisado, onde Brandão (2003, p. 67) relata que: “Durante as cantorias o boi dança, faz investidas contra os ‘mateus’ e o público, levanta a cabeça, recua, corre etc”.

Os entrevistados em SILVA (2024 e 2024a) revelam que o Boi era confeccionado utilizando-se como base para seu corpo, um cavalete de madeira, disposto ao comprido, no sentido que vai da cabeça à cauda do animal. Outros acabamentos de estruturação do corpo também eram feitos de madeira, a que se conseguia encontrar. Posteriormente, para fazer o formato curvilíneo que simula as costelas eram usados vergalhões, dispostos de forma paralelas, sendo curvadas suas extremidades, para conectá-los de forma transversal à estrutura principal utilizando-se arames, fazendo amarrações.

Para a cabeça do boi era utilizado o crânio de um animal abatido que os integrantes adquiriam em frigoríficos de grande porte da cidade, comprando barato ou até mesmo de forma gratuita. O ideal era conseguir apenas a carcaça, porém, em algumas situações a calota craniana ainda estava com carne e pele. Nessas ocasiões, a fundadora do Boi Trovão (SILVA, 2024) relata que costumava enterrar a cabeça do bovino, deixando-a em decomposição por três meses. Após esse período, desenterrava o crânio para iniciar o processo de limpeza e sua incorporação à estrutura do Bumba.

Figura 04 - Bois executando movimentos em plano alto.



Fotógrafo: Christiano Barros

Para a técnica de Zé do Boi (SILVA, 2024a), era necessário fazer o preparo que se dava mediante ao cozimento da cabeça em uma panela reaproveitada, feita

com lata de querosene. Ele ensina a receita, dizendo que “Quando a água estava fervendo, pegava a cabeça e colocava dentro para facilitar a retirada daquelas coisas lá e deixar só a caveira mesmo, só os ossos da cabeça do boi.” O fundador do Gavião continua explicando que: “[...] Era só limpar. Só dava um trabalho danado. Quanto mais velha estivesse, já tava melhor de se trabalhar. Mas se não encontrasse, o cara pegava uma mais recente [...]”.

Relata que no trajeto entre o frigorífico e a comunidade, ao transportar a ossada craniana, os integrantes quase foram expulsos do transporte público, diante do odor: “Os caras vieram de trem. Mas pense num negócio. Ali sabe feder que só a gota. Os caras foram buscar num saco de nylon. Meu amigo, nem tinha quem aguentasse não, mas enfim, quase foram expulsos do trem. Se fosse hoje tinha sido expulso”. (SILVA, 2024a).

Outra forma de se construir a cabeça do personagem principal da brincadeira, mas que não é usual atualmente, é modelar a base da palha de coqueiro:

O maior trabalho era alguns bois que os caras faziam do começo da Palha de coqueiro, que ele tem um formato... a palha de coqueiro ela tem no pezinho dela, no começo da palha, ela tem um formato que vem aqui e tal, e alguns meninos eles moldavam aquilo ali ao ponto de ficar [no formato da cabeça]... depois você cobrir com a bucha e tal, vai, forra com tecido. Quando pintar fica parecendo uma cabeça de boi, na verdade. (SILVA, 2024, 11:49).

Figura 05 - Detalhes da decoração do Bumba Meu Boi na década de 2009.



Fotógrafo: Christiano Barros

Após esses processos, a cabeça era presa ao corpo através de parafusos que eram fixados com auxílio de furadeira. Por fim, chegava o momento de cobrir tudo com tecidos. Os tecidos eram geralmente na cor preta e podiam ser veludo, cetim ou

na euforia de construir a personagem principal da brincadeira e mediante à falta de recursos, os integrantes utilizavam-se de criatividade ao adaptar materiais disponíveis, como cobertor de sofá das mães, por exemplo, como relatado por José Carlos dos Santos (SILVA, 2024a).

A etapa final consistia na decoração. O papel celofane era muito utilizado na confecção de grandes flores ornamentais. Além disso, festões natalinos e CDs também eram incorporados para enriquecer os detalhes visuais. Lima (2022, p.22) revela aspectos da decoração do Bumba através de sua memória “Em minha mente ainda vejo um Boi revestido de veludo preto, pequeno, cheio de flores feitas de papel celofane, um rabo cumprido que se arrastava no chão e na lateral do Boi cheio de glitter estampando o nome “Boi Paraná”.

No passado, de acordo com Brandão, (2003, p. 67), no reisado em Alagoas: “o Boi, é uma armação de arcos de cipó e vara, recoberta de lençol de chita, a uma de cujas extremidades se coloca uma caveira de boi, pintada e enfeitada que um dançador, encurvado, sustenta, movimentando-a.

Atualmente, a cabeça do Boi maceioense é moldada a partir de isopor esculpido por um artista, que em seguida é coberto por fibra de vidro para dar forma e resistência. Alan (SILVA, 2025) afirma que a estrutura do corpo é construída com alumínio por ser mais leve. A decoração inclui pintura, aplicação de fitas, lantejoulas, pedrarias, acetato, cola.

Aí tem três tipos de cola que a pessoa usa que são: cola quente, cola de sapateiro e uma cola específica que a pessoa usa pra colar as pedras. Aí cola quente geralmente é por quilo, sapateiro é por lata e essa cola específica que a pessoa [usa] para colar pedra é um tubinho de cola bem assim [faz a medida do tamanho do tubo da cola utilizando os dedos indicadores de forma paralela], que parece uma pasta de dente. Aí essa daí só coloca um pinguinho de nada pra colar. Só que um tubo de cola desse é trinta e cinco reais, desse tamanho [posiciona os dedos indicadores novamente para mostrar o tamanho], geralmente muitas pessoas não gostam de gastar dinheiro assim, aí prefere comprar cola de sapateiro ou cola quente. Aí o boi fica mais pesado. [De acordo com] cada material que a pessoa usa.

Dois tipos de tecido são utilizados na confecção do boi. O tecido superior, mais visível, recobre toda a estrutura e recebe a inscrição do nome. Já o tecido inferior, conhecido como "arrastão", pode alcançar até 1,20 metro de comprimento. De acordo com o atual presidente da Liga dos Grupos de Bumba Meu Boi em Maceió (SILVA, 2025, 18:32), são necessários aproximadamente 35 metros de tecido para revestir e finalizar a estrutura do Bumba. Na parte de cima, geralmente é usado o

veludo e na parte de baixo, o cetim, o cetim brocado, emborrachado ou feltro.

A modernização na decoração tornou a produção ainda mais cara, segundo Alan (SILVA, 2025) os custos podem girar em torno de 25 mil reais para confeccionar o Boi. Esse valor chega a atingir cerca de 90 mil reais para montar todos os elementos que compõem uma apresentação na competição.

Figura 06 - Boi Pérola e Vaqueiro



Fotógrafo: Jonathan Gonçalves⁴²

A obtenção de recursos financeiros para a construção do Boi não é uma tarefa fácil. No passado, os brincantes chegavam a vender pertences pessoais, como bicicletas, para viabilizar a confecção. Atualmente muitos grupos contam com o apoio financeiro de políticos, principalmente vereadores. Além disso, durante o ano realizam rifas e eventos para arrecadar fundos. Essa realidade evidencia o comprometimento dos brincantes em manter viva a tradição, mesmo diante das dificuldades financeiras e logísticas.

1.4.1 O Boi na escola

Quando cheguei à Escola Estadual José Correia da Silva Titara, havia 11 turmas distribuídas entre a 1ª e a 3ª série, os estudantes estavam no final do segundo bimestre. Ao realizar anamnese para identificar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o tema, descobri a existência do Bumba Meu Boi Pérola, já atuante na comunidade. A partir dessa descoberta, iniciei esforços para entrar em contato com o presidente, enquanto os próprios estudantes compartilharam suas

⁴² @cultura.al

experiências e relataram como o grupo havia sido fundado.

O Pérola está localizado na região metropolitana de Maceió, Ilha de Santa Rita, em Marechal Deodoro, AL. O Boi surge de um trabalho sugerido pelo professor de arte da Escola Municipal Adelina de Carvalho Melo. Para concluir o projeto, um dos alunos pediu ajuda a seu tio Ednaldo José Monteiro da Silva, conhecido como Tinho. Este, por sua vez, recorreu à Jorge, presidente do Boi Dragão⁴³, grupo de Bumba Meu Boi do bairro da Ponta da Terra, em Maceió, que se interessou pelo projeto. Assim, em 2017, o Boi Pérola ganhou vida, sendo o primeiro Bumba meu Boi de Marechal Deodoro, e o único de Alagoas, nascido fora da capital, que participa do Festival Municipal de Maceió.

Consegui contato com o grupo e a partir daí iniciou-se um trabalho de parceria. Em setembro, convidei-os para uma apresentação na escola, o que prontamente foi aceito. Incentivei os estudantes a desenvolverem perguntas e fazer uma entrevista ao fundador do grupo. Para além do pioneirismo e exclusividade, muitos estudantes do ensino fundamental e médio, que habitam a região fazem parte do Pérola, seja como percussionistas, dançarinos, condutores, vaqueiros, artesãos, apoiadores, espectadores ou brincantes.

Ao perceber movimentações durante as atividades do *Bumba Meu Boi* com as turmas da 2ª série no ano de 2023, um aluno da 1ª série, chamado Alisson Michell Farias Eufrásio, informou que seu pai é o fundador do Bumba meu Boi Imperador em Maceió e que, ao se mudar para Massagueira, levou consigo a tradição. Essa informação foi valiosa porque revelou a existência de mais um grupo de Bumba meu boi em Marechal Deodoro.

Apesar dos esforços para estabelecer contato com um integrante de maior idade do grupo, não obtive retorno. No entanto, a participação ativa do filho do mestre, nosso aluno, trouxe contribuições significativas para o desenvolvimento das atividades, configurando, na prática, um movimento de parceria.

Ao longo de três anos, desenvolveu-se o processo de construção do Bumba Meu Boi na escola, utilizando materiais de baixo custo ou recicláveis. Atualmente esse momento é marcado por duas oficinas, 4 aulas de 1h cada. Oficina de Construção e Oficina de Decoração do Bumba meu Boi de Papelão. Para esse momento conto com a parceria de Emerson, o pedagogo da escola, um profissional

⁴³ @boidragao

brilhante, que executa seu trabalho com excelência.

Para confeccionar o Boi me baseei no vídeo *Boi-bumbá de papelão e tecido* | *Tutorial de como fazer o boneco do bumba-meu-boi* (SANTOS, E., 2023), do canal Parabolé. Emerson José Amorim da Silva e eu aumentamos as dimensões e a envergadura do chifre e do corpo e modificamos a estrutura do rabo. Adaptamos a decoração no que se refere à escolha de cor e tamanho dos tecidos- de forma que eles cobrissem os pés do condutor-, formato dos olhos, contorno do focinho, escrita de nome na lateral do animal e escolha de tema para decoração tornando-o mais próximo da brincadeira alagoana. Desse modo iniciamos as oficinas.

Figura 07 – Processo de construção do Bumba meu Boi de papelão.



Fotógrafo: (2024). Da esquerda para a direita: José Alex dos Santos, Emerson José Amorim da Silva e Lucas Matheus Siqueira Lessa.

Tudo começa no primeiro bimestre, quando encaminhamos à gestão escolar uma lista de materiais necessários para a realização da oficina de construção do Bumba Meu Boi de papelão. Três semanas antes da atividade, os estudantes são informados sobre a necessidade de coletar papelão, preferencialmente de caixas grandes, como as de televisão ou outros eletrodomésticos. Caso não encontrem papelões grandes, podem trazer caixas menores, desde que em quantidade suficiente para a construção. Esse aviso é reforçado semanalmente em sala de aula e também compartilhado nos grupos de WhatsApp de cada turma, enfatizando que a disponibilidade adequada de papelão é essencial para a confecção do bovino.

No dia marcado para a oficina, Emerson e eu damos início ao trabalho, organizando os estudantes em equipes. Cada grupo assume uma função específica

na construção: um fica responsável pelo corpo do boi, outro pelo chifre, um pela cabeça, e mais um pelo pescoço. Além disso, há uma equipe dedicada à confecção do letreiro decorativo com o nome do Bumba Meu Boi.

Durante o processo, Emerson e eu orientamos os estudantes sobre as técnicas adequadas para realizar as marcações, dobras, encaixes, cortes e colagens. Com todas as partes finalizadas, chega o momento da montagem, quando o Bumba Meu Boi começa a ganhar forma.

Figura 08 – Bumba Meu Boi com parte traseira plana.



Fotógrafa: Louise Barbosa (2024).

Figura 09 – Bumba Meu Boi com parte traseira arredondada.e Vaqueira Bruna



Fotógrafa: Louise Barbosa (2024).

Um molde é disponibilizado para cada parte do Boi, garantindo que os grupos tenham autonomia para reproduzir os recortes no papelão e cortá-los com precisão. Algumas partes da estrutura de papelão, como os semicírculos do corpo do Boi e a aba que interliga o pescoço à cabeça devem ser reforçadas para maior sustentação. Para isso, os estudantes confeccionam dois moldes iguais e colam um no outro.

Em 2024, o estudante Alisson Michel aprimorou a estrutura traseira do Boi, que antes era plana, desenvolvendo um arredondamento que a tornou mais fiel à realidade. Para isso, criou uma base utilizando arames, conferindo maior volume e forma à peça. Além disso, aperfeiçoou o rabo do Boi, elaborando um modelo mais detalhado. Ele utilizou um tecido como TNT, desenhou um molde, duplicou-o e colou as extremidades, deixando um espaço interno para ser preenchido com retalhos de tecido, algodão ou outros materiais. Pretendo que essas inovações desenvolvidas pelo estudante sejam incorporadas permanentemente às oficinas de 2025 e que ele atue como instrutor, compartilhando suas técnicas e conhecimentos com os novos participantes.

1.5 DANDO NOME AOS BOIS

A escolha do nome do primeiro boi do Vale do Reginaldo, Gavião, se deu da seguinte maneira: um dos integrantes do grupo, Valério, sugeriu nomeá-lo Hi-fi⁴⁴, inspirado em um carro de som popular na década de 90 no território onde moravam. A sugestão foi aceita pelo grupo, mas algo inusitado aconteceu. Sem dinheiro para comprar tintas, o nome do boi foi escrito com festão natalino costurado no dorso lateral do animal.

Quando o boi saiu às ruas, a comunidade não conseguiu pronunciar a letra 'i' de forma americanizada e ficou confusa sobre o nome, que soava como 'Ifi'. Uma reunião foi convocada para resolver a questão. Valério manteve sua sugestão original, enquanto Zé do Boi, que havia sido voto vencido inicialmente, aproveitou a oportunidade para reforçar sua preferência por 'Pantera Negra'. Outro integrante sugeriu 'Scorpion', inspirado no Boi Escorpião do bairro do Poço. Por fim, Nino, outro membro do grupo, propôs a identificação que vingou: Gavião. A inspiração veio de um time de futebol de várzea do Vale do Reginaldo, que estava se destacando nas competições da época.

⁴⁴ Abreviação do termo americano 'high fidelity' (alta fidelidade), usado principalmente em áudio e eletrônica para descrever equipamentos que reproduzem som com alta qualidade, minimizando distorções e interferências.

Outro exemplo interessante sobre a escolha de nomes é o segundo boi criado no Vale do Reginaldo, que se tornou um dos principais rivais do Boi Gavião. Seu fundador, conhecido como Dourado, morava na Rua Diegues Junior, em uma área da comunidade conhecida informalmente como central. Curiosamente, nenhuma dessas características influenciou a escolha do nome do boi. Em vez disso, a inspiração veio de um bloco de carnaval baiano muito famoso na época, o Bloco Caveira, o que levou o boi a ser inicialmente chamado de Boi Caveira. No entanto, com o passar do tempo, os integrantes começaram a acreditar que o nome estava trazendo má sorte, e decidiram renomear o Bumba, que passou a ser conhecido como Boi Leão.

Figura 10 – Bumba Meu Boi Gavião em 1994



Fonte: Acervo pessoal de Zé do Boi⁴⁵

De modo geral, a escolha do nome do personagem principal das festas de Bumba se dá das seguintes maneiras:

Localização geográfica- de acordo com o nome da rua, travessa em que os brincantes estão inseridos. É o caso do boi Paraná, fundado por Seu Vevel, único representante do Bumba que conseguiu o Registro de Patrimônio Vivo⁴⁶ em Alagoas.

⁴⁵ Da esquerda para direita: Zé do Boi, sua irmã Liege, seu primo Nino, as duas crianças são Neto e o irmão mais novo Boli e de pé, com o braço em cima do Boi, o pai deles, Valério.

⁴⁶ Registro de Patrimônio Vivo é uma iniciativa cultural em Alagoas que visa reconhecer e proteger os mestres, grupos e comunidades que mantêm vivas as tradições culturais e artísticas do estado.

Veveu residia na Travessa Paraná, situada no bairro do Poço e foi com o nome do território que o boi ficou conhecido.

Referências musicais - de acordo com bandas famosas ou letras de músicas que estejam em alta durante a escolha e que fazem parte do gosto musical dos integrantes. No caso específico do Boi Rastafari, a inspiração veio do cantor e compositor baiano Edson Gomes, cuja música fez grande sucesso na década de 90. Suas canções eram significativas para os moradores da periferia de Maceió, onde o grupo se formou. Localizado na Rua Belém, no Jacintinho, o grupo decidiu batizar o boi com o nome de um dos sucessos do artista: "Rastafari";⁴⁷ Blocos do Carnaval de Salvador também foram homenageados, como no caso do Boi Águia de Ouro. Além disso, movimentos musicais, como o Axé, bandas, como Olodum e canções emblemáticas, Faraó, também receberam tributo. A esse respeito, Zé do Boi (SILVA, 2024b, 15:09) relata o surgimento de um Boi inspirado na letra de uma música de axé: "... fizeram o Boi Camaleão. Que também o nome da [música]: - Sou camaleão, sou seu amor. Vem me dar um beijo... Baseado também por isso aí [letra da música]. Levado pela onda do momento. Boi Camaleão".

Referências pessoais dos fundadores- nomes que de alguma forma se relacionam com a história pessoal dos seus fundadores, como podemos observar no boi Baleado da Ponta da Terra, cujo nome foi inspirado no fundador, que havia sobrevivido a um atentado a tiros e recebeu esse apelido. Outro exemplo é o boi Barrão, nomeado em referência ao fundador que, devido à filaríose nos testículos, foi apelidado pelos amigos de Barrão.

Vivências territoriais- nomes que refletem o cotidiano dos brincantes e seu território, como o caso do Boi Gavião, cuja escolha já foi mencionada anteriormente.

Imponência- Há também nomes que evocam poder, riqueza, valor ou imponência, como: Imperador, Pérola e Trovão.

Animais de ataque- nomes inspirados em animais que são predadores naturais e possuem características como dentes afiados, garras, velocidade, camuflagem, veneno, toxinas ou habilidades específicas que potencializam sua eficiência na captura e neutralização de suas presas; Seres que possuem adaptações físicas e comportamentais que são essenciais para sua sobrevivência e que os tornam eficientes na captura de outras espécies que servirão de alimento;

⁴⁷ O boi Rastafari é possivelmente o Bumba meu boi mais antigo de Maceió.

São eles: Puma⁴⁸, Falcão, Escorpião e Lacrau; Animais que mesmo domesticados são conhecidos por sua força e agressividade simbólica, como o pitbull.

Ao relatar sua experiência como brincante de Bumba Meu Boi em Maceió e aluno da UFAL, na disciplina Projetos Integradores, Lima (2022) afirma que: “o Professor José Acioli dizia acreditar que esses nomes eram remetendo a animais agressivos e que sempre estavam prontos para a ‘batalha’, para o ‘ataque’...” (Lima, 2022, p. 33).

Combinação de elementos - há a possibilidade de combinar diferentes critérios, conceitos ou referências simbólicas na criação do nome de um boi. Um exemplo disso é o boi Águia Dourada, que une a ideia de um animal predador, conhecido pela sua força, agilidade e poder de caça, com a imponência do ouro, que remete à riqueza, à grandiosidade e ao prestígio.

Influências midiáticas - Alguns nomes refletem o impacto de culturas midiáticas, revelando a presença de determinados modismos que estavam em alta no momento da escolha. Caveira, Rastafari, Águia Dourada. Embora alguns nomes de bois não tenham se consolidado, é possível observar que refletem a presença da língua inglesa, como "Scorpion" e "Hi-Fi", termos que se inserem no imaginário cultural do Brasil por estarem presentes nos contextos midiáticos, como em músicas, filmes e outras produções da indústria do entretenimento. Assim, a escolha do nome de um boi pode ser vista como um reflexo direto das tendências culturais midiáticas.

Elaborei um quadro que organiza e classifica, de forma objetiva, alguns nomes de Bois presentes em Maceió. A seleção foi feita com base em critérios previamente estabelecidos e identificados através de vivência pessoal e da entrevista a Zé do Boi (SILVA, 2024a). A seguir, apresento a catalogação dos nomes dos Bois organizados de maneira objetiva e sistemática.

Quadro 04 - Catalogação de nomes de Bumba Meu Boi em maceió

Crítérios de escolha para os nomes dos bois	Nomes dos Bois
Localização geográfica	Boi Paraná,

⁴⁸ @boipumaof

Criaturas lendárias	Fênix, Dragão, Minotauro
Referências musicais	Águia de Ouro, Axé, Olodum, Rastafari, Faraó, Cão de Raça
Referências pessoais dos fundadores	Barrão, Baleado
Vivências territoriais	Gavião
Imponência	Diamante, Diamante Negro, Imperador, Pérola.
Animais de ataque	Cascavel, Escorpião, Serpente, Gavião, Falcão, Pantera, Tigre, Leopardo, Rottweiler, Pitbull
Combinação de elementos	Águia Dourada, Águia de Ouro
Influências midiáticas	Escorpião, Gato Guerreiro, Faraó, Olodum, Anaconda, Águia de Ouro
Referências midiáticas	Gato Guerreiro, Falcão, Águia de Ouro, Águia de Ouro, Axé, Olodum, Rastafari, Faraó

Fonte: elaborado por Lílian Rodrigues da Silva

Alguns critérios devem ser evitados na escolha do nome do Boi. Além de nomes que contrastam diretamente com as categorias mencionadas anteriormente, Zé do Boi (SILVA, 2024c, 34:27) observa que nomes de origem estrangeira, especialmente em língua inglesa, também não são recomendados. Ele acrescenta que um grupo, inspirado no Boi “Cão de Raça” — que, por sua vez, recebeu esse nome a partir de uma música de Edson Gomes —, decidiu batizar seu Boi como “Killer Dog”. Continua dizendo que (35:21) “... o cara botou o nome do Boi Killer Dog. Quando foi olhar: Cão Assassino. Isso é nome de Boi? Americanizaram a coisa

dentro da arena do Boi e ninguém gostou e enfim. E até que ele não foi muito além mesmo e pronto.” Contudo, há exceções, como no caso do Bumbá Rottweiler, que é o atual campeão do Festival na categoria B.

A escolha dos nomes para os Bois reflete uma rica combinação de elementos culturais, identitários e sociais. Esses nomes são inspirados em referências pessoais, vivências territoriais e até mesmo influências midiáticas. Cada um deles desempenha um papel fundamental na construção da identidade e da memória do Bumba Meu Boi em Maceió, Alagoas.

1.5.1 Nomeando os Bois na escola

Um dos desafios durante a oficina do boi é garantir que todos os alunos estejam ativamente envolvidos. Apesar da divisão de equipes, em que cada grupo é responsável por uma parte do corpo do boi, alguns estudantes acabam ficando ociosos, sem uma função nítida dentro da dinâmica. Diante dessa questão, considerando o tempo limitado até a culminância do projeto e a quantidade de conteúdo, desenvolvi uma estratégia para engajar todos os estudantes de maneira mais ativa.

Após explicar as etapas da construção e perceber que todos compreenderam suas funções, proponho uma atividade complementar: a escolha do nome do Boi. Início contextualizando a importância dos nomes no universo do Bumba Meu Boi, apresentando exemplos de Bois conhecidos em Maceió. O primeiro nome mencionado é o próprio Boi Pérola, que os alunos já conhecem, seguido por outros Bois tradicionais da cidade. A partir dessas referências, os alunos iniciam um processo de reflexão e sugerem possíveis nomes.

A partir das sugestões dos alunos, realizamos uma votação digital através de enquete, onde cada estudante pode escolher o nome que mais lhe agrada. O nome mais votado se torna oficialmente o nome do Bumba Meu Boi daquela turma. Na Oficina seguinte, comentamos sobre o resultado da votação e como eles se sentem em relação a esse processo. Nesse momento explico que além de nomear o Boi há também a etapa de escolher uma temática que irá guiar toda a decoração e representação visual daquele grupo.

Cada turma deve escolher um nome para seu Boi, que será utilizado durante as apresentações e no cortejo e que a grafia desse nome deve estar presente na decoração. Também é de responsabilidade dos estudantes escolherem um tema,

que é a ideia central ou o conceito que orientará a decoração do Bumba.

Ao longo de três anos de projeto, o processo de escolha do nome passou por ajustes e aprimoramentos, sempre levando em consideração a participação dos alunos e os desafios que surgiram. No decorrer das etapas percebi que os estudantes ficavam confusos entre a escolha de nome e tema. O nome acompanha o Boi desde sua criação e não é modificado, enquanto o tema guia toda sua representação visual e varia a cada ano.

Embora eu explicasse repetidamente, os aprendizes frequentemente confundiam esses dois conceitos, tratando-os como se fossem a mesma coisa ou como se um fosse necessariamente a extensão do outro. No entendimento deles se o tema fosse cangaço, o nome do Boi teria que ser algo relacionado a esse universo, como por exemplo: Lampião. Um outro exemplo que pode ser mencionado é o do Boi Serpente, da turma 2103, que durante as aulas havia escolhido o tema: “As rendas de Marechal Deodoro”. Posteriormente decidiram mudar para “Faroeste”, mudando também o nome do Boi que passou a ser: “Pistoleiro”, exclusivamente com a finalidade de que o nome combinasse com o tema. De acordo com esse pensamento equivocando o nome mudaria a cada escolha de tema, no entanto, o nome do Boi é uma escolha permanente.

Para solucionar essa confusão no entendimento desse quesito, elaborei uma escrita que ilustra a organização nos critérios de escolha para o nome dos Bois a fim de obter uma melhor compreensão sobre como esse momento deveria ser conduzido, buscando uma explicação assertiva da natureza distinta desses conceitos. Criei uma tabela com nomes e temas, a título de ilustração, para que os estudantes possam ter exemplos práticos desse conteúdo.

Quadro 05 - Exemplos comparativos entre nome e tema

Nome do Boi	Tema Muda a cada temporada	Ano	Assunto
	Gota da Vida	2023	Águas doces (Rios, lagos, lagoas e Lagoas de Alagoas)

Pérola	Trindade nordeste: coragem, esperança e fé	2024	A esperança de Luiz Gonzaga para chegar até onde chegou; a coragem, por Lampião, e a fé, por Padre Cícero.
	A riqueza que vem da lama	2025	Aborda a temática do Sururu, alimento reconhecido como patrimônio cultural e imaterial de Alagoas.
Bumbá	São mais de mil palhaços no salão.	2017	A história do Palhaço. Essa temática também teve um viés político, ao mencionar as pinturas faciais e utilização de narizes de palhaço no Impeachment do ex -presidente (alagoano) Fernando Collor.
	Nordeste, o retrato da vida.	2018	A cultura dos nove estados do nordeste
	Que horas vem o amanhã?	2019	Preocupação com o fato de que os seres humanos têm a tendência de deixar a resolutiva de assuntos importantes, como desmatamento, poluição, preconceito para um possível futuro.

Elaborado por Lílian Rodrigues da Silva⁴⁹

Após a etapa de oficinas, os estudantes passam as semanas seguintes finalizando o Boi, seja em horário de intervalo, aulas vagas ou contra turnos. Mesmo a escola fornecendo materiais como tecidos, pedrarias, pistolas e bastões de cola quente, os estudantes querem ver sua obra bem acabada, sendo assim, compram ou confeccionam itens decorativos e trabalham arduamente até o dia do cortejo para que tudo fique à seu gosto.

A respeito da escolha de nomes e temas, em 2024, a turma 2I01 escolheu o Boi Mandacaru, com o tema "Meu Nordeste"; a 2I02 optou pelo Boi Carcará, com o tema "Cangaço"; e a 2I03 inicialmente escolheu o Boi Serpente, com o tema "Rendas de Alagoas", mas, no último momento, decidiram mudar para Boi Pistoleiro, com o tema "Faroeste". Já a turma 2I04 escolheu o Boi Lá Fúria, com o tema "Encanto das Águas: Lagoas e Mares de Marechal Deodoro".

Elaborei um quadro que demonstra os nomes e temas que as turmas da escola Titara escolheram para seus Bumbas.

Quadro 06 - Exemplos de nomes e temas escolhidos pelos estudantes de 2022 e 2024

Turma	Nome do Boi	Tema	Ano
2M01	Furacão nordestino	Lendas do Nordeste	2022
2M02	Carrara	Brasil	2022
2I01	Mandacaru	Meu Nordeste	2024
2I02	Carcará	Cangaço	2024
2I03	Serpente	As rendas de Marechal Deodoro	2024
2I04	Lá Fúria	Encanto das águas: Lagoas e Mares de Marechal Deodoro.	2024

Fonte: elaboração de Lílian Rodrigues da Silva

⁴⁹ Fonte: Ednaldo José Monteiro da Silva (informação verbal) e Lima (2022).

Nesse processo, alguns estudantes se destacaram. Na turma 2101, não posso deixar de mencionar Alisson Michel. Considero que esse aluno será um futuro mestre da cultura popular, dominando muitos aspectos da tradição de Bumba Meu Boi, desde o conhecimento sobre os ritmos, afinação e manutenção dos instrumentos musicais, construção e decoração de Bumba a conhecimentos a respeito de como se apresentar no Festival.

Figura 11 - Boi Mandacaru (perfil)



Fotógrafa: Louise Barbosa

O Boi Mandacaru foi confeccionado com malha preta, destacando-se dos demais pelo formato arredondado de sua traseira e pela distribuição diferenciada do tecido principal, que forma uma meia-lua em cada lateral e na parte traseira. Abaixo dessa camada, foi utilizada uma malha vermelha. A sobreposição das cores ficou muito bonita.

Nas laterais, foram aplicadas ilustrações de mandacarus feitos com folha de emborrachado verde com glitter, acompanhados de dois adereços que remetem às flores do cacto. O nome “Mandacaru” foi confeccionado com emborrachado amarelo com glitter. Além disso, o Boi apresenta enfeites abstratos posicionados próximos à cabeça e à traseira.

Na parte frontal, logo abaixo da cabeça, há uma escultura de sanfona, e abaixo dela, um tecido com as bandeiras de todos os estados do Nordeste. A cabeça do boi possui chifres pintados em um degradê que transita do preto para o laranja, amarelo e, por fim, branco na ponta, onde também foram fixadas fitas coloridas. Na testa, detalhes em papel laminado e pedrarias complementam a ornamentação.

Figura 12 - Boi Mandacaru (frente)



Fotógrafa: Louise Barbosa

No topo da estrutura, foi construída uma igreja de papelão, revestida com emborrachado brilhoso nas cores amarela e azul. Na frente da igreja, no teto, foi fixado um sino, adicionando mais um elemento simbólico à composição. O acabamento do Boi foi feito com babados distribuídos por toda a estrutura, e um detalhe diferenciado foi acrescentado à cauda, como já mencionado anteriormente. Além disso, foram inseridas luzes LED nos olhos do bovino.

Na turma 2102, Anderson se sobressaiu como um verdadeiro diretor artístico, construindo um roteiro que conectava as ideias da turma, refletindo-as em toda arte visual. O Boi Carcará foi confeccionado com malha branca, apresentando, de um lado, o nome "Carcará" escrito na cor preta, acompanhado por dois cactos ilustrados em um estilo que remete à xilogravura.

A ornamentação inclui elementos do cangaço, como um chapéu de couro típico dos cangaceiros, um caminho aberto na estrada e um cantil de couro. Do outro lado, foram representadas as figuras de Lampião e Maria Bonita, uma estrada que é a continuação do caminho do lado oposto, a caveira da cabeça de um boi e mais um cacto.

Figura 13 - Boi Carcará (perfil)



Fotógrafa: Louise Barbosa

No topo da estrutura, um carcará foi moldado em papelão. A parte inferior do boi foi confeccionada com cetim preto, enquanto a cauda foi feita com tecidos trançados nas cores branca e preta. A cabeça recebeu uma base branca, com olhos e focinho trabalhados em linha de sisal, assim como os chifres. Para finalizar a ornamentação, foi aplicado um babado estreito na borda e pedrarias na testa do boi. A turma conseguiu integrar o tema de forma coesa e surpreendente em todo o projeto.

A turma 2103, começou a construir o Boi Serpente e Marcelo, um dos artistas da sala que se destaca em desenho e pintura, ficou responsável pela arte visual. Utilizando TNT branco, iniciou a ilustração e pintura, com a colaboração dos colegas. O resultado do Boi ficou impressionante.

No entanto, a turma não utilizou a arte feita, relatando que a pintura começou a borrar. Acredito que, ao comparar seu trabalho com os outros Bois, que usavam malha em vez de TNT, a turma sentiu que sua escolha de material os desfavorecia. Na noite anterior ao cortejo, decidiram mudar de tema, encontraram um novo tecido e transformaram o Boi Serpente em Boi Pistoleiro, alterando a temática que antes era “As rendas de Marechal Deodoro” para “Faroeste”, o que os desfavoreceu, sendo esse grupo o único que não apresentou ilustração ou grafia do nome na decoração do Boi.

Figura 14 - Confeção do Boi Serpente



Fotógrafa: Yngrid Evely dos Santos Satiro

O Boi Pistoleiro foi confeccionado com malha na cor creme, decorado com estrelas em emborrachado amarelo com glitter em suas laterais e na estrutura de seu corpo, foi adicionado um cinturão para cartuchos de bala. Conta com um bordado, feito com cordão grosso, na cor verde, que foi reaproveitado de uma saia de quadrilha com detalhes em pedrarias vermelhas.

A cabeça do Boi recebeu um acabamento com pedrarias aplicadas na testa. Os chifres foram revestidos com barbante grosso em um tom creme bem claro, e suas pontas ganharam fitas coloridas. A cauda segue o mesmo estilo do boi Mandacaru, mantendo a coerência estética entre os elementos do cortejo.

Figura 15 - Boi Pistoleiro



Fotógrafa: Louise Barbosa. À esquerda do Boi está a estudante Cássia Valéria Costa dos Santos

Já na turma 2104, Aloísio Miguel se destacou. Essa sala demonstrou grande engajamento coletivo, envolvendo um grande número de participantes na construção do Boi. Eles criaram uma canoa para simbolizar os pescadores da região, escolheram a cor azul para representar o tema, construindo coqueiros, tartarugas e até a orixá Iemanjá, agregando um forte contexto artístico de significado identitário à decoração do Boi.

No topo da estrutura do corpo, encontra-se uma canoa construída e revestida com emborrachado em diferentes tons de marrom, onde os alunos aplicaram uma pintura que confere um efeito amadeirado. Dentro da canoa, há dois coqueiros, uma vara de pesca e nas laterais, dois remos dispostos simetricamente. A parte frontal do boi é adornada com fitas abaixo da cabeça, e toda a estrutura recebe um acabamento com bordados dourados.

O Boi La Fúria é todo revestido com malha azul e apresenta, em uma de suas laterais, seu nome escrito com emborrachado amarelo sobre uma base de papelão, criando um efeito 3D. Na outra lateral, há a silhueta de uma tartaruga preenchida

com conchas e pintada em tons de verde e branco. Ao lado, destaca-se a ilustração de lemanjá, representada com vestes azuis, pele negra, cabelos escuros e um adorno ao redor da cabeça feito de emborrachado com glitter dourado e branco.

Figura 16 - Boi Lá Fúria (perfil)



Fotógrafa: Louise Barbosa

A cabeça é revestida com tecido preto e decorada com detalhes em papel laminado dourado entre os olhos e na testa, formando um sol com raios. O focinho é ornamentado com lantejoulas prateadas que percorrem toda a extensão da cabeça. Os chifres, revestidos com barbante em tom creme claro, possuem, em suas extremidades, estrelas azuis de emborrachado com glitter, de onde pendem fitas coloridas. O rabo acompanha a cor do tecido e segue o mesmo estilo das caudas do Boi Carcará e do Boi Pistoleiro.

CAPÍTULO 2 - PRÁTICAS PARA A QUEBRA DE SILÊNCIO

Fragoso (2020), acompanha a escola estadual indígena Guarani Gwyrá Pepo - como parte de sua pesquisa de doutorado pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) - que fica localizada no extremo sul da cidade de São Paulo e abrange estudantes Guarani do ensino fundamental 1 e 2 e do ensino médio. Ao observar

uma criança dançando junto ao pai, ela levanta pontos interessantes do processo de aprendizagem.

Figura 17 - Bruna, Vaqueira do Boi Mandacaru



Fotógrafa: Louise Barbosa

A pesquisadora percebe que, embora pareçam estar alheios à música, pai e filho estão imersos nela. A criança vai, pouco a pouco, explorando os primeiros passos, ouvindo os sons e tentando dançar, sem que lhe sejam impostas noções rígidas de certo ou errado, ou a exigência de imitar algo específico. A partir dessa cena, Dayse traça um paralelo com a educação musical brasileira, onde muitas vezes o ensino se baseia na imposição de correção, distinguindo o "certo" do "errado" e questiona se aquilo que o adulto julga "errado" for, na verdade, uma solução musical criativa?

Não posso deixar de mencionar a respeito da imitação. É algo que percebo ser muito forte na transmissão de conhecimento dentro da tradição popular. Porém, uma imitação sustentada pelo experimentar, pela inserção do brincante na brincadeira, lhe dando a chance de tecer seus próprios caminhos de aprendizagem, sem que a percepção de certo e errado seja o fator principal para esta.

Figura 18 - Gabriela Berto de Souza, percussionista do Bumba meu Boi da Escola Titara



Fotógrafa: Louise Barbosa. Atrás de Gabriela, o professor Rafael Antonio Santos da Silva

Ao experienciar é permitido errar, possibilita-se a observação dos demais ao mesmo tempo em que se observa a si mesmo. Permite-se ouvir, tocar e dançar a música que os demais ouvem, tocam e dançam. Isso faz com que o participante perceba a si e ao grupo simultaneamente. Observo também que há mais espaço para lidar com as possibilidades, com a vivência, com a construção, com a coletividade.

Acredito que as instituições escolares podem aprender com essa forma das tradições populares darem espaço para possibilidades, para o vivenciar, para o experimentar. Participar ativamente do objeto de conhecimento faz o estudante imergir na aprendizagem.

Tal reflexão nos leva a repensar o processo de aprendizagem sobre o qual esta pesquisa se debruça. Quando Fragoso (2020) fala sobre crianças, podemos ampliar o conceito para "aprendizes" de uma forma geral. E, ao mencionar adultos, podemos pensar em pessoas com maior experiência em determinada prática. Propor aos alunos esse espaço de possibilidade, de poder experimentar a arte sem a pressão de evitar erros me faz lembrar da experiência com os alunos no primeiro

contato com o Bumba Meu Boi, especialmente em sua vivência com o grupo Pérola. Os alunos foram imersos na prática da música e do movimento: tocando, participando e apreciando o ritmo de forma natural e espontânea.

2.1 VAQUEIRO

Ao lado do Boi está o vaqueiro, que é a personagem que o orienta e com ele interage. Deve ser alegre, desenvolto e extrovertido desempenhando um papel central na arrecadação de contribuições durante a saída de rua e na performance da dança. Quando alguém oferece dinheiro, ou presentes, o vaqueiro prontamente responde, trazendo o boi para perto e exibindo-o em uma performance animada, enquanto o boi acompanha, respondendo aos movimentos do bastão que o vaqueiro carrega. A dança entre vaqueiro e boi é de grande beleza, repleta de gingado e passos que caracterizam essa tradição em Maceió.

O primeiro vaqueiro do boi Gavião foi um rapaz chamado Val, mais conhecido como Lambe Lua ou Val Doido. Devido à personalidade desembaraçada e expansiva, foi escolhido para tal função. Zé do Boi (SILVA, 2024a, 19:05), revela que: “O Val foi o primeiro vaqueiro do Gavião! E era querido pelos caras. A gente tem que achar um doido e a gente achou o Val, né? E o Val é arretado aquele cara, o Val”.

Lambe Lua trouxe bom humor mas também um certo descontentamento ao grupo pelo fato de não estar conquistando dinheiro perante a comunidade, ele preferia pedir um determinado tipo de fruta: “Então até hoje o vaqueiro conhecido que a gente se arretou com ele, que ele teve um tempo que não queria pedir dinheiro, só queria pedir banana nas bodegas. Pera aí meu amigo e o Boi vai ficar liso? ”.

O vaqueiro veste calça e camisa bem decorada com lantejoulas, pedrarias e outros balangandãs e pode utilizar chapéu de couro. Também segura um bastão de madeira todo enfeitado com fitas coloridas e muito brilho que faz parte da dança e orienta o movimento que o Boi deve executar. Quando o vaqueiro inclina o bastão para direita ou esquerda, o Boi acompanha, inclinando-se na mesma direção. Vaqueiro e Boi também interagem com as pessoas cumprimentando-as. Existem ainda muitos outros movimentos nessa dança.

Figura 19 – Tinho, fundador, presidente e Vaqueiro do Boi Pérola



Fotógrafo: Jonathan Gonçalves

Além do traje tradicional, pode utilizar outra vestimenta de acordo com o tema escolhido, como no caso do Boi Safary⁵⁰, que ficou em 4º lugar na Categoria A, em 2024, com o tema: “Namastê, a riqueza da Índia”. A vestimenta do Vaqueiro seguiu a influência da temática escolhida pelo grupo.

Seus movimentos são sincronizados com o ritmo em contratempo do tarol, alternando uma perna à frente e outra atrás. Também pode ajoelhar e aos poucos deitar, dobrando os joelhos até que as panturrilhas toquem a parte traseira das

⁵⁰ @boisafaryoficial

coxas enquanto seu corpo se inclina para trás. Outro movimento é se afastar do boi, movimentar o bastão de forma a chamá-lo e este vem em sua direção rapidamente, como se deslizesse no chão. Os movimentos do vaqueiro, remetem ao frevo, à capoeira⁵¹ e até mesmo ao hip hop.

Figura 20 – Natalício Rodrigo Silva dos Santos, Vaqueiro do Boi Safary, com trajes que seguem a temática.



Fotógrafa: Aline Amorim Carvalho

⁵¹ Observação feita por @daniel_ginga, contramestre de capoeira (informação verbal) em conversa sobre o assunto.

Figura 21 - Emerson Santos, Vaqueiro do Boi Fênix



Fotógrafo: Christiano Barros

A dança entre Vaqueiro e Boi é ensinada através da vivência e observação. Entrevistei Natalício Rodrigo Silva dos Santos (SANTOS, E., 2024), mais conhecido como Natal, um rapaz inserido na cultura do Bumba Meu Boi há pelo menos 20 anos. Ele contou que entre os anos de 2004 e 2005 aprendeu a dança do vaqueiro observando um amigo, conhecido por Lu, que exercia esta função no Boi Safary e no Boi Puma⁵², ambos do Jacintinho. Natal demonstra o conhecimento adquirido ao longo de anos de inserção em vários grupos de Bumba, tais como: Anaconda, Cão de raça, Diamante Negro, Diamante, Águia de Ouro e em seu grupo atual, o Safary.

Segundo Alan (SILVA, 2025), a dança do Vaqueiro é única para cada indivíduo, pois cada um possui um gingado ou "trupé" próprio. Ele ressalta que, enquanto é possível aprender a dançar sob o Boi e a tocar os instrumentos, tornar-se Vaqueiro é um dom, enfatizando que essa dança não pode ser simplesmente ensinada, pois cada Vaqueiro desenvolve sua própria maneira de se expressar.

Nessa parte da entrevista Alan usa o termo "trupé" - utilizado para descrever o sapateado do coco alagoano - para se referir aos movimentos dos pés executados pelos Vaqueiros na dança⁵³. O presidente da Liga dos Grupos de Bumba Meu Boi de

⁵² @boipumaof

⁵³ Apesar de Alan ter utilizado o termo trupé, os movimentos dos pés do vaqueiro não são os mesmos movimentos dos pés percutidos ritmicamente no chão do coco alagoano.

Maceió acrescenta que alguns Vaqueiros e Condutores alinham a dança em ensaios para competir no Festival, sendo os próprios os responsáveis por criar e aperfeiçoar os movimentos entre Boi e Vaqueiro.

Eles não tem coreógrafo não. O coreógrafo são eles mesmos. Eles começam a escutar a música em casa e começa a fazer o gingado, entendeu? Começa a fazer aquela molência dele, aquele molengo dele e tal, aquele trupé, aquela troca de pé, tal. Então assim, cada um tem a sua dança, cada um tem o seu estilo. O vaqueiro é a pessoa que a pessoa diz: Olha o vaqueiro vai lá ensinar, vai lá dar uma aula, mas a pessoa que tá escutando tá aprendendo não vai ser nunca igual ao que ele vai fazer. (SILVA, 2025, 33:20).

Alan (SILVA, 2025) descreve algumas das principais características da dança, destacando a malemolência, a troca de pés e o trupé. A malemolência se refere ao gingado, movimentos corporais característicos, fluidos e rítmicos, que envolve a flexão e oscilação dos ombros, tronco, pernas e pés. A troca de pés é uma técnica importante, que adiciona ritmo e dinâmica aos passos, enquanto o trupé, é o movimento específico dos pés. Além disso, há ainda que se destacar a interação com o Boi, orientando seus movimentos e a conexão dinâmica com a plateia ou com a comunidade. Essas características combinadas exigem grande destreza dos seus praticantes.

É fundamental presenciar a dança pessoalmente, pois, além de ser uma expressão única, trata-se de uma interação exclusiva entre duas pessoas: o Conductor e o Vaqueiro. Seu caráter restrito faz com que poucos detenham o conhecimento, o que gera preocupações quanto à sua continuidade.

Considerando os 40 grupos cadastrados na Liga de Grupos de Bumba Meu Boi de Maceió, incluindo tanto os da capital quanto os de outras cidades, e partindo do pressuposto de que cada grupo conta com um Vaqueiro, pode-se estimar que existam aproximadamente 40 Vaqueiros oficiais em Alagoas. Isso significa que em média, apenas 40 pessoas são responsáveis por carregar e manter viva essa tradição. Esse conhecimento merece valorização, inclusive no sentido de preservação.

A dança do Vaqueiro é um dos maiores desafios ao tentar levá-la para a escola. É difícil encontrar um Vaqueiro disponível para explicar aos alunos sobre essa expressão e seu processo de aprendizagem, pois sua singularidade a torna difícil de ser compreendida. Para entendê-la plenamente, é necessário vê-la de perto. Por isso, gostaria de trazer um Vaqueiro à escola para demonstrar e explicar esses movimentos de forma mais detalhada.

2.1.1 Vaqueiros e Vaqueiras da Titara

Figura 22 - Boi Pistoleiro (perfil) com vaqueiro Raí da Silva Fernandes



Fotógrafa: Louise Barbosa

O contato dos estudantes da Escola Titara com essa tradição ocorreu por meio de uma vivência conduzida por Tinho, presidente do Boi Pérola. Ele demonstrou alguns movimentos e convidou os estudantes a guiarem o Boi. Em outros momentos do bimestre, durante as aulas e oficinas de percussão, orientei os estudantes que desempenhariam os papéis de Vaqueiro e condutor a experimentarem movimentos em conjunto. Para exemplificar, propus que, se o vaqueiro levantasse o bastão, o Boi deveria se erguer; se o vaqueiro abaixasse o bastão, o Boi deveria acompanhá-lo; e, se o Vaqueiro girasse, o Boi também deveria girar.

No boi Mandacaru, a vaqueira foi Bruna, uma estudante engajada nos movimentos artísticos e políticos da escola. Simpática e desembaraçada, na saída de rua, interagiu com as crianças, chamando o Boi para junto delas sempre com um sorriso no rosto, enquanto movimentava seu bastão com alegria.

No Carcará, o vaqueiro escolhido foi Ronaldo Santos, um estudante extrovertido, que conduziu o Boi com bom humor e desenvoltura. Inicialmente, a turma do Boi Pistoleiro havia selecionado Caio para essa função, mas, no momento

do cortejo, ele desistiu. Assim, Raí assumiu o posto e desempenhou um ótimo trabalho, conduzindo o boi com seriedade e realizando movimentos amplos e expressivos. Demonstrando habilidade na função, movimentava o bastão de forma coordenada, inclinando-o para diferentes direções, garantindo que o Boi seguisse seu comando.

Figura 23 - Aluna Luanny Mariah Conceição Vieira aprendendo com Tinho a guiar o Boi Titara



Fotógrafa: Lílian Rodrigues.

Na turma do Boi La Fúria, Miguel se destacou como vaqueiro. Extrovertido e carismático, ele demonstrava grande alegria em desempenhar a função, utilizando movimentos corporais soltos e expressivos. O condutor do Boi também se mostrou muito habilidoso, realizando gestos que faziam o boi se destacar no cortejo.

Os estudantes mais extrovertidos, brincalhões e desenvoltos escolheram a função de vaqueiro, improvisando seu gingado com naturalidade. Sinto que poderia ter fornecido mais referências para a construção dessa vivência. No entanto, me deparei com as limitações já mencionadas, que restringiram um aprofundamento

maior nesse aspecto.

Como professora, consigo ensinar aos alunos o ritmo e a confeccionar o Boi com os recursos disponíveis, mas a dança do Vaqueiro é algo que ainda não consigo transmitir. Além disso, há poucas pessoas que a dominam, e, geralmente, os Vaqueiros trabalham durante o horário escolar, o que torna esse conhecimento ainda mais restrito e exclusivo. Assim, deixo um convite à reflexão sobre como multiplicar essa dança e garantir sua continuidade.

2.2 LA URSO

São figuras com máscaras apavorantes e roupas de trapos que, ao mesmo tempo, brincam, divertem, zombam e assustam as pessoas. Pedem dinheiro à população durante a saída de rua. O grupo percorre o trajeto do cortejo e para nas casas dos moradores que queiram contribuir com algum valor em dinheiro ou até mesmo presentes. Durante a saída de rua:

O La Urso tinha que pedir dinheiro. Ele pedia e tal. Hoje em dia eu acho que ninguém faz isso. A galera monta tudo e tal, mas antigamente era o tempo. Os caras tavam na pindaíba mesmo, tinha que pedir dinheiro mesmo, tinha que pedir a contribuição da comunidade e tal, todo mundo (SILVA, 2024, 50:29).

O La Urso era o personagem responsável por pedir dinheiro durante o cortejo. Ele tinha essa função específica e, junto com o vaqueiro, liderava a arrecadação, essencial para os grupos que viviam com poucas condições, e o pedido de contribuições era uma prática comum. O papel do La Urso ia além da arrecadação de recursos, era parte da dinâmica que envolvia a interação direta com o público. Zé do Boi (SILVA, 2024, 50:09) continua seu relato contando sobre alguns contratemplos que o grupo enfrentava com relação às arrecadações: “A gente tinha problema com La Urso. La Urso bandido da poxa. Tinha La Urso que pegava o dinheiro e não dava: -Não é pra você não, seu safado. Bota dinheiro aqui ó, na caixinha.”

No Vale do Reginaldo, na década de 90, os brincantes confeccionavam máscaras de papel machê, que eram deixadas ao sol para secar e, em seguida, pintadas. Essa técnica também era utilizada na criação das máscaras de La urso, caracterizadas por feições assustadoras, como caretas, sangue, chifres e outros elementos grotescos. Zé do Boi relata em SILVA (2024,57:42) “Ficava assustador. Era um bicho feio, era um cão, a imagem do cão.”

Zé do Boi em SILVA (2024) explica que o costume de fazer máscaras era anterior ao Boi. Usando uma tábua como base, fazia-se um molde de rosto, com o

barro massapê, que podia ser alegre, triste, assustador, etc. Em cima do molde aplicava-se 3 camadas de papel rasgado, embebido primeiramente em água para que não grudasse no molde e em seguida, 8 camadas de papel rasgado encharcado em cola. Esta era feita com farinha e água, mexendo no fogo até dar o ponto de grude. Após esses procedimentos, colocava-se o molde com as camadas de papel para secar ao sol. Após a secagem acontecia a última etapa, que consistia em cortar as partes irregulares das bordas e fazer a pintura.

Figura 24 - La Urso



Fotógrafo: Christiano Barros

Esse é um ponto da entrevista que ativa minha memória. Lembrei nitidamente de Val, o vaqueiro Lambe Lua, reunindo-se com os amigos em frente à casa de sua mãe para confeccionar as máscaras. Eles subiam no muro baixo, como o de tantas outras casas daquela rua, para colocá-las no telhado, deixando-as secar ao sol. Eu era criança e assistia a tudo sentada no muro, também baixo, da minha casa – bem em frente à casa de Dona Adalgisa, mãe do vaqueiro. Zé do Boi fala a respeito do processo de elaboração das máscaras:

É, depois é que vieram usar cola branca mas a gente usava cola de farinha. Pegava a farinha aqui, ó, cozinhava, fazia aquela papa, aquele

gogó, enfim. Então, com aquilo ali era nossa cola. Mergulha, mela o papel na cola e formando e preenchendo aquele formato. De repente, eu lembro que a gente dava umas oito camadas. Ficava aquela máscara dura, pronto. Umas oito camadas. De repente, como você viu o Val botava no sol, botava ali em cima da casa. Então a gente botava em algum lugar que levasse um sol, de tarde já tava pronto. Aí a gente ia lá tirar aquele molde daquela forma, aparar com a tesoura e aí ia pintar do jeito que a gente achasse melhor, enfim. E ali estavam feitas as máscaras, de sair até no La Urso também, a gente saía com essas máscaras. A gente não comprava, a gente fabricava a máscara do pessoal. Depois é que vieram essas máscaras de borracha, essas coisas que ficou imagem mais real, enfim. Mas antes era no grito mesmo, no artesanal, maneira artesanal que a gente fazia as máscaras (SILVA, 2024, 57:42).

Atualmente as máscaras de La Ursos são de borracha, silicone ou afins, adquiridas em lojas de fantasias ou outras que comercializem o item.⁵⁴ A vestimenta do La Urso consiste em uma roupa feita de retalhos de tecidos cortados em tiras, que cobre todo o corpo.

Antes mesmo do surgimento do Boi Gavião, já existia a prática de sair com a figura do La Urso durante o período momesco. Porém, sua caracterização era no formato de urso, como conta José Carlos em SILVA (2024: 54:47) “E os caras saíam pela rua e o La Urso era em forma de urso mesmo. Era o urso. -Vamos sair do urso?”

No Vale do Reginaldo, havia o famoso La Urso do Nego Zé, que possuía dois personagens: Alecrim, o urso branco, e Ferradura, o urso preto. As personagens saíam para além da comunidade e animavam as ruas do Vergel e do Trapiche⁵⁵ com sua presença. Era uma tradição que tinha como instrumentos musicais uma zabumba, um triângulo e uma sanfona. Zé do Boi diz que:

E era um La urso, conhecido que tinha antigamente, que inclusive tem algum livro, que alguém quando fala essa coisa, tem o La urso do Nego Zé. No Reginaldo era o Nego Zé, um negão que gostava disso aí. O La Urso não era com esses instrumentos que se tem hoje. Era uma sanfona, um triângulo e uma zabumba (SILVA, 2024, 54:25).

Que era uma forma do urso. Depois alguém, com aqueles bichos todo peludo, com aqueles trapos, aquelas roupas, tal, enfim. Mas o La Urso mais conhecido aqui era o La urso do nego Zé. Ele tinha dois: um preto e um branco. O nome dos La Ursos eram: Alecrim e Ferradura. O branco era o Alecrim e o preto era o Ferradura. E aí, de repente depois, saiu o Jorgito, que era um amigo nosso - o Jorgito tem mais ou menos a minha idade. Mas aí o Jorgito, ele gostava muito, ao ponto de ter comprado os instrumentos, que já não foram iguais aos instrumentos do La Urso do Nego Zé, que era os primeiros. E aí ele saiu. -Me inspirou muito no boi isso aí também. Isso me inspirou muito -. E aí ele saía na rua e o som era diferente do que a gente vê hoje (tá, dá, dá). Não, era a sanfona tocando um ritmo bem puxado, digo, tipo um forró elétrico, alguma coisa assim. E aí o triângulo (tirilim, tirilim) e a zabumba. O som era: tum, dum, dum; tum, dum, dum. E a

⁵⁴ Que não é vendido como máscara de La Urso. É uma máscara assustadora de qualquer espécie.

⁵⁵ Bairros da cidade de Maceió

sanfona acompanhando o ritmo (tirilim tim dim dim dim) e era um som massa. E eles saiam juntos, ali andava demais.

Figura 25 - Detalhe da vestimenta de La Urso feita com sacolas plásticas



Fotógrafo: Christiano Barros

Os La Ursos também saem às ruas, numa espécie de pré-cortejo, tocando latas ou ao som do tarol no ritmo de marcha, na tentativa de angariar fundos junto à comunidade de forma independente do Boi. As crianças morriam de medo quando viam tais figuras e era comum ouvir o choro infantil, bem como a risada dos adultos que achavam graça e ao mesmo tempo estimulavam os pequenos a vencer o medo. Os La Ursos se encaminhavam na direção da população estendendo a mão ou uma lata na esperança de obter algum recurso, enquanto cantavam o seguinte verso repetidamente:

O La Urso quer dinheiro
Quem não dá é pechinheiro

Dona Lourdes (SILVA, 2024) relata a existência de uma personagem chamada “Folharal”, que, segundo ela, antecedeu os La Ursos no carnaval de Maceió. Sua vestimenta era confeccionada com folhas de amêndoa e estopas, saindo às ruas durante o período momesco, utilizando máscaras. Essas máscaras podiam ser feitas de papel, cola e água ou compradas. Em seu relato (SILVA, 2024) destaca que elas não tinham necessariamente feições assustadoras: “Tinha várias máscaras. Aí a gente comprava uma máscara. Tinha umas máscaras bonitinhas, tinha outras máscaras feias, né?”. Para Dona Lourdes (SILVA, 2024, 1:08 min), em sua infância, “não era La Urso - era Foiará”. Em seu entendimento, essas tradições estão conectadas, compartilhando influências visuais e simbólicas entre ambas as personagens.

Não se pode deixar de observar a semelhança - no nome, uso de máscara e na utilização de vestimentas de retalho - com a brincadeira da La Ursa. No entanto, as máscaras de La Urso se distinguem das máscaras das La Ursas, tradicionais em Pernambuco.

Figura 26 - Máscara de Bobo do Bloco Bobo Gaiato, da cidade de Porto de Pedras



Fotógrafa: Isabela Barbosa. Máscara: André Silva

Há que se destacar que a mesma marcha que é cantada na tradição de La Urso, pode ser ouvida na brincadeira da La Ursa mudando apenas o sujeito e substituindo a palavra pechinheiro por pirangueiro: A La ursa quer dinheiro/ Quem não dá é pirangueiro.

Ferreira (2025) relata que em Maceió, na sua infância, O Bobo saía pelas ruas do bairro de Ponta Grossa, acompanhando o cortejo do Boi e cantando a mesma marchinha: “O Bobo quer dinheiro/ Quem não dá é pechinheiro”. Afirma ainda que, quando criança, nas ruas do bairro Ponta Grossa, essa figura também

utilizava vestimentas confeccionadas com retalhos e que o *Bobo* sempre acompanhou o cortejo do Boi, estando, ligado a ele.

O *Bobo*, personagem tradicional do carnaval alagoano, tem muitas características semelhantes ao La Urso. O modo de confeccionar as máscaras relatadas por Zé do Boi e presente em minha memória com o modo de confeccionar as máscaras do Bobo alagoano, feitas com papel, cola feita com água e farinha, mais especificamente goma de mandioca (SANTOS, 2018), sobre um molde de barro, vistas na cidade de Porto de Pedras, Alagoas.⁵⁶ Nessa localidade, no bloco Bobo Gaiato,⁵⁷ a brincadeira do *Bobo* utiliza vestimentas que cobrem todo o corpo. No entanto, ao analisá-las, percebe-se que são roupas contemporâneas, como saias longas, calças e blusas de mangas compridas, que fazem com que os brincantes não sejam reconhecidos. Santos (2018, p. 7) afirma que:

Todo o cuidado em escolher o local para “se vestirem de bobos” era pensando na garantia do anonimato do brincante, que não poderia ser reconhecido quando trajado para esconder a verdadeira identidade. Roupas velhas e folhas de árvores eram indispensáveis na tentativa de camuflagem.

Ao ouvir esse relato, é impossível não recordar a entrevista com Dona Lourdes (SILVA, 2024) e notar as semelhanças entre essa característica do *bobo* - utilizar folhas para compor suas vestes - e o *Folharal*, personagem mencionado por ela. Em nota, Santos (2018, p. 7) explica: “Importante também destacar que um dos personagens do Bumba-meu-boi, o Folharal [chamado popularmente ‘Foiaral’], também se camuflava com folhas de árvores, principalmente de bananeira e fruta-pão, além de usar máscara”. Brandão (2003, p. 63) ao descrever o folharal como um entremeio do reisado afirma que:

O Foiará (folharal) é uma armação de arcos de barris e ripas, forrada de papel, sobre a qual se coloca uma cabaça com três furos, iluminada por uma vela no interior, à guisa de cabeça. Todo recoberto de tiras de pano, papel ou palha, faz, em sua dança rodopiada, com que se abram as tiras, em roda, ao som da melodia:

Solista: Ô que bicho feio!! Coro: É o Foiará/ Solista: Toca na viola!! Coro: Pro bicho dançá.

⁵⁶ Cidade com forte tradição com máscaras de Bobo mantendo as raízes da confecção em papel sobre uma base de argila.

⁵⁷ Bloco carnavalesco de Porto de Pedras, Alagoas, que exalta a tradição do Bobo.

A figura amedrontadora e brincalhona compartilha ainda semelhanças com outras personagens do Bumba Meu Boi em diferentes estados, especialmente no que se refere à sua função de causar temor. Exemplos disso são os cazumbás do Maranhão, que se apresentam no sotaque de baixada, e os mascarados do Boi do Ceará, cujas vestimentas também são compostas por máscaras e trajes que enfatizam o mistério.

Abaixo, apresento um quadro comparativo entre as personagens mascaradas que participam do Carnaval alagoano e que foram mencionadas neste trabalho. Não incluirei a *La Ursa* na comparação, pois sua representação em Pernambuco já não reflete a forma como se manifesta em Alagoas, apresentando uma estética completamente distinta. Por esse motivo, a análise se concentrará nos mascarados de Alagoas.

Quadro 07 - Quadro comparativo entre Bobo, La Urso, La Ursae Folharal

	Bobo em Porto de Pedras	Bobo em Maceió	La urso	Folharal
Vestimentas	Roupas que cubram o corpo todo. Pode-se utilizar folhas	Vestimentas feitas com retalhos em tiras	Vestimentas feitas com retalhos em tiras	Vestimentas feitas com estopas e folhas de amendoeira, bananeira ou fruta-pão.
Máscaras feitas com barro, papel e goma	Atualidade	Não obtive informação	No passado	No passado
Figuras envoltas em mistério/ medo	Sim	Sim	Sim	Sim

Figuras Gaiatas	Sim	Sim	Sim	Sim
Acompanha o Bumba meu Boi	Não	Sim	Sim	Sim

Elaborado por Lílian Rodrigues da Silva

Possivelmente a palavra La Urso é uma corruptela de La Ursa. No entanto, não se pode deixar de relatar que, dentro do universo de Bumba meu Boi em Maceió, a personagem é chamada de La Urso há pelo menos mais de 30 anos, período em que eu era criança, nos anos 90 e continua a ser chamada dessa forma. A título de exemplo, posso citar o trabalho de Lima (2022), presidente de um grupo de um Bumba meu Boi, o Bumbá, que usa a mesma forma de nomear a personagem - La Urso. Zé do Boi em SILVA (2024, 52:08) é incisivo: É La Urso. É La Urso, é La Urso.

Chego ao entendimento de que a representação de figuras mascaradas aqui no estado, não se configura de um forma rígida, tendo em comum o fato de serem constituídos por uma personagem que se mascara e recobre todo o corpo. A partir daí, o brincante se transforma em outro ser, que está livre para fazer estripulias, assustar e divertir as pessoas.

Neste trabalho darei preferência a nomenclatura La urso, por estar presente na minha memória e vivência, por ser a forma como os brincantes de Bumba meu Boi nas periferias de Maceió por onde transito, bem como os representantes da Liga de Grupos de Bumba meu Boi se referem a esta figura vestida com tiras de tecido em farrapos, máscaras, se juntando ao Boi no cortejo com a finalidade de angariar fundos para a brincadeira, divertir e assustar a população.

2.2.1 Tem La Urso na escola?

Entre os elementos que compõem o cortejo de Bumba Meu Boi, o único que não abordei na escola foi o La Urso, devido às questões logísticas e ao tempo limitado para desenvolver atividades tão complexas até a culminância do cortejo. Por isso, concentrei o trabalho no ritmo, no Boi e no Vaqueiro, garantindo que esses aspectos fossem aprofundados dentro das possibilidades do contexto escolar.

No entanto, a educadora Joelma Ferreira da Silva (SILVA, J., 2025) desenvolveu um projeto sobre essa temática através do programa Professor Mentor da SEDUC AL. As aulas aconteceram no ensino médio, na Escola Estadual Professora Aurelina Palmeira de Melo, localizada no bairro do Vergel, em Maceió. Num primeiro momento, a educadora abordou a tradição dos La Ursos, contextualizando o histórico do Bumba Meu Boi no Brasil até chegar em Alagoas.

Figura 27 - Bobo da Escola Estadual Professora Aurelina Palmeira de Melo



Fotógrafa: Benita Rodrigues

Durante o projeto, os estudantes participaram da criação das vestimentas dos La Ursos, feitas com retalhos de tecido. Joelma convidou a artista Gessyca Geyza Santos da Silva⁵⁸ para ministrar uma oficina de construção de máscaras utilizando a técnica da papietagem. Conecto esse relato com o de Zé do Boi (SILVA, 2024a) em

⁵⁸ @gessyca_geyza

sua entrevista, onde ele menciona a confecção de máscaras em sua juventude. A educadora (SILVA, J., 2025) reflete que:

É engraçado, pelo menos essa é a impressão que eu tenho - e a gente chegou a essa conclusão, os meninos na sala conversando, né? -, que essa é uma personagem que as pessoas que vestem, elas ficam livres para fazer o que elas quiserem. Porque como você tá mascarado dos pés da cabeça, você não sabe o que é aquela pessoa, né? Então aquela pessoa tá ali como se tivesse um super poder, digamos assim, de não ser reconhecida e poder fazer o que quiser.

De poder tirar onda, de poder correr atrás de criança, de adulto, de poder brincar com um, brincar com outro, de fazer graça e também de assustar. Todo mundo tem uma história de tomar um susto de A La Ursa.

Houve um momento de reflexão conduzido pela educadora, no qual os alunos, aproveitando o anonimato proporcionado pelas máscaras e pelas vestimentas, foram convidados a pensar sobre aspectos da sociedade – e de si mesmos – que gostariam de transformar ou expulsar. O trabalho contou ainda com as fotografias de Benita Rodrigues e com a participação ativa dos estudantes do ensino médio, que se envolveram criativamente em todas as etapas do projeto.

Interessante observar que, inspirada no trabalho de Joelma Ferreira, convidei Gessyca Geysa para ministrar uma oficina de máscaras na escola em 2024, com as turmas de 2023 que, devido à greve, não haviam realizado culminância das atividades com o Bumba meu Boi. No entanto, mesmo Géssyca tendo realizado a oficina na Escola Titara, tive dificuldade de dar prosseguimento a esse planejamento, tanto pelo limite de tempo (1h de aula por semana), quanto pela dificuldade de engajamento das turmas - que não conseguiram finalizar as máscaras devido ao limite de tempo disponibilizado para a oficina- optando por não dar prosseguimento a essa etapa naquele momento.

2.3 PRÁTICAS PARA QUEBRA DE SILÊNCIO

LEITE (2017), músico experiente e pesquisador que em sua trajetória apreendeu vários aspectos relacionados à musicalidade brasileira, principalmente baiana, observou que tal sistematização não era capaz de traduzir, na sua totalidade, seus aspectos e que havia uma lacuna entre a música Europeia que é ensinada nas instituições formais do Brasil e a compreensão da diversidade rítmica da música brasileira.

Nesse sentido, aprofundou-se em conceitos e análises preexistentes que se debruçaram sobre a música brasileira transatlântica. No entanto, já na década de 1970, Gerhard Kubik se debruçava sobre tais questões, observando alguns ritmos

presentes no Brasil, como no caso do samba, onde reconheceu semelhanças com a Kachacha⁵⁹:

Em relação à música, por exemplo, ficou patente a presença do chamado time-line, como a linha rítmica do samba, um fenômeno claramente ligado à África Central – sobretudo Angola – e suas práticas musicais, em especial a uma fórmula que até hoje no leste de Angola é denominada de kachacha. Como consequência, percebi que, do ponto de vista metodológico, as manifestações brasileiras podiam receber o mesmo tratamento conceitual e histórico que estava dando aos temas estudados na África, sempre respeitando a historicidade própria de cada lado do Atlântico sul para não cair em comparações banais e equivocadas (KUBIK, 2008, p. 96).

Leite (2017) iniciou uma investigação que o levou aos ritmos fundamentais que compõem a música religiosa de matriz africana no candomblé. “Eu acho que é importantíssimo frisar que os terreiros de candomblé são grandes universidades de produção e preservação da música negra no Brasil”. (LEITE, L, 2017, p.40).

Importante destacar que anteriormente às pesquisas de Letieres outros autores já abordaram tal temática. Pinto (2004), buscou sistematizar a música afro-brasileira por meio de estudos da musicologia africana e brasileira, apontando processos musicais importantes, partindo do entendimento de que, nesse sentido, a música vai além do aspecto puramente acústico ou sonoro, está intrinsecamente ligada à dança, ao cotidiano, à religiosidade e a processos de resistência de grupos sociais. Nessa perspectiva, considera dois níveis de expressão: “a forma musical, ou seja, os elementos sonoros, a gestalt básica de suas configurações gerais.” (Pinto, 2004, p. 89) e a análise das partes que formam sua estrutura, “isto é, a confecção do fenômeno musical a um nível mais intrínseco, a sua ‘gramática’, que é mentalizada” (Pinto, 2004, p. 89).

Na estrutura europeia, a música é construída em torno da pulsação, que atua como a unidade principal. No entanto, na musicologia africana e afrobrasileira, embora a pulsação esteja presente, ela não é mais o elemento central que orienta a música. De acordo com esse entendimento:

... É necessário buscar apoio em um sistema, cuja categoria de tempo não seja orientada por compassos com seus tempos fortes e fracos. As nuances do fazer musical afro-brasileiro diferem deste modelo ocidental, que não serve para explicar formas e estruturas musicais afro-brasileiras (PINTO, 2004, p.91).

Em vez disso, células rítmicas mínimas que ocorrem de forma cíclica, com sua repetição constante, torna-se o núcleo em torno do qual toda a organização

⁵⁹ Ritmo tradicional de algumas culturas da África Central, especialmente associado à música de dança.

musical se estrutura, integrando a pulsação em seu interior, mas sem que esta assuma o papel de guia. Assim, ainda que todos os elementos tradicionais da notação musical sejam preservados, é a clave que sustenta o "swing" da música, mantendo sua essência rítmica.

Tal compreensão é inovadora, pois coloca a estrutura rítmica proveniente da diáspora africana como protagonista que guia toda a organização musical, Leite (2017), assim como Pinto (2004) observam que quando se tratava dessa música não havia uma compreensão "formal" da organização musical, uma prática de intelectualização, mas sim um modo de "tentativa e erro". No entanto, existe uma estrutura de conhecimento complexa e consciente e ao ignorá-la como referência formal, desconectamos a música de suas raízes.

Essa consciência musical está internalizada nos músicos percussionistas, sendo eles os portadores do conhecimento ancestral. Leite (2017, p.31) cita alguns exemplos do protagonismo dos mestres de percussão, quando foi convidado para produzir nove arranjos para o disco 'Olodum 20 Anos', no ano de 2004. No momento da gravação, bastava informar ao mestre o toque que seria trabalhado na música a ser gravada, e ele já sabia como tocar, porque já estava sedimentado na memória musical.

Outro exemplo é o momento em que, ao tomarem conhecimento dos arranjos, "os percussionistas redefiniram as questões rítmicas, corrigindo as claves e suas variações rítmicas, adaptando, com seu vasto repertório, o arranjo que já estava estabelecido. Eles se "encaixavam" bem na música porque conheciam o sistema". Contudo, em sua experiência, Letieres constatou que, nos bailes de carnaval tradicionais e nas bandas de axé music, esses artistas eram os que menos recebiam em relação aos outros músicos das bandas. A discriminação a esses músicos remete à história das populações negras no Brasil.

Em sua experiência relata que na formação de um grupo musical, como pagode baiano ou blocos afros, quase sempre constituída inteiramente por integrantes negros, a sonoridade das execuções rítmicas demonstra que o grupo como um todo (não apenas os percussionistas) estão mais alinhados com os princípios das músicas "em clave", se comparados às músicas executadas no "Axé Music". Revela ainda que "esse é um assunto polêmico, mas necessário para ser destacado, pois assim observamos a dimensão sociopolítica do fazer musical. A referência sonora muda quando a música passa a ser executada por um grupo de

pessoas que possui ou trabalha em “clave consciente” (LEITE, 2017, p.34).

É essencial reconhecer as influências diretas da África na música brasileira. Kubik (2008) observa que ficou surpreso com a falta de reconhecimento das contribuições africanas, especialmente das raízes bantu, nas manifestações culturais do Brasil, como a congada em São Paulo e Minas Gerais. Segundo ele, muitos estudiosos viam a marujada na Bahia exclusivamente como um auto português centrado na figura do marinheiro. No entanto, para o Grupo musical Kachamba, formado por Gerhard Kubik e os irmãos angolanos Daniel e Donald Kachamba, que o acompanharam em turnê ao Brasil, não restam dúvidas de que essas tradições têm uma origem histórica na África Central, pois a estrutura e a corporalidade revelam claramente suas raízes.

Ao observar que o Bumba meu boi em Maceió, bem como a clientela da rede pública de ensino tem dentre seus participantes uma quantidade significativa de pessoas negras, pretas ou pardas, provenientes da periferia é crucial pensar numa educação que reflita e estruture formalmente o conhecimento ancestral de matriz africana. Nesse sentido, me alinho ao pensamento de LEITE, que diz:

Despertar esse pensamento crítico é, para nós, fundamental na colaboração da superação desse problema historicamente construído no Brasil: a dificuldade de compreender a complexidade das “culturas musicais dos negros”, ou seja, de compreendê-las como elaboradas, rigorosas, complexas e organizadas. Com isso, trabalhamos para não permitir que os argumentos superficiais ou mesmo distorcidos deem conta de fazer e explicar a produção (e educação) musical construída com base nas matrizes africanas, seja na música brasileira, ou em todas as outras que foram construídas ou influenciadas por elas. (LEITE, L. 2017, p. 57).

Diante dessa trajetória, tendo esses princípios norteadores, o professor desenvolve o método UPB que:

busca ensinar a música popular brasileira a partir da consciência de um conceito estrutural ligado às suas matrizes negras, obedecendo suas regras, métodos e conceitos seculares, em comum acordo com os conceitos de aprendizado musical desenvolvidos a partir da tradição de ensino musical europeu. (LEITE, 2017, p.37).

Ao voltar o olhar para o conhecimento advindo da diáspora, formador das bases da música brasileira, estruturando-o, o método UPB possibilita seu reconhecimento formal através da sistematização de uma erudição rítmica de matriz africana, documentando a riqueza dessa ciência que é a base da música brasileira. Desse modo, outras questões são levantadas e atravessam a realidade da comunidade escolar, proporcionando a oportunidade de abordar aspectos sociais e políticos que se conectam à vivência dos estudantes. Nas palavras de Letieres:

Ao longo das experiências vivenciadas na estruturação do Método UPB, percebemos que estamos buscando uma forma de estudar a música popular brasileira, aprofundando os conhecimentos em torno dessa cultura musical, e não somente pelo aspecto musical, mas pelo aspecto histórico, social e político, “tirando o véu” que se instalou de forma contundente e longínqua dentro dos estudos formais de música popular. (idem, p. 56 e 57).

2.4 INSTRUMENTOS MUSICAIS E RITMO

Atualmente, a música da brincadeira alagoana possui características próprias- tanto no que se refere ao ritmo quanto na seleção de instrumentos musicais utilizados- que não podem ser encontradas em nenhum outro Bumba meu boi no Brasil. Tais características tornam o som da brincadeira alagoana, único.

A célula rítmica mínima do Bumba meu boi maceioense é percebida pelo instrumento musical surdo. Nota-se que é composta por cinco sons que se repetem ao longo de um ciclo de quatro tempos, que corresponde ao compasso 4/4 (quatro tempos de semínima por compasso).

Figura 28 - Partitura da clave do Bumba meu Boi em Maceió (surdo).



Elaborado por Lílian Rodrigues da Silva

No contexto de teatro de revista, relatado por Rocha (1984, p.59) os instrumentos musicais que compunham a tradição eram: “Violão, Triângulo, Garrafa (pedaço de ferro percutido por um pedaço de vergalhão)”.

Atualmente, no cortejo, usa-se três instrumentos musicais para compor o grupo percussivo que são: o Surdo, o tarol e o repique. Essa instrumentação pode ser vista no relato de Leite (2017, p.30) que afirmou, ao trabalhar com os artistas em questão, que “O que caracterizava a sonoridade do Olodum, percussivamente falando, era o repique, os surdos e a caixa de guerra, o tarol”. Pode-se notar que o grupo baiano, reconhecido pelo ritmo do samba-reggae, utiliza os mesmos instrumentos presentes na bateria do Bumba Maceioense, sendo esses elementos cruciais para definir sua identidade musical. É nesse momento que se torna inevitável, em meu ponto de vista, observar similaridades entre o samba reggae e o Bumba meu boi de Maceió.

Em seus relatos, observados enquanto fazia a produção de 9 arranjos do cd de 20 anos do Olodum, Letieres (LEITE, 2017) diz que teve “algumas discussões muito interessantes, na época, sobre a base rítmica do Olodum, principalmente pela

influência da recém surgida Timbalada, que havia chegado e, de certo modo, protagonizado o timbau⁶⁰ como instrumento de solo”.

Em 2024 estive presente no 1º Festival da Zona Sul de Bumba meu Boi de Alagoas e verifiquei em diversos grupos a presença de timbau. Na ocasião, fiquei surpresa ao perceber a adição de mais um instrumento, o qual não estava presente na minha memória.

O timbau executa células rítmicas muito parecidas com o repique e se dispõe à frente do grupo, lado a lado com este instrumento, também fazendo a função de solista. Sobre a questão "Zé do boi em SILVA (2024) conta que o histórico inicial do Gavião com o timbau, se deu através de um dos integrantes que tinha amizade com um brincante de outro grupo, no bairro da Jatiúca. Ali ele aprendeu a tocar e quis integrar a novidade no boi do Vale do Reginaldo:

[...] Depois o Henrique foi lá fora e trouxe o timbau, né? Os cara tinha uma mania de botar um timbau. O timbau entrou no boi pela primeira vez através de um amigo nosso da Jatiuca, do boi Gato Guerreiro, o Jadilson. E de repente o Henrique pegou a manha. De repente o Henrique já tocava timbau também. [...] Aí na saída de rua tava lá o Henrique tocando. Mas era aquilo ali. Era à frente da bateria o repique e o timbau, e aí vinha os taróis e os surdos fazendo aquela linha ali, né? E de repente a gente dava uma de louco saía aí pelas ruas, era uma bateria boa a nossa bateria, era uma das melhores, né? (SILVA, 2024, 47:59).

Nota-se a possível referência de grupos musicais baianos com presença nos veículos de mídia, principalmente na década de 1990, quanto aos aspectos relacionados a seguir:

1. Influência do samba reggae na instrumentação base compatível a do Olodum; na inserção do timbau (que só não foi adicionado no grupo baiano, na ocasião da gravação do cd de 20 anos da banda, devido a pedidos de Letieres, fundamentados em seus estudos), que assim como o repique desempenha a função de instrumento solista (semelhante ao que acontece na Timbalada);

LEITE, L (2017, p.31) ao escrever sobre a estruturação musical presente nos desenhos de claves e suas levadas, toma o grupo Olodum como exemplo e diz que: “(...) terá sua variação correspondente nos surdos (“com dobra de um”, “dobra de dois”), tudo muito bem estruturado”. Em nota (p.67) informa o que os termos anteriores significam, explicando que na “dobra de um”: os surdos médios fazem variações com uma baqueta; dobra de dois, com duas baquetas”. Isso também

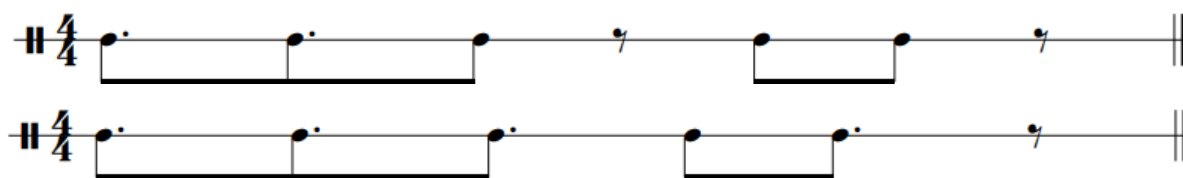
⁶⁰ Instrumento musical de percussão.

acontece na bateria do Boi em Maceió pois há células rítmicas executadas no surdo que são feitas utilizando uma ou duas baquetas, como veremos adiante.

2. Sobre o ritmo do Bumba meu boi de Maceió, evidenciado pela célula mínima semelhante ao samba reggae. Ambas as claves apresentam uma estrutura cíclica em um compasso quaternário (4/4), repetindo-se a cada quatro tempos. Cada uma delas é composta por cinco sons distribuídos ao longo do compasso. As duas claves iniciam no tempo forte, com os dois primeiros sons sendo colcheias pontuadas. O terceiro som surge exatamente no contratempo do segundo tempo. A principal diferença ocorre no quarto e quinto sons: na clave do bumba meu boi, esses ataques acontecem um quarto de tempo antes em relação à clave do samba-reggae, conferindo uma leve antecipação rítmica que distingue os dois padrões.

O andamento do samba-reggae geralmente varia em torno de 90 BPM⁶¹, enquanto o Bumba Meu Boi maceioense tende a ser mais acelerado, situando-se em aproximadamente 120 BPM. Essa diferença de andamento influencia diretamente a sensação rítmica de cada gênero, tornando o samba-reggae mais cadenciado e marcado, enquanto o Bumba Meu Boi maceioense apresenta um caráter mais enérgico.

Figura 29 - Comparação entre a clave de samba reggae (acima) e a clave do Bumba meu Boi (abaixo) Maceió



Elaborado por Lílian Rodrigues da Silva

3. No impacto de algumas canções de Edson Gomes e dos blocos de carnaval baianos na escolha de nomes de grupos de Bumba. Uma possível explicação para essas similaridades está na influência de grupos musicais baianos que ganharam grande visibilidade nos veículos de mídia, especialmente durante a década de 1990. Bandas como Olodum e Timbalada popularizaram o samba-reggae em nível nacional, promovendo uma ampla difusão de suas características rítmicas e estruturais. Esse processo pode ter contribuído para a assimilação de elementos sonoros semelhantes no Bumba meu Boi maceioense.

Em sua palestra sobre pesquisa musical africana (Kubik, 2008), traduzida por

⁶¹ Batidas por minuto

Tiago de Oliveira Pinto, o autor compartilha a experiência em sua primeira viagem a alguns países da África, em 1959, pela Tanganyika (hoje Tanzânia), Congo, Camarões, Nigéria e em Uganda. Posteriormente, em Malawi, Angola, integrou-se a um grupo musical formado pelos irmãos Daniel e Donald Kachamba, com os quais atuou por duas décadas. Em 1974, o grupo realizou uma turnê que incluiu apresentação no Brasil.

Os músicos ficaram profundamente impressionados ao perceber que os ecos da música africana estavam efetivamente presentes deste lado do Atlântico de forma vívida. “Logo percebemos que diferente de muitas crenças da época, os elementos culturais de origem africana no Brasil não se encontravam em vias de desaparecimento e muito menos se tratava apenas de aculturações, ou seja, de formas já em processo de degeneração cultural” (KUBIK, 2008, p. 96).

Leite (2017, p. 24) “costumava desenhar uma árvore das famílias rítmicas (...) com os galhos de seus gêneros mais significativos e suas ramificações”. O esquema da árvore, pensado pelo músico e pesquisador é muito interessante, onde os ritmos Jeje, Ketu e Angola - que fazem parte das tradições musicais africanas e estão ligados a diferentes grupos étnicos da África. O Jeje e o Ketu vêm da África Ocidental, de povos como os iorubás, enquanto Angola tem origem na região central da África, nas culturas Banto. Esses ritmos são importantes na formação de muitos estilos musicais afro-brasileiros, como o samba- são as raízes; O candomblé, o tronco. A partir daí desenvolve-se cinco galhos: Samba reggae sendo exemplificada pelo Olodum; Samba afro, ex.: Ileaiê; Ijexá, ex.: Filhos de Gandhi; Influência de ritmos pernambucanos (Frevo, Galope, Caboclinho), ex.: Chiclete com banana e Influência de ritmos caribenhos e funk, ex.: Timbalada. Observe a tabela que exemplifica o esquema da árvore idealizado por Letieres:

Quadro 08 - Desenho das famílias rítmicas que compõe o Axé music

Samba reggae	Samba afro	Ijexá	Influência de ritmos pernambucanos (Frevo, Galope, Caboclinho).	Influência de ritmos caribenhos e funk.
Candomblé				

Jeje	Ketu	Angola
------	------	--------

Fonte: LEITE (2017)

O ritmo abaixo descreve a batida do Bumba em Maceió. Para ilustrar, escolhi utilizar um repique, um tarol e 4 surdos, sendo que o 1 e o 2 realizam a batida que guardo na memória desde a infância (clave), o 3, a que ouvi no documentário “Nas quebradas do boi”, e o 4, a batida que aprendi com os estudantes⁶². Para executar as células descritas nos surdos de 1 a 3 pode-se utilizar apenas uma baqueta. Já para o ritmo descrito no surdo 4, necessita-se de duas baquetas. A proporção da quantidade de instrumentos que compõem os grupos de Bumba meu boi é, em média, de um tarol para um surdo (porém é comum que se tenha mais surdos) e apenas um repique. Em alguns casos, o timbal é adicionado.

Durante o cortejo os músicos realizam chamadas de introdução, breques, viradas, solos de repique e outros arranjos feitos pelo grupo, comandado pelo mestre de bateria. Interessante notar, que o instrumento mais grave do bumba meu boi de Maceió é o que executa a célula rítmica da clave. Essa característica se assemelha com a descrição feita por LEITE, L:

Percebi que nossa música era constituída e estruturada da mesma forma que a música cubana, inclusive pelas influências comuns de matrizes africanas, e que as claves se mantinham, mas mudavam apenas seus acompanhamentos, os ritmos secundários e as variações nos tambores, observações fundamentais para desvendar a estrutura da música oriunda da diáspora negra nas Américas. Por exemplo, em Cuba, o músico solista vai tocar no instrumento mais agudo (o Quinto), e no Brasil, o elemento que a gente chamaria solista, vai tocar no instrumento mais grave (o Rum). Então, há algumas trocas de direções, mas um dos fatos que seguramente “amarra” a música é sua clave principal. (LEITE, L, 2017, p.22).

Na ocasião do 1º Festival de Bumba meu Boi da Zona Sul, pude observar outros instrumentos inovadores como o trompete, por exemplo. De maneira alguma há a tradição de usar instrumentos melódicos ou até mesmo harmônicos na saída de rua do Bumba meu Boi em Maceió.

Acontece que durante a realização de festivais, devido à competição entre os grupos, à temática da apresentação ou até mesmo pelo desejo dos integrantes, há a introdução de outros instrumentos musicais, como por exemplo, no Boi Axé, do bairro da Jatiúca em Maceió onde fui convidada a participar do grupo para o Festival do ano de 2024 na função de tocar flauta transversal. Somando-se ao meu instrumento e aos instrumentos tradicionais, também há um teclado e um vocal.

⁶² E que também é utilizada nos grupos de Bumba meu Boi de Maceió.

Figura 30 - Partitura dos ritmos de Bumba meu Boi em Maceió (Repique, Tarol, surdo 1, surdo 2, surdo 3 e surdo 4).

Elaborado por Lílian Rodrigues da Silva

Durante o cortejo, além dos instrumentos musicais percussivos há também os vocais entoados pela população e pelos brincantes e que compõem a obra musical: Ê boi! Cada sílaba perdura os 4 tempos do compasso e se repetem diversas vezes conforme a vontade dos brincantes.

Figura 31 - Partitura da melodia entoada por brincantes durante o cortejo: ê boi.

Elaborado por Lílian Rodrigues da Silva

2.3.1 O Surdo é um instrumento musical que pode ser tocado com uma baqueta ou duas, de acordo com o ritmo e é responsável pelo som grave. Também é o instrumento ao qual as pessoas podem reconhecer facilmente a batida.⁶³ A célula rítmica executada pelo surdo é mais facilmente absorvida pelos brincantes. A marcação grave e forte do surdo é o coração pulsante do Bumba meu Boi.

Vale destacar que no documentário “Nas Quebradas do Boi” (MACHADO, 2019), um dos músicos do grupo musical Tequila Bomb, Bruno Brandão⁶⁴, ao ouvir o ritmo do Boi a fim de realizar gravação sonora, internaliza a clave, documentando

⁶³ Nome dado popularmente em Alagoas ao ritmo do Bumba meu boi

⁶⁴ @vulgobr_oficial

este momento. Observe a seguir, respectivamente as escritas rítmicas da clave de Bumba Meu Boi, Variação rítmica executada com uma baqueta (Machado, 2019) e o ritmo mais utilizado atualmente, executado com duas baquetas.

Figura 32 - Clave do Bumba meu boi (Batida da minha memória) executada pelo surdo



Elaborado por Lílian Rodrigues da Silva

Figura 33 - Variação do ritmo do Bumba meu boi maceioense executado pelo surdo com uma baqueta



Elaborado por Lílian Rodrigues da Silva

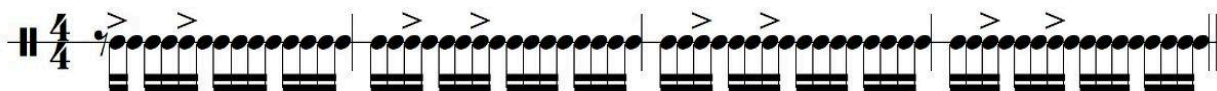
Figura 34 - Ritmo do Bumba meu boi maceioense executado pelo surdo com duas baquetas



Elaborado por Lílian Rodrigues da Silva

2.3.2 O tarol traz um timbre especial. É um instrumento que marca sua presença se destacando dos demais, de modo que é nitidamente percebido devido à altura⁶⁵ e volume de seu som. No entanto, seu ritmo não é tão facilmente absorvido pelos ouvidos em geral (no sentido de não ser de fácil reprodução quanto o ritmo do surdo), mas é o instrumento que traz uma característica marcante de movimento sonoro própria do Bumba meu Boi alagoano.

Figura 35 - Ritmo do bumba meu boi maceioense executado pelo tarol



Elaborado por Lílian Rodrigues da Silva

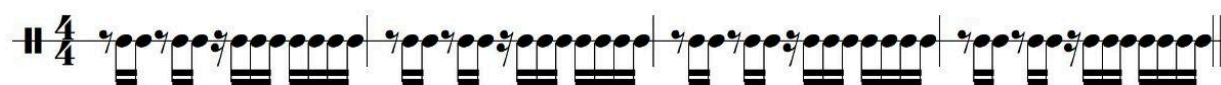
A marcação do tarol é essencial, evidenciando o deslocamento do tempo forte em síncope. O contraste entre as células rítmicas executadas pelo tarol e pelo surdo, conferem a base do ritmo do Bumba meu Boi em Maceió.

⁶⁵ Som agudo

2.3.3 O repique é o instrumento que se destaca dos demais por possuir uma frequência aguda. É usado pelo chefe de bateria e se estrutura musicalmente em improvisos, sendo perceptível também por fazer uma sequência rítmica que caracteriza chamada dos outros instrumentos, ou seja, a introdução, além dos breques e floreios.

Nota-se que a célula rítmica é composta por dois compassos que se repetem. Observamos que o ritmo começa em anacruse e é composto por semicolcheias. Os deslocamentos de tempos fortes também podem ser vistos na terceira semicolcheia do segundo tempo do primeiro compasso; na segunda semicolcheia do primeiro tempo do segundo compasso; na terceira semicolcheia do primeiro e segundo tempo do terceiro compasso, e na segunda semicolcheia do primeiro tempo do quarto compasso. O ritmo executado pelo tarol é o que caracteriza o Bumba meu boi alagoano. Talvez seja o ritmo menos perceptível do público em geral, porém é o esqueleto da música e nele se sustentam as outras células rítmicas.

Figura 36 - Ritmo do bumba meu boi maceioense executado pelo repique



Elaborado por Lílian Rodrigues da Silva

A chamada do repique é um momento no qual ele executa um solo que convida os demais instrumentos a entrarem no arranjo. O mestre de bateria pode criar seu próprio arranjo de acordo com a sonoridade desejada. Irei descrever duas chamadas de introdução protagonizadas pelo repique, uma que guardo na memória, estando presente involuntariamente nos ensaios do boi Gavião e outra que aprendi recentemente em contato com estudantes de arte que estão inseridos na brincadeira em Massagueira.

Nesse exemplo, o repique se destaca ao estabelecer um diálogo com os demais instrumentos do grupo, que se desenvolve ao longo de 4 compassos. O som do rufo é particularmente marcante e a transição dessa introdução para o ritmo principal é algo que, embora contrastante, revela uma cadência harmoniosa, resultando em uma passagem fluida.

A seguir, a chamada do repique conforme minha memória, de acordo com os ensaios que participei involuntariamente ouvindo a bateria do Boi Gavião.

Figura 37 - Chamada do repique conforme minha memória

The musical score is written for a drum ensemble. It consists of three systems of staves. The first system has six staves: Repique, Tarol, Surdo 1, Surdo 2, Surdo 3, and Surdo 4. The Repique staff has a complex rhythmic pattern with many eighth and sixteenth notes. The other staves have a simpler pattern with mostly quarter and eighth notes. The second system has six staves. The Repique staff has a more complex pattern with many eighth and sixteenth notes. The other staves have a more complex pattern with many eighth and sixteenth notes. The third system has six staves. The Repique staff has a final pattern with many eighth and sixteenth notes. The other staves have a final pattern with many eighth and sixteenth notes. The score is written in 4/4 time and includes a key signature of one sharp (F#).

Elaborado por Lílian Rodrigues da Silva

Durante as oficinas e aulas, os estudantes que participam do Boi Pérola, executavam arranjos e ritmos do Bumba. Dentre esses momentos, pude perceber uma chamada de introdução, feita pelo repique, diferente da que eu lembrava. Mais curta e muito eficaz para convidar os demais instrumentos a se juntarem à execução musical. Veja a seguir:

Figura 38 - Chamada do repique conforme aprendi com meus alunos

The musical score is written for a 4/4 time signature. It consists of two systems of staves. The first system includes staves for Repique, Tarol, Surdo 1, Surdo 2, Surdo 3, and Surdo 4. The Repique staff shows a short phrase starting with a triplet of eighth notes. The Tarol staff shows a response with a series of eighth notes. The Surdo staves show a response with a series of eighth notes. The second system shows a continuation of the rhythmic pattern, with the Repique playing a series of eighth notes and the Tarol and Surdos responding with a similar pattern.

Elaborado por Lílian Rodrigues da Silva

Nesse exemplo, a introdução, realizada exclusivamente pelo repique, se mantém por apenas um compasso, como se o instrumento estivesse provocando os demais a responderem ao seu breve monólogo. É uma introdução curta e assertiva, onde também podemos perceber a presença do rufo.

2.5 APITOS

O vaqueiro utiliza um apito ao conduzir e performar sua dança junto com o Boi. O apito do Vaqueiro tem a função de chamar a atenção do condutor ou, rítmica. O som agudo do apito pode fazer uma unidade rítmica que geralmente se contrapõe ao surdo, no 3 e 4 tempo do compasso. Também pode realizar outras unidades rítmicas intercalando sons longos e/ou curtos.

O vaqueiro usa o apito para chamar a atenção do seu condutor, o "boi". Alguns também ficam apitando durante a apresentação, mas eu não aconselho muito. Quando estou na arena, faço mais a função de chamar a atenção do meu condutor, uso mais a parte de interpretação, cantando a música do boi e sorrindo para o público, focando mais na parte teatral. (SANTOS, 2024, Apêndice F).

O mestre da bateria também pode utilizar o apito de modo a chamar atenção dos músicos, enfatizando os momentos de realizar determinados arranjos musicais como breques e viradas, por exemplo. Não costuma acontecer durante o cortejo.

2.6 CONFECÇÃO DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS

Zé do Boi em Silva (2024a, 29:25), revela que no início das atividades com o Gavião, quando ainda não sabiam a respeito de como confeccionar a percussão, eles alugavam os instrumentos musicais. O aluguel era feito na Escola de Samba 13 de Maio, no Jacintinho, ao proprietário, um senhor chamado Índio. No ato do aluguel um dos integrantes deixava seu documento como garantia e só podia pegá-lo, na devolução da percussão, quando fizesse o pagamento da quantia combinada. Posteriormente o grupo começou a construir laços de amizade com integrantes de outros Bumbas, de modo que alugaram deles os instrumentos musicais desejados. Por fim, os próprios membros começaram a construir os instrumentos musicais. Sendo os de madeira preferidos entre os brincantes. “[...] A maioria dos instrumentos não era como hoje. Hoje no boi ninguém quer instrumento de metal. A galera gosta mais de usar o instrumento de madeira. E hoje a galera já confecciona. Hoje já aprenderam a fazer os instrumentos”. Zé do boi em Silva (2004a, 29:46).

O documentário “Nas quebradas do boi” (MACHADO, 2019) mostra os integrantes do grupo confeccionando os próprios instrumentos musicais. É importante ressaltar que na ocasião, o grupo, parado há muitos anos, reativou os procedimentos utilizados no Boi Gavião. De modo que nota-se que são utilizadas folhas de madeira, cola, espuma e couro para as atividades de luthieria. Veteranos e fundadores revelaram (MACHADO, 2019) que foi em 1993 que se reuniram para dar vida à brincadeira do Boi e que a primeira vez que surgiu a ideia eles confeccionaram os instrumentos musicais por conta própria. “Sempre é um prazer quando se junta aqui os veteranos do boi. Fazendo história desde 1993”.

O líder do grupo revela que alguns integrantes começaram a dominar a construção dos instrumentos musicais e com isso, tornou-se desnecessária a prática de alugar. Compravam pele, varões rosqueados para estruturar a afinação, dentre outros materiais:

[...] os caras fechavam instrumento, o Nino, o Joacy, quando chegou. O Quinho também sempre fechou instrumento com a galera. Enfim, quando a galera começou a aprender a fazer os instrumentos, não quis mais alugar. Começaram a fazer, comprar pele e tal, comprava os varões rosqueados, né? Que faz a afinação (SILVA, 2024, 30:34).

Eles passaram por processos de tentativas variadas de utilização de técnicas e materiais, chegando a fazer uso inicialmente de pele animal, a qual possuía um timbre muito agradável e propício para a brincadeira. A afinação era realizada através do tensionamento do couro. Porém, era sensível às ações climáticas como a chuva, por exemplo:

No estica e tal. Mas aí [a afinação] folgava muito. Eu lembro que a gente ainda saiu um belo ano com instrumentos de pele animal. Mas aí tinha uma dificuldade - um som bonito, mas que som bonito é o instrumento com pele de animal. Aí na batida do boi é que ele fica muito bonito. - mas quando chegava na rua, no que chovia, pronto. O cara quando olhava assim dizia: -Eita, vai chover. Corre, esconde os instrumentos, tal. Porque se molhar acabou tudo, não adianta tocar não, enfim (SILVA, 2024a, 31:42).

A vontade de brincar era tanta que José Carlos e os amigos se utilizaram de baldes e sacolas plásticas resistentes tensionadas por tiras de borrachas feitas de câmara de ar de pneu de bicicleta:

Na verdade, a gente já chegou a sair até com plástico, que não era um instrumento, era um balde, tirar o fundo e aí pegava um plástico grosso, aqueles plásticos preto, esticava ele aqui, pegava umas borrachas e esticava forte, fazia coisa bem artesanal, parecendo o instrumento do Índio⁶⁶. E era na borracha⁶⁷. (SILVA, 2024a, 31:12).

Atualmente o instrumental pode ser confeccionado manualmente, porém observa-se a predominância de instrumentos de latão e pele sintética que são encontrados em lojas de instrumentos musicais: “Mas aí depois a gente começou a usar pele leitosa⁶⁸, enfim, que era o que todo mundo usava. A escola de samba já tava por ali também, enfim. E a gente começou a usar as peles que se usa hoje” (SILVA, 2024a, 32:11).

2.7 FAZENDO BARULHO NA ESCOLA

Considerou-se o fato de que alguns alunos já tinham um prévio contato com a brincadeira, visto que existem dois grupos de Bumba Meu Boi atuantes na comunidade e, onde alguns jovens da escola convivem de perto ou até mesmo fazem parte, como membros. Outros, nunca vivenciaram a brincadeira. Com isso em mente, optou-se por uma nova abordagem para o contato inicial com a temática.

⁶⁶ Proprietário da Escola de Samba onde os brincantes do Boi Gavião alugaram instrumentos musicais.

⁶⁷ Feita com câmara de ar de bicicleta.

⁶⁸ Tipo de pele sintética para instrumentos de percussão.

Em 2022, o Boi Pérola esteve na escola no início de setembro, marcando o meio do 3º bimestre. Já em 2024, os alunos tiveram seu primeiro contato com o Bumba da Ilha de Santa Rita nas primeiras semanas do bimestre. Este realizou apresentação e oficina imersiva para que todos pudessem conhecer, na prática, a arte visual, musical e a riqueza da dança que essa tradição proporciona. O objetivo era fazer com que os estudantes ficassem empolgados e tivessem uma referência sobre o assunto quando fossem estudar em sala de aula, despertando o interesse pela aprendizagem. Na ocasião, os alunos tiveram um contato de vivência, experimentação e fruição artística, num ambiente de apresentação e oficina, puderam aprender e dirimir dúvidas.

Ednaldo, fundador e líder do Boi Pérola, mostrou os instrumentos musicais que compõem o grupo. Os músicos tocaram e convidaram os estudantes que estivessem se sentindo à vontade, para se juntar a eles. Alguns alunos levantaram de seus lugares e experimentaram pegar os instrumentos musicais. O grupo tocava e os alunos tentavam se inserir no que estavam fazendo. Ao final da tarde o boi Pérola realizou uma apresentação onde estava presente toda a comunidade escolar. Na ocasião, o fundador do grupo convidou professores e alunos, oferecendo-lhes o bastão do vaqueiro para que entrassem na brincadeira e tomassem seu lugar na interação com o Bumba. Esse foi um momento de grande engajamento e diversão entre os presentes. Para muitos estudantes foi o primeiro contato com a tradição cultural.

Nas aulas seguintes deu-se prosseguimento ao processo de aprendizagem musical. A primeira aula foi pensada para que o ritmo fosse apreciado e internalizado. Para isso, foram utilizados como ponto de partida, 2 movimentos da suíte “Festança”- que se inspira em algumas tradições alagoanas como o Boi e o Guerreiro - do compositor alagoano Almir Medeiros. O 1º movimento, denominado “Novena”, oferece uma redução da célula rítmica (do Bumba meu boi), focada no surdo, que inicia com três batidas nos dois primeiros compassos e pausas no terceiro e quarto compasso.

Essa célula se repete 19 vezes. Em seguida, as pausas são reduzidas e o ritmo do surdo é reproduzido mais vezes. Os alunos já haviam apreciado o ritmo do Bumba desde as aulas anteriores, enquanto confeccionavam o Boi e durante a vivência com o Pérola. A partir deste ponto, focaram na escuta de “Festança”,

concentrando-se no som e nas pausas. Tal observação e internalização das pausas entre uma célula rítmica e outra é um ponto essencial para a aprendizagem rítmica. “Utiliza-se o termo “tocar em clave” ou “clave consciente” para descrever a execução ou escuta musical que identifica e compreende a assinatura rítmica ao redor da qual está organizada uma determinada música”. (LEITE. L, 2017, p. 21).

Figura 39 - Oficina com Bumba meu Boi Pérola na Escola Titara



Fotógrafa: Lílian Rodrigues da Silva

Proporcionar aos alunos a apreensão dessa unidade mínima do ritmo que estão estudando é um momento crucial na aprendizagem. É muito importante falar a respeito da utilização do método UPB dentro dessas narrativas que incluem o saber tradicional dentro da sala de aula. Uma de suas proposições, é a formação da roda banto, que utiliza o movimento corporal para a internalização da música. A partir daí pode-se pensar na elaboração de uma aula onde os alunos possam caminhar dentro da pulsação 4 por 4, que é a pulsação característica do ritmo do bumba meu boi maceioense. Em seguida os estudantes fazem com a mão a marcação do surdo que faz a redução desse ritmo dentro da clave. Letieres Leite (2017) diz que:

Entendemos que a compreensão e absorção dos padrões rítmicos relacionados às músicas de matrizes africanas, nesse caso, os toques do

universo percussivo baiano e da música popular em geral, precisam ser entendidos em simultaneidade com o corpo e suas cognições. Nas minhas experiências de ensino durante anos, percebi que a compreensão da clave rítmica pelo corpo era muito mais “poderosa” quando acontecia através de uma vivência coletiva e num formato circular, estando em sintonia com essas funções musicais num processo de absorção corporal. (LEITE, 2017, p. 53).

Figura 40 - Aprendizagem do ritmo Bumba meu Boi.



Fotógrafa: Lílian Rodrigues da Silva. Da esquerda para a direita as estudantes: Helena Beatriz da Silva, Thalita da Silva Costa, Luanny Mariah Conceição Vieira, Gabriela Berto de Souza, Ana Beatriz Rodrigues dos Santos.

Um outro momento de aprendizagem ocorreu quando os estudantes se dispuseram a tocar o surdo acompanhando a obra de Almir Medeiros. Na ocasião, tínhamos 5 mini alfaías (que estavam fazendo o papel do timbre grave do surdo) e um tarol. Os alunos se revezaram em grupos de 5 pessoas para tocar, acompanhando o ritmo dos dois primeiros movimentos de Festança. De início, ficaram tímidos, uns mais que outros e alguns estudantes se destacaram, inclusive ajudando ou liderando seu grupo.

Observou-se que a parte mais difícil de internalizar era a pausa que em dado momento durava entre o 4º tempo do primeiro compasso até o 4º tempo do segundo compasso. A partir daí uma das turmas (2104), de forma descontraída, entre risos,

criou a seguinte onomatopeia: “bora matar a chapa”. Ao falar sobre palavras que imitam sons, Letieres Leite faz uma observação:

“(…) é possível utilizar onomatopeias na execução das claves com a voz. Em geral, é um recurso bastante funcional pois leva as pessoas à internalizarem a sonoridade da clave, e estimula um aprendizado instantâneo dessa informação rítmica. Esse modus é um dos princípios de transmissão oral no interior das comunidades de Terreiro, por exemplo”. (LEITE, L. 2017, p.52).

A frase criada pelos alunos não é uma onomatopeia no sentido clássico. No entanto, pode ser entendida como uma expressão que traduz o ritmo próprio ao contexto. A turma 2I03 também criou uma imitação sonora: “taracatacata” que serviu como base para fixação daquele trecho do ritmo. Acredito que esses foram momentos poderosos da aprendizagem, principalmente por ter partido dos alunos, de forma tão espontânea. O que se torna ainda mais interessante quando, de modo geral, até o momento e apesar das brincadeiras, essas turmas demonstraram maior compreensão do ritmo do Bumba meu boi após as criações de representações fonéticas. O fundador do método UPB diz que ao utilizar as onomatopeias:

(...) estamos buscando empoderar a/o instrumentista sobre a informação ancestral de uma determinada clave gerando uma consciência maior da percepção rítmica da música, assim como uma subsequente execução musical individual e coletiva mais integrada, alcançando dessa forma o que chamamos comumente de “balanço natural” da música (Leite, 2017, p.52).

Nessa etapa começo a refletir sobre o papel do professor no processo de aprendizagem. Muitas vezes é tentador ter controle do ambiente de aula de modo que um momento onde os alunos estão brincando pode ser considerado como indisciplina, mas é exatamente dessa forma que se demonstra uma das possibilidades de real interação deles com a aprendizagem. É papel do professor absorver esse conhecimento que o aluno está transmitindo e que sinaliza sua compreensão sobre a temática que pode ser até mesmo anterior à sala de aula, devido à vivência dos estudantes, e é por isso que podem apresentar uma maior compreensão sobre ritmos do que até mesmo o professor. Deixar o ambiente de aprendizagem acolhedor, garantindo o direito de interação é algo a ser construído durante todo o processo da vida do educador.

Repetimos o procedimento na aula seguinte, desta vez adicionando o ritmo do tarol. Inicialmente foi feito com o corpo, onde os estudantes investigaram sonoridades graves e agudas, como por exemplo o timbre das palmas com as mãos esticadas (agudo) e em formato de concha (grave). Em seguida foram

disponibilizados palitinhos de hashi percutidos nas mesas de estudos, para que os alunos pudessem acompanhar o ritmo do instrumento de forma mais confortável para quem estava iniciando. A turma se dividia e se revezava entre instrumentos musicais para executar o som grave e palitinhos de hashi para executar o som agudo.

No terceiro momento, contamos com a presença do ex aluno, Pedro Victor Alves, membro do grupo de Bumba meu boi Pérola, para realizar duas oficinas com cada uma das 4 turmas de segunda série. Essas oficinas aconteceram nos dias 22 e 29 de maio de 2024.

Victor iniciou a oficina falando sobre os instrumentos musicais, e foi mostrando aos alunos, na prática, e de forma mais detalhada, os sons, os timbres e os ritmos de cada um deles. Posteriormente, dividiu os estudantes em dois grupos. Incentivou o grupo do surdo a tocar executando o ritmo principal e em seguida incentivou o grupo do tarol a acompanhá-los. Para isso, contava com um estudante daquela turma que já tinha contato com o Bumba.

No início, tiveram dificuldade, mas com o passar do tempo o ritmo ia sendo cada vez mais desenvolvido. Às vezes, precisava parar e focar exclusivamente no som do tarol. Outras vezes pedia para que os estudantes ouvissem apenas ele e outra pessoa tocando. Esses movimentos de ensino aprendizagem perduraram durante uma aula, quando tocava o sinal da escola avisando que era hora de outra turma iniciar a oficina. A estratégia também se estendeu durante a oficina da semana seguinte. No intervalo das aulas, ou em horários vagos, os estudantes podiam praticar o que haviam aprendido utilizando os instrumentos musicais. Geralmente havia algum aluno na turma, ou até mesmo de outras turmas, que conduziam essas práticas, que eram espontâneas entre eles. Esse movimento durou por todo o bimestre.

A última semana da oficina com Vitor contou com um encerramento muito especial: ele explicou para os estudantes que haveria uma diferença entre o que estavam aprendendo ali na escola e o momento em que fossem participar do cortejo.

Figura 41 - Oficina de ritmos Bumba meu Boi com Pedro Victor Alves



Fotógrafo: Anderson Adriel Santos Farias. Da esquerda para a direita: Pedro Victor Alves, Deise da Silva Sales, Gabriely Santos da Silva, Werly Ribeiro de Souza

Na escola tocam parados, no cortejo, caminhando. Por esse motivo, ensinou quais seriam os movimentos que os estudantes teriam que fazer ao se deslocar com o instrumento durante o trajeto para facilitar o andamento do ritmo na procissão. Desse modo, caminharam dando um passo com o pé direito para o lado direito, em diagonal para frente; juntaram o pé esquerdo ao pé direito e fizeram o mesmo processo, agora iniciando com o pé esquerdo. Esses movimentos iam se intercalando no trajeto. Assim foram os três momentos de aprendizagem musical do ritmo do Bumba meu boi.

CAPÍTULO 3 - O CORTEJO

No contexto do Reisado, o Auto do Bumba Meu Boi ocorria de forma itinerante, podendo ser apresentado em locais previamente combinados, espaços públicos ou na casa de moradores da comunidade. Théo Brandão (2003) revela que durante o deslocamento do grupo até o local da apresentação, não eram executadas marchas, limitando-se ao som do aboio dos Mateus. Somente ao chegar em frente às casas era entoada a primeira canção, marcando o pedido de abrigão de porta. Em seguida, havia um desfile de bichos que dançavam ao som de uma canção entoada pelo coro. Mateus e Catirina apresentavam esses bichos, que entravam em cena um a um, seja nas residências ou nos espaços públicos onde a encenação ocorria.

Atualmente, o cortejo é o momento em que todo o grupo de brincantes se junta à população em um desfile pelas ruas da comunidade acompanhando o Boi. No Vale do Reginaldo, tal momento se chamava saída de rua, como informa o fundador do primeiro bumba meu boi da região em SILVA (2024, 27:05): “É ‘vai sair’. Aí sair eu também saio todo dia. Não, vamos sair é o boi fazer sua saída de rua. É seu cortejo em sua comunidade, nas comunidades vizinhas, tal”.

O povo ia pra rua pra ver o boi chegando. Era muito arretada⁶⁹ a saída de rua. A família participava, era moleque com o menino puxando na ponta da saia e ali atrás... E, não eram duas ou 10 pessoas, era muita gente mesmo. Era muita gente. Era um bloco na rua. Era um bloco mesmo. A comunidade inteira participava. (SILVA, 2024, 28:18).

Os tambores avisam aos locais que a procissão está acontecendo. Em Silva (2024a, 20:20) há o relato de Zé Carlos que diz:

“Como é que eu gostei de aprender do Boi? Tô aqui em casa, tal, de repente eu tô ouvindo aquele barulho ao longe: dum, dum, dum⁷⁰. Eita, Boi! -Fulano, tá ouvindo aí, ó? É um boi! -Ih, oxe, e tá onde? -Oxe, tá no Poço. Vamos lá!”. “Aí juntava aquele monte de moleque e corria para lá. E foi assim que a gente aprendeu a gostar do boi. Então, os meninos, o pessoal, a mãe dos meninos, todo mundo quando ouvia o som, corria todo mundo para lá”.

À frente do cortejo encontram-se o vaqueiro, e o Boi. Aquele vai conduzindo, desafiando, dançando e interagindo com o animal que também dança e interage com a população. Em seguida encontra-se o mestre de bateria e os percussionistas. Em meio aos brincantes também encontram-se personagens mascarados, os La

⁶⁹ Bacana, legal.

⁷⁰ Reproduz com a boca os três primeiros sons da clave de Bumba meu Boi

ursos. Por último a população que acompanha o cortejo. Zé do Boi relata que, num cortejo de boi, a ordem é a seguinte:

[...] lá na frente o vaqueiro, e o condutor, fazendo a performance lá com o boi, logo atrás vem o cara do repique, enfim, se for um timbal ou um djembe, enfim. Mas sempre, sempre é o repique. Aí lá na frente vem o repique, coordenando, orquestrando a bateria. E aí vem uma bateria de tarol e atrás uma bateria de surdo. Ou eles entrelaçam entre si o tarol e o surdo. Às vezes os caras botam um tarol do lado sudo: um tarol, um sudo, enfim. A saída de Rua era bem organizada. (SILVA, 2024, 48:57).

O gosto pela saída de rua era tanto que os brincantes se aventuravam por muitas horas, em uma caminhada extensa, expostos ao sol forte, carregando por vezes o peso da personagem principal ou dos instrumentos musicais e mesmo assim não queriam saber de parar. “E a gente saía, e o gosto pela saída de rua era incrível. Porque a gente saía de manhã, digamos, ó, o boi vai sair umas 9 horas, a gente já tava por ali para sair. Saía o boi e chegava somente à noite. Comia na rua. Ia longe”, diz Zé do boi em Silva (2024a). A afirmação sobre a extensa quantidade de horas na realização do cortejo também foi relatada pela fundadora do Boi Trovão em Silva (2024) e pelo presidente da Liga de Grupos de Bumba Meu Boi de Maceió (SILVA, 2025) que afirma que seu grupo saía às sextas-feiras, sábados ou domingos iniciando às 8h e encerrando por volta das 22h.

É relevante destacar o trajeto que a saída de rua realizava. Esse entendimento serve como base para compreender algumas características importantes da tradição. Alan (SILVA, 2025) descreve um percurso de aproximadamente 18 km, numa janela de tempo de 14h30. O Boi Águia de Ouro saía da Ponta da Terra em direção ao bairro de Jatiúca, passando pelo Jacintinho e descendo pela grota do Zé do Boi para adentrar o Vale do Reginaldo e só então voltar ao ponto inicial. Esse relato me deixa curiosa, pois na época havia uma suposta rivalidade entre a Ponta da Terra e o Vale.

Já o Boi Gavião realizava sua saída de rua da maneira descrita a seguir. Primeiramente havia a concentração, onde os brincantes se reuniam em um local pré estabelecido, começavam a tocar pra fazer um aquecimento e posteriormente davam início ao cortejo. Um fato interessante é que um dos locais de início era a rua onde cresci, como nos informa José Carlos dos Santos:

Então, o segredo era na hora da saída, a gente costumava parar em um dos locais. A gente sempre gostava de parar ali perto da sua casa, ali no Conjunto Melo Costa, mais ou menos em frente à casa do Neno ou em frente à casa da Vicentina. Parava ali na porta, começava a tocar: pá pá

pá⁷¹ e quando pensa que não o povo ia olhando, ia olhando, pensa que não, era tanta gente que já tava junto. Eu digo: Agora vamos pra rua! E aí saía. (SILVAa, 2024, 20:44).

Após a concentração, dava-se início à saída de rua, onde percorriam o Vale do Reginaldo e outras localidades, saíam em comunidades e bairros vizinhos, além de que, quando o grupo tinha amizade com brincantes de outros Bois, se deslocavam até a sede destes, durante o cortejo. O fundador do boi Gavião revela que:

[...] A gente não saía só no [Vale do] Reginaldo. A gente saía em comunidades vizinhas, tipo, já era figurinha carimbada no bairro do Poço, né? No Bairro do Poço a gente passava muito bem-vindo, subia de a pé com aquele boizão na cabeça pra ir pro Jacintinho. Também ia visitar a área do [Boi] Rastafari, né? A gente ia pro Poço, ia visitar a área do Escorpião. Ah, enfim.. A gente ia visitar áreas de alguns Bois. (SILVA, 2024a, 17:28).

O Boi seguia o cortejo nessas localidades. Os brincantes, entusiasmados, atuavam em seus papéis, como condutores, personagens, músicos e o grupo seguia anunciando através dos tambores que o Gavião estava na área. A população acompanhava e a paixão pela brincadeira era tanta que:

[...] na hora de ir pro Jacintinho, a mãe botava os menino no braço aqui e tal e ela era torcedora fera, os torcedores fera. Era um sufoco pros ônibus circular no Jacintinho porque ia uma multidão que, digamos que parecia quando termina um jogo de CSA e CRB,⁷² quando vê aquele monte de gente pela Avenida Siqueira Campos⁷³, aquele povo vem de a pés, enfim. Era muito desse jeito. A multidão acompanhava (SILVA, 2024a, 18:07).

Ao chegarem no território de outro grupo de Bumba amigo, eles se cumprimentavam, eram recebidos pelos integrantes, pela comunidade. Esse encontro podia ser espontâneo ou pré agendado. Na ocasião, brincavam juntos, numa dança que se chamava: cruzamento. O cruzamento dos bois nada mais era que apoiar a cabeça de um boi na do outro, dançando e performando juntos, demonstrando a união entre eles. O primeiro presidente da Liga conta que: “[...] os Bois quando se encontravam na rua iam cruzar. Aí, pega aqui, cruzava um com o outro e tal, que era celebração. Junta uma cabeça na outra e todo mundo tocando firme e tal. É um ato de celebração”. Silva (2024a, 24:20). Revela ainda que “era uma dança, era como um tempo de cumprimentar: - Bora botar o boi para cruzar!”.

⁷¹ Reproduz o início da clave do Bumba meu Boi

⁷² Centro Sportivo Alagoano (CSA) e Clube de Regatas Brasil (CRB) são times de futebol alagoano.

⁷³ O Estádio Rei Pelé, maior de Alagoas, está localizado na Avenida Siqueira Campos, no bairro do Trapiche. Quando acaba um grande jogo as pessoas congestionam as vias da avenida ao saírem do estádio.

Figura 42 - Bumbas meu Boi executando a dança amistosa do cruzamento



Fotógrafo: Christiano Barros

Também existiam rixas entre grupos. Algumas delas se davam através de disputas leves, como os grupos passarem em um beco estreito, desafiando quem conseguiria sair primeiro. Passar no território de outro grupo, no momento em que seu Boi estava na saída de rua e levar embora o pessoal da comunidade (brincantes). Nesse caso, a quantidade de pessoas que seguia o Boi definia quem venceu a disputa. Essas intrigas eram motivo de risos para o grupo vencedor. No entanto, alguns brincantes deixavam de se falar, ficavam realmente chateados e cultivavam uma rivalidade acirrada, onde um sempre queria vencer. Zé do boi em SILVA (2024a, 34:34) se diverte ao lembrar:

“a gente ‘mais ganhava’. A resenha toda era porque a gente tinha uma torcida maior, o primeiro e tal. Era o pioneiro do lugar, né?”. [...] tinha gente que virava inimigo, quando era tempo dos Bois sair na rua, e às vezes, ficava sem se falar. Parecia mais um Garantido e Caprichoso⁷⁴. Tinha gente que nem falava o nome do [Boi] [...].

Os momentos de disputa entre grupos também podiam acontecer de forma não proposital, quando os Bois se encontravam no mesmo ponto do território durante suas respectivas saídas de rua. José Carlos dos Santos em Silva (2024a, 35:45) diz: “[...] O que dava a zoada é que vinha os Bois, vinha os dois. Um vinha de lá de dentro do Reginaldo, que a gente pra sair, a gente ia logo lá dentro. [...] Pronto.

⁷⁴Garantido e Caprichoso são bois-bumbás que disputam o Festival de Parintins, no estado do Amazonas.

Aí quando, na volta, o Boi Leão tava na rua. Aí tinha que passar um pelo outro”. Relembra ainda (idem, 2024a, 36:22) que atrair pessoas para acompanhar o cortejo era sinônimo de vitória nessas disputas: “Quando a gente passava, o Boi Leão seguia, só os caras tocando e o povo tudinho descia com o Gavião. Eita, mas a gente ficava mangando.”⁷⁵ Era uma festa mangar do outro. Aí foi que virou inimigo mesmo, enfim”.

Quando os brincantes eram adversários de grupos de outros bairros a rivalidade podia ser mais séria. “Tinha quem não gostava. É, [Vale do] Reginaldo não era muito bem com passar na Ponta da Terra, era uma rivalidade terrível”. Revela Zé do boi em SILVA (2024a, 24:14). Ao existirem rixas que iam para além da brincadeira, ou simplesmente por rivalidade exacerbada, o embate se tornaria agressivo. Há, no imaginário coletivo a ideia de desentendimentos, xingamentos, conflitos físicos, porte de armas brancas, violência, proibição de transitar em determinados territórios e destruição do Bumba rival. Lima (2022, p.33) afirma:

“que os grupos viviam brigando como que em ‘Guerra’ para mostrar que o seu Boi era o melhor. Muitos deles eram proibidos de desfilar nas ruas de outros Bois, principalmente no dos Bois da Ponta da Terra ou do bairro Reginaldo. Caso desfilassem sem a autorização, o Boi corria o risco de ser destruído na rua mesmo e sempre acabava em briga algumas até mais sérias”.

Minhas próprias memórias também trazem cenas de conflito, porém, é importante ressaltar que, todos os entrevistados com quem conversei enfatizaram que seus Bois eram contrários à violência. Apesar dos relatos sobre a rivalidade entre Reginaldo e Ponta da Terra, o Boi Águia de Ouro, incluía o Vale em sua rota e nunca participou de conflitos na comunidade.

O fato é que a brincadeira se tornou muito popular na capital alagoana. José Carlos dos Santos (SILVA, 2024b), revela que o Boi começou a se destacar no carnaval de rua da periferia de Maceió. Inicialmente, havia uma distinção nítida entre o La Urso e o Boi, onde aquele era mais popular, porém, com o passar dos anos, essa relação se inverteu, e o La Urso passou a acompanhar o Boi.

Ele também observa (idem, 2024b) que, à medida que o Bumba foi ganhando destaque no período momesco, acabou ocupando o espaço das escolas de samba, que enfrentavam um período de declínio. Como resultado, sempre que havia sobreposição de datas entre um desfile de escola de samba e um cortejo de Boi, o público tendia a priorizar o Boi. Para evitar o esvaziamento das escolas de samba,

⁷⁵ Gíria alagoana que vem do verbo mangar da linguagem informal, cujo significado é zombar.

tornou-se comum a organização desses eventos em dias distintos. O fundador da Liga afirma que “A galera do Boi é fanática mesmo para cultivar o Boi”.

As crianças realizavam brincadeiras onde saíam às ruas imitando o cortejo. Na época era muito comum ver no Vale do Reginaldo a confecção de boizinhos, feitos com lata de óleo aberta pelo comprimento. Para dar o formato da estrutura do Boi colocavam-se dois pedaços de madeira (geralmente cortados de um cabo de vassoura). Assim era feita a estrutura do corpo do animal. Para a cabeça, utilizava-se um pedaço de borracha (geralmente de chinelo) e arame para os chifres. Revestia-se tudo com tecidos e decorava-se o boizinho.

As crianças e adolescentes saíam às ruas com seus boizinhos e também improvisavam a construção de instrumentos musicais com baldes e latas para realizar seus cortejos, numa tentativa de brincar fazendo de conta que estavam na saída de rua dos adultos. Era nas ruas que a transmissão da brincadeira acontecia. Desse modo, a comunidade é uma peça importante na tradição. Ora acompanhando o cortejo, ora contribuindo com dinheiro ou presentes para ver a dança do boi junto com o vaqueiro, ora como anfitriã, como plateia, como incentivadora. Agendava, inclusive, performances:

Mas enfim, era muito assim, a comunidade abraçava. Nas portas tava aquela turma de gente bebendo, um carnaval em família. Pedia pra gente: -Ó, passa lá na porta, amanhã, beleza?-. Passava, fazia a animação da comunidade, daquela família. Então, era muito arretada a saída de Rua. (SILVA, 2024, 52:38).

A integração com a comunidade desempenhava um papel fundamental ao motivar os jovens a darem continuidade à brincadeira. Ser reconhecido e valorizado pelo grupo proporcionava aos brincantes um sentimento de pertencimento, visibilidade e recompensa. A comunidade fazia sua parte estando presente, acompanhando o Boi, lotando as ruas e cantando “Ê Boi”.

... “Ê Boi”, Ave Maria! Quando tava a galera cheia, naquela rua da padaria, não passava uma pessoa ali, tão cheio, tão cheio, não passava ninguém! O motorista ficava invocado até o Boi passar. E aí naquele meio, aquela coisa toda era uma celebração de louco. E a galera gritando “Ê Boi”, o “Ê Boi” que não podia faltar. Então são coisas... Existe as coisas de festival antes, Saída de rua, Festival antes, o festival atual. Há a mudança de quem era do antigo pra o novo. (SILVA, 2024c, 40:20).

Este momento é marcado pela realidade das comunidades. Diferente dos morros do sudeste, em Maceió, as favelas são localizadas nas grotas e vales, e como moradora do Vale do Reginaldo por mais de 30 anos, sei muito bem o que significa pertencer a uma comunidade. A experiência de entrevistar José Carlos dos

Santos traz à tona esse sentimento de pertencimento. Embora nós nunca tivéssemos nos encontrado intencionalmente antes dessa entrevista, ele pertence à mesma comunidade que eu. O território que conheço é o território que ele conhece.

Figura 43 - Cortejo com vários Bumbas Meu Boi na Zona Sul



Fotógrafo: Christiano Barros

Toda vez que Zé do Boi mencionava uma rua, uma pessoa ou um fato ligado à comunidade, aquilo ressoava na minha memória. Saber que, na saída de rua, ao descer da grotá, eles passavam por um bequinho onde minha tia e primos moravam, antes de migrar para São Paulo, ou que paravam em frente à casa da família Peru, me fez lembrar do som do "glu glu" que fazia junto a outras crianças, assim como os brincantes do Gavião que os provocavam, e depois caíam na gargalhada. Fui levada aos primeiros anos da minha vida!

A entrevista também me fez acessar pessoas da minha infância, como Arthur - esposo da Zefinha, pai da Nenê, do Diego, da Alcione, da Andrea, uma grande amiga/irmã da minha família - o pintor que fez o primeiro letreiro do Boi Gavião e Adriano - esposo da Lena, mãe da Patrícia e do Wagner, vó da Mel e do Pimpolho, pessoas que conviveram comigo diariamente - o tatuador que morava em frente à minha casa e era o desenhista que ensinou e inspirou muitos tatuadores na cidade. Dois grandes artistas morando no mesmo beco que eu! Além deles, a entrevista é cheia de pessoas que compõem a comunidade. Pessoas que têm histórias que se interligam às minhas, às de Zé do Boi e de tantos outros que ali vivem ou viveram,

formando uma teia invisível de conexões.

Essa vivência no mesmo território cria um laço inexplicável, um sentimento de pertencimento profundo. Além disso, no início da entrevista, que não foi gravada, Zé do Boi também revelou que conversava com meu pai. Comentou que Seu Ademar o ensinava palavras difíceis, algo que Zé do Boi, como bom orador, guardou na memória. Fazer parte de uma comunidade é um sentimento que vai além do corpo físico; é fazer parte de um corpo coletivo que atravessa o espaço geográfico, o contexto cultural e está intimamente ligado à nossa identidade pessoal.

Apesar de toda popularidade, de modo geral, essa forte interação entre comunidade e brincantes foi se enfraquecendo, impactando diretamente a presença do cortejo nas ruas. Atualmente, ele é menos presente em comparação à década de 1990, refletindo mudanças nas dinâmicas culturais.

Lima (2022) diz que o Boi parou de fazer a saída de rua após a morte do Mestre Everaldo, fundador do Boi Paraná. Embora a importância e contribuição de Seu Vevéu para a tradição seja inquestionável, acredito que nesse caso, essa realidade possa apenas refletir num contexto local do território e da vivência do autor. Não se reflete em toda Maceió. O presidente da Liga (SILVA, 2025, 28:11) diz que:

[...] a gente já tava deixando de sair há um bom tempo mesmo. O Vevéu gostava muito de sair com o Boi na rua, que era o Paraná. Gostava muito mesmo. Mas isso aí já tava há bom tempo. O pessoal já tava começando a deixar de sair por causa do gasto e o Boi também tava ficando muito pesado, para sair com Boi na rua, entendeu?

Alan Vitor dos Santos (SILVA, 2025) afirma que os custos para a confecção de um Boi são elevados. Por esse motivo, levá-lo para a rua não é viável, pois poderia resultar em danos ao material. Assim, para preservar sua integridade, o Bumba é reservado para apresentações específicas. No entanto, há outros fatores que podem ter contribuído para o declínio da saída de rua.

No passado, a capital alagoana abrigava diversas agremiações e blocos carnavalescos, com figuras icônicas como Rás Gonguila⁷⁶ e Moleque Namorador⁷⁷ marcando a história da festividade. Atualmente, a cidade não mantém uma tradição carnavalesca robusta, uma vez que, durante esse período, diante da falta de programação festiva na capital, grande parte da população se desloca para o interior ou outros estados. Restam apenas as prévias carnavalescas, que, embora

⁷⁶ Importante carnavalesco Alagoano, fundador do bloco Cavaleiros dos Montes em Maceió.

⁷⁷ Maior passista de frevo do Brasil, importante nome para o carnaval de Maceió.

persistam, ocorrem de forma tímida, contando com a luta e resistência de maracatus, blocos e escolas de samba. Esse desmonte do carnaval maceioense ao longo dos anos, pode ter influenciado diretamente o declínio dos cortejos de Bumba Meu Boi na cidade.

O Festival de Bumba meu Boi foi se estabelecendo na cidade como um evento marcante e significativo desse período. O presidente da Liga (SILVA, 2025) relata que, inicialmente, as saídas de rua ocorriam durante as prévias carnavalescas, com festivais na Praça Multieventos, uma prática iniciada por Luiz de Barros e mantida nos primeiros anos da Liga. No entanto, a falta de visibilidade e os desafios burocráticos para o recebimento da ajuda de custo levaram os organizadores a repensar o período das apresentações, optando por deslocar suas atividades para os meses de agosto e setembro, garantindo melhores condições para a realização dos eventos.

Por interesse dos grupos e das articulações políticas a brincadeira foi sendo desvinculada do período burlesco, onde desde “[...] 2011, a 19ª edição do Festival de Bumba Meu Boi de Maceió foi desmembrada da programação carnavalesca, como estratégia para garantir mais visibilidade ao evento e valorizar as manifestações mais expressivas da cultura local” (CHASAN, 2014, p. 20).

Diante desse cenário, em determinado momento da trajetória da brincadeira, os grupos passaram a rejeitar a denominação "Boi de Carnaval", preferindo ser reconhecidos como Bumba Meu Boi. Essa mudança visava fortalecer a identidade da manifestação, alinhando-se ao reconhecimento do Bumba Meu Boi como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. No entanto, essa redefinição também colaborou para o afastamento da tradição em relação às festividades carnavalescas.

...o Boi da gente - como a gente saia no carnaval - o pessoal gostava muito de chamar de Boi de Carnaval. Mas o Boi de gente não é nunca chamado de Boi de Carnaval, é sempre chamado de Bumba meu Boi, entendeu? Aí o pessoal falava muito “Boi de Carnaval” porque a gente sempre saía uma semana antes do carnaval, nas prévias, a gente fazia o festival na praça Multieventos, que isso aí começou com Luiz de Barros e nos três ou quatro primeiros anos da Liga - ou cinco - continuou fazendo do mesmo jeito. Mas a gente viu que pra gente crescer, a gente tinha que sair ali do carnaval, porque a gente não tinha uma visibilidade boa. Então, como a gente toda vida falou que não era Boi de Carnaval, era Bumba meu Boi, a gente decidiu o quê? Chamou todo mundo pra reunião e decidimos que [o Boi] ia sair do carnaval. Porque primeiro, a gente fazia o festival no carnaval, mas pra gente receber ajuda de custo, a gente sempre recebia em Março ou Abril, porque a lei de incentivo ao município - que hoje em dia é feita em Dezembro - antigamente era feita quando os vereadores reassumiam o cargo de janeiro pra fevereiro, então sempre demorava. A gente viu que

estávamos sendo prejudicados por isso. Aí a gente saiu do carnaval e foi pro mês de agosto, setembro. (SILVA, 2025, 25:27).

O Festival Municipal tornou-se o maior evento de Bumba Meu Boi em Maceió, reunindo a maioria dos grupos da capital alagoana. Com o crescimento do Festival, as saídas de rua foram gradualmente se tornando menos frequentes, uma tendência que se acentuou após o evento ser desvinculado do período carnavalesco. Atualmente, os grupos estão voltados para a participação no Festival, a tradição pelo simples prazer de brincar foi perdendo espaço ao longo dos anos, e os cortejos de Bumba Meu Boi são cada vez menos vistos.

3.1 ATIVANDO CORTEJO DE BUMBA MEU BOI

Figura 44 - Boi Lá Fúria (frente), com Vaqueiro Aloísio Miguel Silva dos Santos



Fotógrafa: Louise Barbosa

Na zona sul de Maceió, há relatos de cortejo com vários grupos de Bumba Meu Boi, como evidenciado em matéria jornalística sobre um evento na Praça da Guarda Municipal (CADAMINUTO, 2016). Moradores do bairro Vergel do Lago participaram ativamente, acompanhando os desfiles de grupos como Amizade, Trovão, Força Bruta, Furacão, Paz, Serpente e Vingador.

A organização do cortejo, que integrou o contexto carnavalesco da região, foi organizada por Christiano Barros, com o apoio da seleção de propostas para o

Carnaval 2016 em Maceió, realizada por meio da chamada pública nº 001/2016. No entanto, vale destacar que esse formato de cortejo, que reúne diferentes grupos de Bumba Meu Boi, também já ocorreu através de Nonato, morador local. Dona Lourdes (Silva, 2024, 22:26) afirma: “O Nonato, ele fez o Festival dos Bois. Aí saiu um monte de Boi, tudo atrás um do outro. Aí todos os Bois ganhavam troféu. Todos”.

Figura 45 - Tambores no I Cortejo de Bumba meu Boi da Escola Titara



Fotógrafa: Louise Barbosa

Esse modo de realizar o cortejo, num sistema que integra a saída de vários grupos de Bumba Meu Boi foi o fator que inspirou o formato adotado nesta pesquisa. Dessa forma, ao invés da criação de um único Boi, cada turma poderia realizar o desfile integrando o fruto de suas construções artísticas de modo particular ao cortejo, totalizando 4 Bois, 4 Vaqueiros e 8 condutores - 1 condutor por grupo no trajeto de ida e 1 condutor por grupo no trajeto de volta à escola) nas ruas de Massagueira, Marechal Deodoro, Alagoas. Sendo assim, no dia 13 de Junho, às 11h da manhã, deu-se início ao 1º cortejo de Bumba meu Boi da Escola Estadual José Correia da Silva Titara.

Louise Amélie Alves de Sousa Barbosa e Jonathan Júlio da Silva, musicistas com experiência percussiva e nas tradições alagoanas, compuseram a banca de

jurados - visto que o trabalho com os Bumbas integrava o Projeto Guerreiros da Memória, onde os estudantes competem pelo 1º lugar, numa série de atividades distribuídas ao longo do Bimestre - e junto com alguns professores foram até cada sala das 2ª séries conhecer os Bois que os alunos tinham feito. Nesse momento, puderam observar detalhes da confecção e ouvir sobre a escolha do nome e tema.

Figura 46 - I Cortejo de Bumba meu Boi da Escola Titara



Fotógrafa: Louise Barbosa

Em seguida, todos se dirigiram à quadra da escola para que os Bois e os grupos que comporiam o cortejo fossem apresentados à comunidade escolar. Cada Boi foi convidado a adentrar o espaço da quadra e se posicionar para o cortejo.

No entanto, os estudantes da turma 2103 se recusaram a entrar na quadra. Acontece que, ao comparar o Boi Pistoleiro (feito de última hora) aos outros, se sentiram prejudicados na competição, de modo que preferiram desistir. Fui até os representantes da turma e conversei, tentando encorajá-los a continuar. Estavam irredutíveis. Nesse momento, Cássia Valéria Costa dos Santos e Raí da Silva Fernandes, espontaneamente, tiveram um ato de protagonismo surpreendente. Ele se fez vaqueiro, usando as roupas do colega desistente, ela, condutora e os dois entraram na quadra. Esse foi um momento de inclusão muito especial. Ao vê-los sozinhos alguns amigos se juntaram. Primeiro Marcelo Henrique dos Santos, depois Geovani da Silva Correia e assim, em poucos minutos a turma estava junta.

retornou à rua do Cajueiro para voltar à escola e encerrar o trajeto de aproximadamente 1,5km. O I cortejo de Bumba meu Boi da Escola Estadual José Correia da Silva Titara foi uma vivência de grande valia para a ativação da memória cultural do território da comunidade escolar. A saída de rua marcou o final da primeira etapa do processo de aprendizagem. No dia seguinte, toda rede estadual de educação entrou em recesso de 15 dias úteis.

Christiano Barros, um dos organizadores do Cortejo que reuniu vários Bumbas na Zona Sul, em entrevista concedida à autora (SILVA, C.,2025) fala sobre a importância da presença das tradições populares no território. Em sua observação, os grupos culturais realizam ensaios na comunidade, mas saem dela quando fazem apresentações. Afirmando que:

[...] a comunidade conhece os retalhos de uma apresentação, não conhece uma apresentação completa. E a comunidade gosta muito dessas apresentações. Completas, né, organizadas. Só que não tem oportunidade pra isso, porque o Boi se prepara pra fazer isso fora. Então a ideia era criar esses espaços. E aí quando a gente promove esses desfiles, essas apresentações é pra que isso aconteça. Para que os grupos da cultura popular possam se apresentar, especificamente o Bumba Meu boi.

Figura 48 - Escola - tradição - cultural - território



Elaborado por Lílian Rodrigues da Silva

O primeiro cortejo da Escola Estadual José Correia da Silva, também cria um espaço que segue o pensamento de Cristiano Barros. Ao ativar a tradição cultural na comunidade, permite que todos a vivenciem em sua totalidade. Esse é um momento muito significativo, no qual se torna evidente como a tradição popular foi realmente integrada à escola, por meio dos fazedores culturais do território e como a escola compartilha com a comunidade os frutos desse aprendizado. Esse processo gera um ciclo contínuo entre cultura popular, escola e território.

Meu desejo é que sejam criadas conexões invisíveis, que interliguem os três

eixos mencionados às experiências dos estudantes conectando-os à comunidade e contribuindo para sua formação intelectual e fortalecendo sua identidade e memória.

Ao inserir a tradição popular no ambiente escolar, é possível promover uma aprendizagem significativa, que respeita e valoriza os interesses, oferecendo espaço para o desenvolvimento das múltiplas inteligências e motivações dos estudantes, aproximando-os de seu território.

3.2 - PROPOSTAS DIDÁTICAS PARA BUMBAR

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que define conteúdos e competências para as escolas brasileiras e foi elaborada de forma a promover a equidade educacional, buscando garantir que todos os estudantes tenham acesso a uma educação de qualidade. Define, desse modo, dez competências gerais que devem adquirir durante sua jornada na educação básica, independentemente do nível de ensino. Essas competências englobam diferentes aspectos, como habilidades cognitivas, socioemocionais e práticas, com o objetivo de capacitar estudantes a enfrentar uma variedade de situações, solucionar problemas, tomar decisões responsáveis e se envolver ativamente na sociedade. Dentro dessas 10 competências gerais podemos observar afirmações que corroboram com a utilização da tradição cultural como estratégia de ensino-aprendizagem nas escolas, sendo elas:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 9);

O documento reconhece a importância das particularidades regionais e locais, incluindo as diversidades culturais, socioeconômicas e geográficas do Brasil. Isso significa que, apesar do caráter normativo das competências gerais, o currículo

proposto pela BNCC não é homogêneo em todo o país, mas sim flexível o suficiente para se adaptar e incorporar as peculiaridades de cada região.

Silva (2025) conta que seu interesse pela cultura do Bumba Meu Boi começou quando uma professora da escola Virgínio de Campos, instituição onde estudava, convidou um grupo de Boi para se apresentar durante o intervalo. Encantado com a performance, ele despertou, naquele momento, o desejo de se inserir nessa tradição.

Ele também destaca a importância da arte envolvida na brincadeira que revela e transforma talentos. Através dessa vivência, muitos profissionais se formam, especialmente músicos, como Naná Martins e os integrantes de grupos como Boca de Forno e Sambalelê. Destaco ainda os inúmeros músicos e mestres de bateria que fazem parte dos grupos de Bumba meu Boi.

Outro relato interessante mencionado por Alan (SILVA, 2025) é o de Alisson, um jovem que, inspirado pela observação e imersão na tradição, aprendeu seu ofício acompanhando de perto o trabalho do artista Jamerson. Com o tempo, tornou-se um artista visual requisitado por diversos grupos de Bumba Meu Boi em Maceió e também por outras manifestações culturais, como quadrilhas juninas, expandindo sua atuação para Pernambuco. O mais curioso é que o Alisson mencionado é, na verdade, o pai de Alisson Michel, aluno da nossa escola, que tanto contribuiu para a brincadeira do Bumba Meu Boi na instituição.

Eu vi os filhos do Alisson tudo no bucho. Todos eles. Os seis filhos dele, eu vi todos no bucho. Então o Alisson começou a fazer Boi com a gente. O Alisson começou a esculpir assim do nada. Ele viu o Jameson fazendo, foi lá e curioso foi lá e fez. Quer dizer, hoje em dia o Alisson é um dos melhores profissionais que tem aqui em Maceió. O Alisson hoje é chamado para fazer quadrilha em Pernambuco, é uma das melhores quadrilhas que tem no estado, no Brasil. Então assim, é coisa que a pessoa começa ali, como criança, a abrir a mente de uma pessoa. (SILVA, 2025, 29:31).

Vale a pena destacar o grupo Pérola, que hoje tem grande representatividade e nasceu da iniciativa surgida dentro da escola e abraçada pela coletividade. A base do sistema de educação das escolas brasileiras propõe a utilização do conhecimento que faz parte e é transmitido no território que os estudantes habitam e que se encontra além das paredes da instituição.

Com base na experiência acumulada ao longo de três anos com a prática do Bumba Meu Boi na educação básica, foram elaboradas propostas didáticas

destinadas a educadores interessados em integrar essa tradição cultural ao ambiente escolar.

Quadro 09 - Proposta didática 1

Vivenciando o Bumba Meu Boi	
Objetos de conhecimento	Proporcionar aos estudantes uma experiência prática e imersiva na cultura do Bumba meu boi, com ênfase na aprendizagem musical e na participação ativa em uma apresentação.
Público-alvo:	Alunos do Ensino Médio
Duração:	5 aulas de 1h cada
Recursos Necessários:	Instrumentos musicais (surdo, tarol, repique) Espaço amplo para apresentação e prática musical Convidados (grupo de Bumba Meu Boi)
Descrição da Atividade:	<ol style="list-style-type: none"> 1. Vivência com o Bumba Meu Boi maceioense através da apresentação de um grupo local. <ol style="list-style-type: none"> a. Explicar aos alunos que eles terão a oportunidade de aprender diretamente com um grupo de Bumba Meu Boi, vivenciando a música e a performance dessa tradição do território em que vivem. b. Iniciar apresentação para toda a turma, incluindo professores e funcionários que estiverem presentes. Durante a apresentação, os alunos que participaram ativamente das atividades anteriores serão convidados a se juntar ao grupo, assumindo papéis de vaqueiros, vaqueiros ou condutores. 2. Oficina Musical com o Grupo Bumba Meu Boi local (1 hora):

	<p>a. O grupo Bumba Meu Boi realiza demonstração dos instrumentos musicais utilizados, como surdo, tarol e repique. Os músicos do grupo tocam uma peça tradicional, e os alunos são incentivados a observar atentamente.</p> <p>b. Os estudantes são convidados a tocar os instrumentos musicais junto com os integrantes do grupo. Eles terão a oportunidade de manusear os instrumentos, sob a orientação dos músicos, e tentarão imitar os ritmos e técnicas demonstradas.</p> <p>3. Encenação e Participação (1h):</p> <p>a. Após a prática musical, os estudantes são convidados para desempenhar o papel de vaqueiros, enquanto outros representam o condutor do boi ficando embaixo do animal junto com os integrantes do grupo e os demais estudantes se distribuem entre os brincantes. Sob a orientação do grupo, os alunos realizam uma pequena performance, vivenciando a dinâmica do Bumba Meu Boi.</p> <p>4. Contextualizar a turma sobre o Bumba Meu Boi maceioense através através de vídeos, documentário e roda de conversa (2 horas):</p> <p>a. Realizar introdução sobre o Bumba Meu Boi em Maceió.</p> <p>b. Mostrar vídeos de Bumba meu boi maceioense, como por exemplo: https://www.youtube.com/watch?v=ac1a2Rwzk78 ou https://www.youtube.com/watch?v=c95tavMcUD8</p>
--	--

	<p>c. Mostrar documentário “Nas quebradas do boi” de Igor Machado https://www.youtube.com/watch?v=tsrvla4o--o</p> <p>d. Iniciar uma roda de conversa com os estudantes sobre o que acabaram de assistir, e sobre a vivência prática com o grupo local. Os alunos poderão compartilhar suas impressões e sentimentos sobre a experiência, o que aprenderam sobre o Bumba Meu Boi e como se sentiram ao participar de uma tradição cultural tão rica.</p> <p>e. Iniciar a produção de redação onde os estudantes poderão organizar, em formato textual, o que aprenderam com as aulas e vivências.</p>
Avaliação:	A avaliação será baseada na participação dos alunos, na sua capacidade de interagir com os músicos, e na reflexão compartilhada durante o encerramento. O foco será na vivência e no entendimento da cultura do Bumba Meu Boi.

Elaborado por Lílían Rodrigues da Silva

Quadro 10 - Proposta didática 2

Apreciação e Compreensão do Ritmo	
Objetos de conhecimento	<p>Ritmo do Bumba Meu Boi: o papel dos instrumentos musicais e as células rítmicas características.</p> <p>Percussão corporal: uso do corpo como instrumento musical, reproduzindo sons graves e agudos.</p> <p>Apreciação musical ativa: escutar e perceber elementos musicais de forma consciente</p>
Objetivo:	Identificar a estrutura rítmica e o papel dos instrumentos musicais no ritmo do Bumba Meu Boi.

	<p>Apreciar ativamente o primeiro e o segundo movimento da Suíte "Festança".</p> <p>Reconhecer e reproduzir sons graves e agudos utilizando a percussão corporal.</p> <p>Internalizar o ritmo do surdo e do tarol através da marcação corporal.</p> <p>Dividir-se em grupos para executar diferentes camadas rítmicas com o corpo, aprimorando a coordenação e a percepção auditiva.</p> <p>Compartilhar sentimentos e percepções em uma roda de conversa.</p>
Público-alvo:	Alunos do Ensino Médio
Duração:	5 aulas de 1h cada
Recursos Necessários:	<p>Aparelho de som</p> <p>Instrumentos musicais (surdo, tarol, repique)</p> <p>Espaço amplo para apresentação e prática musical</p> <p>Convidados (grupo de Bumba Meu Boi)</p>
Descrição da Atividade:	<p>1. Introdução ao primeiro movimento da Suíte "Festança" (atividades de apreciação musical ativa).</p> <p>a. Apresentar aos estudantes o primeiro movimento da Suíte "Festança", composta pelo maestro Almir Medeiros, explicando que ela se inspira em tradições culturais alagoanas como o Boi, o Guerreiro e o Pastoril. Explicar o papel importante que o surdo desempenha no ritmo do Bumba Meu Boi,</p>

	<p>destacando como as células rítmicas e as pausas são fundamentais para a compreensão da musicalidade característica de Alagoas.</p> <ul style="list-style-type: none">b. Mostrar o primeiro movimento da suíte, denominado "Procissão". Pedir aos alunos que prestem atenção especial ao surdo e como ele constrói o ritmo.c. Pedir que os estudantes procurem no corpo sons graves (palmas com as mãos em formato de concha ou bater a mão no peito, por exemplo). Usar gestos, marcar o tempo com o corpo para ajudar a internalizar o ritmo enquanto ouvem.d. Pedir aos estudantes que caminhem enquanto ouvem a peça e marquem o ritmo do surdo utilizando a percussão corporal. Inicialmente, apenas o ritmo básico do surdo será tocado, com pausas para garantir que os alunos compreendam e internalizem o padrão rítmico.e. Pedir que os estudantes procurem no corpo sons agudos (palmas com mãos esticadas ou bater as mãos nas pernas, por exemplo). Os estudantes se dividem em dois grupos: um grupo caminha marcando no corpo (através de sons graves) o ritmo do surdo, o outro grupo caminha marcando (através de sons agudos) o ritmo do tarol. <p>2. Roda de conversa</p> <p>Promover uma roda de conversa sobre as impressões dos alunos em relação à obra. Perguntar o que perceberam sobre o ritmo do surdo e como as pausas influenciam a musicalidade. Incentivar os alunos a compartilhar os sentimentos em relação à obra e o que acham que o compositor queria transmitir com essa peça.</p>
--	---

	<p>3. Prática com objetos</p> <p>Dividir os alunos em dois grupos (surdo e tarol) e distribuir para o grupo 1, dois palitinhos de hashi (substituindo o tarol), o grupo 2 pode utilizar o caderno sobre a mesa de estudos (substituindo o surdo). O grupo 1 terá a chance de praticar o ritmo simplificado do tarol percutindo os palitinhos de hashi na mesa conforme ouvido na obra "Festança". O grupo 2 pratica o ritmo simplificado do surdo percutindo a mão sobre o caderno. Primeiramente um grupo por vez, em seguida os dois grupos tocam simultaneamente.</p> <p>4. Prática com Instrumentos:</p> <ol style="list-style-type: none"> Dividir os alunos em grupos de cinco (ou de acordo com a quantidade de instrumentos disponíveis) e distribuir os surdos (ou outros instrumentos que possam substituí-los, como as mini alfaías, por exemplo). Cada grupo terá a chance de praticar o ritmo inicial do surdo conforme ouvido na obra "Festança". Inicialmente, apenas o ritmo básico do surdo será tocado, com pausas para garantir que os alunos compreendam e internalizem o padrão rítmico. Fazer o mesmo utilizando o tarol, de acordo com a quantidade disponível Dividir a turma em dois grupos: tarol e surdo e incentivá-los a tocar de acordo com a divisão rítmica da suíte festança, movimento 1 e 2.
Avaliação:	A avaliação será baseada na participação ativa dos alunos durante as atividades de apreciação e prática musical, na

	capacidade de internalizar o ritmo do Bumba Meu Boi, e na colaboração durante as discussões e a prática em grupo.
--	---

Fonte: elaborado por LÍlian Rodrigues da Silva

Quadro 11 - Proposta didática 3

Vaqueiro e Condutor	
Objetivo:	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver habilidades motoras e rítmicas ao assumir os papéis de vaqueiro, condutor e instrumentista, quando possível. • Refletir sobre o valor cultural das manifestações populares, como o Bumba Meu Boi, e seu impacto na identidade e diversidade cultural brasileira.
Público-alvo:	Estudantes do ensino médio
Duração:	1h
Recursos Necessários:	Bastões de madeira, tecidos, aparelho de som ou instrumentos musicais.
Descrição da Atividade:	Os estudantes se dividem em dois grupos. Um grupo será o vaqueiro e para isso utiliza um bastão, que pode ser um cabo de vassoura, uma baqueta ou até mesmo um pedaço de madeira. O segundo grupo será o condutor e para isso utilizará o próprio bumba feito por eles bem como pedaços de tecidos disponíveis para cobrir todo o corpo, simulando assim o boi. O vaqueiro deve realizar movimentos com o bastão e esses movimentos guiarão o condutor. Ao final, os grupos trocam de lugar com o outro grupo, completando assim as duas posições da brincadeira. Caso haja instrumentos musicais na

	escola e os alunos já estejam tocando o ritmo da brincadeira, podem ser divididos em três grupos, que se revezarão entre si, sendo um deles o grupo dos instrumentistas. Caso não haja tal possibilidade, usa-se uma música já gravada, disponível na internet ou
Avaliação:	A avaliação será baseada na participação ativa dos alunos durante as atividades de apreciação e prática musical, na capacidade de internalizar o ritmo do Bumba Meu Boi, e na colaboração durante as discussões e a prática em grupo.

Elaborado por Lílían Rodrigues da Silva

Tais propostas didáticas foram desenvolvidas a fim de conectar a tradição do Bumba meu Boi à educação básica. Há a necessidade de que tal manifestação cultural seja repassada, através de material que de fato se debruce sobre suas características. Como professora, que construiu um plano de ensino voltado para o Bumba, devo confessar que senti falta de vídeos pedagógicos, de músicas gravadas no ritmo, inclusive instrumental, principalmente de material voltado para o cortejo.

Para o fortalecimento dessa tradição, é preciso valorizar o conhecimento das pessoas que estão há mais de 30 anos nela inseridas, entender que a maneira do Boi se mostrar no reisado já não reflete a maneira como o Bumba se manifesta no contexto onde ele é a personagem principal.. Baseada nesse entendimento e respeitando as formas com que essa brincadeira se apresenta no território, construí os planos de ensino.

3.3 ECOS DO BUMBA: RESULTADOS OBTIDOS

Os processo de ensino iniciado em 2022 até o presente momento gerou os seguintes desdobramentos:

Em relação ao processo pedagógico:

1. Optou-se por desenvolver o conteúdo no primeiro semestre do ano, com o intuito de antecipar possíveis interrupções, como greves ou outros imprevistos. Esse planejamento estratégico visa garantir que, em caso de eventualidades, haja tempo suficiente para a retomada e continuidade das atividades quando a normalidade for restabelecida.

2. A organização das aulas, se deu com início focado no processo prático e

no segundo momento, introduziu abordagens teóricas através de textos, leis e rodas de conversa para promover reflexões.

3. Documentação do processo de aprendizagem pelos estudantes através de diários de memórias e registro audiovisual.

4. Implementação do cortejo como culminância do processo de aplicação prática dos conteúdos trabalhados.

Em relação aos resultados obtidos com os estudantes, observou-se a organização referente à temática dessa tradição cultural. Já participaram de apresentações fora da escola e atualmente atuam de diversas formas, como podemos observar a seguir:

1. Clube Juvenil: os clubes juvenis são uma atividade curricular obrigatória do Programa Alagoano de Ensino Integral (PALEI) que propõe um espaço formado por interesses em comum dos alunos. Para isso, são destinadas 2h aula dentro da grade de horário semanal. Na escola Titara o Clube Juvenil acontece às quintas feiras e o estudante Alisson Michell Farias Eufrásio Criou um grupo de Bumba Meu Boi. Esse aluno já é um mestre dessa tradição. Filho do fundador do Boi Imperador, ele pretende dar continuidade ao trabalho do pai e para isso pensou em despertar o interesse na cultura popular nos colegas de escola, compartilhar com eles seus saberes e juntos darem continuidade a essa ciência e quem sabe, integrá-los ao grupo Imperador no futuro. A ação já rendeu frutos. Os integrantes desse clube foram convidados pelo grêmio da escola a realizarem uma apresentação para as crianças da creche municipal NEI.

2. Os alunos do grêmio se inscreveram no encontro estudantil, nas categorias documentário e Personalidades negras e indígenas com temáticas ligadas ao universo do Bumba.

3. Os estudantes foram convidados a participar da abertura da 6ª Feira de Ciências Ambientais do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) com uma apresentação de Bumba Meu Boi. Além disso, os alunos Aloísio Miguel (2104) e Anderson (2102) apresentaram o projeto "Guerreiros da Memória", no qual abordaram, entre outros temas, o Bumba Meu Boi, destacando a importância da aprendizagem do saber ancestral incorporada às práticas de aprendizagem na escola.

4. Nos eventos da escola, como jogos internos, por exemplo, os jovens construíram o hábito de tocar instrumentos de percussão. Percebe-se atualmente a

introdução do ritmo do boi nessas festividades.

5. Participação de alunos no festival de Bumba Meu Boi alagoano junto com o grupo Imperador e Pérola.

Gráfico 1 - Análise de desempenho nos bimestres dois e três da turma 2M01 no ano de 2022.



Elaborado por Lílian Rodrigues da Silva⁷⁹

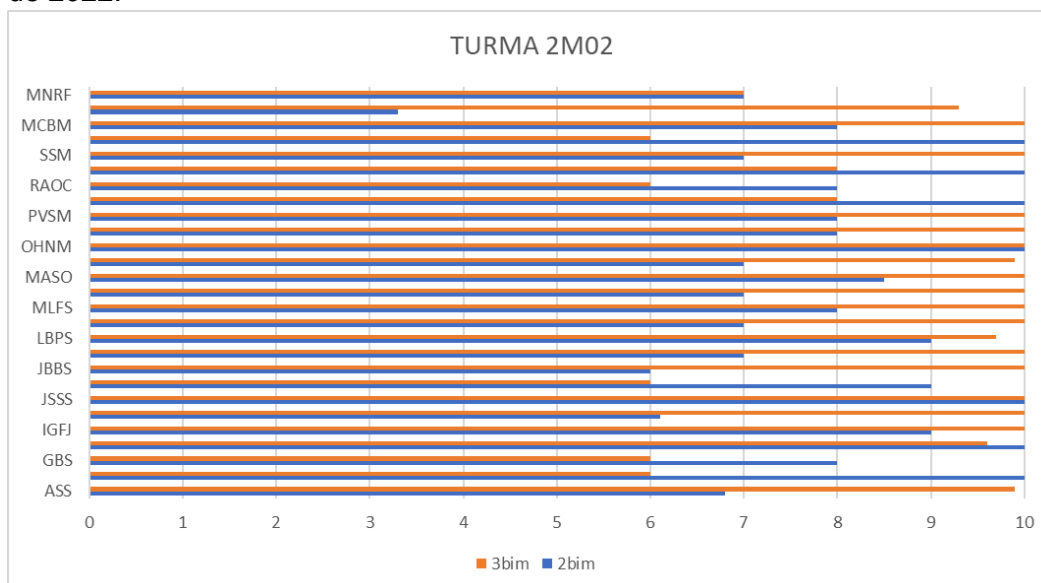
Foi realizada uma análise comparativa entre os desempenhos nos bimestres dois e três das turmas no ano de 2022. A análise foi conduzida apenas para os estudantes que mantiveram uma frequência de até 75%, em conformidade com o limite de faltas estabelecido pela escola estadual, que corresponde a 25% do total de aulas ministradas durante o ano letivo. Foram analisados 43 estudantes oriundos da segunda série do ensino médio do período matutino. É relevante notar que o componente curricular Arte foi ministrado uma vez por semana, totalizando 10 aulas no bimestre. Veja a seguir, o quadro com a Análise de desempenho nos bimestres dois e três da turma 2M01 no ano de 2022.

No eixo Y estão as iniciais dos estudantes, no eixo X está o valor de 0 a 10 que corresponde à avaliação que ocorreu no 2º bimestre (gráfico em azul) e no 3º bimestre (gráfico em laranja).

Observa-se um aumento notável no valor da avaliação do 3º bimestre em ambas as turmas que foram analisadas. Os dados indicam que um maior número de alunos obteve notas entre 6 (a média necessária para aprovação) e 10 (a nota máxima possível). Este aumento na pontuação é acompanhado por um nível mais elevado de envolvimento dos alunos ao longo do bimestre.

⁷⁹ Fonte: Sistema de Gestão da rede Estadual de Alagoas (SAGEAL) 2022.

Gráfico 2 - Análise de desempenho nos bimestres dois e três da turma 2M02 no ano de 2022.



Elaboração: Lílían Rodrigues da Silva⁸⁰

É relevante ressaltar que, alunos anteriormente percebidos de maneira menos favorável pelo sistema de ensino da educação básica, se destacaram significativamente e assumiram papéis proeminentes no processo de aprendizagem. Isso é especialmente evidente quando se considera a relevância do Bumba meu Boi em seus contextos territoriais e experiências cotidianas.

É fundamental reconhecer que esses aspectos não podem ser separados do processo de aprendizagem significativa. O envolvimento e a liderança desses alunos revela uma compreensão valiosa sobre a interseção entre tradição cultural, escola e território destacando a importância de integrar elementos culturais e vivências dos alunos no ambiente de aprendizado.

3.4 - CORTEJO PEDAGÓGICO

Em 2022, a primeira parte do bimestre se deu com aulas teóricas, através de textos e resolução de questões sobre o assunto. Posteriormente, iniciou-se o trabalho de nomeação dos bois, onde cada turma escolheu o nome e em seguida o tema. O processo de construção do boi ficou por conta dos alunos, que deveriam concluí-lo até o dia da culminância do projeto. Simultaneamente a esta etapa ocorreu o processo de aprendizagem musical.

Mesmo não contando com instrumentos musicais próprios da instituição de

⁸⁰ Fonte: SAGEAL 2022.

ensino, conseguimos 3 surdos, 3 taróis e 1 repique emprestados com a Brigada urbana do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e com esses instrumentos iniciamos os trabalhos. Muito importante falar das parcerias que acontecem no caminhar pedagógico. Este trabalho está repleto delas.

No dia da culminância, os estudantes encenaram o Auto do Boi e aqueles que mais se sentiram confortáveis em tocar, ou que já faziam parte do grupo Pérola nessa função, formaram a bateria do Bumba meu boi, sob o comando do estudante Pedro Victor Alves. Além do Bumba, a culminância envolveu a comunidade escolar, contando com a participação de todas as séries do ensino médio, cada uma com sua manifestação cultural.

Figura 49 – Bumba Meu Boi Pérola e Bumba meu Boi Titara



Fotógrafa: Lílian Rodrigues da Silva (2024).

No ano letivo de 2023 a professora de educação física Rosilene Carvalho Flores (conhecida por Rosi), que integra a mesma área de conhecimento que arte: linguagens, se juntou ao trabalho mediante a alinhamento de conteúdos durante os

horários de HTPC⁸¹, que na SEDUC/AL⁸² é um período destinado à formação continuada dos educadores, onde participam de atividades como planejamento pedagógico, análise de práticas educacionais, desenvolvimento de estratégias de ensino e avaliação de desempenho.

No segundo bimestre, Rosi e eu começamos a lecionar, cada uma em seus momentos de aula, de forma interdisciplinar, abordando o coco de roda alagoano com as 1ª séries, a quadrilha com as 2ª séries e o forró com as 3ª séries. Esse período foi de grande importância, pois, com a parceria, o trabalho de se debruçar sobre a tradição popular foi fortalecido e ganhou mais impacto dentro da escola, ampliando ações futuras.

A escola foi convidada a participar da FLIMARzinha (Festa Literária nas Escolas), um evento anual que reúne alunos da rede estadual e municipal para participarem de apresentações culturais e artísticas e que naquele ano teve ênfase no patrimônio material e imaterial da cidade de Marechal Deodoro. A partir de um sorteio, foi determinado que a escola Titara faria uma apresentação sobre rendas, que é uma forte expressão cultural e imaterial da região.

Os estudantes que participaram do projeto em 2022 se organizaram em grupos específicos: o grupo de teatro ficou responsável pelo auto do Bumba Meu Boi, com algumas adaptações que incorporavam as rendas da cidade, além do auxílio de Mayla Vitória da Silva Santos, que também atuou na organização da escolha do vaqueiro e condutor. A parte da percussão foi coordenada pelo então aluno da 3ª série, Pedro Victor Alves, que reuniu os estudantes que já faziam parte do Boi Pérola, além dos que se destacaram no ano anterior.

A apresentação aconteceu no centro histórico de Marechal Deodoro e contou com a presença de todas as escolas estaduais e municipais da cidade. A batida dos tambores, a dança entre boi e vaqueiro agitou as pessoas ali presentes que se demonstraram bastante entusiasmadas com a brincadeira. Fiquei próxima aos estudantes para dar suporte e senti orgulho por vê-los desenvolver a tradição com total autonomia.

Após o sucesso do evento, tivemos a ideia da culminância do projeto ser em forma de cortejo. Emerson se prontificou a ajudar e juntos planejamos oficinas de construção de Bumba Meu Boi de papelão para que esta etapa fosse feita dentro da

⁸¹ Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo.

⁸² Secretaria de Estado de Educação de Alagoas

escola, durante as aulas, o que garantiria a conclusão dos bois já que os estudantes passam 9h em regime integral na escola.

No entanto, uma greve na educação da rede estadual de Alagoas teve início, afetando todo o terceiro bimestre e o começo do quarto. Para agravar ainda mais a situação, ao retornar às atividades escolares recebemos a notícia de que os grupos de Bumba meu boi não podiam comparecer à escola, pois o Festival Maceioense - que foi sendo adiado durante todo ano, correndo o risco de não se realizar - foi marcado para o início de dezembro, sendo assim, os grupos estavam correndo contra o tempo e se dedicando exclusivamente para a preparação até o evento.

Mediante a esses contratempos, os estudantes não se engajaram no projeto e apesar de alguns processos de ensino terem sido iniciados - como a oficina de ritmos do Bumba meu Boi, oficina de construção e decoração do Bumba meu boi de papelão, escolha do nome e do tema dos bois, contextualização da tradição - não foram concluídos, além de que os bois não chegaram a ser finalizados e não houve culminância do projeto, no que se refere a apresentação ou cortejo. Este foi o ano em que pude perceber que a jornada é tão importante quanto o destino em que almejamos chegar e por isso valorizamos o que cada estudante conseguiu assimilar no processo e visualizamos o que poderia ser melhorado para o ano seguinte.

No início de 2024, durante a Jornada Pedagógica⁸³ professores e equipe gestora discutiram práticas pedagógicas, planejamento de atividades e estratégias para o desenvolvimento do trabalho educacional ao longo do ano. Nesse momento foi decidido transformar as atividades com as tradições culturais em um projeto institucional, integrado ao calendário escolar. A culminância das ações aconteceria no período que marcaria o início do recesso de junho. Com isso, fizemos algumas adaptações e lançamos o Projeto Guerreiros da Memória.

A colaboração já firmada entre as disciplinas de Arte e Educação Física, aliada ao suporte do pedagogo escolar, viabilizou a integração da trilha de aprofundamento Alagoas em Cores e Sons - iniciativa da Secretaria de Estado da Educação de Alagoas incorporada ao Novo Ensino Médio em 2024- ao trabalho docente. Essa trilha proporcionou aos estudantes a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos em áreas específicas, com foco na valorização da cultura alagoana. A essa altura contávamos com três disciplinas envolvidas.

⁸³ Momento de formação continuada para os profissionais da educação, promovido por escolas ou secretarias de educação.

Com a institucionalização do projeto, estabeleceu-se que todos os estudantes participantes poderiam obter até cinco pontos em todas as disciplinas - o que já é uma prática estabelecida nos projetos da instituição -, incentivando maior participação. Além disso, professores de Filosofia, Juliana Verçosa da Silva e Química, Rafael Antonio Santos da Silva (conhecido como Sorriso) aderiram à equipe organizadora, oferecendo suporte logístico e estrutural ao evento. Essa ampliação do corpo docente envolvido e equipe gestora foi essencial para o fortalecimento da iniciativa, garantindo apoio aos profissionais e motivação adicional aos alunos.

A divisão das atividades ocorreu da seguinte forma: as turmas da 1ª série ficaram responsáveis pelo *Coco de Roda Alagoano* (Arte e Educação Física); as turmas da 2ª série trabalharam com o *Bumba Meu Boi* (Arte, Educação Física e *Alagoas em Cores e Sons*) e a *Quadrilha* (*Alagoas em Cores e Sons* e Educação Física); enquanto as turmas da 3ª série se dedicaram ao *Forró* (Arte e Educação Física).

A antecipação do projeto para o segundo bimestre possibilitou o desenvolvimento de estratégias para minimizar eventuais contratempos, como os enfrentados no ano anterior devido à greve, o que asseguraria tempo hábil para o desenvolvimento e a conclusão das atividades. Amadurecemos a proposta de culminância do *Bumba Meu Boi* na forma de cortejo, no qual a escola percorreria as ruas da comunidade.

Essa decisão resultou na exclusão das encenações sobre o auto do *Bumba Meu Boi*, uma vez que esse elemento não está tradicionalmente presente na saída de rua em Alagoas. Também influenciou no aumento do número de estudantes envolvidos na percussão, uma vez que todas as turmas de 2ª séries tocariam simultaneamente no cortejo. Dessa forma, houve a necessidade de ampliação dos instrumentos musicais disponíveis. A escola contou mais uma vez com a ajuda da Brigada Urbana do MST e também contou com a Comunidade Azul⁸⁴ que viabilizaram o empréstimo de surdos, taróis, alfaías e repiques, possibilitando uma execução mais consistente e alinhada às tradições musicais estudadas.

Esses espaços fazem ou fizeram parte da minha trajetória, seja como aprendiz de artes cênicas - em 2022 fui aluna da Escola Popular de Teatro Político,

⁸⁴ Um projeto social e voluntário que, por meio da cultura popular (como Capoeira, Coco e Guerreiro), busca ensinar crianças e jovens da Grota do Poço Azul, localizada em Maceió, AL, a valorizarem seu lugar.

cujo as aulas aconteciam na Casa do Congresso do Povo⁸⁵- ou brincante da cultura popular alagoana - conheci a Comunidade Azul em 2022, durante exibição do Cine clube que contou com o bate papo sobre Guerreiro Alagoano com Os Verdelinhos⁸⁶. Atualmente faço parte do grupo de Guerreiro Grande Poder, que tem a comunidade como colaboradora. Essas experiências, alinhadas à iniciativa pessoal de comunicação e articulação, contribuíram para a construção de parcerias significativas no desenvolvimento das atividades.

Ao longo do processo, conquistei muitas parcerias, mas confesso que, mesmo diante dos resultados positivos, ainda há situações desafiadoras. Não temos orçamento para transporte dos grupos que vão à escola, para deslocar o Boi Pérola da Ilha de Santa Rita até Massagueira. Nesse sentido, contamos com a colaboração dos próprios fazedores da cultura local, como Tinho, da gestão, da articulação e da coordenação escolar, que abraçam a causa, conseguindo contornar essas situações.

No entanto, no início de 2025, ao falar sobre o projeto na reunião pedagógica, fui surpreendida por questionamentos sobre sua validade. Alguns profissionais da educação argumentaram que a participação dos estudantes em atividades ligadas à tradição popular poderia prejudicá-los nos estudos voltados para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

Esse movimento me deixou perplexa, preocupada e profundamente entristecida, pois a inserção das tradições populares na educação básica, longe de afastar os estudantes dos conteúdos exigidos pelas diretrizes educacionais brasileiras, reforça seu aprendizado. Afinal, tais normas reconhecem a importância dessas manifestações no ambiente escolar.

Vale ressaltar que cada turma tem suas particularidades, e cada ano letivo é único. Entretanto, as turmas de 2ª série de 2023, para além dos desafios mencionados ao longo deste trabalho, ou por consequência deles, foram as únicas, em três anos de projeto, que não participaram ativamente das atividades do Bumba Meu Boi na escola. Também foram as turmas que não concluíram o processo com as máscaras de La Urso. Coincidentemente, essas mesmas turmas registraram o

⁸⁵Espaço físico da Brigada Urbana do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que funciona na periferia de Maceió.

⁸⁶Os Verdelinhos são um grupo tradicional da cultura popular de Alagoas, particularmente conhecidos por sua atuação no universo do coco de roda e Guerreiro Alagoano.

menor número de ingressantes no ensino superior após a realização do ENEM. A adesão foi tão baixa que sequer houve a divulgação de uma lista de aprovados.

Isso reforça minha convicção de que a participação em expressões da cultura popular não prejudica a formação acadêmica dos estudantes, mas, ao contrário, desperta seu interesse pelos conteúdos escolares e os aproxima do conhecimento. Além disso, a arte e a cultura do território em que estão inseridos podem atrair estudantes que, no imaginário coletivo docente, são considerados "desinteressados" ou "bagunceiros". Curiosamente, são esses alunos que mais se dedicam ao fazer artístico. Recorro a Dumas (2015) para fazer o seguinte questionamento: Não seria papel da escola elaborar planejamentos educacionais que valorizassem diferentes inteligências e interesses? Ou será que à educação básica, no que se refere ao ensino médio, está destinada apenas a metodologia de cursinhos pré-vestibulares?

Os comentários sobre a não participação das terceiras séries no projeto *Guerreiros da Memória*, chegaram até os estudantes, que se manifestaram contra essa exclusão. Eu mesma, assim como outros professores e lideranças da escola, também me posicionei. Até o momento, o projeto continuará contando com a participação dessas turmas. No entanto, é muito cansativo perceber que, por mais sucesso que um projeto artístico cultural tenha no ambiente escolar, principalmente no contexto do ensino médio, ele precisa constantemente se provar e justificar sua existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O SOM REFLETE POR ENTRE OBSTÁCULOS

Nesta pesquisa os estudantes vivenciaram o contexto do Bumba Meu Boi, desde sua construção, até a aprendizagem prática dos instrumentos percussivos; documentaram o processo por meio de diários de memória e registros audiovisuais; compartilharam descobertas, dúvidas e experiências em rodas de conversa, o que fortaleceu o vínculo com o conteúdo e permitiu uma reflexão mais profunda sobre a tradição cultural. O processo culminou em um cortejo pelas ruas de Massagueira, Marechal Deodoro.

A metodologia musical abrangeu o método UPB, sigla para *Unidade Percussiva Básica*, que é uma abordagem desenvolvida para organizar a aprendizagem de ritmos brasileiros. O método utiliza a *clave*, núcleo em torno do qual os elementos musicais são organizados através de unidades rítmicas cíclicas que guiam a execução da música; experiências diretas com o grupo de Bumba Meu Boi Pérola, que atua na comunidade dos alunos, e oficinas com o ex-aluno Pedro Victor Alves. Além disso, foram trabalhados dois movimentos da suíte *Festança*, do compositor Almir Medeiros, uma obra que favorece o aprendizado do ritmo do Bumba Meu Boi de Maceió.

Analizou a escolha de nomes; explicou a participação da personagem “La Urso”, comparando-a a outras mascaradas presentes em Alagoas; documentou o ritmo do Bumba alagoano; tratou da dimensão das medidas do Boi; realizou análise a respeito da dança entre o vaqueiro e o Boi e enfatizou o sentimento de pertencimento que a comunidade e brincantes encontram na brincadeira.

Embora esta pesquisa tenha contribuído para o entendimento do Bumba Meu Boi em Maceió - sendo uma iniciativa de registro, no que se refere à aspectos históricos (de um recorte temporal e territorial), sociais e artísticos - e sua relação com o processo educacional, algumas lacunas permanecem. A escassez de registros sobre as particularidades musicais do Bumba Meu Boi alagoano, a quase inexistência de gravação em estúdio do ritmo, com exceção das entoadas⁸⁷ e as limitações nos materiais publicados sobre a tradição dificultaram uma análise mais profunda. Essas limitações podem ser abordadas em pesquisas futuras, por meio da criação de um dossiê que documente o Bumba Meu Boi em Alagoas, permitindo uma comparação mais rica com as tradições entre municípios locais e até com

⁸⁷As entoadas são as músicas onde o canto é adicionado junto à percussão no ritmo do Bumba meu Boi.

outros estados. A ampliação do acervo de fontes sobre o tema, com foco nas especificidades musicais e culturais de Maceió, também contribuiria para fortalecer e expandir o conhecimento acadêmico sobre essa manifestação.

A partir das limitações e lacunas identificadas nesta pesquisa, várias áreas para estudos futuros podem ser sugeridas. Uma delas seria a investigação mais aprofundada sobre como as La Ursas poderiam ter se transformado em La Ursos em Maceió e a possível mistura de elementos comuns às personagens mascaradas no estado.

Uma área relevante para estudos futuros seria investigar a possível influência de grupos baianos de axé music sobre o Bumba Meu Boi maceioense. Também seria interessante aprofundar a relação entre o ritmo do Boi e o samba reggae, analisando como este poderia ter influenciado, ampliando a compreensão sobre a evolução musical dessa manifestação, principalmente no momento atual, no contexto das entoadas no Festival.

Seria muito importante conduzir um estudo a respeito de como o Bumba Meu Boi se desenvolveu nas cidades do litoral norte de Alagoas e como se apresenta atualmente nessa região, quais são as semelhanças, diferenças entre a manifestação lá se comparada com a brincadeira em Maceió. Uma análise rítmica, instrumental, a respeito das personagens, do cortejo de eventuais competições. Também seria interessante entender se, no cenário atual de Alagoas, a tradição no litoral norte do estado passa por um processo de influência sobre a forma como se apresenta em Maceió, visto que já há Festivais de Bumba Meu Boi nesses municípios. De modo mais amplo, seria muito importante fazer o caminho inverso ao mapa apresentado na figura 1, estudando suas diferenças e semelhanças junto a estados como Pernambuco e Paraíba, visto que em Pilar, PB, há semelhança com o ritmo alagoano (mesmo diante de uma instrumentação diferente), bem como com a estética visual relatada em Brandão (2003).

Essas recomendações visam expandir a compreensão sobre o Bumba Meu Boi e suas influências culturais em Alagoas, oferecendo novas possibilidades de pesquisa que podem aprofundar o conhecimento sobre as práticas musicais, danças e personagens dessa tradição, e assim contribuir para a valorização e preservação da cultura alagoana.

Esta pesquisa oferece uma contribuição significativa para a compreensão da tradição do Bumba Meu Boi em Maceió, destacando suas características musicais e

culturais, bem como sua consolidação a partir da década de 1990. Essas investigações serviram como embasamento da metodologia que articulou oficinas com mestres, brincantes e ensino na educação básica. Abre novos caminhos para a reflexão sobre as conexões e influências que moldaram a sonoridade e a expressão cultural dessa manifestação. Através deste estudo, espera-se enriquecer o campo da música e da cultura popular e incentivar futuros estudos que possam aprofundar o entendimento sobre a dinâmica cultural local e contribuir para a valorização e preservação das tradições afro-brasileiras.

Os resultados obtidos diante da ativação do Cortejo de Bumba Meu Boi na educação básica da Escola Estadual José Correia da Silva Titara indicam um aumento significativo na participação dos alunos, evidenciado pelo maior engajamento e interesse nas atividades propostas. Observou-se também o destaque de jovens que, anteriormente, eram considerados desinteressados, além de uma melhoria tanto qualitativa quanto quantitativa nos resultados das avaliações escolares. As oficinas e o cortejo desempenharam um papel crucial ao estabelecer uma conexão entre a escola, tradição e comunidade, criando um sistema cíclico no qual o conhecimento cultural local é absorvido e, posteriormente, ressignificado na forma de experiência que reflete as tradições e a identidade do território. Esse processo educativo revelou-se como uma ferramenta poderosa para o fortalecimento da aprendizagem e da valorização cultural.

Portanto, esta pesquisa ressalta a relevância da inclusão do Bumba Meu Boi na educação básica, propondo um modelo pedagógico que valoriza as tradições locais e pode servir como referência para educadores interessados em integrar práticas culturais no ambiente escolar. Ao fomentar a consciência cultural e a identidade dos alunos, a pesquisa contribui para o fortalecimento e a ativação dessa manifestação cultural, além de apresentar abordagens sobre como as expressões culturais podem ser utilizadas como ferramentas educativas no desenvolvimento integral dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ALAGOAS. Governo oficializa o Festival Bumba Meu Boi como evento anual no calendário estadual. Disponível em:

<https://alagoas.al.gov.br/noticia/governo-oficializa-o-festival-bumba-meu-boi-como-evento-anual-no-calendario-estadual>. Acesso em: 23 jul. 2023.

BEZERRA, Edson José de Gouveia. As alegorias periféricas. *Artífices*, Salvador, v. 8, n. 2, p. 168-175, jul./dez. 2023. Disponível em: <<https://publicacoes.ifba.edu.br/artifices/article/view/786/490>>. Acesso em: 15 ago. 2024.

BRANDÃO, Théo. Folguedos natalinos. Maceió: Museu Théo Brandão-UFAL, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versa_ofinal.pdf. Acesso em: 17 dez. 2024.

CADAMINUTO. Moradores do Vergel prestigiam grupos de Bumba Meu Boi. Cadaminuto, Maceió, 9 fev. 2016. Disponível em: <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2016/02/09/moradores-do-vergel-prestigiam-grupos-de-bumba-meu-boi>. Acesso em: 12 nov. 2024.

CHASAN, Flávia Bezerra. Grupos de Bumba-meu-boi de Maceió. Universidade Federal da Bahia, Ministério da Cultura, Fundação Joaquim Nabuco, Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste. Olinda: [s.n.], 2014.

DESFILÉ DE BUMBA-MEUS-BOI DA ZONA SUL. Disponível em: https://youtu.be/zyFOkoS54po?si=HI_OfxKhyK-xULD. Acesso em: 23 jul. 2023.

DUMAS, Alexandra. Não se aprende samba no colégio? Folguedos populares e processos pedagógicos. In: TAVARES, Jussara da Silva Rosa; SILVA, Maicyra Teles Leão e. *VIVEncenar: práticas criativas e de ensino em teatro e dança*. Curitiba: CRV, 2015. p. 101-110.

FRAGOSO, Daisy. Epu'ã! Levante-se! Ou o que os Guarani Mbya podem nos ensinar sobre o fazer musical e sobre educação musical. *Música na Educação Básica*, v. 10, n. 12, 2020.

Kubik, Gerhard. Pesquisa musical africana dos dois lados do Atlântico. *Revista USP*, São Paulo, n. 77, p. 90-97, mar./maio 2008. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Kubik-pesquisa_africana_dois_lados_atlantico.pdf. Acesso em: 22/02/2025.

LEITE, Letieres. *Rumpilezzinho: laboratório musical de jovens – relatos de uma experiência*. Salvador: LeL Produção Artística, 2017. 96 p. ISBN 978-85-94154-00-2.

LIMA, José Emmanuel Santos de. *Êh boi! – O teatro do Bumba meu boi de Maceió*. 2022. 108 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teatro) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Maceió, 2022.

MEDEIROS, Almir. Festança. YouTube, 20 dez. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SJdNGjjJ25E>. Acesso em: 24 set. 2024.

NAS QUEBRADAS do boi. Direção: Igor Machado. Produção: Nina Magalhães, Igor Machado. Fotografia: Glauber Xavier. Brasil: Arteiros S/A, 2019. Documentário.

NUNES, I. M. A. *Complexo cultural do bumba-meu-boi do Maranhão*. São Luiz: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2011. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_bumba_meu_boi\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_bumba_meu_boi(1).pdf). Acesso em: 21 set. 2020.

PINTO, Tiago de Oliveira. As cores do som: estruturas sonoras e concepção estética na música afro-brasileira. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, [S. l.], n. 22-23, p. 87–109, 2004. DOI: 10.11606/issn.2526-303X.v0i22-23p87-109. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/74580>. Acesso em: 3 mar. 2025.

ROCHA, José Maria Tenório. *Folgedos e danças de Alagoas*. Maceió: DAC/SENEC, 1984.

SÃO MIGUEL DOS CAMPOS. Secretaria Municipal de Cultura de. Os índios Caetés: primeiros habitantes de São Miguel dos Campos. *Portal da Cultura de São Miguel dos Campos*. Disponível em: <https://cultura.saomigueloscamos.al.gov.br/novidades/historia-de-sao-miguel-dos-camos/os-indios-caetes-primeiros-habitantes-de-sao-miguel-dos-camos>. Acesso em: 30 mar. 2025.

SANTOS, Eduardo. Boi-bumbá de papelão e tecido | Tutorial de como fazer o boneco do bumba-meu-boi. Canal Parabolé. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XFfeyMBUtQk>. Acesso em: 22 fev. 2025.

SANTOS, Thiago Souza. *Bobo gaiato: saber tradicional e desafios da continuidade renovada*. 2018. Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Maceió - AL.

SANTOS, Natalício Rodrigo Silva dos. Entrevista concedida a Lílian Rodrigues da Silva. Maceió, 16 jun. 2024.

SILVA, Joelma Ferreira da. Entrevista concedida a Lílian Rodrigues da Silva. Maceió, 27 de mar, de 2025.

SILVA, Christiano Barros Marinho da. Entrevista concedida a Lílian Rodrigues da Silva. Maceió, 30 de mar, de 2025.

SILVA, Lílian Rodrigues. Entrevista a José Carlos dos Santos (Zé do Boi). Parte 1. YouTube, 04 ago. 2024a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yKh029tylB8>. Acesso em: 17 de março de 2024.

SILVA, Lílian Rodrigues. Entrevista a José Carlos dos Santos (Zé do Boi). Parte 2. YouTube, 04 ago. 2024b. Disponível em: <https://youtu.be/lzK8bcPH4xk?si=IAkSRESJRFuURSm2>. Acesso em: 17 de março de 2024.

SILVA, Lílian Rodrigues. Entrevista a José Carlos dos Santos (Zé do Boi). Parte 3. YouTube, 04 ago. 2024c. Disponível em: <https://youtu.be/ws1lmxQdook?si=iEV9b8rvEak4qJo8>. Acesso em: 17 de março de 2024.

SILVA, Lílian Rodrigues. Entrevista à Lourdes de Lima Arcanjo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nlbKMMnCnHQ>. YouTube, 25 de julho de 2024. Acesso em: 12 nov. 2024d.

SILVA, Lílian Rodrigues da. Entrevista a Alan Vitor dos Santos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B3wJZo90HKM>, YouTube, 12 de março de 2025. Acesso em: 14 de março de 2025.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Entrevista com Dona Lourdes de Lima Arcanjo

A seguir, apresenta-se a entrevista realizada com Dona Lourdes de Lima Arcanjo, em 25 de julho de 2024.

00:00 [Lílian]: Bóra começar! Dona Lourdes, me indicaram a senhora lá no concurso do Boi, né, porque disseram que a senhora tá desde muito cedo assim, dentro dessa brincadeira do Boi. Aí eu queria saber primeiro como é o seu nome?

00:24 [Dona Lourdes]: É Lourdes.

00:25 [Lílian]: Lourdes de quê?

00:26 [Dona Lourdes]: de Lima Arcanjo

00:28 [Lílian]: Arcanjo? Que lindo! Aí eu queria saber como foi, a história da senhora com o Boi?

00:35 [Dona Lourdes]: A minha história... Eu com 9 anos, meus pais já andavam com folia de Boi. Naquele tempo não era Boi, era burrinha.

00:50 [Lílian]: Ah! Era burrinha, era?

00:52 [Dona Lourdes]: Era burrinha. Então eu saía com a burrinha, e eu saía, mais meu pai, minha mãe, minha irmã, tudo atrás da burrinha, né? Pronto aí ficou a burrinha, foi o La Urso - não era La Urso - era Foiará.

01:10 [Lílian]: O nome La Urso era Foiará?

01:11 [Dona Lourdes]: Era. Foiará o La Urso...

01:13 [Lílian]: E como ele era? Eu tenho tanta curiosidade!

01:16 [Dona Lourdes]: Ele era assim: todo cheio de estopa, saco de estopa, agora costurado com as folhas de amêndoa.

01:28 [Lílian]: Eita! Sempre teve muita amendoeira por aqui, não foi?

01:33 [Dona Lourdes]: [Faz que sim com a cabeça] Aí nesse... Aí saía o Foiará. Aí ia eu também, tudo. Aí, aí foi muito longe. Aí meu pai tinha um primo - o nome de... - que a gente ia atrás do Cavaleiro dos Mônico⁸⁸, do finado Gonguila.

01:53 [Lílian]: Cavaleiros do quê?

⁸⁸ Se referindo à agremiação carnavalesca Cavaleiros dos Montes, fundada pelo primo do Seu pai. Rás Gonguila)

01:54 **[Dona Lourdes]**: Cavaleiros dos Mônicos, que era do finado Gonguila. Aí meu pai era primo dele. A gente saía, aí saí com a burrinha, saía atrás dos Cavaleiros dos Mônicos. Os Cavaleiros dos Mônicos só saía de quatro horas em diante. Ali pra Praça Moleque namorador. Então a gente ia também. Aí pronto! Todo ano, todo ano, todo ano fazia. Aí meu pai fazia, minha mãe fazia, a gente saía de traje de cigana, um lencinho assim, de cor, cheio de bengalinha assim, de bocado de coisinha assim, a roupa estampada, fazia [de conta] que era cigana. Era assim que a minha mãe fazia eu e minha irmã, desse jeito. Pronto, e as coisas foram aumentando.

02:42 **[Lílian]**: Saía em que tempo? Os Cavaleiros dos Mônicos, e o Foiará? Era em que tempo, assim? Era Natal, Carnaval, São João?

02:51 **[Dona Lourdes]**: Só carnaval.

02:52 **[Lílian]**: Era no tempo do carnaval, né?

02:54 **[Dona Lourdes]**: Cavaleiros dos Mônicos era um broco.

02:56 **[Lílian]**: Um bloco de carnaval, né?

02:57 **[Dona Lourdes]**: Bloco de carnaval.

02:58 **[Lílian]**: Saía por aqui pela... Por onde eles percorriam?

03:03 **[Dona Lourdes]**: A gente... era lá do Vergel pra Praça Namorador.

03:08 **[Lílian]**: Aí saía o Cavaleiros dos Mônicos junto com Foiará e a burrinha, era?

03:11 **[Dona Lourdes]**: Era. Tudo junto. Aí a gente...

03:14 **[Lílian]**: E vocês de fantasia?

03:16 **[Dona Lourdes]**: É, de fantasia. Aí ajuntava aquele bocado de gente, bocado de gente. Pronto, e ali foi aumentando, aí foi tempo que meu pai morreu, aí passou uns dois anos sem ter boi, burrinha. Aí eu disse:

- Vou fazer uma burrinha!

03:35 **[Lílian]**: E como era o nome do seu pai?

03:16 **[Dona Lourdes]**: É José Miguel Acanjo

03:38 **[Lílian]**: José Miguel Arcanjo. E o irmão dele que era o Gonguila?

03:42 **[Dona Lourdes]**: É o primo.

03:43 **[Lílian]**: Primo?

03:43 **[Dona Lourdes]**: É.

03:44 **[Lílian]**: Certo.

03:45 **[Dona Lourdes]**: Finado Gonguila. Aí a gente foi, né. Eu saía mais ele, tudo bem, né? A gente com aquela alegria e tudo, aí depois, aí vinha um rapaz vestido de índio também. Tudo isso, era.

03:57 **[Lílian]**: Esse de índio acompanhava o quê? O bloco ou a burrinha?

04:00 **[Dona Lourdes]**: O Boi.

03:57 **[Lílian]**: Ah, acompanhava o Boi?

04:02 **[Dona Lourdes]**: Era. que é hoje, é... hoje em dia é boi, antigamente era burrinha. 04:04 **[Lílian]**: Tá, então esse cara vestido de índio acompanhava a burrinha?

04:08 **[Dona Lourdes]**: É, nessa época. tempo de Carnaval. Aí saí assim, esse tempo de Carnaval, pronto.

04:14 **[Lílian]**: Mas então não era com a intenção de ir fantasiado pro carnaval, era intenção de acompanhar mesmo a Burrinha? O rapaz fazia parte da burrinha?

04:21 **[Dona Lourdes]**: É, mas com a fantasia...

04:24 **[Lílian]**: Ou fazia parte só do bloco?

04:26 **[Dona Lourdes]**: Não. A gente misturava. Tanto com a burrinha, era tudo misturado. Aí meu pai, com o tempo, morreu. Aí passou uns tempo sem a burrinha sair. Nesse tempo eu fui ficando mocinha, né? Ficando mocinha, que eu tava com uma base de 10 anos de... pra 10 anos, nesse tempo. Aí eu disse:

- Vou botar burrinha. Vou fazer uma burrinha.

Aí disseram:

- Não. Agora não tem mais burrinha não, é Boi.

Pronto, aí eu... fez o Boi, né. Fiz um Boi, tudo.

05:01 **[Lílian]**: E quem veio com essa ideia do boi? Quem veio com essa inovação, que disse: "Agora é Boi"? Se a senhora lembra?

05:06 **[Dona Lourdes]**: Foi um rapaz, foi um homem que disse:

- Não Dona Lourdes, agora não é mais mais burrinha não, é Boi, pronto.

05:13 **[Lílian]**: A senhora já tinha mais ou menos quantos anos nessa época?

05:15 **[Dona Lourdes]**: Nessa época eu já tava com uns 15 anos. Aí fui embora pro Rio [de Janeiro]. Passei... que a filha do meu marido tinha morrido. Eu não era a mãe dela não. Aí tinha morrido lá no Rio, aí a gente foi pra lá. Passei lá um mês, lá no Rio. Quando eu voltei aí encontrei o meu neto o Dário, com o boi. Com o Boi eh, ele pegava - não tem aqueles paneleiros, que eram de três pés assim, nera?

05:48 **[Lílian]**: Sei. Ficava assim em pé, né?

05:50 **[Dona Lourdes]**: Era. Aí pegava aquele paneleiro e botava na cabeça, botava o lençol, pra dizer que era Boi. Aí pronto, saía aqueles meninos tudo atrás. Aí a bateria era de lata, balde, que aqui nessa construção, ele o Dário pegava as lata da... escondido da construção. Pra tocar. Aí pronto. Aí ele começava a tocar e quando aquele menino chegava de tardezinha ele chegava, aí tudo alegre, tudo alegre, tudo satisfeitos, aí trazia aquela moeda, trazia aquela moeda, aí eu pegava aquela moeda que eles traziam, que tinha ganhado, que tudo que o Boi saía, né? O pessoal dava dinheiro a eles. Aí chegava aquelas moedas, aquele dinheiro, aí eu ia pra venda, comprava de lanche. Aí eles tudo assentado, tudinho assim, e eu saía dando lanche. Era pipoca, era pão, era refrigerante. Aí tudo comia, né? Tudo ali comia, tudo ali satisfeito, né? Quando depois, aí quando eles terminaram de comer, eu ia levar cada um nas suas portas. Levava cada um nas suas portas. Aí:

- Oh, vizinha, aqui se seu menino.

- Tá Dona Lourdes.

Ainda hoje tem, ainda hoje tem menino que chegou aqui com 7 anos, hoje em dia é

casado, é pai, ainda toca no meu Boi.

07:23 **[Lílian]**: Eita que legal!

07:25 **[Dona Lourdes]**: E os filhos dele acompanha.

07:26 **[Lílian]**: Que lindo é e

07:28 **[Dona Lourdes]**: Tem umas quatro pessoas, quatro homens.

07:32 **[Lílian]**: Que já é dessa época, né?

07:33 **[Dona Lourdes]**: É, que é dessa época. Aí a gente... Aí me admirava e tudo porque é de geração pra geração. Era meu pai, meu pai morreu. Meus irmãos não quis saber:

- Mas minha irmã, o nosso pai morreu e você com essa folia de Boi! Da onde veio?

- Mas eu gosto!

Aí fiquei em geração comigo, de eu tá com meu Boi, né? E o Dário também tá na mesma

geração.

08:06 **[Lílian]**: Vai ser o herdeiro, né?

08:08 **[Dona Lourdes]**: É. Pronto, aí o Boi foi campeão várias vezes, vice-campeão pra ali tem um bocado de taça, tudo isso. E a gente tudo ali satisfeitos e tem [inaudível] o boi era era de rua, não era o nome de Boi Trovão.

08:26 **[Lilian]**: Como era o primeiro nome?

08:27 **[Dona Lourdes]**: Primeiro nome era... Eu não me lembro muito bem o nome desse Boi. Primeiro era... não, era Boi de rua, tinha nome não,

08:43 **[Lilian]**: Era só o nome boi de rua, só boi mesmo,

08:46 **[Dona Lourdes]**: Só Boi. Aí depois fizemos um Boi, chegou um rapaz, aí disse assim... Aí ajudou fazer o boi, né? Que a gente não sabia fazer, aí fez, fez a armação e me ajudou a fazer o Boi. Ajudou os meninos aqui a fazer o Boi. Aí disse assim:

- Olha, Dona Lourdes, se um dia eu tivesse, fosse componente de um Boi eu ia botar o nome do Boi de Boi Trovão.

Aí eu disse, aí eu disse:

- Não se eu... pois eu vou botar o nome do meu Boi, eh...

Não, ele disse assim:

- Se um dia fosse... Se eu tivesse um Boi eu ia botar o nome do Boi Trovão Negro.

Aí eu disse:

- Ah pois não vou botar Trovão Negro não. Vou botar Boi Trovão.

Aí botei Trovão, foi. E todo ano - foi 2008 já tá agora em 2024 - o Boi nunca passou um ano pra não ir.

09:44 **[Lilian]**: Que lindo!

09:45 **[Dona Lourdes]**: A gente

09:46 **[Lilian]**: 2008 ele começou no festival, é isso que a senhora quer dizer?

09:48 **[Dona Lourdes]**: Foi eu botei ele no festival em 2008. Ah...

09:55 **[Lilian]**: E nunca deixou um ano de participar?

09:48 **[Dona Lourdes]**: Nunca deixou ano de participar. Quem... Quem era que me ajudava aqui o Boi era Teresa Nelma, deputada Teresa, a vereadora Teresa Nelma era quem patrocinava o Boi. Todo mês, todo ano dava assim um pedaço de dinheiro para comprar a roupa dos meninos, tudo isso. E assim foi e hoje em dia a Teresa não tá mais na candidatura, mas ela dá uma força. Agora quem tá é a Teca...

10:26 **[Lilian]**: É filha dela, é?

10:48 **[Dona Lourdes]**: É isso mesmo. Tá ali o nome. Quando você for, você pode tirar o retrato ali do Boi, aí da área viu? Do Boi. Pronto. Aí, essa data, pronto, o Boi tá batizado por esse nome e eu fico feliz! Levei... eu tava boa das minhas pernas e tudo, dançava e tudo, mas hoje em

dia, eu levei uma queda, quebrei o fêmur, aí eu tô andando de muleta, mas...

10:57 **[Lílian]**: Mas vai se recuperar, né?

10:58 **[Dona Lourdes]**: É.

11:00 **[Lílian]**: Faz quanto tempo que levou a queda?

11:01 **[Dona Lourdes]**: Faço... Tá... vai fazer 3 anos. Mas eu tô fazendo fisioterapia e vou voltar... já tô andando. Pouquinho, mas já tô andando, né? Mas por causa disso eu ainda não deixei de participar na arena, de ir pra arena, ver meu Boi dançar [Risadas].

11:18 **[Lílian]**: Ô Dona Lourdes, eu posso fazer algumas perguntas dessa história? Porque eu fico curiosa com os detalhes.

11:23 **[Dona Lourdes]**: Sim. E então eu já dancei, eu já dancei baiana.

11:28 **[Lílian]**: Eita que linda!

11:30 **[Dona Lourdes]**: Dancei baiana.

11:32 **[Lílian]** Onde era que a senhora dançava baiana aqui?

11:34 **[Dona Lourdes]**: Lá no Vergel. Dancei baiana, é dancei guerreiro.

11:39 **[Lílian]**: Guerreiro, quem era o mestre ou mestra do Guerreiro, lembra?

11:41 **[Dona Lourdes]**: O mestre era um rapaz que era um mestre. Agora... Aí eu dançava...

11:45 **[Lílian]**: A senhora era que personagem no guerreiro?

11:48 **[Dona Lourdes]**: Era contra mestre.

11:49 **[Lílian]**: Eita que linda! Ah, que coisa mais linda, meu Deus!

11:55 **[Dona Lourdes]**: E [contra mestre] da Baiana também. Pronto, aí eu... Tudo

isso solteiro, né? Tinha roupa ainda uns tempo, de baiana. Aí quando foi uma vez, a gente foi... a baiana ia ensaiar uma festa. Aí então então eu tinha um namorado...

12:13 **[Lílian]**: Antônio é seu marido?

12:14 **[Dona Lourdes]**: Hum?

12:14 **[Lílian]**: Seu marido é Antônio?

12:15 **[Dona Lourdes]**: Não. Era um outro, namorado. Aí ele disse assim:

- É, eu vou deixar você. Vou deixar você porque o dia de sábado eu quero passear e você iludida com esse negócio de baiana.

Aí pronto. [inaudível] com raiva. Aí quando [inaudível], olha eu vi o Ricardo lá numa venda bebendo.

Dona Lourdes:

- aonde fica essa venda?

- Lá pertinho da onde fica a tua baiana.

Apois vamos!

12:47 **[Lílian]**: E não era Antônio o nome dele? Já virou Ricardo, Dona Lourdes?

12:49 **[Dona Lourdes]**: Hum?

12:50 **[Lílian]**: Ricardo é o mesmo do Antônio?

12:52 **[Dona Lourdes]**: É. Antônio Ricardo.

12:53 **[Lílian]**: Ah tá.

12:54 **[Dona Lourdes]**: Aí eu disse assim: Ah pois eu vou. Vamos! Aí eu fui. Aí eu cheguei e cantei:

Ensaio essa baiana

Pra satisfazer as meninas

Eu vou cumprir com a minha sina

Eu quero morrer cantando

Andando de Deus em Deus

Com as menina ensaiando

Jurei, jurei

Mas eu não tive desgosto

Ninguém beija o seu rosto

No lugar que eu já beijei

É porque esses homens de hoje

São quase tudo um covarde

13:37 **[Lílian]**: E terminava aí ou tinha mais?

13:39 **[Dona Lourdes]**: Terminava aí.

13:40 **[Lílian]**: E foi a senhora que fez na hora, foi?

13:42 **[Dona Lourdes]**: Foi, fiz na hora.

13:42 **[Lílian]**: Eita que linda

13:43 **[Dona Lourdes]**: Porque com raiva, porque ele tava lá, bebendo.

13:46 **[Lílian]**: Meu Deus! Que música linda!

13:43 **[Dona Lourdes]**: Aí, dizendo assim:

- Por que?

Aí eu disse que tava ensaiando a baiana pra satisfazer as meninas, as minhas colegas, né não?

13:46 **[Lílian]**: E a senhora não esqueceu mais essa música, né? Que linda, eu amei!

14:03 **[Dona Lourdes]**: Aí, pronto. Hoje em dia tô com 79 anos, sou de 1945.

14:09 **[Lílian]**: Então quer dizer que essa burrinha já sai desde que a senhora tinha 9 anos, né? Que a senhora lembra?

14:14 **[Dona Lourdes]**: Foi

14:15 **[Lílian]**: Deixa eu fazer aqui as contas aqui... 54, 1954.... Se eu não tô com as contas enganadas. 1954, é?

14:26 **[Dona Lourdes]**: É. Aí eu faço desenho... faço, ajuda a enfeitar o Boi, eu faço a roupa do...

14:34 **[Lílian]**: Então desde 1960, que foi quando seu pai morreu, que a senhora tinha 15 anos, que a senhora já teve a ideia de fazer, de... depois de dois anos, mais ou menos em 1962 a senhora já quis fazer... a continuar a burrinha, né? Mas aí a senhora foi para São Paulo, passou quanto tempo lá?

14:51 **[Dona Lourdes]**: Eu passei um mês, porque foi a filha do meu marido que morreu.

14:55 **[Lílian]**: A senhora acha que depois, mais ou menos - seu pai morreu - mais ou menos quantos anos demorou pra senhora fazer o Boi mesmo?

15:00 **[Dona Lourdes]**: Não sei não, mesmo.

15:01 **[Lílian]**: Não sabe? Não tem muita...

15:02 **[Dona Lourdes]**: não tenho muita ideia.

15:04 **[Lílian]**: Mas, a idade que a senhora tinha quando o seu neto começou a botar esse Boizinho na cabeça?

15:08 **[Dona Lourdes]**: Quando meu neto botou o Boi na cabeça, eu tinha uma base de...

15:13 **[Lílian]**: Foi o Dário, foi?

15:14 **[Dona Lourdes]**: Foi o Dário. De 40 e poucos anos.

15:17 **[Lílian]**: E ele? Ele tem quantos anos?

15:19 **[Dona Lourdes]**: Ele tem 30.

15:21 **[Lílian]**: Tem 30? Então ele devia ter quantos anos nessa época?

15:24 **[Dona Lourdes]**: Ele tinha uns 9 anos, era menino, garoto. Aqueles meninos tudo andando na rua.

15:29 **[Lílian]**: Entendi. Então esse Boi tem mais ou menos uns 21 anos.

15:34 **[Dona Lourdes]**: Tem uns 50

15:35 **[Lílian]**: Porque... Vamos lá ver... Tem cinquenta anos, esse boi? A senhora...

15:40 **[Dona Lourdes]**: É, porque... botei, registei ele na Liga em 2008.

15:45 **[Lílian]**: É.

15:48 **[Dona Lourdes]**: 2008 pra 2000, 2024

15:52 **[Lílian]**: Fazem - mas se bem que eu sou ruim de conta - fazem 16 anos, mais ou menos na Liga. Mas ele já existia antes da Liga?

16:04 **[Dona Lourdes]**: Já existia.

16:06 **[Lílian]**: É.

16:07 **[Dona Lourdes]**: Agora só que não era Boi Trovão. Era boi de rua.

16:10 **[Lílian]**: E como era feito o boi de rua? Porque quando o seu neto era criança, ele botava esse na cabeça e tal, mas eu queria saber como vocês construíram o primeiro Boi, assim.

16:20 **[Dona Lourdes]**: O cavalete era de pau.

16:22 **[Lílian]**: Hum.

16:23 **[Dona Lourdes]**: As perna era de pau.

16:24 **[Lílian]**: Aqueles cavaletes, né?

16:25 **[Dona Lourdes]**: É. Aqueles cavaletes de pau. Aí, com o pau no meio, aqueles cavaletes de pau, aí a gente botava, comprava cetim e pano mesmo, né. Aí botava...

16:35 **[Lílian]**: E para dar o formato dele? Pra dar o formato, assim arredondado, fazia o quê? Botava...

16:25 **[Dona Lourdes]**: Dar formato, botava vergalhão.

16:41 **[Lílian]**: Sim, já botava vergalhão, né?

16:43 **[Dona Lourdes]**: Para dar o formato. Aí, a gente, o menino ia lá pra comprar cabeça de Boi lá no Matadouro, né?

16:54 **[Lílian]**: Que era cabeça mesmo, era?

16:55 **[Dona Lourdes]**: Era cabeça mesmo.

16:56 **[Lílian]**: Do osso mesmo.

16:57 **[Dona Lourdes]**: É, do osso mesmo. Aí comprava a cabeça do boi, enterrava. Passava uns três meses a cabeça lá, enterrada. Pra sair a carne, né? Aí quando tava seca, aí cobria. Aí desenhava.

17:14 **[Lílian]**: Tinha que... Era um processo, né? Essa cabeça já vinha com o chifre ou vinha sem o chifre?

17:19 **[Dona Lourdes]**: Já vinha com o chifre.

17:14 **[Lílian]**: Já vinha, né? Eu quero saber tudo, que eu sou curiosa.

17:25 **[Dona Lourdes]**: Já, já vinha com o chifre.

17:26 **[Lílian]**: Ô Dona Lourdes, deixa eu perguntar mais uma coisa! Quando saía o Foiará, como era? Ele tinha máscara ou não?

17:32 **[Dona Lourdes]**: Tinha máscara.

17:33 **[Lílian]**: Era [feita] de que essa máscara?

17:34 **[Dona Lourdes]**: A máscara é de...

17:35 **[Lílian]**: Naquela época?

17:36 **[Dona Lourdes]**: Era de papel.

17:37 **[Lílian]**: Era aquele papel com água, que moldava, né?

17:39 **[Dona Lourdes]**: Era.

17:40 **[Lílian]**: E era em formato de quê, assim? Essas máscaras?

17:43 **[Dona Lourdes]**: Aqui assim, em formato assim de - como é o nome? -, assim uma máscara mesmo de papelão.

17:50 **[Lílian]**: Mas era assim: coisas fofinhas, coisas assustadoras, coisas...? Era o que?

17:54 **[Dona Lourdes]**: Era aquela coisinha fofinha.

17:56 **[Lílian]**: E era?

17:57 **[Dona Lourdes]**: Era.

17:59 **[Lílian]**: Não é que nem hoje o La Urso que é todo assustador, não?

18:00 **[Dona Lourdes]**: Não.

18:01 **[Lílian]**: E era como? Agora eu fiquei curiosa, Dona Lourdes.

18:04 **[Dona Lourdes]**: É porque tinha várias máscaras, né? Aí a gente... Aí comprava uma máscara. Tinha umas máscaras bonitinhas, tinha outras máscaras feias, né?

18:14 **[Lílian]**: Então era... mas era comprada ou era feita? Que eu lembro quando era menina, que faziam máscaras de papel com água mas eu não lembro como eram esses formatos.

18:22 **[Dona Lourdes]**: Era. Era. Pegava, pegava a cola, cola branca, botava assim num negócio assim, bem numa bacia de doce, molhava e saía pregando o papel.

18:38 **[Lílian]**: E para dar o formato fazia o quê?

18:40 **[Dona Lourdes]**: para dar o formato, aí já vai por cima da máscara que comprou.

18:44 **[Lílian]**: Ah comprava uma máscara já pronta, né?

18:46 **[Dona Lourdes]**: É. Comprava uma máscara já pronta e a gente dava formato. Pra ficar mais durinha, que era mole.

18:50 **[Lílian]**: E essa máscara que comprava era de quê?

18:52 **[Dona Lourdes]**: Era de papel.

18:53 **[Lílian]**: Ah! Vendia antigamente máscara de papel, né? Já? Ah, entendi agora.

18:57 **[Dona Lourdes]**: Hoje em dia é de plástico

18:59 **[Lílian]**: É.

19:00 **[Dona Lourdes]**: Né. E então a gente comprava papel crepom, aquele papel iluminado para fazer as flores do Boi.

19:08 **[Lílian]**: Ah! Que lindo!

19:09 **[Dona Lourdes]**: Comprava o pano, botava por cima...

19:10 **[Lílian]**: O pano era [feito] de que?

19:12 **[Dona Lourdes]**: O pano era de cetim mesmo. Às vezes era estampado, às vezes era pano estampado, botava por cima do boi, né? Aí a gente fazia aquelas rosas assim grandes, de papel crepom e papel laminado e aí saía pregando

19:28 **[Lílian]**: Eita que lindo!

19:29 **[Dona Lourdes]**: Era. Aí depois é que foi fazer esses Bois tudo caro.

19:28 **[Lílian]**: É, que hoje em dia é caríssimo, né? Ô Dona Lourdes, antes desse Festival, antes de ficar assim como Festival, o Boi, ele fazia o quê? Ele saía pelas ruas? Como era?

19:44 **[Dona Lourdes]**: Saía pelas ruas.

19:45 **[Lílian]**: Ele não competia um com o outro não, né?

19:49 **[Dona Lourdes]**: Não, saía pela rua. Aí quando chegava assim, competia um com o outro, mas não tinha briga não.

19:53 **[Lílian]**: Não era Festival, né?

19:54 **[Dona Lourdes]**: Não. Ele saía sem ser Festival.

19:55 **[Lílian]**: Então, eu queria que a senhora me contasse isso. Pronto, aí no caso ele saía daqui?

19:59 **[Dona Lourdes]**: É.

20:00 **[Lílian]**: E ia... Qual era o percurso que fazia quando não tinha Festival, era só... antes?

20:02 **[Dona Lourdes]**: É. Ele saía aqui por trás. Saía pro Trapiche, Trapiche, ia pra o Vergel. Quando voltava, voltava já de noite.

20:14 **[Lílian]**: Nessa saída, nesse caminho, quem ia, além do Boi? Ia o Boi, o Vaqueiro, né?

20:20 **[Dona Lourdes]**: Ia o Boi, o Vaqueiro, os tocador. Tá os bombo tudo ali.

20:24 **[Lílian]**: E quem mais? La Urso ia, já?

20:26 **[Dona Lourdes]**: Já ia.

20:26 **[Lílian]**: Já não era mais Folhará, não?

19:27 **[Dona Lourdes]**: Não, já era La Urso. La Urso, Vaqueiro. Aí o La Urso ganhava dinheiro. Aí quando [risadas]... quando a gente chegava em casa [risadas].

20:35 **[Lílian]**: Porque o o La Urso vai acompanhando o Boi, pedindo dinheiro, né?

20:38 **[Dona Lourdes]**: É. La Urso vai pedindo dinheiro.

20:39 **[Lílian]**: E ia mais alguém além do La Urso?

20:43 **[Dona Lourdes]**: Ia. Muita gente que ia.

20:45 **[Lílian]**: As pessoas, né?

20:46 **[Dona Lourdes]**: É, o pessoal ia tudo acompanhando o Boi. Era aquela multidão de gente!

20:49 **[Lílian]**: Mas tinha outros personagens fantasiados? Que nem o La urso, ou não? Ou de outras coisas ou sem...

20:54 **[Dona Lourdes]**: Não. Só fantasiado, só [inaudível]...

20:55 **[Lílian]**: Porque na minha memória de criança era o Boi, Vaqueiro, La urso e os tocadores e o povo.

21:00 **[Dona Lourdes]**: É, o povo.

21:01 **[Lílian]**: Tinha mais alguém, assim?

21:02 **[Dona Lourdes]**: Não, só o povo que ia acompanhando e o La urso, o Vaqueiro, né? E o Boi dançando de rua em rua. Quando parava numa porta dançava, dançava numa porta, aí o pessoal dava dinheiro e ia simhora [risadas].

20:15 **[Lílian]**: Ah que massa! Mas então se encontrasse outro boi não brigava não?

21:19 **[Dona Lourdes]**: Não.

21:20 **[Lílian]**: Porque eu lembro quando era criança que os bois brigavam. Eu morava no Reginaldo. Os Bois lá brigavam se encontrasse outros...

21:25 **[Dona Lourdes]**: É. Eu soube também, né?

21:28 **[Lílian]**: Que era facão e tudo, se encontrasse...

21:29 **[Dona Lourdes]**: Era. Lá pra banda do Reginaldo, ali perto do Zé do Boi, por ali.

21:33 **[Lílian]**: Era.

21:34 **[Dona Lourdes]**: É... na Ponte da Terra os bois brigavam com...

21:37 **[Lílian]**: Era, os Bois tinham muita richa.

21:39 **[Dona Lourdes]**: Era, tinham muita richa um com o outro. Aqui não. Aqui só tem o Trovão, o Fênix e o Força Bruta. Mas ainda que...

21:49 **[Lílian]**: São amigos?

21:50 **[Dona Lourdes]**: Somos amigos. Ainda que saia, se encontra, mas não brigam não.

21:56 **[Lílian]**: Que lindo!

21:57 **[Dona Lourdes]**: E só vai assim: se vai sair hoje o Trovão, pronto. Aí o pessoal da Força Bruta quiser, os dois e do coisa quiser acompanhar, acompanha. É, amanhã vai sair outro Boi. Depois já vai sair outro Boi.

22:12 **[Lílian]**: Eu soube que teve um tempo que saía os Bois todos juntos, é verdade?

22:15 **[Dona Lourdes]**: Era. Foi um Festival do Nonato.

22:21 **[Lílian]**: Nonato é quem Nonato?

22:22 **[Dona Lourdes]**: Nonato é um rapaz que mora lá no, lá no Joaquim Leão.

22:25 **[Lílian]**: Sim.

22:26 **[Dona Lourdes]**: O Nonato. Ele fez Festival dos Bois. Aí saiu um monte de Boi, tudo atrás um do outro. Aí todos os Bois ganhavam troféu. Todos.

22:37 **[Lílian]**: Ah que lindo. E a senhora então é a fundadora do Boi Trovão e é a presidente do boi Trovão?

22:44 **[Dona Lourdes]**: [risadas] É.

22:46 **[Lílian]**: Que linda! É isso mesmo

22:48 **[Dona Lourdes]**: É.

22:49 **[Lílian]**: A senhora quem manda aqui em tudo, em todos eles?

22:51 **[Dona Lourdes]**: É. Às vezes... Aí agora esse Boi daí [apontando para o Boi menor] é do projeto da Pestalozzi. Aí é um bucado de menino, ai...

23:01 **[Lílian]**: Esse aqui? [Apontando para o Boi maior]

23:02 **[Dona Lourdes]**: Não. Esse aqui não. É aquele acolá. Aí os meninos querem arengar um com o outro, que agora... Desse daí é adulto, esse daqui é umas crianças. Aí não arenga não, porque se arengar aí, não vem mais!

23:15 **[Lílian]**: Sim! Pois é! Pois tá lindo! Dona Lourdes, escureceu não foi, aqui?

23:22 **[Dona Lourdes]**: Foi aí quer ir lá para dentro?

23:25 **[Lílian]**: Bora! A senhora quer conversar mais? Bora conversar mais? A senhora que diz viu.

APÊNDICE B - Entrevista com José Carlos dos Santos (Zé do Boi) - Parte 1

00:00 **[Lílian]**: Bóra começar! Dona Lourdes, me indicaram a senhora lá no concurso do Boi, né, porque disseram que a senhora tá desde muito cedo assim, dentro dessa brincadeira do Boi. Aí eu queria saber primeiro como é o seu nome?

00:24 **[Dona Lourdes]**: É Lourdes.

00:25 **[Lílian]**: Lourdes de quê?

00:26 **[Dona Lourdes]**: de Lima Arcanjo

00:28 **[Lílian]**: Arcanjo? Que lindo! Aí eu queria saber como foi, a história da senhora com o Boi?

00:35 **[Dona Lourdes]**: A minha história... Eu com 9 anos, meus pais já andavam com folia de Boi. Naquele tempo não era Boi, era burrinha.

00:50 **[Lílian]**: Ah! Era burrinha, era?

00:52 **[Dona Lourdes]**: Era burrinha. Então eu saía com a burrinha, e eu saía, mais meu pai, minha mãe, minha irmã, tudo atrás da burrinha, né? Pronto aí ficou a burrinha, foi o La Urso - não era La Urso - era Foiará.

01:10 **[Lílian]**: O nome La Urso era Foiará?

01:11 **[Dona Lourdes]**: Era. Foiará o La Urso...

01:13 **[Lílian]**: E como ele era? Eu tenho tanta curiosidade!

01:16 **[Dona Lourdes]**: Ele era assim: todo cheio de estopa, saco de estopa, agora costurado com as folhas de amêndoa.

01:28 **[Lílian]**: Eita! Sempre teve muita amendoeira por aqui, não foi?

01:33 **[Dona Lourdes]**: [Faz que sim com a cabeça] Aí nesse... Aí saía o Foiará. Aí ia eu também, tudo. Aí, aí foi muito longe. Aí meu pai tinha um primo - o nome de... - que a gente ia atrás do Cavaleiro dos Mônicos⁸⁹, do finado Gonguila.

01:53 **[Lilian]**: Cavaleiros do quê?

01:54 **[Dona Lourdes]**: Cavaleiros dos Mônicos, que era do finado Gonguila. Aí meu pai era primo dele. A gente saía, aí saí com a burrinha, saía atrás dos Cavaleiros dos Mônicos. Os Cavaleiros dos Mônicos só saía de quatro horas em diante. Ali pra Praça Moleque namorador. Então a gente ia também. Aí pronto! Todo ano, todo ano, todo ano fazia. Aí meu pai fazia, minha mãe fazia, a gente saía de traje de cigana, um lencinho assim, de cor, cheio de bengalinha assim, de bocado de coisinha assim, a roupa estampada, fazia [de conta] que era cigana. Era assim que a minha mãe fazia eu e minha irmã, desse jeito. Pronto, e as coisas foram aumentando.

02:42 **[Lilian]**: Saía em que tempo? Os Cavaleiros dos Mônicos, e o Foiará? Era em que tempo, assim? Era Natal, Carnaval, São João?

02:51 **[Dona Lourdes]**: Só carnaval.

02:52 **[Lilian]**: Era no tempo do carnaval, né?

02:54 **[Dona Lourdes]**: Cavaleiros dos Mônicos era um broco.

02:56 **[Lilian]**: Um bloco de carnaval, né?

02:57 **[Dona Lourdes]**: Bloco de carnaval.

02:58 **[Lilian]**: Saía por aqui pela... Por onde eles percorriam?

03:03 **[Dona Lourdes]**: A gente... era lá do Vergel pra Praça Namorador.

03:08 **[Lilian]**: Aí saía o Cavaleiros dos Mônicos junto com Foiará e a burrinha, era?

03:11 **[Dona Lourdes]**: Era. Tudo junto. Aí a gente...

03:14 **[Lilian]**: E vocês de fantasia?

03:16 **[Dona Lourdes]**: É, de fantasia. Aí juntava aquele bocado de gente, bocado de gente. Pronto, e ali foi aumentando, aí foi tempo que meu pai morreu, aí passou uns dois anos sem ter boi, burrinha. Aí eu disse:

- Vou fazer uma burrinha!

03:35 **[Lilian]**: E como era o nome do seu pai?

03:16 **[Dona Lourdes]**: É José Miguel Acanjo

03:38 **[Lilian]**: José Miguel Arcanjo. E o irmão dele que era o Gonguila?

⁸⁹ Se referindo à agremiação carnavalesca Cavaleiros dos Montes, fundada pelo primo do Seu pai. Rás Gonguila)

03:42 **[Dona Lourdes]**: É o primo.

03:43 **[Lílian]**: Primo?

03:43 **[Dona Lourdes]**: É.

03:44 **[Lílian]**: Certo.

03:45 **[Dona Lourdes]**: Finado Gonguila. Aí a gente foi, né. Eu saía mais ele, tudo bem, né? A gente com aquela alegria e tudo, aí depois, aí vinha um rapaz vestido de índio também. Tudo isso, era.

03:57 **[Lílian]**: Esse de índio acompanhava o quê? O bloco ou a burrinha?

04:00 **[Dona Lourdes]**: O Boi.

03:57 **[Lílian]**: Ah, acompanhava o Boi?

04:02 **[Dona Lourdes]**: Era. que é hoje, é... hoje em dia é boi, antigamente era burrinha. 04:04 **[Lílian]**: Tá, então esse cara vestido de índio acompanhava a burrinha?

04:08 **[Dona Lourdes]**: É, nessa época. tempo de Carnaval. Aí saí assim, esse tempo de Carnaval, pronto.

04:14 **[Lílian]**: Mas então não era com a intenção de ir fantasiado pro carnaval, era intenção de acompanhar mesmo a Burrinha? O rapaz fazia parte da burrinha?

04:21 **[Dona Lourdes]**: É, mas com a fantasia...

04:24 **[Lílian]**: Ou fazia parte só do bloco?

04:26 **[Dona Lourdes]**: Não. A gente misturava. Tanto com a burrinha, era tudo misturado. Aí meu pai, com o tempo, morreu. Aí passou uns tempo sem a burrinha sair. Nesse tempo eu fui ficando mocinha, né? Ficando mocinha, que eu tava com uma base de 10 anos de... pra 10 anos, nesse tempo. Aí eu disse:

- Vou botar burrinha. Vou fazer uma burrinha.

Aí disseram:

- Não. Agora não tem mais burrinha não, é Boi.

Pronto, aí eu... fez o Boi, né. Fiz um Boi, tudo.

05:01 **[Lílian]**: E quem veio com essa ideia do boi? Quem veio com essa inovação, que disse: "Agora é Boi"? Se a senhora lembra?

05:06 **[Dona Lourdes]**: Foi um rapaz, foi um homem que disse:

- Não Dona Lourdes, agora não é mais mais burrinha não, é Boi, pronto.

05:13 **[Lílian]**: A senhora já tinha mais ou menos quantos anos nessa época?

05:15 **[Dona Lourdes]**: Nessa época eu já tava com uns 15 anos. Aí fui embora pro Rio [de Janeiro]. Passei... que a filha do meu marido tinha morrido. Eu

não era a mãe dela não. Aí tinha morrido lá no Rio, aí a gente foi pra lá. Passei lá um mês, lá no Rio. Quando eu voltei aí encontrei o meu neto o Dário, com o boi. Com o Boi eh, ele pegava - não tem aqueles paneleiros, que eram de três pés assim, nera?

05:48 **[Lílian]**: Sei. Ficava assim em pé, né?

05:50 **[Dona Lourdes]**: Era. Aí pegava aquele panelheiro e botava na cabeça, botava o lençol, pra dizer que era Boi. Aí pronto, saía aqueles meninos tudo atrás. Aí a bateria era de lata, balde, que aqui nessa construção, ele o Dário pegava as lata da... escondido da construção. Pra tocar. Aí pronto. Aí ele começava a tocar e quando aquele menino chegava de tardezinha ele chegava, aí tudo alegre, tudo alegre, tudo satisfeitos, aí trazia aquela moeda, trazia aquela moeda, aí eu pegava aquela moeda que eles traziam, que tinha ganhado, que tudo que o Boi saía, né? O pessoal dava dinheiro a eles. Aí chegava aquelas moedas, aquele dinheiro, aí eu ia pra venda, comprava de lanche. Aí eles tudo assentado, tudinho assim, e eu saía dando lanche. Era pipoca, era pão, era refrigerante. Aí tudo comia, né? Tudo ali comia, tudo ali satisfeito, né? Quando depois, aí quando eles terminaram de comer, eu ia levar cada um nas suas portas. Levava cada um nas suas portas. Aí:

- Oh, vizinha, aqui se seu menino.

- Tá Dona Lourdes.

Ainda hoje tem, ainda hoje tem menino que chegou aqui com 7 anos, hoje em dia é

casado, é pai, ainda toca no meu Boi.

07:23 **[Lílian]**: Eita que legal!

07:25 **[Dona Lourdes]**: E os filhos dele acompanha.

07:26 **[Lílian]**: Que lindo é e

07:28 **[Dona Lourdes]**: Tem umas quatro pessoas, quatro homens.

07:32 **[Lílian]**: Que já é dessa época, né?

07:33 **[Dona Lourdes]**: É, que é dessa época. Aí a gente... Aí me admirava e tudo porque é de geração pra geração. Era meu pai, meu pai morreu. Meus irmãos não quis saber:

- Mas minha irmã, o nosso pai morreu e você com essa folia de Boi! Da onde veio?

- Mas eu gosto!

Aí fiquei em geração comigo, de eu tá com meu Boi, né? E o Dário também tá na mesma geração.

08:06 **[Lilian]**: Vai ser o herdeiro, né?

08:08 **[Dona Lourdes]**: É. Pronto, aí o Boi foi campeão várias vezes, vice-campeão pra ali tem um bocado de taça, tudo isso. E a gente tudo ali satisfeitos e tem [inaudível] o boi era era de rua, não era o nome de Boi Trovão.

08:26 **[Lilian]**: Como era o primeiro nome?

08:27 **[Dona Lourdes]**: Primeiro nome era... Eu não me lembro muito bem o nome desse Boi. Primeiro era... não, era Boi de rua, tinha nome não,

08:43 **[Lilian]**: Era só o nome boi de rua, só boi mesmo,

08:46 **[Dona Lourdes]**: Só Boi. Aí depois fizemos um Boi, chegou um rapaz, aí disse assim... Aí ajudou fazer o boi, né? Que a gente não sabia fazer, aí fez, fez a armação e me ajudou a fazer o Boi. Ajudou os meninos aqui a fazer o Boi. Aí disse assim:

- Olha, Dona Lourdes, se um dia eu tivesse, fosse componente de um Boi eu ia botar o nome do Boi de Boi Trovão.

Aí eu disse, aí eu disse:

- Não se eu... pois eu vou botar o nome do meu Boi, eh...

Não, ele disse assim:

- Se um dia fosse... Se eu tivesse um Boi eu ia botar o nome do Boi Trovão Negro.

Aí eu disse:

- Ah pois não vou botar Trovão Negro não. Vou botar Boi Trovão.

Aí botei Trovão, foi. E todo ano - foi 2008 já tá agora em 2024 - o Boi nunca passou um ano pra não ir.

09:44 **[Lilian]**: Que lindo!

09:45 **[Dona Lourdes]**: A gente

09:46 **[Lilian]**: 2008 ele começou no festival, é isso que a senhora quer dizer?

09:48 **[Dona Lourdes]**: Foi eu botei ele no festival em 2008. Ah...

09:55 **[Lilian]**: E nunca deixou um ano de participar?

09:48 **[Dona Lourdes]**: Nunca deixou ano de participar. Quem... Quem era que me ajudava aqui o Boi era Teresa Nelma, deputada Teresa, a vereadora Teresa Nelma era quem patrocinava o Boi. Todo mês, todo ano dava assim um pedaço de

dinheiro para comprar a roupa dos meninos, tudo isso. E assim foi e hoje em dia a Teresa não tá mais na candidatura, mas ela dá uma força. Agora quem tá é a Teca...

10:26 **[Lílian]**: É filha dela, é?

10:48 **[Dona Lourdes]**: É isso mesmo. Tá ali o nome. Quando você for, você pode tirar o retrato ali do Boi, aí da área viu? Do Boi. Pronto. Aí, essa data, pronto, o Boi tá batizado por esse nome e eu fico feliz! Levei... eu tava boa das minhas pernas e tudo, dançava e tudo, mas hoje em

dia, eu levei uma queda, quebrei o fêmur, aí eu tô andando de muleta, mas...

10:57 **[Lílian]**: Mas vai se recuperar, né?

10:58 **[Dona Lourdes]**: É.

11:00 **[Lílian]**: Faz quanto tempo que levou a queda?

11:01 **[Dona Lourdes]**: Faço... Tá... vai fazer 3 anos. Mas eu tô fazendo fisioterapia e vou voltar... já tô andando. Pouquinho, mas já tô andando, né? Mas por causa disso eu ainda não deixei de participar na arena, de ir pra arena, ver meu Boi dançar [Risadas].

11:18 **[Lílian]**: Ô Dona Lourdes, eu posso fazer algumas perguntas dessa história? Porque eu fico curiosa com os detalhes.

11:23 **[Dona Lourdes]**: Sim. E então eu já dancei, eu já dancei baiana.

11:28 **[Lílian]**: Eita que linda!

11:30 **[Dona Lourdes]**: Dancei baiana.

11:32 **[Lílian]** Onde era que a senhora dançava baiana aqui?

11:34 **[Dona Lourdes]**: Lá no Vergel. Dancei baiana, é dancei guerreiro.

11:39 **[Lílian]**: Guerreiro, quem era o mestre ou mestra do Guerreiro, lembra?

11:41 **[Dona Lourdes]**: O mestre era um rapaz que era um mestre. Agora... Aí eu dançava...

11:45 **[Lílian]**: A senhora era que personagem no guerreiro?

11:48 **[Dona Lourdes]**: Era contra mestre.

11:49 **[Lílian]**: Eita que linda! Ah, que coisa mais linda, meu Deus!

11:55 **[Dona Lourdes]**: E [contra mestre] da Baiana também. Pronto, aí eu... Tudo

isso solteiro, né? Tinha roupa ainda uns tempo, de baiana. Aí quando foi uma vez, a gente foi... a baiana ia ensaiar uma festa. Aí então então eu tinha um namorado...

12:13 **[Lílian]**: Antônio é seu marido?

12:14 **[Dona Lourdes]**: Hum?

12:14 **[Lílian]**: Seu marido é Antônio?

12:15 **[Dona Lourdes]**: Não. Era um outro, namorado. Aí ele disse assim:

- É, eu vou deixar você. Vou deixar você porque o dia de sábado eu quero passear e você iludida com esse negócio de baiana.

Aí pronto. [inaudível] com raiva. Aí quando [inaudível], olha eu vi o Ricardo lá numa venda bebendo.

Dona Lourdes:

- aonde fica essa venda?

- Lá pertinho da onde fica a tua baiana.

Apois vamos!

12:47 **[Lílian]**: E não era Antônio o nome dele? Já virou Ricardo, Dona Lourdes?

12:49 **[Dona Lourdes]**: Hum?

12:50 **[Lílian]**: Ricardo é o mesmo do Antônio?

12:52 **[Dona Lourdes]**: É. Antônio Ricardo.

12:53 **[Lílian]**: Ah tá.

12:54 **[Dona Lourdes]**: Aí eu disse assim: Ah pois eu vou. Vamos! Aí eu fui. Aí eu cheguei e cantei:

Ensaio essa baiana

Pra satisfazer as meninas

Eu vou cumprir com a minha sina

Eu quero morrer cantando

Andando de Deus em Deus

Com as menina ensaiando

Jurei, jurei

Mas eu não tive desgosto

Ninguém beija o seu rosto

No lugar que eu já beijei

É porque esses homens de hoje

São quase tudo um covarde

13:37 **[Lílian]**: E terminava aí ou tinha mais?

13:39 **[Dona Lourdes]**: Terminava aí.

13:40 **[Lílian]**: E foi a senhora que fez na hora, foi?

13:42 **[Dona Lourdes]**: Foi, fiz na hora.

13:42 **[Lílian]**: Eita que linda

13:43 **[Dona Lourdes]**: Porque com raiva, porque ele tava lá, bebendo.

13:46 **[Lílian]**: Meu Deus! Que música linda!

13:43 **[Dona Lourdes]**: Aí, dizendo assim:

- Por que?

Aí eu disse que tava ensaiando a baiana pra satisfazer as meninas, as minhas colegas, né não?

13:46 **[Lílian]**: E a senhora não esqueceu mais essa música, né? Que linda, eu amei!

14:03 **[Dona Lourdes]**: Aí, pronto. Hoje em dia tô com 79 anos, sou de 1945.

14:09 **[Lílian]**: Então quer dizer que essa burrinha já sai desde que a senhora tinha 9 anos, né? Que a senhora lembra?

14:14 **[Dona Lourdes]**: Foi

14:15 **[Lílian]**: Deixa eu fazer aqui as contas aqui... 54, 1954.... Se eu não tô com as contas enganadas. 1954, é?

14:26 **[Dona Lourdes]**: É. Aí eu faço desenho... faço, ajuda a enfeitar o Boi, eu faço a roupa do...

14:34 **[Lílian]**: Então desde 1960, que foi quando seu pai morreu, que a senhora tinha 15 anos, que a senhora já teve a ideia de fazer, de... depois de dois anos, mais ou menos em 1962 a senhora já quis fazer... a continuar a burrinha, né? Mas aí a senhora foi para São Paulo, passou quanto tempo lá?

14:51 **[Dona Lourdes]**: Eu passei um mês, porque foi a filha do meu marido que morreu.

14:55 **[Lílian]**: A senhora acha que depois, mais ou menos - seu pai morreu - mais ou menos quantos anos demorou pra senhora fazer o Boi mesmo?

15:00 **[Dona Lourdes]**: Não sei não, mesmo.

15:01 **[Lílian]**: Não sabe? Não tem muita...

15:02 **[Dona Lourdes]**: não tenho muita ideia.

15:04 **[Lílian]**: Mas, a idade que a senhora tinha quando o seu neto começou a botar esse Boizinho na cabeça?

15:08 **[Dona Lourdes]**: Quando meu neto botou o Boi na cabeça, eu tinha uma base de...

15:13 **[Lílian]**: Foi o Dário, foi?

15:14 **[Dona Lourdes]**: Foi o Dário. De 40 e poucos anos.

15:17 **[Lílian]**: E ele? Ele tem quantos anos?

15:19 **[Dona Lourdes]**: Ele tem 30.

15:21 **[Lílian]**: Tem 30? Então ele devia ter quantos anos nessa época?

15:24 **[Dona Lourdes]**: Ele tinha uns 9 anos, era menino, garoto. Aqueles meninos tudo andando na rua.

15:29 **[Lílian]**: Entendi. Então esse Boi tem mais ou menos uns 21 anos.

15:34 **[Dona Lourdes]**: Tem uns 50

15:35 **[Lílian]**: Porque... Vamos lá ver... Tem cinquenta anos, esse boi? A senhora...

15:40 **[Dona Lourdes]**: É, porque... botei, registei ele na Liga em 2008.

15:45 **[Lílian]**: É.

15:48 **[Dona Lourdes]**: 2008 pra 2000, 2024

15:52 **[Lílian]**: Fazem - mas se bem que eu sou ruim de conta - fazem 16 anos, mais ou menos na Liga. Mas ele já existia antes da Liga?

16:04 **[Dona Lourdes]**: Já existia.

16:06 **[Lílian]**: É.

16:07 **[Dona Lourdes]**: Agora só que não era Boi Trovão. Era boi de rua.

16:10 **[Lílian]**: E como era feito o boi de rua? Porque quando o seu neto era criança, ele botava esse na cabeça e tal, mas eu queria saber como vocês construíram o primeiro Boi, assim.

16:20 **[Dona Lourdes]**: O cavalete era de pau.

16:22 **[Lílian]**: Hum.

16:23 **[Dona Lourdes]**: As perna era de pau.

16:24 **[Lílian]**: Aqueles cavaletes, né?

16:25 **[Dona Lourdes]**: É. Aqueles cavaletes de pau. Aí, com o pau no meio, aqueles cavaletes de pau, aí a gente botava, comprava cetim e pano mesmo, né. Aí botava...

16:35 **[Lílian]**: E para dar o formato dele? Pra dar o formato, assim arredondado, fazia o quê? Botava...

16:25 **[Dona Lourdes]**: Dar formato, botava vergalhão.

16:41 **[Lílian]**: Sim, já botava vergalhão, né?

16:43 **[Dona Lourdes]**: Para dar o formato. Aí, a gente, o menino ia lá pra comprar cabeça de Boi lá no Matadouro, né?

16:54 **[Lílian]**: Que era cabeça mesmo, era?

16:55 **[Dona Lourdes]**: Era cabeça mesmo.

16:56 **[Lílian]**: Do osso mesmo.

16:57 **[Dona Lourdes]**: É, do osso mesmo. Aí comprava a cabeça do boi, enterrava. Passava uns três meses a cabeça lá, enterrada. Pra sair a carne, né? Aí quando tava seca, aí cobria. Aí desenhava.

17:14 **[Lílian]**: Tinha que... Era um processo, né? Essa cabeça já vinha com o chifre ou vinha sem o chifre?

17:19 **[Dona Lourdes]**: Já vinha com o chifre.

17:14 **[Lílian]**: Já vinha, né? Eu quero saber tudo, que eu sou curiosa.

17:25 **[Dona Lourdes]**: Já, já vinha com o chifre.

17:26 **[Lílian]**: Ô Dona Lourdes, deixa eu perguntar mais uma coisa! Quando saía o Foiará, como era? Ele tinha máscara ou não?

17:32 **[Dona Lourdes]**: Tinha máscara.

17:33 **[Lílian]**: Era [feita] de que essa máscara?

17:34 **[Dona Lourdes]**: A máscara é de...

17:35 **[Lílian]**: Naquela época?

17:36 **[Dona Lourdes]**: Era de papel.

17:37 **[Lílian]**: Era aquele papel com água, que moldava, né?

17:39 **[Dona Lourdes]**: Era.

17:40 **[Lílian]**: E era em formato de quê, assim? Essas máscaras?

17:43 **[Dona Lourdes]**: Aqui assim, em formato assim de - como é o nome? -, assim uma máscara mesmo de papelão.

17:50 **[Lílian]**: Mas era assim: coisas fofinhas, coisas assustadoras, coisas...? Era o que?

17:54 **[Dona Lourdes]**: Era aquela coisinha fofinha.

17:56 **[Lílian]**: E era?

17:57 **[Dona Lourdes]**: Era.

17:59 **[Lílian]**: Não é que nem hoje o La Urso que é todo assustador, não?

18:00 **[Dona Lourdes]**: Não.

18:01 **[Lílian]**: E era como? Agora eu fiquei curiosa, Dona Lourdes.

18:04 **[Dona Lourdes]**: É porque tinha várias máscaras, né? Aí a gente... Aí comprava uma máscara. Tinha umas máscaras bonitinhas, tinha outras máscaras feias, né?

18:14 **[Lílian]**: Então era... mas era comprada ou era feita? Que eu lembro quando era menina, que faziam máscaras de papel com água mas eu não lembro como eram esses formatos.

18:22 **[Dona Lourdes]**: Era. Era. Pegava, pegava a cola, cola branca, botava assim num negócio assim, bem numa bacia de doce, molhava e saía pregando o papel.

18:38 **[Lílian]**: E para dar o formato fazia o quê?

18:40 **[Dona Lourdes]**: para dar o formato, aí já vai por cima da máscara que comprou.

18:44 **[Lílian]**: Ah comprava uma máscara já pronta, né?

18:46 **[Dona Lourdes]**: É. Comprava uma máscara já pronta e a gente dava formato. Pra ficar mais durinha, que era mole.

18:50 **[Lílian]**: E essa máscara que comprava era de quê?

18:52 **[Dona Lourdes]**: Era de papel.

18:53 **[Lílian]**: Ah! Vendia antigamente máscara de papel, né? Já? Ah, entendi agora.

18:57 **[Dona Lourdes]**: Hoje em dia é de plástico

18:59 **[Lílian]**: É.

19:00 **[Dona Lourdes]**: Né. E então a gente comprava papel crepom, aquele papel iluminado para fazer as flores do Boi.

19:08 **[Lílian]**: Ah! Que lindo!

19:09 **[Dona Lourdes]**: Comprava o pano, botava por cima...

19:10 **[Lílian]**: O pano era [feito] de que?

19:12 **[Dona Lourdes]**: O pano era de cetim mesmo. Às vezes era estampado, às vezes era pano estampado, botava por cima do boi, né? Aí a gente fazia aquelas rosas assim grandes, de papel crepom e papel laminado e aí saía pregando

19:28 **[Lílian]**: Eita que lindo!

19:29 **[Dona Lourdes]**: Era. Aí depois é que foi fazer esses Bois tudo caro.

19:28 **[Lílian]**: É, que hoje em dia é caríssimo, né? Ô Dona Lourdes, antes desse Festival, antes de ficar assim como Festival, o Boi, ele fazia o quê? Ele saía pelas ruas? Como era?

19:44 **[Dona Lourdes]**: Saía pelas ruas.

19:45 **[Lílian]**: Ele não competia um com o outro não, né?

19:49 **[Dona Lourdes]**: Não, saía pela rua. Aí quando chegava assim, competia um com o outro, mas não tinha briga não.

19:53 **[Lílian]**: Não era Festival, né?

19:54 **[Dona Lourdes]**: Não. Ele saía sem ser Festival.

19:55 **[Lílian]**: Então, eu queria que a senhora me contasse isso. Pronto, aí no caso ele saia daqui?

19:59 **[Dona Lourdes]**: É.

20:00 **[Lílian]**: E ia... Qual era o percurso que fazia quando não tinha Festival, era só... antes?

20:02 **[Dona Lourdes]**: É. Ele saía aqui por trás. Saía pro Trapiche, Trapiche, ia pra o Vergel. Quando voltava, voltava já de noite.

20:14 **[Lílian]**: Nessa saída, nesse caminho, quem ia, além do Boi? Ia o Boi, o Vaqueiro, né?

20:20 **[Dona Lourdes]**: Ia o Boi, o Vaqueiro, os tocador. Tá os bombo tudo ali.

20:24 **[Lílian]**: E quem mais? La Urso ia, já?

20:26 **[Dona Lourdes]**: Já ia.

20:26 **[Lílian]**: Já não era mais Folhará, não?

19:27 **[Dona Lourdes]**: Não, já era La Urso. La Urso, Vaqueiro. Aí o La Urso ganhava dinheiro. Aí quando [risadas]... quando a gente chegava em casa [risadas].

20:35 **[Lílian]**: Porque o o La Urso vai acompanhando o Boi, pedindo dinheiro, né?

20:38 **[Dona Lourdes]**: É. La Urso vai pedindo dinheiro.

20:39 **[Lílian]**: E ia mais alguém além do La Urso?

20:43 **[Dona Lourdes]**: Ia. Muita gente que ia.

20:45 **[Lílian]**: As pessoas, né?

20:46 **[Dona Lourdes]**: É, o pessoal ia tudo acompanhando o Boi. Era aquela multidão de gente!

20:49 **[Lílian]**: Mas tinha outros personagens fantasiados? Que nem o La urso, ou não? Ou de outras coisas ou sem...

20:54 **[Dona Lourdes]**: Não. Só fantasiado, só [inaudível]...

20:55 **[Lílian]**: Porque na minha memória de criança era o Boi, Vaqueiro, La urso e os tocadores e o povo.

21:00 **[Dona Lourdes]**: É, o povo.

21:01 **[Lílian]**: Tinha mais alguém, assim?

21:02 **[Dona Lourdes]**: Não, só o povo que ia acompanhando e o La urso, o Vaqueiro, né? E o Boi dançando de rua em rua. Quando parava numa porta dançava, dançava numa porta, aí o pessoal dava dinheiro e ia simhora [risadas].

20:15 **[Lílian]**: Ah que massa! Mas então se encontrasse outro boi não brigava não?

21:19 **[Dona Lourdes]**: Não.

21:20 **[Lílian]**: Porque eu lembro quando era criança que os bois brigavam. Eu morava no Reginaldo. Os Bois lá brigavam se encontrasse outros...

21:25 **[Dona Lourdes]**: É. Eu soube também, né?

21:28 **[Lílian]**: Que era facão e tudo, se encontrasse...

21:29 **[Dona Lourdes]**: Era. Lá pra banda do Reginaldo, ali perto do Zé do Boi, por ali.

21:33 **[Lílian]**: Era.

21:34 **[Dona Lourdes]**: É... na Ponte da Terra os bois brigavam com...

21:37 **[Lílian]**: Era, os Bois tinham muita richa.

21:39 **[Dona Lourdes]**: Era, tinham muita richa um com o outro. Aqui não. Aqui só tem o Trovão, o Fênix e o Força Bruta. Mas ainda que...

21:49 **[Lílian]**: São amigos?

21:50 **[Dona Lourdes]**: Somos amigos. Ainda que saia, se encontra, mas não brigam não.

21:56 **[Lílian]**: Que lindo!

21:57 **[Dona Lourdes]**: E só vai assim: se vai sair hoje o Trovão, pronto. Aí o pessoal da Força Bruta quiser, os dois e do coisa quiser acompanhar, acompanha. É, amanhã vai sair outro Boi. Depois já vai sair outro Boi.

22:12 **[Lílian]**: Eu soube que teve um tempo que saía os Bois todos juntos, é verdade?

22:15 **[Dona Lourdes]**: Era. Foi um Festival do Nonato.

22:21 **[Lílian]**: Nonato é quem Nonato?

22:22 **[Dona Lourdes]**: Nonato é um rapaz que mora lá no, lá no Joaquim Leão.

22:25 **[Lílian]**: Sim.

22:26 **[Dona Lourdes]**: O Nonato. Ele fez Festival dos Bois. Aí saiu um monte de Boi, tudo atrás um do outro. Aí todos os Bois ganhavam troféu. Todos.

22:37 **[Lílian]**: Ah que lindo. E a senhora então é a fundadora do Boi Trovão e é a presidente do boi Trovão?

22:44 **[Dona Lourdes]**: [risadas] É.

22:46 **[Lílian]**: Que linda! É isso mesmo

22:48 **[Dona Lourdes]**: É.

22:49 **[Lílian]**: A senhora quem manda aqui em tudo, em todos eles?

22:51 **[Dona Lourdes]**: É. Às vezes... Aí agora esse Boi daí [apontando para o Boi menor] é do projeto da Pestalozzi. Aí é um bucado de menino, aí...

23:01 **[Lílian]**: Esse aqui? [Apontando para o Boi maior]

23:02 **[Dona Lourdes]**: Não. Esse aqui não. É aquele acolá. Aí os meninos querem arengar um com o outro, que agora... Desse daí é adulto, esse daqui é umas crianças. Aí não arenga não, porque se arengar aí, não vem mais!

23:15 **[Lílian]**: Sim! Pois é! Pois tá lindo! Dona Lourdes, escureceu não foi, aqui?

23:22 **[Dona Lourdes]**: Foi aí quer ir lá para dentro?

23:25 **[Lílian]**: Bora! A senhora quer conversar mais? Bora conversar mais? A senhora que diz viu.

APÊNDICE B - Entrevista com José Carlos dos Santos (Zé do Boi) - Parte

1

A seguir, apresenta-se a primeira parte da entrevista realizada com José Carlos dos Santos (Zé do Boi), em 4 de agosto de 2024.

0:00 **[Zé do boi]**: Eu sou Zé Carlos, mas esquece o Zé Carlos, sou Zé do boi, enfim... Nascido no Vale do Reginaldo né, enfim...

0:12 **[Lílian]**: Tem quantos anos, Zé do boi?

0:14 **[Zé do boi]**: 52, cinquenta e dois.

0:17 **[Lílian]**: Como foi que surgiu [a oportunidade] pra você fazer o boi Gavião?

0:14 **[Zé do boi]**: Na verdade... isso dá-se pelo... o resultado disso é muito aqueles garotão que tá com seu tempo ocioso né? E aí ela já era muito forte em outros bairros a cultura do bumba meu boi, né... então antigamente você brincava muito com as La Ursas, né... muita gente chama La urso, enfim... antigamente se brincava muito com isso e o bumba meu boi, como ele é oriundo do período junino e natalino e aqui... aqui em Maceió ele ficou muito no período do carnaval.

Então ele veio crescendo, né, através de uma lacuna deixada quando a escola de samba ela... não foi... não foi um tempo que não tava tão forte, ela... enfim. E aí alguém ousou em colocar o Bumba meu boi na rua, isso em tempo... em tempo de... de São João, Natal... E aí não funcionava aqui. Aqui funcionou no período carnavalesco. Então aquela coisa o boi saía na rua, aquele monte de gente tocando ali, enfim algumas figuras tocando, os brincantes e aí a galera pegou gosto né.

Acho que uma das coisas bem contagiantes no boi é a batida do Bumba Meu Boi e tal. E isso provocou uma curiosidade de um grupo de amigos no Vale do Reginaldo e aí de repente, quando olhou-se por ali e já se via um grupo de amigos com uma coisa igual dentro do Vale do Reginaldo e:

-Vamos fazer um Boi e tal?

E de repente já tava nas ruas do Vale do Reginaldo. É... A gente brincando da coisa, ali. Pegou tão bem! Aí vem o Valério, o Nino, o Marquinhos (a galera chamava ele de Olhão. Conhecido como Olhão). E aí a galera tudo junto lá e de repente:

-Tem que achar um louco para ser o vaqueiro.

O mais louco na rua era o Val (Lambe Lua).

2:40 **[Lílian]**: O Val era o vaqueiro? O Val da minha rua? [Me referindo à rua do Conjunto Melo Costa, no Vale do Reginaldo, onde morei até o ano de 2013].

2:42 **[Zé do boi]**: É, o Val. E de repente, o Val era muito louco:

-Vamos chamar o Val doido!

[Zé do boi]: Aí de repente, tava a galera toda lá com o boi Gavião na rua. E que não era nem boi Gavião ainda. Era o:

- E o boi? Como é que vai ter o nome? O nome do boi?

[Zé do boi]: E aí a gente olhou aqui e disse:

-Rapaz, como é que vai ser o nome do boi?

[Zé do boi]: E aí cada um dava uma sugestão. Eu defendia que fosse Pantera Negra, dizia:

-Vamos botar Pantera Negra?

[Zé do boi]: Que nome forte! -Tava massa! Outro dizia:

-Não.

[Zé do boi]: Aí o Valério tinha uma coisa lá, um estilo, que era sempre um estilo americanizado. Aí o Valério:

-Vamos botar Hi-fi [abreviação de “high fidelity”]... Hi-Fi que era americanizado, né? Era um “h”, “i”, traço, “f”, “i”. Porque era um nome bonito que tinha num carro de publicidade. Tinha um carro de som antigamente, no tempo que a gente era garotão, que o nome -os antigos sabem que em Maceió tinha um cara que tinha um carro de som- era: Hi-fi publicidade. E aí ele [o Valério] disse:

-Vamos botar Hi-fi.

[Zé do boi]: Aí quando a gente saiu na rua - aí não tinha tinta nem nada, ele fez com aquelas tiras, uns enfeites pra fazer árvore de Natal, tem umas tiras meio aqui peludazinha, coisa assim, que o pessoal bota nas paredes [se referindo ao festão]. Aí, costurou ali no pano, fez um “h”, “i”, traço, “f”, “i” -, ficou Hi-fi. Só que na rua, cara, quando ia na rua o povo disse:

-Oxe, como é o nome desse boi?

[Zé do boi]: Ficava:

-Eita ó o boi “l-fi”, ó o boi “l-fi”.

[Zé do boi]: Mas deu uma raiva tão grande que a gente disse: Ó não vai dar certo não, nome feio da Gota. Vamos mudar o nome dessa coisa aí.

4:30 **[Zé do boi]**: Aí chega, reunião lá, né. A reunião era no sítio do seu Louro, na porta do Valério. Enfim... E aí a gente chegando lá, cada um fez a sua

sugestão mesmo, eu mantive a minha que era “Pantera Negra”, o valério defendeu que foi Hi-fi. E aí, de repente, já tinha um boi chamado escorpião e:

-Não, [vamos] botar Scorpion.

[Zé do boi]: Aí beleza: Scorpion, Hi-fi, sei lá... Mas de repente...

4:57 **[Lílian]:** Era um negócio de inglês, né?

4:59 **[Zé do boi]:** É... Alguém tinha que americanizar a coisa. Mas de repente chega o Nino, que era muito ligado a uma família muito tradicional no Vale do Reginaldo. E aí o Nino fez:

-Então vamos botar Gavião!

[Zé do boi]: Porque Gavião era o nome do time, era um time que tava bem, os caras estavam jogando legal e tal. Era um nome de um time de várzea. E aí, de repente a gente:

-Beleza!

[Zé do boi]: Aí vamos perguntar ao Seu Dão, vamos pedir ao Seu Dão pra ele ajudar a fazer o... pra ele ajudar no boi e tal, que é o nome do time. A gente foi lá, pediu o Seu Dão, o Seu Dão disse:

-Olha, você faz o seguinte. Não posso ajudar em nada, o que eu posso fazer é: dou a bandeira, empresto a bandeira do time a vocês e vocês vai sair por aí:

-Ó gente, aqui é do time do Gavião, do Reginaldo e tal, e aí o povo ajuda.

[Zé do boi]: Mas aí a gente achou muito humilhante:

-A gente vai sair na rua, só esticando a bandeira, e dizer que é do gavião?

5:58 **[Zé do boi]:** Mas de repente a gente foi crescendo, crescendo, a comunidade foi gostando e de repente... Aí:

-Não, não vai dar certo não esse negócio de bandeira não.

6:07 **[Zé do boi]:** E de repente o boi pegou uma notoriedade arretada, pegou uma visão arretada na comunidade. O povo começou a gostar... E os brincantes do grupo eram uns cara tudo afinzão mesmo e tal e de repente, quando a gente foi olhar, já tava sendo uma das melhores baterias do Bumba Meu Boi, era a do boi Gavião. Batida firme, um toque tradicional, arretado. Daí surgiu e ficou boi Gavião. A gente começou a participar dos concursos que tinha por aí. Onde a gente ia era um terceiro [lugar], enfim... A gente sempre tava legal na fita e foi assim que teve e surgiu Gavião, isso em 1993.

6:52 **[Lílian]:** Faz tempo. Eu tinha, sei lá... eu tinha menos de 10 anos.

6:59 **[Zé do boi]:** Pronto, é isso aí.

7:00 **[Lílian]**: Existiam já outros bois então, né? Aqui no [Vale do] Reginaldo tinha [outro boi] ou foi...

7:04 **[Zé do boi]**: Não, daqui do Reginaldo ele foi o primeiro. Existia alguns outros bois [em outros bairros], existia o boi Baleado, né, que... Dos primeiros bois, era o boi Baleado e o boi Barrão, da Ponta da Terra, que tem gente... tem gente ainda hoje:

-Eita, vamos ver... Eita, passou por ali um boi Barrão.

7:22 **[Zé do boi]**: Não é passou um boi Barrão, é: passou um Bumba meu boi e aí, de repente, o Barrão era o nome. Então o nome se dava... A curiosidade que se tinha antigamente era: o nome da rua, era o nome do dono, o apelido do dono. Tipo... o Baleado. O boi Baleado era... o cidadão... é porque ele tinha sofrido um atentado e na rua botaram apelido dele de "Baleado", ele tem algumas marcas. Aí:

-Que boi?

-O boi do baleado, o boi do Baleado.

7:54 **[Zé do boi]**: Aí ficou boi Baleado.

7:54 **[Lílian]**: De onde é o boi Baleado?

7:55 **[Zé do boi]**: Ponta da terra. Um dos primeiros a sair nas ruas aí nos carnavais da vida e o [boi] Barrão também era por causa do dono. Porque o dono tinha, o dono tinha filariase, ele tinha filariose, coisa assim...

8:11 **[Lílian]**: filariose que dá na perna...

8:13 **[Zé do boi]**: É, mas o dele era... deu nos testículos, né. E aí... Era. E o apelido do cara... quem tinha essa doença antigamente, o povo só botava logo apelido... o cara tinha nas pernas, o cara chamava o cara de pimentão, que a perna do cara ficava parecendo um pimentão. Então o dele era no testículo e aí... Tinha, ele tinha o apelido de Barrão. Mas uma pessoa normal:

-Minha gente ó, o Barrão!

8:34 **[Zé do boi]**: Ficava aquela coisa esquisita e tal, enfim, botava o apelido de Barrão. E aí:

-Que boi?

-Não, o boi, pô. O boi do barrão e tal, o boi Barrão. Eita, o boi do barrão, e tal, o boi. Botou Barrão. Aí ficou o boi Barrão e assim tem sido alguns bois, tal, levado pelo... pela... nome da rua, o nome do dono ou a onda do momento. Um dos um dos grupos bem tradicional, arretado, que a galera tudo respeita é dali da comunidade do Poço [bairro de Maceió], exatamente no... tem uma comunidade conhecida como

“Sovaco da ovelha”:

-Mora onde?

-No sovaco.

-Eita, mora onde, no sovaco?

- É. “Sovaco da ovelha”.

9:10 **[Zé do boi]**: E aí esse esse... esse boi era de lá [se referindo a outro oi: Paraná]. O nome da rua era Paraná. Na travessa Paraná morava o único mestre do Bumba meu boi de Alagoas. É o nosso mestre Vevéu. Ele conseguiu RPV [Registro de Patrimônio Vivo] e ele foi registrado como mestre da Cultura Alagoana. Então... mestre Vevel era o... o cara do boi, do boi Paraná.

9:35 **[Lilian]**: Ele tá vivo?

9:37 **[Zé do boi]**: Não, a gente perdeu ele tem alguns anos. E aí, de repente, lá. O nome do boi era Paraná porque ele era da Travessa Paraná. É:

-Qual é o nome do boi?

-Não, bota Paraná, que é da Travessa Paraná.

9:50 **[Zé do boi]**: E assim foi. Um dos nomes que ficou meio louco, um pouco diferente comparando com a importância da cultura popular, era no Jacintinho [bairro de Maceió]. Surgiu aí um show de grande porte, um sucesso danado, foi aquele cara do reggae: Edson Gomes. Então Edson Gomes tinha uma música que falava rastafari. [Cantando] Rastafari, cantando reggae em cada esquina. Aí então, no Jacintinho surgiu Bumba Meu Boi. Qual é o nome? A onda do momento, não é o nome da rua e sim a onda do momento. Já tinha o Paraná que depois ficou esquisito. A gente... o boi Paraná, um alagoano, um boi alagoano e aí o nome do Paraná. Aí vinha um cara do Jacintinho:

-Se fosse pelo nome da rua também, o boi Paraná [acredito que ele se confundiu e quis dizer rastafari] é da Rua Belém [acredito que aqui ele quis fazer uma comparação entre a travessa Paraná no bairro do Poço - que deu nome ao boi Paraná - com a rua Belém, no Jacintinho – que poderia nomear o boi que lá surgisse. Porém este também seria o nome da capital do Pará, outro estado brasileiro, do mesmo modo que Paraná].

10:50 **[Zé do boi]**: Eu digo, enfim, quando é que vai ter um boi Alagoano? Ia fazer Rua Belém? Ia fazer o boi Belém? Já tinha o Paraná, ia fazer o Belém? Ia ficar esquisito. Mas de repente, os caras botaram o nome do boi: boi Rastafari. Pelo sucesso que se dava na época e -ainda hoje tem, Claro- mas era uma febre do

momento, era o reggae do cara e tal e botaram o Rastafari. Um dos grupos muito bons, tal. Negão Denis teve a felicidade de montar o boi Rastafari.

Então em alguns lugares tem essa coisa do... até o nome do boi é... tinha cada um, tinha sua particularidade. E o nosso boi Gavião era porque o time do Vale do Reginaldo era um time que tava bombando, era um time bom entre os times de várzea. E aí foi o boi Gavião.

11:38 **[Lílian]:** Que massa! Ah, eu tenho muitas perguntas. É... Aí quando vocês

fizeram o boi a primeira vez. Como era feito esse boi? Não era como é hoje né?

11:49 **[Zé do boi]:** Não, não, não era não. É, o primeiro Gavião, primeiro é assim: o cara era um pano, os meninos cuidavam de fazer até do cobertor do sofá da mãe do cara, depois levava uma pisa e tudo certo. Mas enfim, o pano do sofá saía, ia pro lombo do boi. Mas aí o boi gavião ele era, como todos: a estrutura do boi, é... a gente cuidou de fazer igual a todos os bois antigamente que era muito na madeira. Ele era na madeira, você fazia um cavalete, como é cavalete de construção, só que daquela forma ao comprido. E aí uns vergalhão, boi pesado danado, que era uma madeira de doido mesmo, aquela madeira que a gente arrumava de qualquer jeito. Pra fazer o formato do boi é no vergalhão como alguém ainda usa hoje e tal. Mas é aquele vergalhão, uns arames para fixar. Aqueles vergalhão que simula ser as costelas, e aí uns arames para segurar aquilo ali e tal, enfim.

O maior trabalho era alguns bois que os caras fazia do começo da Palha de coqueiro, que ele tem um formato... a palha de coqueiro ela tem no pezinho dela, no começo da palha, ela tem um formato que vem aqui e tal [fala enquanto desenha no ar, usando as duas mãos em movimentos simétricos, o formato de uma cabeça de boi], e alguns meninos eles moldavam aquilo ali ao ponto de ficar... depois você cobrir com a bucha e tal, vai, forra com tecido. Quando pintar fica parecendo uma cabeça de boi, na verdade. Depois, enfim. Mas a gente cuidou de fazer com cabeça de verdade, que era os bois faziam com cabeça de verdade.

13:35 **[Lílian]:** Cabeça de boi?

13:36 **[Zé do boi]:** É. Ia na MAFRIAL, pegava aquelas cabeças já...

13:39 **[Lílian]:** A MAFRIAL é um frigorífico, é?

13:41 **[Zé do boi]:** É. É um dos maiores de Alagoas. Eu não sei nem se existe hoje ainda.

13:43 **[Lílian]**: No mercado, era?

13:45 **[Zé do boi]**: É, um... Um maior frigorífico do estado, era a MAFRIAL. E aí ele... a gente ia para lá e... ou comprava barato a alguém que tivesse, ou ganhava, e vinha se embora, né.

13:56 **[Lílian]**: A cabeça mesmo?

13:57 **[Zé do boi]**: A cabeça do boi.

13:58 **[Lílian]**: Com tudo?

13:59 **[Zé do boi]**: Do jeito que pegava lá.

14:01 **[Lílian]**: Não era só o osso não? Já...

14:02 **[Zé do boi]**: Não, era o... era o osso. Se tivesse já o osso era melhor já o osso. E aí... porque...

14:08 **[Lílian]**: Mas se não tivesse, hein?

14:09 **[Zé do boi]**: Se não tivesse, trazia do jeito que tava, tirava no quintal de casa. Tipo... cozinava, botava uma lata de... de gás, chamava lata de gás, aquela lata de querosene. É parecido com o balde hoje, né? Antigamente era tudo de lata. Fazia o fogo no quintal e fazia... fazia de conta que era uma galera cozinhando, fazendo... brincar cozinhado [brincadeira infantil muito popular no Vale do Reginaldo na década de 80 e 90]. Pegava a cabeça... quando a água tava fervendo, pegava a cabeça e colocava dentro para ferver, para facilitar a retirada daquelas coisas lá e deixar só... só a caveira mesmo, só o osso do... da cabeça do boi. E dali...

14: 42 **[Lílian]**: Não tinha que enterrar nada não?

14:43 **[Zé do boi]**: Não, não, não. Só limpar, era limpar. Só dava um trabalho danado. Quanto mais velha tivesse ela já tava melhor de se trabalhar, né? Mas se não encontrasse, o cara pegava uma mais recente, aí era... só era ruim no começo, que teve uma vez que o menino quase que era expulso do trem.

Os caras foram, vieram de trem. Mas pense num negócio. Ali sabe feder que só a gota. Os caras foram buscar num saco de nylon. Meu amigo, nem tinha quem aguentasse não, mas enfim, quase que era expulso do trem. Se fosse hoje tinha sido expulso. Mas enfim, era assim que era feita a cabeça. Pegou a cabeça ali, molda... não precisava moldar muito, ia trabalhar com ela. Fixar ali naquela madeira, com furadeira, tá, mete um parafuso, pronto, fixou a cabeça do boi. Acabou-se. Ali era... E aí era trabalhar um... a compra de tecido, né, trabalhar o tecido e tal e fazia uma vaquinha. E ali os garotão se virava, tinha que vender bicicleta, vendia tudo e... e a mãe dava dinheiro ali e... Enfim, a gente tinha que montar a coisa, era tudo

tudo... tudo jovem, mas se montava e ia se trabalhar a ornamentação do boi, daí tava o boi pronto, enfim. Não tinha muita coisa que se fizesse, que antigamente se usava muito o papel celofane e era.. era muito é...

15:57 **[Lílian]**: Pra fazer enfeite?

15:58 **[Zé do boi]**: É, os enfeites era muito de papel celofane. Hoje em dia tá...

16:00 **[Lílian]**: Mas já botava o nome? Pintado? O nome Gavião?

16:02 **[Zé do boi]**: Sim, sim, o nome pintado.

16:05 **[Lílian]**: Quem era o artista?

16:06 **[Zé do boi]**: Ah, o... quem ficou mais legal outro dia... o Nino era um... uma das figuras que era... que era do boi, o Nino e o Valério sabia... sabia fazer nome e tal e para desenhar, aí eu lembro que o desenho mais arretado que a gente tinha, um dos primeiros era o Artur. O Artur morava pertinho da sua casa ali.

16:31 **[Lílian]**: Pelo nome eu não tô lembrada não.

16:32 **[Zé do boi]**: Apois era seu vizinho.

16:34 **[Lílian]**: Artur? Não era o Adriano não?

16:35 **[Zé do boi]**: Não. Adriano não era... era novo que nem a gente.

16:36 **[Lílian]**: Ah, o Artur, Esposo da Zefinha!

16:38 **[Zé do boi]**: Da Zefinha.

16:39 **[Lílian]**: Claro, era o pintor do Reginaldo. Oxe, era! Eita, era ele, eu lembro. É vivo ainda ele.

16:40 **[Zé do boi]**: Era, era.

16:43 **[Lílian]**: Eita, era ele, eu lembro. É vivo ainda ele.

16:45 **[Zé do boi]**: É. Aí de repente era daquele jeito lá, aí enfim, e daí...

16:47 **[Lílian]**: Meu vizinho, meu vizinho de frente. É do lado do Adriano.

16:50 **[Zé do boi]**: É, é. Aí de repente, a gente... pronto, tava por ali, já tava conhecido nas comunidades, o povo já chamava, já vinha convidar pros eventos e comunidades, concursos e tal. E a gente sempre tava ali ganhando o primeiro [lugar], ou o segundo, ou o terceiro e a gente sempre tava entre os tais, enfim. Mas era muito bom. É por aí.

17:10 **[Lílian]**: Aí pronto. Aí fez o boi. Aí eu queria... Eu fico curiosa para saber assim: Tinha essa questão de o boi sair nas ruas né? Aqui do Reginaldo mesmo, que eu já acompanhei. Saía nas ruas. E... Tinha lugar para parar? Vocês andavam até onde? Como era esse trajeto, esse percurso?

17:28 **[Zé do boi]**: Antigamente era mais sofrido, mas era mais gostoso, né? A gente não saía só no Reginaldo. A gente saía em comunidades. Comunidades vizinhas, tipo, aí já era figurinha carimbada no bairro do poço, né? Bairro do poço a gente passava muito bem-vindo, subia de a pés com aquele boizão na cabeça pra ir pro Jacintinho. Também era... ia visitar a área do... do Rastafari, né? A gente ia pro Poço, ia visitar a área do Escorpião. Ah, enfim... E... A gente ia visitar algum... algumas áreas, né, de alguns bois.

18:06 **[Lílian]**: Mas valendo, né? Tocando e o povo ia acompanhando...

18:07 **[Zé do boi]**: Não... Tocando para valer. A comunidade ia inteira, pô. Comunidade ia de um jeito, que você olhava aqui... Eu não disse esse detalhe: na hora de ir pro Jacintinho, a mãe botava os menino no braço aqui e tal e ela era... era torcedora fera, os torcedores fera. Era um sufoco pra su... na... pros ônibus circular no Jacintinho porque ia uma multidão que, digamos que parecia quando termina um jogo de CSA e CRB [times de futebol alagoano], quando vê Aquele monte de gente pela Avenida Siqueira Campos, aquele povo vem de a pés, enfim... Era muito, era muito desse jeito. Então, era muito desse jeito, a multidão acompanhava e tal e aí...

18:49 **[Lílian]**: Mas vocês, por exemplo, quando estavam indo pela rua paravam na casa dos membros ou não?

18:53 **[Zé do boi]**: Não. A parada...

18:55 **[Lílian]**: Era nesses...

18:56 **[Zé do boi]**: Tipo, sempre quando alguém dá um dinheiro você vai exibir o

boi e tal. Alguém tá ali:

-Ei, vem cá, não sei o que...

19:02 **[Lílian]**: Ah dar dinheiro na h...

19:05 **[Zé do boi]**: É, para contribuir com o boi, né? Então era [tão somente] um dinheiro, era uma cachaça, uma palma de banana. Então até hoje o vaqueiro conhecido que a gente se arretou com ele, que ele teve um tempo que não queria pedir dinheiro, só queria pedir banana nas bodegas. Pera aí meu amigo e o boi vai ficar liso? Era o Val, Lambe Lua. Ele ficava lá...

19:25 **[Lílian]**: Eu nunca sabia que que o Val era vaqueiro, na minha vida.

19:27 **[Zé do boi]**: O Val foi o primeiro vaqueiro do Gavião! E era um cara querido pelos caras. A gente tem que achar um doido e a gente achou o Val, né? E o Val é arretado aquele cara, o Val. Também quando ele se invocava, quando dizia:

-Quero ser vaqueiro hoje não.

Eu dizia:

-Vai!

Ele:

-Vou mais não, essa porra. Vou mais não! Vou pra casa.

Mas tinha que ajeitar:

-Val, vamos lá, Valzinho. Valzinho? Vamos ajeitar você!

Pra ele não abandonar o boi à deriva, no meio da rua, aí, né. A gente fazia essa... um navio sem comandante, à deriva no meio do mar aí, enfim. E era muito assim a gente. Então...

20:02 **[Lílian]**: E aí quando vocês chegavam nessas [sedes], vocês iam visitar os outros bois? Como como era isso? Eles recebiam também com o boi ou não? Como era?

20:11 **[Zé do boi]**: Se na comunidade que a gente fosse tivesse um boi é, é... os bois tinham a mania de sair. Aí ia se cumprimentar, né, tem uma...

20:18 **[Lílian]**: Mas era marcado antes ou era meio espontâneo, assim?

20:20 **[Zé do boi]**: Às vezes marcado e às vezes espontâneo, porque quando chegava o povo lá na rua... de repente eu tô aqui. Como é que eu gostei de aprender do boi? Tô aqui em casa, tal, de repente eu tô ouvindo aquele barulho ao longe: dum, dum, dum [fazendo referência ao som marcante do surdo]; dum, dum, dum. Eita, boi!

-Fulano, tá ouvindo aí, ó? É um boi! [Tocando no ouvido direito].

-Ih, oxe, e tá onde? [tocando na orelha esquerda, como se estivesse procurando de onde vinha a sonoridade mencionada].

-Oxe, tá no Poço. Vamos lá!

20:44 **[Zé do boi]**: Aí juntava aquele monte de moleque e corria para lá. E foi assim que a gente aprendeu a gostar do boi. Então, os meninos, o pessoal, a mãe dos meninos, todo mundo quando via o som e corria todo mundo para lá. Então o segredo era na hora da saída [Aqui se referindo à saída de rua do boi Gavião], a gente costumava parar em um dos locais. A gente sempre gostava de parar ali perto da sua casa, ali no conjunto Conjunto Melo Costa, mais ou menos em frente à casa do Neno - que era um dos componentes do boi- ou em frente à casa da Vicentina. Parava ali na porta, começava a tocar: pá pá pá e quando pensa que não o povo ia olhando, ia olhando, pensa que não, era tanta gente que já tava junto. Eu digo:

Agora vamos pra rua! E aí saía...

21:23 **[Lílian]**: Se concentrava... Saía e se concentrava meio ali, né?

21:26 **[Zé do boi]**: É. Porque a concentração geral, um tempo foi na porta do Henrique, do Riquinho. Seu Nino era...

21:33 **[Lílian]**: O Henrique morava onde?

21:34 **[Zé do boi]**: O Henrique morava no pé da ladeira, aqui...

21:38 **[Lílian]**: Na rua que eu morava. Só que lá no começo?

21:41 **[Zé do boi]**: É. Pertinho, pertinho do... do Ciço Serralheiro. Tinha o Nano, aqueles menino bem moreninho...

21:47 **[Lílian]**: Sim, sim.

21:48 **[Zé do boi]**: Pronto. Aí dizia:

-Vamos, vamos passar pela porta do Mané do Peru.

21:52 **[Zé do boi]**: Mané do Peru ficava tão bravo quando chamava ele de Mané do Peru.

Aí dizia:

-Vamos passar...

21:56 **[Lílian]**: A família do Peru...

21:57 **[Zé do boi]**: O Bumba meu boi tinha muito maloqueiro. Os menino não tinha o que fazer, tudo resenheiro [gíria alagoana que significa engraçado, mangador, gaiato], passava pela porta do homem:

- Gulu, gulu, gulu, gulu...

22:04 **[Zé do boi]**: Oxe era pau:

-Corre com o boi que o Mané tá bravo.

22:08 **[Zé do boi]**: Mané Ficava muito bravo. Enfim. Aí, a gente sempre gostava de... de iniciar o... o bicho por ali. Mas a saída, a saída lá na... na concentração também era muito boa, né? Dava o esquentado, logo ali, pronto, beleza. Ali próximo à casa do Valério, dava um esquentado bom e dali já saía com pessoas. Passava pela ponte e tal. Tinha uma ponte antigamente ali.

22:31 **[Lílian]**: Aonde?

22:32 **[Zé do boi]**: Logo aqui embaixo, ali. Você sabe onde é a casa do Valério, não?

22:35 **[Lílian]**: Não. O Valério... Não.

22:37 **[Zé do boi]**: Assim que desce aqui na primeira, na primeira, na

primeira cruzada que tem uma... para ir para uma vila. Pra ir para lá mesmo, pra onde... Aonde o Ciço ali.

22:45 **[Lílian]**: Mas descendo aqui até o Rio?

22:47 **[Zé do boi]**: Bom, antes um pouco. Não tem uma rua que mora a Dilma?

22:49 **[Lílian]**: Nesse beco aqui?

22:50 **[Zé do boi]**: É. No beco, é.

22:50 **[Lílian]**: Minha tia morava. Era a Rejane e o Cicero.

22:52 **[Zé do boi]**: Sim, pronto. Era ali mesmo é, é. Onde a Rejane morou.

22:54 **[Lílian]**: Era ali que o Valério morava?

22:56 **[Zé do boi]**: O Valério morava ali pertinho. Um pouco para cá [fala apontando para sua direita], ali antes da casa da Rejane tinha um...

23:00 **[Lílian]**: Onde pegava água quando faltava?

23:01 **[Zé do boi]**: Pronto, ali.

23:02 **[Lílian]**: Sim.

23:03 **[Zé do boi]**: Ali era o sítio do pai de Valério.

23:04 **[Lílian]**: Tá.

23:05 **[Zé do boi]**: Da minha tia, pai...

23:06 **[Lílian]**: Atrás da [residência da] Alitania?

23:07 **[Zé do boi]**: Isso. Atrás da [residência da] Alitania, é.

23:09 **[Lílian]**: Tá.

23:10 **[Zé do boi]**: Pronto, aí... Pronto, eu fui nascido e criado ali. Eu, Valério e tal. Tinha muita gente na família...

23:13 **[Lílian]**: Tinha um sítio ali, era? Eu não lembro.

23:15 **[Zé do boi]**: Era um sítio grande. Era uma... uma casa. Tinha uma casa com terrenos à vontade e tal.

23:20 **[Lílian]**: É onde a Terezinha teve uma casa um tempo aqui? Do lado da Alitânia?

23:24 **[Zé do boi]**: Por trás por trás é naquele bico por trás.

23:25 **[Lílian]**: Por trás. Por trás, ali.

23:26 **[Zé do boi]**: Era... Aquele beco, por trás ali é uma ruazinha, onde até hoje é uma casa de minha mãe, de meus tios, enfim, tudo criado ali. E aí, pronto. Por ali começava, mais ou menos, bem nos fundos da casa do... do Alican era um terreno grande que a gente chamava o terreiro.

-Vamos fazer aqui no terreiro!

23:44 **[Zé do boi]**:que era a frente da casa, aqueles espaços que se tinha antigamente. E aí, dali a gente... dali a gente saí devagarzinho e tal. Ali era onde se construía o boi ou ali ou na porta do Riquinho, enfim. E dali era as saídas de rua, não tinha, não combinava nada ou combinava:

-Ó, amanhã vamos passar na tua rua.

-Beleza.

-Beleza amanhã na tua rua.

24:04 **[Zé do boi]**: E assim ía. E daí também veio a violência, né?

24:08 **[Lílian]**: Sim.

24:09 **[Zé do boi]**: É, é... nesse negócio...

24:10 **[Lílian]**: Do mesmo jeito que tinha os amigos tinha quem não gostasse.

24:12 **[Zé do boi]**: Tinha quem não gostava. É, Reginaldo não era muito bem com... com passar na Ponta da Terra [localidade situada no bairro do Poço, em Maceió] era uma rivalidade terrível.

24:18 **[Lílian]**: Era.

24:20 **[Zé do boi]**: E aí, os bois quando se encontravam na rua ia cruzar. Aí, pega aqui, cruzava um com o outro [fazendo gestos com as mãos, simulando dois bois] e tal, que era celebração. Junta uma cabeça na outra e todo mundo tocando firme e tal. É um bem, um ato de celebração.

24:31 **[Lílian]**: Mesmo que fossem amigos, aí ficava assim. Uma cabeça com a do outro, dançando?

24:33 **[Zé do boi]**: Não, os amigos... É. Aí era uma dança, era... era como um tempo de cumprimentar:

-Bora botar o boi para cruzar!

24:38 **[Lílian]**: Sim. Ó, que massa!

24:40 **[Zé do boi]**: E tal. E fazia aquela celebração. Eu vejo muito isso em São... em Recife e tal. Tem um ato de celebração. Inclusive eu participei levando o gavião, olha. Pasmé. Participei da... da abertura do carnaval do Recife e a gente participou de um momento, é... em frente a... a... no pátio, foi no Pátio da de São Pedro. Chama Pátio de São Pedro, que é um pátio grandão.

25:06 **[Lílian]**: Sei, sei onde é.

25:08 **[Zé do boi]**: Né? Da Igreja de São Pedro, né? Pronto, ali... o boi Gavião

dançou ali.

25:11 **[Lílian]**: Que massa!

25:12 **[Zé do boi]**: Fazendo é... Fazendo um ato junto com os grupos, então, um momento muito bom, que é o momento da celebração. Quando a gente ia simhora:

-Bicho vamos embora.

-Não, mas pera aí. Vai ter o ato aqui da celebração e tal.

25:26 **[Zé do boi]**: E eu fui ver:

-O que é que é isso aí?

25:28 **[Zé do boi]**: Aí era um monte de bois fazendo como a gente fazia em Maceió. Fazia um boi cruzar com outro e tal. Mas dali da hora de cruzar tinha condutor do boi, aquele cara que em muitos lugar chama: o dançarino, outro lugar chama o miolo, que é até aquele cara que conduz o boi.

25:45 **[Lílian]**: Aqui chamava condutor?

25:46 **[Zé do boi]**: Aqui chama-se. Ainda chama condutor. E aí o condutor tava aqui no boi o condutor queria e... se exaltava, queria exhibir uma dança melhor, ou sei lá o quê. E aí ele insultava o outro boi, então ficava como se os bois tivessem brigando. E às vezes chegava a brigar, dois bois, a gente se cruzava aqui [fazendo gestos com a mão]. Aí o cara vinha aqui na malícia, aí chegava no outro aí bum! Aí pronto. Aí começava, enfim, aí começava a briga. Mas antigamente era essa...

26:10 **[Lílian]**: Boi com boi, né?

26:11 **[Zé do boi]**: Boi com boi. É. Mas é, enfim. Aí... E era desse jeito. Mas era muito bom! A alegria da gente não... A gente saía para longe, ia pra outras comunidades, tudo. E tem mais: a gente, hoje em dia os caras faz boi, é mais pra concurso. Onde a gente vê cortejos saindo com o boi na rua, ainda de vez em quando, tem no Jacintinho. Que é pouco, Ponta da Terra faz pouco, quando mais se faz a saída de rua, que é o cortejo com boi pela comunidade, todo mundo junto, onde mais se tem hoje é na Zona Sul. Vergel, Ponta Grossa, Joaquim Leão, a galera lá ainda gosta de fazer e a comunidade vai junto. É do mesmo jeito que era antigamente o boi Gavião no, no Reginaldo.

26:52 **[Zé do boi]**: Tá, então, o cortejo, que não se chamava cortejo.

26:54 **[Lílian]**: Era chamado cortejo? Era isso que eu ia perguntar.

26:55 **[Zé do boi]**: Não, não, não. Era saída de Rua saída de Rua.

26:57 **[Lílian]**: Saída de rua.

26:58 **[Zé do boi]**: É, opa:

- Ó, vamos sair?

-Bora.

-Ó, o boi vai sair amanhã, viu.

-Eita, Beleza, bora.

-Ó, sábado e domingo a gente vai sair viu!

27:05 **[Zé do boi]**: É vai sair. Aí sair, sair, sair eu também saio todo dia. Não, vamos sair é o boi fazer sua saída de rua. É seu cortejo em sua comunidade, nas comunidades vizinhas, tal. E a gente saía, e o gosto pela saída de rua era incrível. Porque a gente saía de manhã, digamos, ó o boi vai sair umas 9 horas, a gente já tava por ali para sair. Saía o boi e chegava somente à noite. Comia na rua. Ia longe.

27:33 **[Lílian]**: Caramba! Vocês saíam [me referindo à hora do encerramento] mais ou menos que horas? De tarde ou...

27:35 **[Zé do boi]**: Saía... No começo a gente saía [às] 9 da manhã, chegava de noite.

27:37 **[Lílian]**: Meu Deus, que segura!

27:39 **[Zé do boi]**: Era uma segura! E tem mais! Ai daquele que tomasse o surdo de um... o instrumento, né? Os caras ficava...

27:45 **[Lílian]**: Era uma honra ficar o tempo todinho tocando.

27:47 **[Zé do boi]**: Ô, rapaz, era, cara! Era... Os cara era secorento demais. Aí depois a galera começou a sair só tarde. O Gavião saiu de manhã e chegou à noite. Ah, depois a gente começou a sair só a tarde. Bora! Aí depois vem chegando a preguiça, quando eu penso que não tava saindo 4 horas da tarde. Mas a gente já saiu 4 horas da tarde e já chegou de meia-noite. Agora meia noite... Hoje em dia ninguém deixa mais, porque a polícia para logo, o boi mesmo, fazendo barulho. Mas a gente saía 4 horas e já chegou meia-noite com boi: bei, bei, bei. E o povo:

-Colocando a mão no ouvido direito]Eita, o boi. Ó, o boi chegando.

28:18 **[Zé do boi]**: O povo ia pra rua pra ver o boi chegando. Era, era muito arretado a saída de rua. A família participava, era moleque com o menino puxando na ponta da saia e ali atrás... E, e não eram duas ou 10 pessoas, era muita gente mesmo. Era muita gente. Era um bloco, era um bloco na rua. Era um bloco mesmo, enfim. A comunidade inteira participava.

Ajudava também na hora de fazer, saía:

-Vamos na venda do fulano. Vamos na bodega do fulano.

28:47 **[Zé do boi]**: Aí cada um ajudava com, com a contribuição para chegar é, pra comprar o material de se fazer o boi, era muito assim.

27:56 **[Lílian]**: Vocês mesmos que faziam os instrumentos, é? Ou já compravam?

29:01 **[Zé do boi]**: De início a gente alugava, né? Porque aí a gente não, não... surgiu ali a galera e dali não sabia o que fazer.

29:07 **[Lílian]**: O foco era fazer o boi.

29:08 **[Zé do boi]**: O foco era fazer o boi. A gente alugava os instrumentos, né? A gente através, através...

29:13 **[Lílian]**: E alugava de quem?

29:15 **[Zé do boi]**: Através do, do... Os primeiros instrumentos que a gente alugou foi no... da escola de samba do seu Índio.

29:24 **[Lílian]**: No [bairro] do Poço?

29:25 **[Zé do boi]**: Jacintinho. Escola de samba 13 de Maio, né? Eita vamos lá! E o cara pra alugar, o seu Índio pra alugar, o seu Índio era invocado, seu Índio era chatinho, né? Não vacilava não o velho, o velho era invocado. Ah, o seu Índio alugava, agora alguém deixava a identidade e a pessoa ia, aí quando devolvia os instrumentos:

-Já pagou, agora tome sua identidade vai-se embora e tchau.

29:46 **[Zé do boi]**: Então era muito assim. E depois, a gente com as amizades, com grupos de outras Comunidades a gente alugava de, de quem tivesse instrumento. A maioria dos instrumentos não era como hoje. Hoje no boi ninguém quer instrumento de metal, né? A galera gosta mais de usar o instrumento de madeira, né? É... Tipo... E hoje a galera já confecciona, né? Hoje os cara já aprenderam a fazer os instrumentos, tal. Tem boi que não chama:

-Ah, vamos contratar fulano pra fazer os instrumentos.

30:22 **[Zé do boi]**: Não, era a galera do boi mesmo quem fazia o instrumento.

29:28 **[Lílian]**: Mas no boi Gavião chegaram a fazer os próprios instrumentos?

30:31 **[Zé do boi]**: Já, já. O gavião já chegou a fazer...

30:32 **[Lílian]**: Quem era que fazia?

30:34 **[Zé do boi]**: Ah, o Nino... o Nino que era muito inteligente, o Nino era bom em tudo. Mas os caras fechava instrumento, o Nino, o Joacy, quando chegou. Depois chegou o Joacy no boi, ajudava muito a fechar. O Quinho também sempre

fechou instrumento com a galera. Enfim, quando a galera começou a aprender fazer os instrumentos, a galera não quis mais alugar. Começaram a fazer, comprar pele e tal, comprava os varões, que é os varões rosqueado, né? Que faz o...

31:07 **[Lílian]**: A afinação.

31:08 **[Zé do boi]**: A afinação do instrumento, enfim...

31:09 **[Lílian]**: A pele era de animal mesmo ou já comprava sintética?

31:12 **[Zé do boi]**: inicialmente a gente saiu com pele animal. Até uma curiosidade. Na verdade, a gente já chegou a sair até com plástico, que não era um instrumento, era um balde - um balde de roupa, né? Um balde de juntar roupa, sei lá o que - tirar o fundo, fazia aquele... e aí pegava um plástico grosso, aqueles plástico preto, esticava ele aqui, pegava umas borrachas e esticava forte, fazia coisa bem artesanal, parecendo o instrumento do índio. E era na borracha.

31:41 **[Lílian]**: No esticar...

31:42 **[Zé do boi]**: No estica e tal. Mas aí folgava muito e a gente ainda saiu. Eu lembro que a gente ainda saiu um belo ano com instrumento de pele animal. Mas aí tinha uma dificuldade - um som bonito, mas que som bonito é o instrumento com pele de animal. Aquele som que chega... Aí na batida do boi é que ele fica muito bonito. - mas quando chegava na rua, no que chovia, pronto. O cara quando olhava assim que:

-Eita, vai chover. Corre, esconde os instrumentos, tal.

32:11 **[Zé do boi]**: Porque se molhar acabou tudo, não adianta tocar não, enfim. Mas aí depois a gente começou a usar pele leitosa, enfim, que era o que todo mundo usava. A escola de samba já tava por ali também, enfim. E a gente começou a usar as peles que se usa hoje.

32:28 **[Lílian]**: Ó, eu lembro que eu morava... Eu sempre morei na mesma casa quase a vida toda ali. Aí atrás tinha aquele terreno da CASAL. Vocês chegaram a ensaiar ali? Eram vocês? Porque...

32:36 **[Zé do boi]**: Já, já. A gente já ensaiou ali, já. A gente ensaiou ali, a gente já... Porque assim, o Reginaldo era muito nosso, né? Porque não tinha um outro grupo. Demorou um tempo pra surgir outro grupo. Mas de repente, os meninos fizeram o deles também e começou a surgir o boi... Assim que fez o Gavião, no outro ano os caras já cuidaram também de fazer o boi Leão, né?

33:03 **[Lílian]**: O boi Leão era de quem?

32:05 **[Zé do boi]**: Leão era Dourado. Dourado era o responsável pelo boi e

aí se criou uma rivalidade que aí que os caras foram cultuar mesmo o boi. No início o nome do boi não era Leão, era boi Caveira. Também, a curiosidade era por causa do bloco caveira que fazia os shows, né? Enfim, era uma loucura. Ó, o bloco caveira e tal e tinha... Enfim, até virou uma empresa, né? E daí os caras fizeram boi que boi?

-Boi Caveira, tal.

32:36 **[Zé do boi]**: Depois eles se arretaram com o nome que não trazia muita sorte, sei lá o que que eles achavam que ele mudou o nome, e agora é boi Leão, boi Leão. Mas aí foi bom quando surgiu o boi Caveira que a rivalidade ela ela ela provoca uma... a rivalidade provoca a... uma aguça nos cara, os cara fica com aquela vontade arretada, enfim. Aí quando se criou o [boi] Leão, aí foi uma rivalidade de quem é o melhor e aí é que foi a gota...

33:13 **[Lílian]**: Mas chegaram a brigar já? o boi Leão e o Gavião?

34:15 **[Zé do boi]**: Já, já deu uma brigadinha. Uma brigazinha na rua...

33:19 **[Lílian]**: Mas nessa briga derrubava cabeça de boi nos outros assim ou não?

34:23 **[Zé do boi]**: Não, era trombar o boi no outro, era passar numa rua estreita. Quer dizer:

-Vamos passar, né? Deixa ele ir?

-Não, vamos passar.

34:31 **[Zé do boi]**: Os mais ousados...

34:31 **[Lílian]**: Ah, que era pra ver quem saía da rua?

34:33 **[Zé do boi]**: É.

34:33 **[Lílian]**: Só passava um.

34:34 **[Zé do boi]**: Mas aí... e a gente mais ganhava, é, os cara... A resenha toda era porque a gente tinha uma torcida maior, o primeiro e tal. Era o pioneiro do lugar, né?

34:47 **[Lílian]**: Sim.

34:47 **[Zé do boi]**: E aí, de repente, a gente tinha a... na saída de rua tinha cara que dizia:

Ó, quando ouvir o barulho.

34:54 **[Zé do boi]**: Dizia:

-Ó, boi Fulano vai sair.

34:56 **[Zé do boi]**: Aí botava o boi dele na rua, e aí, enfim. De repente era

uma infinidade de gente, que era uma infinidade de gente, que era um caso sério, mas enfim. E aí a gente teve a felicidade de ficarmos conhecidos como um grupo da cultura e tal, que não não se falava assim, era simplesmente, era uma brincadeira burlesca e tal. Mas de repente ficamos aí conhecidos como um grupo da cultura e tal. A rivalidade do boi Leão também cresceu, o bom...

35:28 **[Lílian]**: Foi bom que...

35:29 **[Zé do boi]**: Cresceu os dois, cresceu os dois. É, tinha gente que virava inimigo, quando era tempo dos bois sair na rua, e às vezes, ficava sem se falar. Parecia mais um Garantido e Caprichoso. O cara não... Tinha gente que nem falava o nome do:

-Daquele boi lá.

-Ah, o boi dos otário lá.

-O boi dos otários.

35:45 **[Zé do boi]**: Aí enfim, os cara levavam, levou pro coração mesmo. Mas era muito bom cara! Mas eu não... O que dava a zoadá é que vinha os bois, vinha os dois. Um vinha de lá de dentro do Reginaldo, que a gente pra sair, a gente ia logo lá dentro.

-Vamos no Central?

36:03 **[Zé do boi]**: Chamava o Central. O Central é mais ou menos lá, para lá, na terceira ponte. Hoje chama a terceira.

36:09 **[Lílian]**: Eu só seguia até ali.

36:11 **[Zé do boi]**: É.

36:11 **[Lílian]**: Quando era criança, que eu tinha, enfim, era medrosa, voltava.

36:15 **[Zé do boi]**: Pronto. Aí quando, na volta, o boi Leão tava na rua. Aí tinha que passar um pelo outro.

36:20 **[Lílian]**: Sim.

36:22 **[Zé do boi]**: Quando a gente passava, o boi Leão seguia, só os caras tocando e o povo tudinho descia com o Gavião. Eita, mas a gente ficava mangando. É. Era uma festa mangar do outro. Aí foi que virou inimigo mesmo, enfim. Mas ficou arretado, né? E hoje a gente, quando a gente lembra, a gente tá, quando a gente tá conversando, o povo tão..., o cara já tá nos 50, o outro tá parecido, enfim. E de repente o... dos bois, da Galera dos bois por aqui eu devo ser - dos que tá atuando ainda -, eu devo ser o mais velho, né? Se tivesse atuando, o mais velho seria o Valério, era.

36:59 **[Lílian]**: O Leão não está mais atuando, né?

37:01 **[Zé do boi]**: O Leão parou tem um tempo e, enfim. Depois a gente parou também. O Gavião parou de sair nas ruas, porque aí a gente foi fundar uma coisa, que seria bom pra todos. Foi bom pra todos, agora como no filme “Nas quebradas do boi” - você depois dê uma olhada no filme.

37:18 **[Lílian]**: Ah, já vi aquele ali...

37:18 **[Zé do boi]**: Já viu? Ah, já viu?

37:18 **[Lílian]**: umas mil vezes.

37:20 **[Zé do boi]**: Pronto. Eu lembro “Nas quebradas do boi”, tem uma hora que a Neide fala. Aí depois a Neide diz:

-Aí depois esse bicho aí cismou de fazer a liga, os concursos, e aí a gente: Cadê o Gavião? Não tá porque o Zé do boi tava fazendo a liga, fazendo o concurso.

37:34 **[Zé do boi]**: A gente fundou a Liga do Bumba meu boi. A gente foi se formalizar. E eu dizia:

-Vou fazer a... montar a Liga do boi e aí a liga era responsável pelos concursos que se havia. Quem antigamente era responsável era o Luiz de Barros, que foi uma das figuras que muito contribuiu com a cultura do boi, é Luiz de Barros.

37:55 **[Lílian]**: Luiz de Barros era uma figura política? Era quem?

37:34 **[Zé do boi]**: Um radialista. É um dos primeiros a fazer o concurso. Já tinha um ou outro concurso, mas ele fez a... fazer um concurso no CSU, na Jatiúca e daí, de repente ele tava, aí ele quem colocou o Bumba meu boi dentro da programação do carnaval de Maceió, dentro da sua respectiva...

38:18 **[Lílian]**: Era isso que eu queria te perguntar.

38:20 **[Zé do boi]**: É

38:20 **[Lílian]**: Sou curiosa para saber.

38:21 **[Zé do boi]**: É.

38:21 **[Lílian]**: Existia já esse primeiro concurso aí foi dele, foi? Queria saber sobre.

38:25 **[Zé do boi]**: É. O Luiz de Barros que oficializou os concursos, né? Alguém poderia fazer em sua comunidade e tal, convidava os bois e marcava um dia...

38:33 **[Lílian]**: Então já tinha eventos?

38:36 **[Zé do boi]**: Já, já. E aí na Jatiúca tinha. Tinha um camarada, tinha um pessoal que fazia. Tem um cara chamado Garibalde lá que fazia também:

-Ah vamos lá no Diva!

38:46 **[Zé do boi]**: O Diva, o pessoal lá também fazia um concurso. Logo aqui pertinho do... foi até onde um concurso que a gente foi terceiro colocado em 1994. Acho que foi em 94 que a gente foi terceiro colocado. Foi 94 ou 95. A gente foi terceiro colocado lá, e a gente já era pauleira, né? E aí, mas aí, ganhou o boi do lugar que era um boi muito bom também, o Gato Guerreiro. Era de amigos nossos, enfim. Aí a gente perdeu pra o Gato Guerreiro, enfim. E aí, a gente foi tomando conta, tomando gosto pela coisa, em participar dos concursos. No Reginaldo também faziam uns concursos e isso ajudou muito. Isso ajudou muito. Aí alguém diz:

-Oxe, esse concurso atrapalha a coisa e tal.

39:36 **[Zé do boi]**: Mas se não fosse o concurso, nós não tínhamos chegado onde chegou, à cultura do Bumba meu boi. Então, o gosto de cultuar o boi não teria chegado a esse ponto que hoje [chegou]... Não.

39:38 **[Lílian]**: Uma forma de resistência, né?

39:50 **[Zé do boi]**: Claro, é. Então se fazia também concurso no Reginaldo - tem uma moça que fez um ali perto do Postinho de saúde. Fizeram ali. Ali tinha uma escolinha, eu esqueço o nome da escolinha, tinha uma escolinha logo na esquina ali perto do...

40:06 **[Lílian]**: Do Seu Ferreira, não?

40:07 **[Zé do boi]**: Não. Depois do Ferreira. Depois do Ferreira, na outra esquina, que é aquela esquina que vai uma rua pro Correio, dos Correios sobe até pela barreira e a outra segue pra sair do Reginaldo. Então ali naquela esquina ali...

40:20 **[Lílian]**: Tinha palhoção ali. Antigamente tinha.

40:23 **[Zé do boi]**: Na barreira.

40:24 **[Lílian]**: Era.

40:24 **[Zé do boi]**: Era. Mas o concurso era mais bem perto da venda do Edmilson mesmo. Tem a venda do Edmilson, ele é um deficiente e tal. O Edmilson é uma figura muito conhecida e tinha... era ali pertinho. Naquela escolinha. Então os grupos iam, tal e a gente ia e pá, a gente ganhava e dizia:

-Agora não tem graça mais não a gente tá indo pros concursos do Reginado não, que a gente ganha.

40:45 **[Zé do boi]**: Enfim. Então, de tanta reclamação eu fiz, em forma de protesto, quando a gente ganhou um troféu. No outro ano a gente fez, aí eu fiz em forma de protesto. Ainda tenho ele hoje, o troféu. Não sei onde ele tá, meu pai, não

sei se está na casa do Reinaldo. Um trofeuzinho, bem miudinho, bem pequenininho, feito em forma de protesto porque os caras reclamavam porque a gente ganhava. Aí, quem comprou os troféus desse aí fui eu.

-Nesse a gente não concorre e vai ganhar um troféu de participação desse tamanhinho.

41:09 **[Zé do boi]**: Enfim. Mas era muito bom as coisas. Quem quisesse marcava de fazer o concurso, né?

41:13 **[Lílian]**: Então existiam vários concursos? E aí os bois iam. O prêmio seria mais troféu, assim.

41:21 **[Zé do boi]**: É.

41:22 **[Lílian]**: Não tinha apoio do governo?

41:23 **[Zé do boi]**: É, não tinha dinheiro mesmo...

41:24 **[Lílian]**: Aí esse radialista, como é o nome dele mesmo?

41:26 **[Zé do boi]**: Luiz de Barros. É o...

41:27 **[Lílian]**: Ele formou o maior, vamos dizer assim, um concurso maior, né?

41:28 **[Zé do boi]**: Foi, ele... Luiz de Barros é quem colocou o cenário do Bumba meu boi [onde ele] está hoje é por causa do gosto pelo Bumba meu boi que ele tinha. Ele gostava de assistir, ele gostava de ver, enfim. E aí ele tinha o contato do povo na prefeitura e tal. Ele era um radialista de nome, né, cara. Radialista renomado, o Luíz. Então ele começou a fazer o festival do boi, concurso do boi dentro da prefeitura, e aí cuidaram logo de dar uma premiação. Aí foi onde começou sair uma premiação em dinheiro...

42:07 **[Lílian]**: Foi ficando melhorzinho, né?

42:08 **[Zé do boi]**: Ah, eu lembro...

42:09 **[Lílian]**: Esticando mais.

42:09 **[Zé do boi]**: É, bem pouquinho. A gente foi campeão aí deram 400 reais de prêmio. Que mais? 400 reais de prêmio, o troféu... -E ele [Luiz de Barros] ia nas lojas pedir prêmio para dividir com os menino. Uma loja dava uma bicicleta, outra loja dava um..., no artesanato um cara [dava] uma burrinha toda feita no barro, na naquela coisa, enfim. E o [supermercado] Bom Preço - ainda lembro que nesse ano foi já bem mais pra frente, em 2002, a gente quando foi campeão nesse ano, a gente ganhou 400 reais, o troféu e a bicicleta.

-E agora? Ganhou uma bicicleta pro boi. Pra quem?

42:52 **[Lílian]**: Eita!

42:53 **[Zé do boi]**: Ômi, queira não. Eu tinha... Na hora que eu dava um voto, muita gente já seguia, né? E aí eu votei para que a bicicleta fosse do condutor do boi, que é o cara que mais sofre ali e tal. Eu sempre olhei isso. Mas enfim. Então vamos pra votação, os cara tudo de olho na bicicleta. Bicicleta novíssima, do Bomprego, na caixa. Eu digo:

-Não. É justo que - porque vai fazer o quê? Vai dividir a bicicleta? - a gente dê ela ao Ricardo.

43:21 **[Zé do boi]**: Aí o Ricardo foi o condutor desse ano, então o Ricardo que levou a bicicleta.

43:28 **[Lílian]**: É... Zé do boi, tenho mais perguntas. O boi era muito associado ao período do carnaval. Saía muito nessa época. Em que época do ano vocês começavam a ensaiar? Lembro que eu ficava até estressada porque a batucada era atrás da minha casa. Eu lembro que era no início do ano, logo depois do réveillon, em janeiro, eu já escutava a batucada.

43:51 **[Zé do boi]**: Exatamente.

43:52 **[Lílian]**: Dia 2 vocês já estavam, lá, se brincasse.

43:53 **[Zé do boi]**: E é isso mesmo porque se você se incomodava com barulho, você não vai esquecer nunca de quando começavam os ensaios.

43:59 **[Lílian]**: É.

44:00 **[Zé do boi]**: Então os ensaios eram isso mesmo: Assim que passava o réveillon, os caras já se juntava. Dia 6 de janeiro, dia de Reis, oxe, os caras já estavam reunidos.

-Vamos fazer os ensaios?

-Vamos fazer o ensaio, vamos fazer o ensaio.

44:11 **[Zé do boi]**: Se ia ensaiar, né? Que era para fazer bonito nos festivais, no concurso.

44:18 **[Lílian]**: Na bateria, né? Quem ficava à frente da bateria?

44:20 **[Zé do boi]**: No boi Gavião era o Henrique que ficava à frente do boi.

44:23 **[Lílian]**: Ele é baterista até hoje, né?

44:25 **[Zé do boi]**: É. O boi ele tem tido um papel fundamental com algumas figuras. Tem gente que aprende a tocar, tem outros que vai viver daquilo ali o tempo todo, pela convivência e vem pegando experiência. O Gavião formou o Nino, enquanto profissional. O Nino se transformou em um tatuador profissional. Inclusive

o Adriano aprendeu com o Nino.

45:02 **[Lílian]**: Com o Nino?

45:03 **[Zé do boi]**: É, o Adriano aprendeu com o Nino. O Henrique saiu tocando por aí e tal, de repente o Henrique tava tocando em banda. O Henrique participou... a maioria das bandas que se tem em Alagoas o Henrique passou por elas, a maioria. É conhecido no mundo artístico e é um baterista profissional. Hoje ele é contratado para tocar nas bandas. Ele vive disso. O Henrique vive disso. Então ele é um baterista profissional. Não pode ter um evento em Maceió que o Henrique não passe em um dos trios tocando ali na batéra e tal. Enfim, formou músico, né? Daqui do [Vale do] Reginaldo não saiu cantores porque não Reginaldo, coitado, a maioria das vezes quem cantava era Zé do boi e Zé do boi não é cantor. Só [é cantor] pra cantar a música do boi mesmo. Mas enfim, lá fora a gente tem pessoas, inclusive amigas nossas - tipo uma das bandas mais famosas mais antigas da Bahia: o "Ilê aiyê", da Bahia, a gente tem uma pessoa que passou pelo Bumba meu boi de Maceió. A Iracema toca, não sei se ainda tá, mas a Iracema [tocou] -. Hoje a gente tem a negona Mirabelle que, eu acredito que hoje ela tá na igreja, mas não deixou de deixar sua voz marcada na arena do boi. A Natália Martins que hoje...

46:23 **[Lílian]**: A Naná?

46:24 **[Zé do boi]**: Não, não. Existe a Naná e a Natália. Natália é uma figura que nasceu no meio da galera do boi Dragão ali e tal. De repente cantou no boi, foi cantar na arena do boi e hoje o show da Natália é filé do mundo. Eu fiquei muito emocionado quando eu vi ela dividindo o palco com Solange Almeida. Cara, quando eu olhei aqui, me encheu os olhos de lágrima, eu fiquei muito orgulhoso daquela menina. Que eu conheci Natália uma garotona e aí tá a Natália hoje bombando aí. Tá bombando. Cantou no São João de Maceió, cantou também.

47:06 **[Lílian]**: É, então vamos falar desse desse início, quando vocês saíam. Me esqueci até o nome, não era cortejo, era...

47:12 **[Zé do boi]**: Saída de rua.

47:13 **[Lílian]**: Na saída de rua não cantavam ainda, né? Porque nem tinha como.

47:18 **[Zé do boi]**: Não.

47:19 **[Lílian]**: Quem eram as pessoas que saíam? Os músicos?

47:22 **[Zé do boi]**: É... Digamos que ali uns dez caras fazendo ali a bateria.

47:28 **[Lílian]**: Era surdo, repique, tarol?

47:29 **[Zé do boi]**: É. Surdo, tarol e repique. Depois o Henrique foi lá fora e trouxe o timbal, né? Os cara tinha uma mania de botar um timbal. O timbal ele foi inserido, entrou no boi pela primeira vez através de um amigo nosso da Jatiuca, do boi Gato Guerreiro, o Jadilson. E de repente o Henrique pegou a manha. De repente o Henrique já tocava timbal também. Aí quando já era timbal:

-Tem que comprar um timbal para mim.

47:59 **[Zé do boi]**: Aí pego comprar um timbau. Aí na saída de rua tava lá o Henrique tocando. Mas era aquilo ali. Era à frente da bateria o repique e o timbau, e aí vinha os taróis e os surdos fazendo aquela linha ali, né? E de repente a gente dava uma de louco saía aí pelas ruas, era uma bateria boa a nossa bateria, era uma das melhores, né? Enfim bateria dos cara era... Aí saiu o Neno, o Henrique, o Calau, o Gugu, Marcinho, que é o irmão do Quinho. Enfim, saiu uma galera arretada e a gente juntava ali aquela galera e aí...

48:49 **[Lílian]**: Aí saía o vaqueiro, o boi...

48:51 **[Zé do boi]**: É. Lá na frente tava o boi e o vaqueiro.

48:53 **[Lílian]**: Iam primeiro, né?

48:54 **[Zé do boi]**: É.

48:55 **[Lílian]**: Aí a bateria vinha atrás deles, é?

48:57 **[Zé do boi]**: É. Na ordem, sai num cortejo: lá na frente o vaqueiro e o condutor, fazendo a performance lá com o boi, logo atrás vem o cara do repique, enfim, se for um timbal ou um timbrê, enfim. Mas sempre, sempre é o repique. Aí lá na frente vem o repique, coordenando, orquestrando a bateria. E aí vem uma bateria de tarol e atrás uma bateria de surdo, enfim. Ou eles entrelaçam entre si o tarol e o surdo. Às vezes os caras botam um tarol do lado sudo: um tarol, um sudo, enfim. A saída de Rua era bem organizada.

50:00 **[Lílian]**: E aí depois vem o povo? E o La urso?

50:03 **[Zé do boi]**: Eita, o La urso era o cara de fazer a sacanagem.

50:06 **[Lílian]**: E tinha que pedir dinheiro também, né?

50:07 **[Zé do boi]**: Tinha que pedir dinheiro.

50:08 **[Lílian]**: Era La urso?

50:09 **[Zé do boi]**: A gente tinha problema com La urso. La urso bandido da poxa. Tinha La urso que pegava o dinheiro e não dava:

-Não é pra você não, seu safado. Bota dinheiro aqui ó, na caixinha.

50:22 **[Zé do boi]**: E era caso sério esse negócio de Lá urso.

50:24 **[Lílian]**: Nessa saída de rua o La Urso também aproveitava, tinha que pedir o dinheiro, né?

50:29 **[Zé do boi]**: O La Urso tinha que pedir dinheiro. Ele pedia e tal. Hoje em dia ninguém faz isso. Eu acho que ninguém faz isso. A galera monta tudo e tal, mas antigamente era o tempo. Os caras tavam na pindaíba mesmo, tinha que pedir dinheiro mesmo, tinha que pedir a contribuição da comunidade e tal, todo mundo. E aí o...

50:46 **[Lílian]**: Mas era sempre o La urso que pegava o dinheiro ou qualquer pessoa do boi?

50:50 **[Zé do boi]**: Não. O La urso ele tinha essa função. Era o La urso e o vaqueiro, os dois. E aí de repente, essa parafernália toda ali e em volta o povo, né? Não podia faltar o povo. Quando o boi saía com pouca gente, a gente saía desanimado e tal. Mas aí o Gavião na rua lotava. Lotava que era caso sério. E aí a gente saía, onde dava mais dinheiro. A gente saía pra comunidade do Bolão, lá o pessoal lá, tinha gente que já ficava esperando pra gente passar.

51:24 **[Lílian]**: Caramba vocês iam ali?

51:25 **[Zé do boi]**: A galera, oxe ...

51:26 **[Lílian]**: Subida, né?

51:27 **[Zé do boi]**: Subia ali e tal.

51:29 **[Lílian]**: A descida...

51:30 **[Zé do boi]**: Oxe, então pronto. A gente ainda desceu ali. Outro dia, a gente teve que dançar ali no meio da Ladeira. O cara disse:

-Eu dou dinheiro, agora tem que dançar aqui para mim, pô.

51:38 **[Zé do boi]**: E o povo dava dinheiro para ficar vendo do boi tocar e dançar. Aí nos bairros que era aquela alegria toda e tal. E aí o boi teve que dançar naquela ladeira ali. E de repente, o cara tava dando - o cara tava dando o que meu pai? - foi cerveja. Um belo dia o cara dava cerveja. Parava nos bares, os cara pagava cerveja, pagava refrigerante, era tudo. E aí um belo dia o cara disse:

-Não. Hoje eu vou dar pro boi - que era o condutor que estava embaixo do boi -. Eu tava doidinho para tomar uma cerveja - os cara até hoje quando lembra, bicho-. Aí eu acho que quem tava embaixo do boi era o Zé Lúcio. Os cara chamava Mico Preto. Então, o Mico tava embaixo do boi e eu vi quando o cara pegou a cerveja e disse:

-Não. Essa aqui vai ser pro boi!

52:21 **[Zé do boi]**: Ó, um latão gostoso danado. E aí de repente quando eu vi que era pro boi, na hora do cara vir entregar, eu corri embaixo:

-Sai, sai, sai Mico. Sai, eu quero.

52:30 **[Zé do boi]**: Eu fiquei embaixo do boi. Na hora que o cara botou pela janelinha, fui lá, recebi, tomei a cerveja. Até hoje os cara quando lembra:

-Ah, Zé do boi é muito esperto! Não é assim não.

52:38 **[Zé do boi]**: Mas enfim, era muito assim, a comunidade abraçava. Nas portas tava aquela turma de gente bebendo, um carnaval em família. Pedia pra gente:

-Ó, passa lá na porta, amanhã, beleza?

52:49 **[Zé do boi]**: Passava, fazia a animação da comunidade, daquela família. Então, era muito arretada a saída de Rua. Foi então...

52:08 **[Lílian]**: Eu não sabia que o Val tinha sido Vaqueiro, mas eu lembro -e eu quero perguntar isso -quando eu era criança, dele fazendo máscara de La Urso. Eu vou chamar de La Urso, que eu chamava assim quando era criança.

53:06 **[Zé do boi]**: É Laurso. Era. É La Urso, é La Urso.

53:08 **[Lílian]**: Então, eu lembro dele fazendo máscara com papel -agora eu não lembro o formato de como era essas máscaras. Eu queria informação.

53:13 **[Zé do boi]**: Ah, eu vivia fazendo isso.

53:15 **[Lílian]**: E ele botava em cima da casa para secar. Eu lembro ele com um monte de gente, talvez você estivesse ali, mas eu não lembro.

53:20 **[Zé do boi]**: É.

53:20 **[Lílian]**: Eu lembro dele com um monte de amigos, fazendo essas máscaras e botando [em cima da casa pra secar]. Aí eu queria saber informações das máscaras de La Urso, porque não era de borracha antigamente.

53:29 **[Zé do boi]**: Não.

53:29 **[Lílian]**: Eram essas [de papel] que vocês faziam?

50:30 **[Zé do boi]**: A gente pegava uma argila chamada de massapê. Em alguns lugares tinha. Em volta do Vale do Reginaldo, naquelas barreiras, todo riacho, ele tem aquela lama que se forma onde a água para. Ali empoça, com pouca correnteza, ele costuma fazer ali um Massapê. Então a gente ia e lá pegava aquele barro, aquela massa...

53:58 **[Lílian]**: Mas não tinha paredão? [Me referindo ao paredão que foi construído em volta do Riacho salgadinho por conta da transposição da foz do

mesmo, no passado].

54:01 **[Zé do boi]**: Não. Antes não tinha. No tempo em que a gente fazia máscara mesmo para valer, não tinha paredão ainda.

54:09 **[Lílian]**: Então essas máscaras, foram antes do boi?

54:11 **[Zé do boi]**: Antes do boi.

54:12 **[Lílian]**: Caramba!

50:12 **[Zé do boi]**: Antes do boi! Quando a gente fazia máscara, pra sair de La urso, antes do boi. Antes de existir o boi, a gente saía de La Urso:

-Vamos sair de la urso?

- Bora.

54:25 **[Zé do boi]**: E era um La urso, conhecido que tinha antigamente, que inclusive tem algum livro, que alguém quando fala essa coisa, tem o La urso do negro Zé. No Reginaldo era o Nego Zé, um negão que gostava disso aí. O La Urso não era com esses instrumentos que se tem hoje. Era uma sanfona, um triângulo e uma zabumba.

54:46 **[Lílian]**: Caramba!

54:47 **[Zé do boi]**: E os caras saíam pela rua e o La Urso era em forma de urso mesmo. Era o urso.

-Vamos sair do urso?

54:55 **[Zé do boi]**: Em muito lugar não chama la urso, cham o urso.

-Ó, vai sair o urso.

54:58 **[Zé do boi]**: Que era uma forma do urso. Depois alguém, com aqueles bichos todo peludo, com aqueles trapos, aquelas roupas, tal, enfim. Mas o La Urso mais conhecido aqui era o La urso do nego Zé. Ele tinha dois: um preto e um branco. O nome dos La Ursos eram: Alecrim e Ferradura. O branco era o Alicrim e o preto era o Ferradura. E aí, de repente depois, saiu o Jorgito, que era um amigo nosso - o Jorgito tem mais ou menos a minha idade. Não sei se o jorgito ainda é vivo, meu pai-, mas enfim. Ele tem a minha idade. Mas aí, teve um tempo que ele tinha adoecido, enfim, eu não sei mais. Mas aí o Jorgito, ele gostava muito, ao ponto de ter comprado os instrumentos, que já não foram iguais aos instrumentos do La Urso do Nego Zé, que era os primeiros. E aí ele saiu. -Me inspirou muito no boi isso aí também. Isso me inspirou muito -. E aí ele saía na rua e o som era diferente do que a gente vê hoje (tá, dá, dá). Não, era a sanfona tocando um ritmo bem puxado, digo, tipo um forró elétrico, alguma coisa assim. E aí o triângulo (tirilim, tirilim) e a

zabumba. O som era: tum, dum, dum; tum, dum, dum. E a sanfona acompanhando o ritmo (tirilim tim dim dim dim) e era um som massa. E eles saiam juntos, ali andava demais.

56:20 **[Lílian]**: Por aqui mesmo, no Reginaldo?

54:21 **[Zé do boi]**: Nada. Ele saía para outros bairros. O La Urso do Nego Zé saía, fazia muito Vergel, ele tinha muitos amigos pelo Trapiche, andava muito.

56:31 **[Lílian]**: Era vestido de urso mesmo, era?

56:32 **[Zé do boi]**: Era. Um calor terrível.

56:32 **[Lílian]**: E a máscara?

56:34 **[Zé do boi]**: Era um urso. Um urso perfeito, era um urso andando no meio da rua, enfim. Era isso aí antes do boi. E a máscara? Pronto, a máscara, a gente tirava aquela massa, aquele [barro] que chamava massapê, era aquela argila e a gente numa tábua, a gente fazia o formato de um rosto, mas na maioria das máscaras se faz assim nesses ateliês, o formato de um rosto. E a gente pegava um bocado de papel, rasgava, picava os papel e a primeira camada -claro, se você pegar em cima do barro, e na primeira camada botar cola, nunca mais você tira aquela máscara dali.

57:14 **[Lílian]**: Sim.

57:15 **[Zé do boi]**: A massa era aquele formato de argila e ali a gente fazia. A gente ia ver se a gente fazia um bicho de um formato alegre, de um formato feio. Pra La Urso, que mais se vendia era uma cara feia. Fazia lá uma cara feia, e fazia uma ponta [chifres], enfim. Aí ficava aquele bicho, depois que pintava, moldava, depois de pronto...

57:41 **[Lílian]**: Assustador mesmo, né?

57:42 **[Zé do boi]**: Ficava assustador. Era um bicho feio, era um cão, a imagem do cão, enfim. De repente a gente fazia aquele formato e a gente vinha com papel só na água, dava ali umas três camadas naquele formato, na forma. Umas três camadas e ali já se olhava para aqui, já estava desenhado o que que a gente queria e o restante das camadas vinha com cola de farinha. Depois...

58:06 **[Lílian]**: Era muito usado antigamente.

57:08 **[Zé do boi]**: É, depois é que vieram usar cola branca mas a gente era cola de farinha. Pegava a farinha aqui, ó, cozinhas, fazia aquela papa, aquele gogó, enfim. Então, com aquilo ali era nossa cola. Mergulha, mela o papel na cola e formando e preenchendo aquele formato. De repente, eu lembro que a gente dava

umas oito camadas. Ficava aquela máscara dura, pronto. Umas oito camadas. De repente, como você viu o Val botava no sol, botava ali em cima da casa. Então a gente botava em algum lugar que levasse um sol, de tarde já tava pronto. Aí a gente ia lá tirar aquele molde daquela forma, aparar com a tesoura e aí ia pintar do jeito que a gente achasse melhor, enfim. E ali estavam feitas as máscaras, de sair até no La Urso também, a gente saía com essas máscaras. A gente não comprava, a gente fabricava a máscara do pessoal. Depois é que vieram essas máscaras de borracha, essas coisas que ficou imagem mais real, enfim. Mas antes era no grito mesmo, no artesanal, maneira artesanal que a gente fazia as máscaras.

APÊNDICE C - Entrevista a José Carlos dos Santos (Zé do Boi) - Parte 2

A seguir, apresenta-se a segunda parte da entrevista realizada com José Carlos dos Santos (Zé do Boi), em 4 de agosto de 2024.

00:00 **[Lílian]**: Eu teria essa curiosidade de saber como foi porque eu acho uma coisa tão propícia daqui. Até de porque La Urso tem muito em Pernambuco, né?

00:09 **[Zé do boi]**: Tem. Tem muito em Pernambuco, tem.

00:11 **[Lílian]**: Mas a gente chamava de La Urso e tinha esse formato diferente.

00:17 **[Zé do boi]**: É.

00:17 **[Lílian]**: Já nesse tempo diferente. Só que agora você teve essa vivência também com os ursos daqui, né?

00:21 **[Zé do boi]**: É.

00:22 **[Lílian]**: Eu não cheguei a conhecer.

00:24 **[Zé do boi]**: Acabou há muito tempo. Em Maceió só tinha ele. Nesse tempo mesmo só tinha ele.

00:30 **[Lílian]**: Você era criança?

00:31 **[Zé do boi]**: Era. Era, era criança.

00:32 **[Lílian]**: Tinha quantos anos, mais ou menos?

00:31 **[Zé do boi]**: Eu começava a ver o La Urso do Nego Zé, eu acho que eu tinha uns 8 anos, por aí.

00:41 **[Lílian]**: Teve uma moça, que eu falei com ela. A Dona Lourdes do...

00:49 **[Zé do boi]**: Boi Trovão.

00:52 **[Lílian]**: Ela falou que antes, quando ela saía no Carnaval quando era menina, disse que o La Urso era o Folhará. Ela disse que o La Urso era o Folhará. Que era todo de folha de amêndoa.

01:03 **[Zé do boi]**: É... Cada um cada um que fazia, tipo... Dona Lourdes acho que Dona Lourdes até do tempo de Rás Gonguila. Ela não lhe falou Rás Gonguila? Ah, Dona Lourdes, ela fala do Rás. Ela fala de Rás Gonguila. Ela já conversou comigo muito sobre isso. Enfim. Como o boi apareceu? Se tinha, como a gente tava falando, as La Ursas. Os La Ursos. Vamos sair de La Urso. E alguém usou em colocar naquele meio o Boi para sair junto. O boi veio entrando e de repente o Boi veio roubando a cena. Tipo, se você for fazer uma coisa assim: imaginar, você fecha os olhos:

- Eita meu Deus do céu eu sou o Lauro, mas eu tô com um ciúme tão da peste desse Boi que botaram aqui perto de mim. Tá roubando a cena. Cadê o meu brilho? Cadê? Eu sou o Lauro. O Lauro aqui sou eu. Agora botaram aqui esse boi e ele tá roubando a cena.

Então era como se fosse assim. E o Boi realmente ele roubou a cena. O boi, ele roubou a cena do Lauro. Eu digo do que eu vivenciei. Eu vivenciei isso. Eu vivenciei o primeiro La Urso... Podia não ter sido Zé do boi, podia ser o Zé La Urso, ou Zé do La Urso. Podia ser, né? Porque a gente começou no La Urso, a gente começou no La Urso. E aí do La Urso chegou o Boi. Isso não foi no Reginaldo. Isso foi há muitos anos, várias décadas atrás. Não sei te precisar o exato. Mas alguém colocou o boi para sair junto com Lauro, como eu já disse, ele foi roubando a cena, de repente ele era o moço.

- Tá faltando o seu moço.
- Quem é o seu moço? É o La Urso?
- Não, já não é mais o La Urso . O seu o moço é o Boi.

Então o boi começou a roubar a cena. E em Maceó, Alagoas, foi quando as escolas de samba começaram a ter uma certa decaída, uma decadência e tal. As escolas de samba que eram muito ovacionadas. Uma brincadeira de pobre, mas que os ricos... alguns deles gostavam de festa de pobre, que era o carnaval, que era coisa de tipo... Era do tempo que - quem fala muito disso é Carlito Lima. Você já entrevistou Carlito? Você precisa ver. O Carlito é uma enciclopédia viva, o CarlitoLima. Qualquer tempo que você tiver um tempo você procure conversar.

00:39 **[Lilian]**: Ele é de onde?

00:40 **[Zé do boi]**: Ele é daqui de Marceió

00:41 **[Lilian]**: Mas ele mora em que parte?

00:42 **[Zé do boi]**: O Carlito mora por ali, não sei se é Jatiuca. Por ali assim, naquela região. Um belo dia a gente se acertou para ir fazer uma tocada com o boi na casa dele, foi no dia dque a gente teve concurso e ele ficou bravo porque a gente não foi. Dia do concurso, né? Ninguém vai não. Aí o Boi veio assumindo uma identidade do Boi em Maceió. Quando de repente tava aqui o La Urso [mão acima] e o boi saía com o Lauro [mão abaixo]. E hoje é o boi [mão acima] e o La Urso [mão

abaixo] sai acompanhando o boi. Então o boi não era o Fera. O Fera era o La Urso. Mas aí quando a escola de samba em Maceió, em Alagoas, sofreu uma certa decadência, sim. E de repente o boi veio assumindo aquele espaço. Aí, de repente quando olhou no carnaval já não era a escola de samba, era o boi. E hoje em dia os caras da escola de samba para sair, quando ele acerta com a galera de um boi é massa. Quando não, ele cisma de sair. Mas se sair no mesmo dia o boi e a escola de samba, os caras esvaziam a escola de samba e vai fazer o boi. Então é uma loucura. Tanto é que nunca sai no mesmo tempo. São em dias diferentes, nunca sai boi e escola de samba. Nunca sai. A galera do boi ela é fanática mesmo para cultuar o boi.

05:18 **[Lílian]**: O La Urso ele saía antes do Boi pra pedir dinheiro? Porque eles saíam com uma lata, não era?

05:23 **[Zé do Boi]**: Sim sim sim a gente começou com isso aí.

05:24 **[Lílian]**: E junto tinha a machinha

- O La Urso quer dinheiro

05:30 **[Zé do Boi]**: É um tarol parecia mais com aquela...

05:32 **[Lílian]**: Era o tarol?

05:30 **[Zé do Boi]**: Era tarol, era... [Aqui ele começa a falar do boi no cortejo] Antigamente não tinha negócio de repique. Era somente o sudo e o tarol, o sudo e o tarol. O sudo era mais importante, claro. Mas aí tinha que ter um tarol e a gente já chegou até a fazer tarol numas latas que pareciam uns pandeirões. A gente esticava ali o plástico e dava umas voltas com a borracha (câmara de ar de pneu de bicicleta, a gente fazia aquilo ali, ficava bem esticadinho e a gente pegava essas ligas que muita gente bota no braço (liga de amarrar dinheiro). A gente emendava uma na outra e fazia aquele esticado ali por sobre a pele. Quando você bate aí ele vibra, o som da esteira, enfim, ele fica daquele jeito lá. Então era assim. Muito tarol a gente fazia com aquele ali: esticava a borracha. Um tarol bonzinho mesmo a gente fazia com a câmara de ar mesmo. Cortava uma tira bem fininha, aí fazia uma linha com a borracha, fazia um cordão com a borracha e amarrava na extremidade da pele e esticava para outra. Então quando batia fazia o som do tarol e a gente saía na rua tocando em balde, em lata velha, em tudo. O importante era fazer barulho e o La Urso tá na rua. E a gente fazia. Existe bumba meu boi em todo lugar. Até a nomenclatura que eu fiquei muito feliz, quando alguém queria intitular - que a gente

acha pejorativo -quando chama Boi de Carnaval. A gente fica louco. Aí vem os estudiosos. A briga é com os estudiosos.

aí agora eu

07:05 **[Lilian]**: Eu queria saber sobre a Liga do Boi, que você fez. Pelo que vi no documentário você estava descontente porque vocês tinham ganho alguns concursos - que agora eu sei que havia outros concursos - e qual foi seu objetivo? Me fale sobre como é que tá hoje.

07:26 **[Zé do Boi]**: Iniciou-se assim. A gente era bem atuante no cenário da cultura do boi, mas o convite para apresentações e tal ele era muito de quem tá ali na secretaria naquele momento. Então tem uma figura que é amiga nossa, que trabalhava na época lá mas só que a gente ficava descontente porque vai precisar de um boi, não tinha uma ordem de apresentação, não havia critérios para se chamar, para convidar, para se contratar o boi para fazer as apresentações nos lugares. Para você se apresentar em comunidade, numa festa, massa, eu tô onde eu moro. Mas quando se trata de fazer para a prefeitura, através de uma secretaria qualquer - porque na época toda a vida funcionava mais na SECULT, na Secretaria de Cultura do município - essa pessoa gostava de contratar muito o... até o Boi Leão ia muito. É, no porto. Aí a gente já era rival e a gente ficava só com inveja olhando. O Boi em cima de um caminhão e os caras levavam e a gente ficava no Reginaldo olhando eles saindo daqui. Era chupar bala com papel, não tinha gosto. A cultura estava rolando, mas eu não estou dentro. É como se fosse aqueles galletos assando naquelas coisas de vidro ali girando o cachorro tá ali, sentindo o cheiro, só babando, mas não tá comendo, não tá lambendo o galeto. Então só o cheiro. Quando foi em 2002 a gente já vinha conversando para montar uma coisa organizada. Quem falava muito isso era o seu Marco (Seu Marco é um líder comunitário lá do Vale do Reginaldo). Seu Marco é a figura que não deixou que o Zé do Boi enveredasse pro crime, pro mundo da loucura, da criminalidade. Porque eu tinha essa... a maioria dos garotão queria mesmo era maloqueirar. Queria mesmo era bagunçar, era no trio elétrico, fazer bagunça e eu era um deles. E o seu Marco [disse]:

- Menino, tu tem coisa melhor para fazer, tu sé metido a falador, tu vai estar aqui com a gente, trabalhando e tal.

E me colocou para raspar cana. Eu digo:

- que serviço de filho da gota.

09:50 **[Lilian]**: Era famoso, oxe! O caldo de cana do Seu Marcos.

09:52 **[Zé do Boi]**: Não é? E aí era eu o tempo todinho ali raspando cana. Aí de repente ele me botou para ajudar na associação. Ele viu que eu tinha jeito pra Associação. Aí disse:

- Bicho, você anda muito com esse negócio do Boi. Monta uma associação dos Boi, monta uma federação, sei lá o que.

E aí na época já tinha a onda das ligas, né? Tinha a Liga das Escolas de Samba do Rio

de Janeiro, tinha a Liga das Escolas de samba de Alagoas, a LESSAL. Aí, de repente:

- Vou fazer isso mesmo!

Aí chamei os caras e a gente começou a idealizar a coisa. Quando foi depois, a gente levado a uma premiação, eu fiz uma reclamação e foi aí que saiu a liga do boi em 15 de setembro de 2003. Foi. 15 de setembro de 2003. Daí fundou-se a liga do Bumba Meu Boi de Maceió, devido àquela insatisfação. E neste ano de 2002 nós fomos campeões do Festival Oficial de Maceió, a gente passou o ano todinho e não foi pra nenhuma apresentação e os outros foram. Aí a gente ficava louco porque essa parte não se dividia para nós. Então...

11:09 **[Lílian]**: Então esse Festival de Maceió era o do Radialista?

11:12 **[Zé do Boi]**: Era. A fundação da Liga ainda tem a foto hoje. Depois eu procuro ela e te mando se interessar.

11:20 **[Lílian]**: Interessa.

11:21 **[Zé do Boi]**: Então eu vou mandar a foto. Foi o dia da fundação da Liga. [Estavam em um evento e quando chegou no momento da premiação] A premiação do campeão. Demorou chegar lá a premiação. Aí quando foi a premiação dos campeões, eu disse:

- Olha, ninguém leva o Gavião.

- Não!

Os caras secreteiro:

- Não, a gente tem que apresentar!

Eu disse:

- Agora a gente vai montar uma liga

- Não!

- É sim. Já tô conversado com os caras de outros bairros

Que eu era aqui de dentro do Reginaldo mas eu conversava com o cara do Poço, o Estácio ainda tinha jeito de caba novo, garotão. O Estácio sempre teve aquela cara de garotão. Todo gordinho, todo alegre, todo Sacana e todo resenheiro. Você vê, o cara era filho da Célia Chuchu. Depois você vai saber quem era Célia chuchu. A Célia chuchu era a figura mais louca que eu já vi, era presidente da escola de samba Unidos do Poço. Ali era louca. Então era desenrolada mais desenrolada toda a Célia. Super atuante. E aí o Estácio era um dos meus colegas, um dos fundadores da Liga. Tava ali o Estácio. Do Reginaldo eu levei o Mimo. Então na primeira formação você conhece o Mimo. Ele é ligado da igreja, ele é irmão do Jaminho, que mora quase vizinho...

12:27 **[Lilian]**: Ah sei. Sei quem é.

12:30 **[Zé do Boi]**: Aí levei o mimo para [ser] meu tesoureiro, né. Já na formação da Liga. Sei que durante [o evento] eu disse ao pessoal do Gavião que não era para levar o boi, a gente não ia tocar. Cada um tinha um tempo de apresentação. Primeiro, segundo e terceiro lugar. Quando foi na hora da gente se apresentar, eu fui lá e peguei o microfone e os caras ficaram esperando entrar o Boi. Eui disse:

- Gente, já que eu estou com o microfone aqui ninguém vai tomar.

Aí pronto. Aproveitei o momento, que ninguém veio tomar. Tava o pessoal da secretaria de cultura do município, que na época era ENTURMA. O nome era ENTURMA. Aí tava o organizador Luíz de Barros, tava todo mundo no late Clube Pajuçara. Foi esse evento.

- Eu queria usar esse momento para fazer uma fala. E hoje a gente não vai ter boi dançando, vai ter só a fala. Daqui vai surgir um movimento. Ou surge um movimento aqui ou não surge mais nunca.

Aí falei do problema que a gente vinha sofrendo no Vale do Reginaldo. Que a Liga teve uma participação incrível do Vale do Reginaldo, né. A cultura do Boi no Reginaldo, também ela foi a a criação da liga a fundação da liga veio - um dos lugares - do Reginaldo. E outro cara que também andou comigo que só, um outro cara que tem uma comunidade igual. Mora lá pertinho da Dona Lourdes, o pessoal da zona sul, lá é o Fernando, o feio. Conhecido lá como Feio. Então juntou aí alguns caras, diretores de boi, e a gente juntou e montamos a liga nesse ano. Eu achava que era injusto a gente ter sido campeão e não ter participado de nenhuma apresentação durante o ano. Isso tinha as apresentações no centro, tinha no porto

12:27 **[Lílian]**: Do governo? Dos políticos...

14:14 **[Zé do Boi]**: Não. Não do político e sim da gestão. Da gestão do município, a gestão cultural da secretaria. Tinha apresentações em alguns lugares. Inauguração de escola, tinha muito navio que chegava no porto, os navio turísticos. Ainda hoje tem apresentações culturais lá. Enfim, a partir dessa reclamação em 2003 fundamos a Liga. Na época eu tinha uma bicicleta de carga, eu era vidraceiro. Eu rodei Maceió inteira procurando onde era que tinha cada Boi, catalogando tudinho, catalogando é uma palavra muito bonita, eu saía Marceió inteiro anotando o nome dos Bois que tinha em cada comunidade. Anotava o nome do Boi, o nome da rua e o contato do cara.

15:02 **[Lílian]**: Os bois geralmente eram aqui da parte de baixa. Tinha Boi na parte alta também?

15:05 **[Zé do Boi]**: Não. Com o tempo, eles fizeram no Benedito Bentes, no Conjunto Frei Damião. Lembro ainda. E fizeram o Boi Camaleão. Que também o nome [letra] da [música]:

- Sou camaleão, sou seu amor. Vem me dar um beijo...

Baseado também por isso aí [letra da música]. Levado pela onda do momento. Boi Camaleão. E aí a gente fez as anotações, o tempo todinho. Quer perguntar onde tem um Boi, chame um menino. Eu ia onde tava aqueles moleque jogando chimbra, soltando a raia, o que fosse:

- Ei menino, vem cá, onde é que tem um boi aqui?

- Em tal lugar.

Ele já levava. O menino já saía aqui numa bicicletinha [e o conduzia até o Boi]. E um desses meninos, eu tenho muito na imagem, um desses meninos hoje é um dos maiores artistas do Bumba meu Boi Alagoano. Ali em frente o campo do CRB, o antigo Campo do CRB, Pajuçara. Pronto, aquele cara ali ele era menino, aí saiu mostrando os bois que eu queria saber onde era a casa de cada um. Ele com uma bicicletinha aqui, dessa grossura [mostra o dedo mindinho], todo magricelo [pedalava para indicar a casa] e achava os caras. Então em todo lugar eu saía procurando e quando eu anotei nomes e contatos a gente começou a se reunir eu já cheguei pedir emprestado a sala sala do CENARTE.

16:27 **[Lílian]**: Tá fechado atualmente, né? Perto da escola de cegos.

16:33 **[Zé do Boi]**: Isso! Pronto. A gente pedia aquele local emprestado, fazia as reunião lá e daí veio a fundação da Liga e aí a gente foi formalizar a coisa. Então

tenha certeza que eu ia segurar a onda um pouquinho com o Gavião porque eu estaria muito ocupado montando uma instituição que hoje ela existe de fato, de direito. Ela tem utilidade pública de estado, utilidade pública municipal. A instituição ela existe de fato, direito e de utilidade pública estadual e municipal.

17:07 **[Lílian]:** Qual a importância da liga para o Bumba meu Boi? Vocês fundaram a liga com que objetivo?

17:13 **[Zé do Boi]:** A gente queria formalizar a coisa. A gente queria moralizar, porque antigamente também era meio bagunçado o negócio. Do jeito que eu disse a você, que tinha zoada, zoeira, tinha-se muito antigamente. E outra, a Liga ela não é nada mais, nada menos do que o coletivo, que os desejos são comuns a todos. É como se fosse a Associação dos cabos e soldados, é como se fosse a Associação das senhoras da igreja, é como se fosse aquele grupo dos homens da igreja, eles se unem em prol da melhoria ali, a associação de moradores de um bairro para ir buscar a melhoria. E assim a Liga do Boi foi. A Liga do Boi fez esse papel. Ela construiu, ela moralizou. A gente baniu as figuras que bagunçavam. E isso deu trabalho.

18:13 **[Lílian]:** Bagunçava em que sentido? Violência?

18:16 **[Zé do Boi]:** Violência, sim. Tinha violência.

18:17 **[Lílian]:** Tinha briga mesmo, né? Porque que eu sei de relato de que embaixo do boi tinha facção mesmo.

18:22 **[Zé do Boi]:** Teve. Ó. [pigarro].

18:26 **[Lílian]:** Já chegasse a ver alguma coisa assim ou saber dessas histórias?

18:28 **[Zé do Boi]:** O que tem desses troços do Boi eu sabia tudo. Eu era um deles. A gente no Gavião curtia essa violência. A gente não curtia. Tinha até uns dois meninos que gostava de brigar, mas a gente tentava segurar a onda. E quando eu tomei a frente topadão sozinho aqui e um monte de gente acompanhando e ouvindo, então a minha fala sempre era de apaziguar a coisa e tal. Quando foi à frente da liga a primeira coisa que eu fiz foi dizer:

- Vou tirar do concurso esses caras que brigam em concurso.

Porque nos concursos tinha muita briga. Então eu lembro que eu acompanhei um cara brigando, na volta de um dos concursos, já com a liga montada, e eu assistindo aquilo ali. Os cara justamente de quem? Do boi Leão, do Boi rival. [Eu] disse:

- A canetada já tá pronta, a canetada tá certa.

Foi um belo tempo que eles brigaram ali próximo à Praça da Maravilha tinha ali uma transportadora Atlas. Ali do lado. Eu acompanhei a cena do outro lado assistindo a cena. Era uma briga de algumas pessoas. Ali não era muito uma briga, que a briga mesmo em si é quando um vem outro vai, brigam os dois. Mas a turma do Poço estava só apanhando.. Os caras do Reginaldo tiveram uma insatisfação de resultado. Os caras do Reginaldo vieram e bateram em alguém. Nessa briga eles viraram a cadeira de uma pessoa. Essa pessoa era exatamente a querida Célia Chuchu. Mas eu fiquei doente com aquilo e eu assistindo ali, beleza. Vai pro Reginaldo. Chega no Reginaldo tá aquele bafafá.

- Eita a gente brigou.

- A gente fez isso.

E eu aqui sentado na padaria só assistindo e sabendo quem tava. Vi quem tava brigando quando chegou Foi quatro lapadas que eu dei num vez, expulsei quatro.

- Esses aí enquanto eu tiver na liga não entra dentro da arena.

- Ah pipipi, popó...

- fA lapada em quatro.

Eu não lembro direito, mas eu lembro que foi o Popai, o Del, o Thor e eu não lembro quem foi o outro, não sei. Não foi o Ivo porque o Ivo era tranquilo. Foi naquela oportunidade, eu tirei aqueles ali. E o Popai em outros anos - ainda é da família né, o papai é meu primo -:

- Meu primo, rapaz, deixa eu voltar!

- Enquanto eu tiver na Liga tu não entra. A violência não entra na Liga do Boi.

E isso aí foi uma das coisas que veio moralizar. Eu puni um cara com a expulsão, um dos, foram vários. Passei a caneta em muita gente. Quer bagunçar? Não vai ser no Boi; Quer brigar? Não vai ser no Boi. Vai brigar? Brigue em outro canto. Você gosta de brigar? Brigue fora, mas cultuando o Bumba meu Boi quem fizer [será punido]. E dentro do estatuto tem [registrado] que até um arranhão de um carro o grupo é obrigado a custear. Se o cara [ferido] reclamar o grupo é obrigado a pagar aquilo ali, ele vai ressarcir pelo prejuízo que alguém do boi dele fez na rua. Isso tem. Então eu vi um cara jogar o cara de cima daquelas arquibancadas do boi. Isso em 2006. Em cima lá, o cara pegou o cara pe pe pei [brigando] e o cara caiu de lá de cima. Se estabancou lá embaixo.

- Ei, Samu leva.

- Reunião!
- Fulano tá fora.
- Ah!
- Tá fora.

Ainda tem um deles, que eu puni por dois anos, ele hoje é meu amigo topado.

[E diz:]

- Zé do Boi você é moral mesmo. Ninguém me botava para fora não. Você botou.

Eu disse:

- Não. Não botei você pra fora. Eu dei dois anos [de suspensão] só porque [você] participou de uma briga.

E isso vem moralizando a coisa. E outra, é você organizar os eventos, você tratar o grupo - não como uma brincadeira burlesca -, é tratar aquilo tudo como uma empresa. A Liga do boi é uma empresa, ela veio para moralizar e moralizou muito.

22:25 **[Lilian]**: E organizar também, né? Unir força. un força

22:28 **[Zé do Boi]**: Unir força e com isso foi que a gente começou a crescer, a gente oficializou as coisas. Hoje em dia a gente participa de editais usando de tudo que a gente tem de melhor e fazendo isso, participando disso com recursos públicos e inclusive recurso Municipal, Estadual e Federal, com editais. A gente participa em pé de igualdade com qualquer instituição que se tenha. O bom da Liga do boi foi isso e hoje dia os Festivais, essa boniteza, essa lindeza - claro que a lindeza dos Bois dá-se pelos grupos. Cada um em sua comunidade -, o papel da liga é juntar essa beleza que se tem toda e levar para um evento, levar para uma uma celebração -que eu costumo chamar a nossa celebração maior - que é o festival dos Bois e tem sido muito bom, e a contribuição [da Liga] foi incrível. Hoje em dia as pessoas já formalizaram. Eu tô fazendo aí com recurso Federal - a gente tá fazendo aí - um projeto chamado "Tem Bumba meu Boi na Área". São oficinas nas oito regiões de Maceió, durante um ano. A gente vem fazendo hoje a gente vem acontecendo. Agora tá acontecendo na zona sul, aconteceu nas Piabas e hoje a gente tá fazendo na Ponta da Terra. Hoje às 16 horas a gente tá iniciando uma outra na Ponta da Terra. Lá na área do Boi Vingador.

23:58 **[Lilian]**: A Liga promove ações?

24:00 **[Zé do Boi]**: É. São ações. E a gente vem fazendo isso. Isso se eu for olhar lá nos inícios, lá nos primórdios da coisa do boi eu vou achar o Boi Gavião do

Reginaldo. Tem mais pessoas, tem o Quinho que se destaca muito lá fora, o condutor. Um dos condutores mais conhecidos de Maceió é do Vale do Reginaldo. Um dos Mestres de bateria mais conhecido é do Vale do Reginaldo. Isso do Boi Gavião, com Henrique. E o Quinho, um dos mais conhecidos em Marceió é o Quinho - um dos. Então isso tudo vem do Vale do Reginaldo, vem do Boi Gavião. Eu hoje tenho a ZDB Produções. É uma empresa onde eu pago meus pregos, sustentei meus meninos com isso e com a produção de eventos. [Alguém pode dizer:]

- Ah quer viver do boi!

Que mente pequena. Em outros lugares isso é tão profissional. Eu vivo da cultura! O gosto de você dizer: eu vivo da Cultura! Eu vivo do que eu gosto!

- Ah você gosta da cultura?

- Gosto.

Mas você é só brincante. Eu quero cultuar, eu quero produzir, quero participar de uma rede onde eu venda alguma coisa. E eu vendo. Até imagem do boi eu vendo. Eu lembro disso quando eu fui para Recife sem conhecer ninguém. Fui para lá, cheguei lá. Queria conhecer alguém e tal.

- Ah, em Maceió a gente tem o festival do Boi e tal.

E eu dei o contato de secretaria, de uma coisa, de outra. Com seis meses chega um convite na prefeitura de Marceió convidando o Bumba meu Boi para fazer a abertura do carnaval do Recife. Quem não queria? Os caras pagam horrores para participar, Imagine você participar ganhando cachê. Então chegou essa oportunidade e foi quem? Veio do Vale do Reginaldo, com o cara montando uma equipe pra fazer um intercâmbio cultural e a gente fez isso. Que a gente depois trouxe ele para participar do festival do Boi, enquanto organização, comissão julgadora. A gente trouxe o pessoal do Boi Faceiro do Recife, que é um dos maiores campeões nos concursos do Recife, dos carnavais do Recife. Então a gente fez aquilo ali, aquele intercâmbio e hoje, depois de 30 anos de fundação do boi, depois de mais de 30 anos, tá eu aqui, com mais de 50 anos e ainda fazendo a cultura do boi, cultuando, vivenciando, trabalhando com isso. Hoje a ZDB Produções trabalha fazendo os eventos, produção dos Bois, fazendo nas comunidades, as oficinas, levando o ensinamento do Boi. Então a gente já vai na quarta. Como eu disse, hoje a gente tá fazendo a primeira região. Vai ter um evento lá retado, desfile do Boi, apresentação, ensinar. O cara que só toca [vou dizer:]

- Você vai aprender a ser vaqueiro.

- Eu não levo jeito para isso não.
- Bora para cá, você aprendendo...

Para o cara falar as diversas linguagens do Bumba meu Boi. Então tá sendo muito assim.

APÊNDICE D - Entrevista a José Carlos dos Santos (Zé do Boi) - Parte 3

A seguir, apresenta-se a terceira parte da entrevista realizada com José Carlos dos Santos (Zé do Boi), em 4 de agosto de 2024.

00:00 [Lilian]: É, nessa questão, eu tava nessa questão de como o Boi, como você vê essa valorização do Boi? Não por parte de quem tá fazendo a cultura, mas no geral mesmo, aqui em Maceió, né?

00:12 [Zé do Boi]: Eu vejo isso muito da cultura de cada lugar. Das regiões. Se eu chegar em Salvador eu não consigo colocar o frevo como a figura no polo principal, no palco principal. Eu lá, eu vou cultuar o axé. O axé é conhecido como o fera na Bahia. A mãe do axé é na Bahia. Se eu chegar em Pernambuco - eu venho, volto para Pernambuco - [e] quero botar o axé - Tem, até tem. Mas no Pernambuco os caras dizem:

- Daqui é o meu frevo. Daqui é o meu frevo.

Em Pernambuco eles cuidam muito, eles primam muito, priorizam muito cuidar do que é deles. Tipo, eu cheguei em Pernambuco - andei tenho andado muito com as figuras lá - e o cara perguntou:

- Zé do oi você torce para qual time?

Eu disse:

- Eu torço pelo Palmeiras, sou palmeirense.

Quem tava em volta já me ignorou logo.

Disse:

- Ó, é por causa de um desses, é por causa de um desses que os time não crescem. Na tua cidade não tem time não, doido? Lá não tem o CSA e o CRB? E você é doente pelo time de fora. Se jogar CSA e Palmeiras você vai ser Palmeiras.

E lá ele disse:

- Aqui dentro é Sport, Náutico e Santa Cruz. Pode vir o Flamengo - que a gente gosta - agora aqui dentro eu sou Flamengo [Sport], Náutico ou Santa Cruz.

E a gente em Alagoas tem aquela coisa de não cultuar. O que dizia Ariano Suassuna:

- Eu não troco meu oxente por ok de seu ninguém!

Você já viu esse poema dele?

02:01 [Lilian]: Já.

02:01 **[Zé do Boi]:** Eu acho maravilhoso quando ele diz:

- Quem tiver a sua vodka Orloff que tome a garrafa todinha, que eu sou mais minha galinha, servida com boi e bofe, essa de strogonoff...

Cara eu fiquei... Quando eu vi esse poema de Suassuna, de Ariano, eu fiquei muito louco e eu vi isso. Aí quem, quem eu vi isso aí na inauguração, na reinauguração - foi do misa? Não - foi na cerimônia dos Mestres do RPV, do Registro de Patrimônio Vivo, na Secretaria de Cultura. Chegou o Zé Márcio - inclusive um belo dia eu era fã de um cara e um belo dia eu fui premiado na academia de cultura. Eu e o Zé Márcio juntos, recebemos o mesmo prêmio. Eu: - Cara, que massa! -, o Zé Márcio, ele foi diretor do MISA. E aí ele recitou essas linhas do Ariano Suassuna, mas eu olhei aquilo. Cara, trata-se de valorizar o que é meu. E toda hora, o poema de Suassuna, em todo momento ele fecha dizendo:

- Eu não troco meu oxente por ok de seu ninguém.

E aqui em Alagoas a gente troca muito. O nosso oxente a gente troca pelos oks. Eu lembro até de uma menina que morou no Reginaldo - você deve ter conhecido -, morou em algum lugar. O nome da menina é Teresa. Estudando no Colégio Marista ela dizia:

- Por favor, me chame de Thérèse.

Então é você querer não assumir a sua identidade, não assumir as suas raízes. E isso também se fala de gestões que não valorizam as suas identidades, não valorizam suas raízes. Em um belo do festival do boi, chegou um prefeito e disse:

- Mas Zé do boi...

Nós dois aqui em pé, no palco e o festival acontecendo, aquela coisa bonita e ele disse:

- Zé do Boi, eu não sabia dessa beleza que se tinha aqui na nossa cidade. Eu não sabia disso. Me desculpe a ignorância.

O prefeito disse assim pra mim. Eu [disse]:

- Também prefeito, o senhor foi estudar nos States.

Aí quando veio para cá trouxe aquela coisa americanizada e não se lembrou de cultivar o que se tem aqui, de procurar ver o que se tem aqui. Existe uma música que o cara diz... Ah, eu esqueci o nome do cara. Eu achei em outro dia. Eu saí procurando ele e achei. Ele perdeu um concurso na Rede Globo, um concurso de música onde pra mim ele seria o campeão. Ele perdeu pra Cecília Militão, isso nos anos 90. Eu guardo isso na minha memória ainda. Onde ela cantou: - Se o veleiro

repousasse na palma da minha mão. - Ela ganhou com essa música. Maravilhoso! Mas aí veio o cara cantando, um sonzinho tipo nordestino e o povo tudo no americanizado. Ele veio, descalço pro palco, veio estilo Luiz Caldas e veio cantando um trecho que diz: - Se farinha fosse americana, banquete bacana seria farinhada. Se farinha fosse americana banquete bacana seria farinhada. - Eu só nesses trechinho [pensei]:

- Mas não é que é mesmo!

A farinha é daqui do Nordeste. Tem algum lugar que você não pede farinha na hora do almoço com vergonha. Eu fui para um hotel em Brasília, eu tava hospedado num dos melhores hotéis de Brasília. Eu tava hospedado no Royal Golden tulip. Olha, olha o nome: Royal Golden

tulip. Quando eu fui olhar, o nome do hotel é tulipa de ouro. E tava uma galera do Nordeste comigo e aí quando chegou a hora do cearense, veio o Kiko na hora de almoçar, parceiro nosso lá, o Kiko, quando veio, na hora de procurar: cadê a farinha que não tinha no restaurante. Que lugar da porra é esse que não tem farinha? E isso é você não cultivar - nesse caso lá -, não respeitar as diversas figuras, de diversos lugares que estavam vindo. Aqui em Alagoas - eu fui nesse contexto todo é pra dizer que - a gente costuma não valorizar. Fora, como é que para ter o festival do Boi eu vou ser preciso brigar com a gestão? Pronto, esse foi um dos pontos da Liga. Tá, a liga tá numa briga por causa disso. Qual a importância da liga? Ó, aí você agora lembrou um: não teria o festival do Boi. Se não existisse a liga, já tinha acabado o festival do Boi. Porque alguns prefeitos gostam, alguns secretários, algumas figuras que participam da gestão:

- Prefeito!

O prefeito nem sabe o que é:

- Oh Prefeito, mas tem um negócio aí que dá certo, é o Festival do Boi. E não era - nesses trinta e tantos anos que eu participo -, não era obrigado fazer. Hoje é lei. Hoje ele tem que fazer o Festival do Boi acontecer.

07:11 **[Lílian]**: Mas foi esse ano [2024], né? Que saiu essa lei mesmo.

07:15 **[Zé do Boi]**: Depois de trinta e tantos anos. Mas que bom que já se diz que Ela tarda mas não falha. Então a justiça veio. Então, do estado veio com facilidade, tranquilo. Agora do município foi o problema.

07:27 **[Lílian]**: Porque nesses 30 anos, quer dizer, essa lei foi implantada agora, né? Mas então nesses 30 anos correram muitos riscos de não ter, né?

07:34 **[Zé do Boi]**: Muito, muito. Tinha... É do jeito que a gestão quer, enfim. Sempre é. O gestor ele tem o direito de - eu sou motorista, eu sei qual é o melhor caminho pra levar esse povo todo que tá aqui no ônibus - eu sou o prefeito da cidade, então eu tô conduzindo a cidade. Quem tá lá dentro do ônibus, os passageiro tudinho, são os eleitores. Votaram em mim e me deram a confiança de eu estar conduzindo aqui a coisa, então... Mas também ele tem que entender que tem que ouvir os passageiros. E não tem acontecido assim e a briga esse ano foi essa aí. Quando ele disse:

- Não vai ter Festival do boi.

Eu: - Péra aí. Eu tenho festival de música, onde eu gasto mais de 20 milhões, pra ser mais exato, mais de 40 milhões. Foi um São João. Mas espera, desses 40 milhões eu não tenho ali quatrocentos mil, trezentos mil pra fazer o Festival do Boi, que é uma coisa tão barata? Não existe cachê para músicos dos Bois. Existe um valor simbólico, onde se diz:

- Ah, você vai participar ali...

07:44 **[Lílian]**: Ajuda de custo, né?

07:45 **[Zé do Boi]**: Ajuda de custo. Cada Boi ali leva quatro mil, cinco mil. E isso é dinheiro para quem tá se apresentando num evento?

07:52 **[Lílian]**: Num grupo de tanta gente, né?

07:53 **[Zé do Boi]**: Se ele fosse pagar por pessoa, o cachê do Boi era um valor exorbitante, era no barato, no barato 30.000 cada boi. No barato. 30.000 cada boi, se fosse pela importância da coisa, pela quantidade de... pela importância do evento e a quantidade de componentes, brincantes. Aí vem você. Chega numa situação dessa, você com o risco de não ter um evento. Já houve outros riscos. Então o que é que a gente faz? A gente foi dialogar e o secretário disse:

- Não. Tá batido martelo e não tem festival.

E o que matou foi quando ele disse, o secretário falou com essa fala:

- Pra que eu vou ajeitar o Festival de vocês, se nenhum de vocês vota em mim? Não vai votar em mim. Que eu serei candidato a vereador.

Eu disse:

- É o que?

Saímos da reunião cabisbaixos e fomos - ele... a gente ainda disse:

- Bicho, a gente vai brigar.

Ele:

- Pode vim.

- Tá preparado para brigar?

Ele disse:

- Estamos preparados.

Então vamos pra luta. Quem são os nossos Aliados? A opinião pública. Nosso aliado é a opinião pública. E a gente então foi logo... Fizemos uma reunião na sede da Liga.

Disse:

- Olhe, quem quiser publicar em suas redes sociais, se tiver insatisfeito, pode publicar. Porque ele disse que vem pra briga. Ele não foi sábio, um doutor não foi sábio - que ele é doutor, doutor, doutor mesmo, que eu não gosto chamar quem não é doutor de doutor não. Quer dizer que só porque o cara veste um paletó, os cara já chega chamando doutor? - ele não foi sábio o suficiente. Como eu disse a algumas figuras da gestão. Ele teria que levar a negociação à exaustão, até o último, até... Mas ele não levou. Ali ele disse:

- Pode ir, vai brigar, a gente tá pronto.

- Ah tá pronto para briga?

- Tá.

Aí a gente foi pra briga. Primeiro chamamos os grupos e dissemos aos grupos. Os grupos ficaram doidos. Foram publicar, cada um na sua rede social, marcando o prefeito. Foi marcando o prefeito da cidade. Então, já causou uma certa indisposição entre grupos culturais e [gestão]. Mas enfim, mas a gente tava ali porque não tinha mais outro meio de recorrer. Teve que ir pra aquele ali: tornar público o que a gente achava injustificável. E era uma injustiça não haver o Festival do Boi. Então a gente foi pra rua, foi pra opinião pública, foi pra imprensa. Quando se tornou bem público, a gente ganhou outro aliado - os caras brigando politicamente -: o estado disse:

- Eu compro essa briga também. Vem para cá. Porque todo ano vocês tem um apoio da gente aqui e a gente vai bancar o Festival do Boi.

Aí saiu na imprensa: Governo do Estado chama os grupos para discutir o festival do Boi. Menino! No outro dia o telefone do presidente, do Alan:

- Olha, corre aqui pra uma reunião com a gente que a gente vai conversar com vocês.

[Na reunião:]

- Olha, vamos parar de brigar, vamos fazer o nosso Festival, que é uma coisa muito importante!

- Ô doutor, mas ontem não era importante, não.

- Não. É importante sim! Que realmente arrumaram aqui e a gente achou aqui, quando a gente conversou muito a gente arrumou 50% do valor.

- Beleza! E onde é que a gente vai fazer o festival do Boi?

- Vocês acham um lugar aí.

Na verdade ele queria se livrar da briga:

- Eu tenho 200.000 para custear os cachês e couvert.

200.000! Quando você vai dividir pelos Bois dá 5.000 pra cada um. Quando você divide pela quantidade dos Bois, 5.000. |

- Eita meu Deus! E a gente vai fazer aonde o Festival? Vai montar onde?

Ele:

- Não. Não tem estrutura não. Vocês fazem na praça Multieventos, que já tem aquele formato daquelas arquibancadas.

Eu disse:

- E palco?

- Não. Palco já tem também o palco. Aquele palco de cimento lá da Multieventos.

Eu disse:

- Tá certo. E o som?

- O som também não tem. A gente vai... Você vê aí alguém que arrume, empreste um trio elétrico e faz.

Aí a gente imaginou algum vereador que tem um trio elétrico, emprestava o trio elétrico e a gente ia pra praça multieventos fazer um Festival lá, no chão, jogado lá ao Deus dará. Isso não tá legal, não tá legal não. O estado chamou disse:

- Agora a conversa é séria. A gente vai assumir.

Aí disse:

- Não! O Festival é municipal e tal e esse ano é o do município. A gente queria deixar claro

pro senhor.

E quem atendeu a gente foi o governador. Logo para chocar. E a gente querendo ser atendido pelo prefeito, não foi, aí o governador chamou e disse:

- Olha a gente... Eu consigo pra você... O que é que tá faltando lá?

Aí o Alan disse - O Alan é o presidente [da Liga dos Grupos de Bumba meus bois de Maceió]:

- Governador, eu queria pedir o Zé do Boi pra ele explicar, que o Zé do boi tá mais... que é ele quem produz todo ano.

- Tá.

Eu disse:

- Governador, lá eles sinalizaram que chegaria em R\$200.000

- E o que é que falta?

- Falta R\$220.000.

O governador disse:

- Eu dou os R\$220.000.

Aí eu fui pra um contraponto, disse:

- Governador poderá não haver o evento. Porque ele sabe - amanhã tá na imprensa, ele sabe - que vocês estão dando R\$200.000 e ele não vai dar mais a parte

dele.

Ele disse:

- Pra mim é melhor. Porque se ele não assumir, o que ele disse que é dar, o estado faz o Festival do **boi sozinho**.

Ah é isso levado a... foi bem recebido... os caras... Ele ganhou os caras na conversa. Ainda teve um almoço com o governador. Tem tanta gente de gabarito, que chora pra uma reunião com o governador e não tem. E o Boi teve lá, a Liga do Boi esteve lá. E com aquilo ali a gente ganhou o Festival do Boi. Eu liguei pra um amigo meu, Deputado.

14:30 **[Lilian]**: Então cada um deu a sua parte, no final das contas?

14:32 **[Zé do Boi]**: Foi, cada um deu a sua parte. Mas faltava mais.

14:34 **[Lilian]**: Sim.

14:35 **[Zé do Boi]**: Com isso aí, a gente já viu que tinha ameaça de não acontecer, porque a briga tava feita e no outro ano não ia ter.

14:39 **[Lilian]**: E...

14:40 **[Zé do Boi]**: Neste ano agora não ia ter.

14:41 **[Lilian]**: Sim

14:40 **[Zé do Boi]**: Então, o que que a gente faz? Um amigo nosso, tem uma amiga que é vereadora e de oposição. Eu digo:

- Essa é que é boa, gosta de brigar.

Aí chama o Eto. Esse que era um menino antigamente, que cresceu e hoje também trabalha com a cultura:

- Eto, liga para tua vereadora e vê se ela faz um um projeto de lei tornando o festival do Boi uma lei!

Quando ele ligou, na hora ela disse:

- Faço! Venha aqui, me diga como é [a cultura do Festival de Bumba meu Boi], que eu faço!

No dia da reunião do Estado, eu tenho um amigo que é deputado, eu liguei. Os caras...

- Bicho, vou ligar pro Deputado.

Os cara:

- Vai não. Vai ligar para quem?

- Vou ligar pro Ronaldo Medeiros. Ele não é inimigo do governo, mas o que ele pedir o governador deve aceitar, que eles são amigos.

- Deputado eu tô precisando disso e disso. Estamos saindo aqui do Palácio. Festival do

Boi saindo aos trancos e barrancos. É muito importante isso. Qual a possibilidade do senhor fazer um projeto de lei pra tornar uma coisa dentro do calendário oficial do Estado?

Ele:

- Não, Zé do Boi. Passe aqui, converse com a menina que eu faço na hora. Quando ele apresentou, o projeto passou de primeira. O da prefeitura ficaram se mordendo pra não passar, mas depois a Tereza, a Teca, foi Teca Nelma que conseguiu no município.

15:53 **[Lilian]**: Então tem é municipal também?

15:54 **[Zé do Boi]**: É. Municipal e Estadual. Aí quando pensa que não, saiu as duas leis. Saiu, do Estado saiu naturalmente. O da da prefeitura, o prefeito não homologou, ele não sancionou a lei. Mas aí quando é votado na Câmara vai pro prefeito para ele sancionar a lei. Ele não sanciona, então tem um tempo para ele não sancionar ou sancionar ou vetar. Ele não vetou, mas também não sancionou. Aí volta pra câmara e lá, a câmara dá como ok. Então hoje é lei, o Festival do Boi do

estado e município é uma lei. Então acontece graças ao empenho de todos juntos, enquanto Liga do Boi. Não foi um Boi brigar, foram todos nesse dia pra rua. E a gente já tava certo já de fechar a prefeitura. A gente tava certo de botar um Boi lá dentro. A prefeitura, a entrada é um cubículo assim, um cubículo assim, um beco. Vamos botar o Boi aqui imprensando e vamos empurrar ele lá dentro, nem entra nem sai prefeito nem ninguém. Foi. A gente foi certo pra isso e a gente conseguiu. Foi na marra, mas conseguiu. Existe hoje a obrigatoriedade do Festival e ser dentro do município. O Festival do Boi no Municipal vai ser dia 6 e 7 de

novembro [de 2024] e do Estadual na primeira semana de dezembro [de 2024]

17:14 **[Lílian]**: Que bom. Fico feliz! Então teve essa transição, né, desse Festival do radialista pra esse Festival da gestão pública? Teve esse momento, né?

17:24 **[Zé do Boi]**: Teve, foi o próprio radialista que fez.

17:26 **[Lílian]**: Ah e foi?

17:27 **[Zé do Boi]**: Foi ele mesmo.

17:28 **[Lílian]**: Ele conseguiu apoio municipal, né?

17:30 **[Zé do Boi]**: O primeiro apoio municipal foi [através] dele, há cerca de 30 anos atrás.

17:33 **[Lílian]**: Caramba ele foi muito...

17:34 **[Zé do Boi]**: Hein?

17:33 **[Lílian]**: Ele foi muito importante!

17:36 **[Zé do Boi]**: Eele é o querido dos caras do Boi. Na época, os caras disseram...

17:38 **[Lílian]**: Ele tá vico ainda?

17:39 **[Zé do Boi]**: Não, ele faleceu, acho que foi o ano passado. Esse ano [2024] teve uma

homenagem a ele. Tá com dois anos que ele morreu. Tá com dois anos. Esse ano tá com, esse ano foi uma homenagem a ele, o blog... eu tenho um amigo na Jatiúca, Fábio Rogério. O Fábio, ele faz o blog: Os filhos da Jatiúca, participa e tal. E a homenagem deste ano foi ao Luiz de Barros.

Aí ele disse:

- Zé do Boi, você não pode faltar. Você vai falar do Luiz.

Depois, tal, teve um momento de fala sobre o Luiz, tal, e quando eu falei, eu me emocionei. A galera toda. O Luiz, a gente traz ele, traz o Luiz como se fosse um padrinho da galera do Boi, do movimento.

18:15 **[Lílian]**: Você sabe em que ano, mais ou menos, foi que a gestão meio que assumiu mais um compromisso?

18:19 **[Zé do Boi]**: 1993.

18:23 **[Lílian]**: Que foi já com a gestão Municipal?

18:25 **[Zé do Boi]**: Foi, já.

18:26 **[Lílian]**: Caramba!

18:27 **[Zé do Boi]**: Desde 93 que a prefeitura já segura a onda.

18:29 **[Lílian]**: Então antes já existia o Festival do Luiz?

18:32 **[Zé do Boi]**: Já, antes de noventa e três já existia. Lá pra oitenta e nove, noventa, por aí, já

tinham outras coisas acontecendo já, do movimento do Boi.

18:43 **[Lílian]**: Ô, Zé do Boi, tu sabe qual é o Boi mais antigo, que tá atuando?

18:48 **[Zé do Boi]**: Os caras costumam dizer que é o bem antigo... porque ele... foi, alguém parou há 40 anos atrás, aí:

- Eu vou fundar um boi no Reginaldo. Eita, meu boi tem 40 anos.

Não, não é bem assim. Mas se você for olhar dos mais antigos hoje acho que tem... - [Ele pensando em voz alta:] O Leão, ou é Vingador, ou é o Zona Sul -, olha eu vou seguindo um... é, passando pelos bairros: O Axé a da que é bem antigo. Só que os meninos depois voltaram com outra roupagem e tal, né? Enfim, mas é bem antigo o Axé; Cobra Negra não é bem antigo, Cobra Negra de uns... Cobra Negra tem uns 25 anos por aí. O Lacrau também mudou de nome, mas a galera é bem antiga porque vem do Boi, vem do Boi Escorpião, né? Que hoje tem Escorpião, outro cara que era Lacrau saiu e montou o Boi e é o Escorpião.

20:01 **[Lílian]**: E o Lacrau ainda existe?

20:03 **[Zé do Boi]**: Existe o Lacrau.

20:04 **[Lílian]**: É da onde?

20:05 **[Zé do Boi]**: Lacrau é do Poço. Lacrau e Escorpião, os dois é do Poço. O Boi Lacrau surgiu de uma discussão entre a diretoria do Boi Escorpião. Alguém discutiu, aí saiu a metade dos caras:

- Vamos fundar um outro Boi. Mas já que aquele é o Lacrau, vamos botar um esc... Aquele é o Escorpião, então vamos montar o Lacrau. E funcionou. É um Boi dos bons, é o Lacrau. Muito bom ele. Então hoje tem... ah o Águia de Ouro é bem antigo também.

20:26 **[Lílian]**: É da onde o Águia de Ouro?

20:27 **[Zé do Boi]**: Ponta da terra. É, os caras, agora todos eles fizeram uma nova roupagem, trocaram tudo e tal. Não é nunca é a mesma galera, né? Mas se tivesse a mesma galera era o Boi Barrão e o Boi Baleado.

20:38 **[Lilian]**: Mas ainda existe o Boi Barrão?

20:40 **[Zé do Boi]**: Não. Tá parado. Tá parado os dois. O Barrão parou há pouco tempo aí, mas o Barrão ainda participou dos Festivais. O diretor do Barrão, um dos caras que era dono do Barrão, ele era meu diretor na Liga, né? Ele era nosso secretário da Liga do Boi. Enfim, a Liga do Boi é toda composta por caras dos Bois. Aí cada um assume um espaço na Liga, enfim. Muito assim.

21:04 **[Lilian]**: Acho que cheguei ao final aqui. Se eu pensar em mais coisas, ou se você quiser falar mais coisas... Mas eu acho que falou bastante, né?

21:08 **[Zé do Boi]**: Eu tô tranquilo. Se você tiver mais perguntas, se eu souber...

21:11 **[Lilian]**: Não, eu acho que... eu queria falar mais do Festival, mas aí seria muito.

21:08 **[Zé do Boi]**: Sim! Vamos falar do Festival!

21:16 **[Lilian]**: Bóra! Porque o Festival, eh... Com o Festival mudou também muita coisa, foi modernizando muita coisa, né?

21:24 **[Zé do Boi]**: Ótimo! Eu gosto muito de falar nisso. Ah, lembra que na fala que há pouco tempo eu te disse que a gente se estranha muito com os estudiosos, os antropólogos e tal?

21:37 **[Lilian]**: Sim.

21:37 **[Zé do Boi]**: Porque a maioria dos caras gostam - a maioria, né - gosta de viver o arcaico. Até porque a antropologia tá por ali, tá no arcaico, tal. Se for falar das coisas do tempo que o candeeiro dava choque e amarrava cachorro com linguiça, aí os antropólogos são os mestres, eu sou um admirador mesmo dos caras. Mas na linguagem de alguns, o Boi não tinha que ser esse Boi que nós temos hoje. Essa coisa bonita, essa coisa cheia de brilhos e cores. Então eles têm a ideia de que a gente teria que seguir o Boi de chitão, papel celofane. Mas aí eu digo: Péra aí! E nós teríamos chegado onde chegamos hoje, se tivesse com aquela roupagem antiga? Com aquela coisa somente o pano de chitão e o boi na rua, nas latas? Não chegaria nem a pau. Era até vítima de preconceito. Não iam tratar como a cultura. Seriam tratados como um grupo que tá passando ali, fazendo zoadas. É diferente de você dizer: Eu sou do Bumba meu Boi de Maceió! Eu sou do Boi fulano de tal.

Não ficou muito bom não esse cara aí [se referindo ao vizinho que ligou o paredão de som na casa em frente].

22:57 **[Lílian]**: Não, mas pode falar.

22:53 **[Zé do Boi]**: Então... Era pra gente ter botado o coisa [microfone], eu tenho o de lapela. Enfim, ele ficou, ele ficou muito conhecido como Bumba Meu Boi de Maceió, com aquele, cheio de brilhos e cores. A imprensa quando sabe, até nos ensaios a imprensa vai fazer [reportagem]. É, enfim, é uma loucura, uma, um, é um show de brilhos e cores da cultura do Boi. Nós não chegaríamos até aqui se fosse olhar a, se fosse seguir aquele olhar de alguns amigos que criticam.

E uma das belas vezes, numa mesa redonda, a gente discutindo, chegou a, chegou àquela conclusão, chegou a minha pergunta. [Falaram:]

- Ah porque vocês cresceram desordenadamente, vocês não sei o que, vocês não sabem como é.

Eu digo:

- Tá bom, se o senhor sabe como é, se o senhor sabe tudo bem.

Isso numa mesa redonda, o MISA, o auditório do MISA cheio, e o cara diz:

- Não, porque vocês cresceram desordenadamente, vocês não sabem como é.

Eu digo:

- Então tudo bem. Eu sou o Zé do Boi, do Bumba meu Boi de Maceió. O senhor é de qual Boi mesmo? Me mostre o seu, que o senhor disse que a gente cresceu desordenado. Eu venho aqui com um pouco da minha ignorância que eu sou fugitivo da escola, oriundo do Vale do Reginaldo, mas eu queria dizer, eu queria perguntar ao senhor, ao doutor, estudioso: onde estavam os senhores quando a gente cresceu desordenadamente?

24:17 **[Lílian]**: Que ótimo!

24:17 **[Zé do Boi]**: Foi um show de palmas, um show de aplausos nesse MISA. Cara olhou: o Zé do Boi, vindo do Vale do Reginaldo... e a discussão já tava ferrenha entre mim e o cidadão. É preciso os doutores entenderem que a cultura popular da pereria ela vem da periferia, ela vem do burlesco. Um belo dia alguém me apresentou e disse:

- Zé do Boi, como é que você falou e não falou, passou e não falou com doutor fulano de tal?

- Eu não vi o doutor fulano. Quem é ele?

- Ó ele aqui.

- Ah, eu não conhecia.

Aí o doutor, olhando pros Bois disse:

- Muito feio.

Olhou pro Festival do Boi:

- Não é assim que vocês deveriam ser. Vocês são de chitão. Vocês...

- Doutor, a gente sabe que o senhor é o doutor fulano de tal.

E eu não sou baú, dou até nome, que eu sou doido. Aí o cara disse:

- Zé do Boi, você tem que respeitar. Você tem que ouvir e respeitar a opinião dele.

- Sim, respeito.

- E por que vocês não conversam com os meninos para mudar?

Eu disse:

- Ele é o doutor.

- Zé do Boi, esse aqui é o Dr Homero Cavalcante. É um homem muito respeitado!

Digo:

- Sim, e daí?

- E eu sou o Zé do Boi. Estamos aqui no Festival do Boi.

Eu não senti tanta, eu senti como se fosse um estupro mental, uma coisa de querer invadir minha mente a dentro e eu me transformar ali. É como se fosse eu passar por aquele, o final do filme “MIB, Homens de Preto”, apagar minha memória, e eu tô ali, não sei de nada, sou uma nova figura a partir de ter conversado com o doutor. É preciso os doutores entenderem que da visão panorâmica que eles têm sobre o Vale do Reginaldo, sobre a cultura do Vale, é preciso ele não ter ali, estar constando nos livros do doutor, falando sobre a cultura do Reginaldo, sem ele vivenciar aquilo.

Eu digo:

- Olha, desça aquilo ali. O texto que tá na página do seu livro é baseado numa visão panorâmica da coisa. Você tem que estar nas entranhas, pra dizer. Então se o senhor não esteve, se o senhor é um figurante que está ali. E talvez nem figurante seja, porque o figurante ainda participa do set de filmagem e quem está de longe de

longe assistindo - então o senhor - é um transeunte, que está passando e a gente tá vivenciando aquilo.

26:47 **[Lílian]**: E é importante que essa questão do Bumba meu Boi e outras brincadeiras, e outras manifestações que existem, que o povo queira participar. Então...

26:58 **[Zé do Boi]**: É.

26:58 **[Lílian]**: A vida vai se modernizando, né, então as pessoas também vão tendo outros...

27:02 **[Zé do Boi]**: Claro.

27:03 **[Lílian]**: Vão tendo outros interesses. Então vai avançando conforme também o gosto das

peças que estão dentro, né? Então aí a gente vê dentro do festival que muita coisa incrementou. Eu queria que você falasse disso também. O próprio canto, né? Porque não tinha como cantar nesse dia de sair na rua, assim. O próprio instrumental ia cobrir sua voz.

27:28 **[Zé do Boi]**: É cobria. E tem... Hoje, quando a gente vai fazer uma saída de rua, a gente faz com carro de som porque tem a música, né?

27:36 **[Lílian]**: Ah, tá. Então hoje em dia já é praxe ter o canto, né?

27:38 **[Zé do Boi]**: A gente tem. Hoje dia tem. A gente tem um carro de som onde a gente... o som ele é usado nos ensaios e na saída de rua. É muito bom a saída de rua, carro de som, hoje em dia estão botando mini trio, tal, enfim. Iniciou-se o festival do Boi só com Boi, bateria e vaqueiro e alguém ousou em colocar outras coisas, é... outros elementos. Então voltaram a usar o La Urso, que faz parte da coisa. Aí usar é... o Boi ele tem muito o La Urso, o Mateu a Caterina e algumas figuras. São algumas figuras que são inseridas no Boi. Hoje elas quase não aparecem por causa dessa parafernália toda que a galera monta. A galera monta um, parece que é um show pirotécnico, uma coisa assim e fica uma coisa surreal. Mas o Bumba meu Boi anteriormente, antigamente era entrar ali como você falou do canto. A música era qualquer uma, o cara até que - aqui em Maceió é assim o cara até - que fazia uma música mas era uma paródia de uma música que já conhecia. Ao ponto de ter músicas loucas, como já teve um festival, há mais de 20 anos que a música do cara era:

- Eu vi o sol, eu vi o vento.

Bragadá na Multieventos.

Ê Boi, Ê Boi.

Quando a gente lembra dessa música. Que música feia! Baseado em que essa música? Cadê a letra mesmo, tal? Não tem. Aí, de repente veio outro:

- Zé do Boi, Deixa eu botar, deixa eu cantar no Gavião. Aí ele inventou uma coisa de louco

ali, fez um improviso, que nem a gente sabia o que era isso. Foi o Edu. Eu não sei se você lembra, conheceu o Mc Edu, dali do Reginaldo. Edu, uma figura!

29:34 **[Lílian]:** É o Pequeno, não?

29:35 **[Zé do Boi]:** Irmão dele, os dois.

29:37 **[Lílian]:** Ah, conheço.

29:38 **[Zé do Boi]:** É o Edu e o Pequeno, os dois. Aí o Eduardo cantou - tinha uma onda de música, uns funk, sei lá o que -, aí ele disse:

- Eu vou inventar uma música pro Gavião.

Pro Gavião dois, que é o Gavião Mirim. Aí ele cantou:

- Eu vou passar cerol na mão, assim, assim

Vou mostrar que sou Gavião, assim, assim

Sai, sai da frente. Sai que o Gavião é chapa quente.

Ô, que vaia! Ô que vaia! Porque a gente foi cantar uma coisa. Foi apresentar a cultura popular, e eu meti um funk, uma coisa assim, tal. E não colou. Quando eu faço, por exemplo, quando eu faço, tipo a música que a gente foi campeão. Tem outra música que eu não cantei nos Festivais ainda, já cantei em algum lugar, nos festivais ainda não. É uma música que fala da Feira do Passarinho, a saída da feira é onde eu canto:

- Todo mundo tem sua feira,

Vou falar da minha um pouquinho

Dizem que é Feira do Rato

Mas é nossa Feira do Passarinho

Onde lá se encontra de tudo

Que se possa imaginar

De taboca, alicate ou macaco

Na Feira do Rato você vai encontrar

De taboca, alicate ou macaco

Na Feira do Rato você vai encontrar

E aí, é o que? Como é as coisas lá? Como é que acontece? Como é lá dentro?

Eu digo, lá é assim:

- Preço alto se vende aos tolos

Mas se és um sabido, porém.

Quando vale 500 basculho

Tu faz choradeira e se compra por 100

Quando vale 500 basculho

Tu faz choradeira e se compra por 100

Essa é a homenagem da gente

Do Bumba Meu Boi Gavião

Dizem que a saída da feira

É pra dar o lugar à modernização

Dizem que a saída da feira

É pra dar o lugar à modernização

Aí entra ali e de repente...

Dizem que é saída da feira...

Não sei o que, pá, a chegada do VLT. A música fala nisso e o final, e no final, porque

foi quando, foi o processo de retirada da feira que ia passar um VLT e tal, ia ter que modernizar tudo ali, aí ela o final da música. Ela fala uma coisa muito popular:

Que feira engraçada da Gota

Fica logo em cima da linha do trem

Que feira engraçada da Gota

Fica logo em cima da linha do trem.

- É assim.

Dizem que a saída da feira

É para dar o lugar a um VLT

Dizem que a saída da feira

É para dar o lugar a um VLT

Que feira engraçada da gota

Fica logo em cima da linha do trem.

Então é muito assim, baseado nas coisas que acontecem, as coisas do dia a dia, que as pessoas vivenciam, né? A música que a gente foi campeão, foi uma música falando daquilo que eu vivenciei. Então quando a gente chegou, a gente foi campeão e essa música ajudou muito, por causa da letra da música. Tipo a letra da música ela diz, eu contando uma história, eu contando uma história e a coisa sai de verso e prosa. Ela vai cantada pra lá, chega na mão do, chega no ouvido do pessoal da bateria, eles botam um ritmo na coisa e a música é...

Digamos que fosse o meu diário. Eu estive escrevendo ali e aquilo ali virou uma música. Que é, que eu me lembro muito bem quando eu era criança e vi os Bois passar na rua tal é aquilo que você me contou, você via passar o Gavião e eu via passar outros bois. E a música é:

Eu me lembro quando era criança
 Passava na porta o Bumba meu Boi
 Baleado passava na frente
 Com sua La Ursa passava depois
 - Baleado que é o Boi Baleado da Ponta da Terra.

Baleado passava na frente
 Com sua La Ursa passava depois
 Eu me lembro quando era criança
 Passava na porta o Bumba meu Boi
 Baleado passava na frente
 Com sua La Ursa passava depois
 Tocadores tocando animado

De olho vidrado querendo aprender
 - Porque eu tava aqui os tocadores cantando, animado e eu de olho aqui, vidrado ali, querendo aprender.

Tocadores tocando animado
 De olho vidrado querendo aprender
 Que beleza! Que coisa tão linda!
 Dance seu vaqueiro que eu pago pra ver
 - Toma um real!
 Que beleza! Que coisa tão linda!
 Dance seu vaqueiro que eu pago pra ver
 - Então a música vai por aí e tal.

Tocadores tocando animado
 De olho vidrado querendo aprender
 Que beleza! Que coisa tão linda!
 Dance seu vaqueiro que eu pago pra ver

E aí você sai cantando a música, vivenciando aquilo ali e tal. Fala de Mestre Eurico, que Mestre Eurico é um dos Mestres mais antigos do Estado, da cidade de Maragogi. Mestre Eurico falecido, acho que a família, não sei o que fez com o Boi, enfim. Eu conheci até uma sobrinha dele, uma produtora. Mas enfim. É muito isso as músicas do Boi, você sai... Eu gosto muito da música cantada de alguma coisa que alguém tenha vivenciado aquilo, de uma coisa que tenha a alagoanidade, a coisa do Nordeste, é aquela coisa, enfim, do meu “Que nem”, do meu “Oxente”. Eu gosto muito desses temas.

Aí tem cara que bota aí, vai americanizar a coisa e às vezes não pega. Tem um cara, tem um menino do Peixoto que botou um nome do Boi.

- Como é o nome do Boi?

Chegou lá baseado no Cão de raça, que o Cão de Raça foi outra música do Edson Gomes com a banda cão de raça:

- [cantarolando] Cão de raça, Cão de raça.

Enfim, um reggae do...

34:54 **[Lilian]**: Edson Gomes.

34:55 **[Zé do Boi]**: Do Edson Gomes. Aí veio o cara do Peixoto e botou um Boi. Como é o nome desse boi?

- Killer Dog.

35:05 **[Lilian]**: Eita.

35:05 **[Zé do Boi]**: Veio americanizar as coisas. Tu que sabe inglês, [inaudível], né? Você estudou com o professor Ângelo também, né?

35:14 **[Lilian]**: Foi! Estudei, com certeza! [Risadas].

35:16 **[Zé do Boi]**: Aquilo é um louco! Um...N

35:18 **[Lilian]**: Por onde anda? Nunca mais...

35:19 **[Zé do Boi]**: Nunca mais eu o vi. Então o cara botou o nome do Boi Killer Dog. Quando foi olhar: Cão Assassino. Isso é nome de Boi? Americanizaram a coisa dentro da arena do Boi e ninguém gostou e enfim. E até que ele não foi muito além mesmo e pronto. Ai ficou daquele jeito. O Ângelo gostava muito do Boi. Ele tinha uma coisa, um projeto chamado “Turismo Realidade”. Ele queria, inclusive trouxe lá

em casa um casal de franceses. Ele trouxe, tal, lembro que o nome do cara era Olivier, o nome da moça eu não lembro. Mas trouxe lá em casa e tal e o Ângelo era muito doido. Ele me chamou... Olhe como é você querer misturar as coisas. Aí chamou pra gente fazer uma apresentação na Casa de Cultura Britânica, né? Se... Você era daquela turma, não?

36:07 **[Lilian]**: Era. Assim, eu andava mas era aqui no Reginaldo.

36:09 **[Zé do Boi]**: Era, era. Verdade. Eu lembro que o Anderson, o Anderson que gostava muito do inglês, que começou por conta de videogame. O gosto dele pelo inglês, pelo inglês, era pelo videogame. O Quinho gostou muito disso também, que era pelas músicas. Ele ficava ouvindo e tal, tentando cantar música sem estudar nada mas, assim vem aprendendo na loucura. E o Ângelo chegou com esse projeto, que eu achava maravilhoso, mas ele queria uma apresentação do Boi na Casa de Cultura Britânica. Era o encerramento de um curso, aí ele botou:

- Olha, Zé do Boi, agora lá, não pode falar português não.

Eu digo:

- E como porra eu vou participar de um evento que eu não falo português, meu amigo? Eu não sou poliglota não. Eu não sou poliglota não, Ângelo.

Ele:

- Não vou lhe ensinar. Você vai falar. Aí ficava [gesticula com os lábios e a língua] e eu ficava [gesticula com os lábios e a língua] ensaiando aqui em casa, fazendo exercícios faciais para tentar fazer como se fosse... Se fosse falar um francês eu tinha que tá fazendo um biquinho: Lá bonjour, La bonjour. Aí ele bota [gargalhadas] [inaudível] pra aula de inglês. Eu lembro que foi, a gente combinou, tal, anotou. Aí que era para mim dizer... Eu achava que chegar nos lugares para dar boa noite, era para dar boa tarde era “good afternoon” [gargalhadas]. Aí ele:

- Hello everybody!

Aí eu, aí eu, como é que vou escrever o Hello everybody? Aí eu escrevi num papel “r-e-l-o, com acento circunflexo para ficar “relô”. Aí eu vou falar inglês agora, essa porra. Aí fui, anotei ali “relo” aí botei “everi” com i, aí botei, aí b-a-r-i é. [inaudível] Ninguém sabia que estava notado aqui em português, pegou e leu. Hello everybody, good evening, my name is Mr Zé do Boi [risadas]. Aí eu digo:

- Ângelo, isso vai dar errado!

O Sanawá disse:

- Não, pô, vai dar.

O Sanawá:

- Eu te ajudo!

O Sanawá tinha... já estudava com ele...

38:17 **[Lílian]**: Eu vi o Sanawá num clipe, no clipe do NSC, ele sendo um político.

38:22 **[Zé do Boi]**: Deram uma pisa no político, tocaram fogo no político. Enfim, e hoje esse cara é político agora, ele é candidato. O Alex é candidato. Aí quando pensei que não, chegou a hora de eu falar, olha. E ele tava aqui, ele disse: ei não sei o que, não sei que, tudo em inglês. Não sei, quem sabe é tu eu não sei de nada. Aí eu só entendi quando o cara disse Mister Zé do Boi.

Eu digo:

- Rapaz, o mister eu não não quem é, agora Zé do Boi sou eu. E eu vou. Aí eu fui.

[Chama o Boi] Todo mundo [apaludindo]. Aí me deram o microfone. Eu fui, enfim. Meti a mão no bolso: perdi o papel [gargalhadas]. Na zoeira lá tu bota a mão, tira a mão do bolso, perdi o papel. Quando eu enfiei a mão no bolso aqui que procurei, eu disse:

- Porra.

Aí os caras do inglês esperando o inglês e eu:

- Senhoras e senhores em primeiro lugar Boa Noite! Eu vim aqui falar mas o professor Ângelo me botou aqui numa bocada. Falei bocada. Professor me botou numa bocada eu não sei falar inglês mesmo não. Vamos, um, dois, três. Pronto e tudo em português, ninguém lembrava de inglês e o Ângelo ficou puto da vida [gargalhadas]. Mas enfim, são histórias que o Boi... o cara quis americanizado, eu nunca quis, nunca gostei de americanizar a coisa. Até música do Boi, tem alguma que fala em uma coisa, coisa de inglês. O ano... Tem uns três anos que teve um Boi aí que veio com o tema, não sei o que o segredo de Nárnia. Nárnia? Eu não sabia nem o que é Nárnia e parece que esses menino que assistem as coisas eles sabem o que é, eu não sei. Mas tem tema lá na arena do Boi que o cara americaniza muita coisa. Aí tem sido assim.

40:03 **[Lílian]**: Uma outra pergunta. Agora você falando de Nárnia... Mas quando vocês saíam na saída de rua não tinha tema, né?

40:08 **[Zé do Boi]**: Não, não.

40:09 **[Lílian]**: Era decoração...

40:10 **[Zé do Boi]**: Saída de rua era Boi decorado, bateria e Vaqueiro, pronto. E tem

mais, e a galera cantando a música no grito, fazendo no grito, que não tinha carro de som.

40:19 **[Lílian]**: O “Ê Boi”, né?

40:20 **[Zé do Boi]**: É, mas algum boi que tinha sua música, ele já cantava, né? Cantava a música e em meio daquele ali o “Ê Boi”, Ave Maria! Quando tava a galera cheia, naquela rua da padaria, não passava uma pessoa ali, tão cheio, tão cheio, não passava ninguém! O motorista ficava invocado até o Boi passar. E aí naquele meio, aquela coisa toda era uma celebração de louco. E

a galera gritando “Ê Boi”, o “Ê Boi” que não podia faltar. Então são coisas... Existe as coisas de festival antes, Saída de rua, Festival antes, o festival atual. Há a mudança de quem era do antigo pra o novo.

A mudança foi uma mudança drástica. Agora tá uma mudança drástica. Mas foi uma

coisa que veio para bem, ela veio para o bem, ela veio para dar aquele upgrade na coisa - agora vou americanizar um pouquinho também - para dar um upgrade na coisa, veio para dar aquela sacudida e foi pra bom. Porque se nós estivéssemos dentro da arena com Boi, bateria e Vaqueiro... Três, quatro: Tum, dum, dum, tum, dum, dum. É você assistir meia hora de mesmice e assistir o Festival todo com mesmice só vai mudar a cor da roupa, a cor do Boi, mas quando a gente veio botar uma coisa filé, foi quando chegou, aquela coisa chegar bonito, chegar fazendo um Boi lindo. Então é isso que alguns historiadores, alguns antropólogos não concordam. Mas eu tenho que não concordar quando... Ele tem que concordar comigo que o Festival que ele vai hoje assistir não seria o mesmo se a gente não ousasse.

Então a galera do Boi, eles foram ousados e toda a vida, toda a vida já se sabe que quem não ousa não cresce. Quem não ousa não tem experiência. Às vezes a experiência é ruim, mas você é... teve experiência ruim ousando. E às vezes as coisas acontecem pra o bem você também ousando. Porque alguém ousou em mudar, alguém ousou em botar uma música na arena, alguém ousou em compor as músicas do Boi. Então tudo é tudo vem da ousadia do cara que dá o pontapé inicial. Porque senão fica naquele cubículo, todo mundo ali junto e a mesmice, ninguém cresce para nada.

42:39 **[Lílian]**: Precisa do povo estar inserido e tá gostando também, né?

42:42 **[Zé do Boi]**: Precisa, precisa. É por aí assim.

42:45 **[Lílian]**: É isso. Eu posso usar esses vídeos, postar e fazer minha pesquisa?

42:49 **[Zé do Boi]**: Tranquilo. O vídeo não tá muito bonito não.

42:45 **[Lílian]**: É, fui eu também.

42:53 **[Zé do Boi]**: Não, não, não é coisa que não se muda. É a imagem do cidadão que não tá muito bonita. É meio desfavorecido de beleza. Mas enfim, Lílian...

43:01 **[Lílian]**: Mas tudo ok, né?

43:02 **[Zé do Boi]**: Tudo ok, tranquilo demais!

43:03 **[Lílian]**: Obrigada!

43:04 **[Zé do Boi]**: Pode mandar assim e quando tiver pronto, quando você aprontar, você me diz onde é que tá, para mim ir lá visitar lá, que eu gosto de visitar quando se faz coisa.

43:11 **[Lílian]**: O vídeo vai ser mais pra pesquisa.

43:14 **[Zé do Boi]**: É, é, é. É verdade! Você vai... Às vezes o que eu vejo muito é do vídeo, o cara faz um print lá e faz aquela foto e bota lá e tal. Tem muito isso. O entrevistado diz lá quem foi que entrevistou e tal. Aí eu lembrei o nome da mulher Flávia Chazan. O nome da moça que fez o doutorado, defendeu até doutorado falando disso. Professor Edson Bezerra, ah e na UFAL tem alguns professores já que a gente já fez essas coisas assim. Tem deles que mandam uma turma de aluno, tem deles que a gente marca uma conversa, tem deles que enche assim um bocado de aluno. Hoje, quem trouxe por último foi a professora Genilda Leão. Ela é da Unit, é da Unit.

- Zé do Boi, eu queria conversar com tu. Eu tô com meus meninos aqui, meus alunos queriam conversar com alguém de comunidade, que é ligado... eu achei tu que é ligado à comunidade da cultura. Pode?

- Dá, pode.

Aí era lá no Reginaldo, num apartamento. Encheu de gente lá e a gente começou a conversar. Enfim, é por aí assim.

44:12 **[Lílian]**: Obrigada!

APÊNDICE E -Transcrição da Entrevista a Allan Victor (Presidente da Liga de Grupos de Bumba meu Boi de Maceió).

A seguir, apresenta-se a terceira parte da entrevista realizada com José Carlos dos Santos (Zé do Boi), em 4 de agosto de 2024.

00:00 [Lílian]: Como é teu nome completo?

00:01 [Allan]: Alan Vitor dos Santos.

00:03 [Lílian]: Há quanto tempo você é o presidente da Liga dos Grupos de Bumba meu Boi de Maceió?

00:05 [Allan]: Eu tô Presidente há dois anos. Fez dois anos agora esse mês.

00:09 [Lílian]: Agora em março? O nome é Liga...

00:11 [Allan]: De Grupos de Bumba Meu Boi de Maceió.

00:12 [Lílian]: Liga de Grupos de Bumba Meu Boi de Maceió. Quanto tempo faz que a Liga existe?

00:15 [Allan]: A Liga tem 22 anos mais ou menos.

00:17 [Lílian]: É a mesma Liga? Aquela do Zé do Boi que ia na bicicletinha?

00:19 [Allan]: É.

00:21 [Lílian]: Aí vocês mudam de Presidente?

00:23 [Allan]: É porque cada [mandato] tem um tempo de Presidente, né.

00:25 [Lílian]: Sim. É bom também ficar renovando..

00:30 [Allan]: Você entrevistou o Zé também?

00:31 [Lílian]: Entrevistei. Porque minha memória afetiva é do Boi Gavião. Eu via toda a trajetória dele. Quantas edições do festival já aconteceram?

00:40 [Allan]: A gente já teve - essa é a - trinta e duas, se eu não tiver enganado. Esse ano agora, 2005. Trinta e duas.

00:47 [Lílian]: Eu estava vendo o trabalho de um rapaz que é o presidente do Bumbá. Ele fez o TCC dele sobre os Festivais.

00:57 [Allan]: Ah é o...

00:58 [Lílian]: Lima

00:59 [Allan]: É. Eu sei quem é. Ele é do Boi do Eto, do Bumbá Alagoano.

01:01 [Lílian]: É. Do Bumbá Alagoano. Ele fez uma tabela com todos os Bois campeões do Festival até a data do trabalho dele, em 2022. Lá não tinha 2007 e 2008. Não teve Festival nesses anos?

01:19 [Allan]: 2007...

01:21 [Lílian]: E 2008.

01:22 **[Allan]**: Se eu não me engano acho que foi só 2007. Foi 2007 ou 2008? Eu não me lembro bem se foi 2007 ou 2008. 2007 não teve porque teve um problema na hora da apuração. Que antigamente dava o resultado na hora. Aí saiu um Boi campeão e o pessoal queria que fosse outro. Aí saiu uma confusão lá e não teve 2007. Se não me engano acho que foi 2007 e 2008 mesmo, foram os dois anos. 2009 teve.

01:48 **[Lílian]**: E 2008?

01:49 **[Allan]**: Foi por conta do mesmo motivo.

01:50 **[Lílian]**: Às vezes tem confusão assim, né. Já houveram, né?

01:53 **[Allan]**: Já. Aí dessa confusão para cá a gente decidiu não dar mais o resultado na hora. A gente só dá o resultado depois.

02:00 **[Lílian]**: Durante a pandemia o festival foi realizado de alguma forma ou foi cancelado ou houve alguma adaptação?

02:06 **[Allan]**: A gente fez apresentação online, fez festival online.

02:09 **[Lílian]**: Que massa! E aí, os Bois se apresentavam onde?

02:12 **[Allan]**: A gente se apresentou no Oráculo. A gente alugou o Oráculo. Foi uma parceria com o Oráculo. O oráculo cedeu à gente e a gente fez a apresentação com 10 Bois. Foram cinco num dia e cinco no outro, se eu não tiver enganado foram duas apresentações. Aí depois a gente teve de novo por causa da pandemia.

02:29 **[Lílian]**: 2020 e 2021, então.

02:30 **[Allan]**: Foi.

02:31 **[Lílian]**: Então foi uma adaptação né?

02:33 **[Allan]**: Foi

02:34 **[Lílian]**: Mas teve campeão? essas co

02:35 **[Allan]**: Não. Foi uma apresentação mesmo.

02:39 **[Lílian]**: Certo. Muito bom. Em 2023 o Festival esteve ameaçado de não acontecer, né? Aí eu queria saber de você o que foi que aconteceu? Eu sei que a prefeitura meio que não quis se envolver, aí depois...

02:54 **[Allan]**: Não. Assim, ali foi um diálogo que a gente teve com um secretário, né? Que eu não vou citar o nome dele. O secretário disse que não ia ter festival, que só ia fazer em 2024. E aí foi até o meu primeiro ano de Mandato.

03:15 **[Lílian]**: Então começou logo...

03:16 **[Allan]**: Já começou logo num atrito desse. Aí a gente conversou com ele e ele pegou e disse:

- Não, o prefeito não vai fazer, não sei o que e tal. O prefeito não quer fazer, o prefeito só quer fazer em 2024, não sei o que e tal.

E aí depois a gente ficou sabendo que o Prefeito não estava sabendo de nada, porque quando a gente começou, a gente teve uma conversa com ele, a primeira conversa ele disse que que ia fazer. Aí teve a segunda e depois ele disse que já não ia fazer mais. Aí quando foi a terceira, ele bateu um martelo e disse: a gente não vai fazer mais, só vai fazer 2024. E o dinheiro que a gente tem é esse valor aqui. Que não dava nem para fazer o festival do Boi. E aí a gente pegou:

- Não, beleza!

Aí eu peguei e perguntei a ele se o prefeito aguentava cacete no instagram, né. Ele disse:

- Aguenta

- Beleza!

Aí a primeira semana o prefeito já ficou sabendo de tudo que a gente começou a...

04:06 **[Lílian]**: Vocês começaram a se manifestar nas redes sociais.

04:09 **[Allan]**: Nas redes sociais. Não só eu, mas todos os grupos. Todos os grupos do Boi começaram a se manifestar, a marcar o prefeito, a fazer comentários, a fazer postagem marcando o prefeito. E aí o prefeito descobriu o que estava acontecendo e disse a gente não tá condições de fazer o festival todo. E aí a gente conseguiu juntar prefeito, prefeitura e Governo do Estado. Eu acho que foi a primeira vez que aconteceu isso desde que começou a confusão dos dois. E aí o governo do estado entrou junto com a estrutura e a prefeitura entrou junto com a ajuda de custo dos grupos.

04:42 **[Lílian]**: Então de uma certa forma acabou que foi bom porque uniu os dois poderes, né?

04:46 **[Allan]**: Os dois poderes.

04:48 **[Lílian]**: E aí acabou acontecendo já no finalzinho do ano, não foi?

04:49 **[Allan]**: Já no finalzinho, foi em Dezembro.

04:50 **[Lílian]**: Fiquei preocupada de não acontecer. Você acha que a Liga teve um papel importante nesse diálogo?

04:56 **[Allan]**: Nossa! Se não fosse a liga não tinha acontecido, não. Infelizmente. Se não fosse a Liga, graças a Deus a gente tá assim.

05:02 **[Lilian]**: A Liga que faz essa parte toda de comunicação, esses...

05:05 **[Allan]**: É. Graças a Deus a Liga do Boi é, como é que eu posso falar? Antigamente era marginalizado, né? Eram uns grupos que eram [tidos como] de maloqueiro e tal. Hoje em dia, graças a Deus, não somos mais. A Liga do Boi, os componentes da Liga dos Grupos de Boi hoje em dia estão trabalhando em toda a área de Cultura. Quadrilha, Escola de Samba, Coco de Roda. O que aparecer, 90% é o pessoal do Boi que tá fazendo estrutura, fazendo fantasia, adereços. Porque assim, graças a Deus a gente cresceu e cresceu muito nisso aí. Então na hora que a gente chamou todos os grupos para uma conversa, para falar sobre isso, tem muitos grupos também que são apoiados por vereadores, deputados e tal. Também se não tivesse a força desse pessoal, acho que nem a maioria dos grupos não ia. E aí tinha grupos que eram apoiados por alguns vereadores que estavam do lado do prefeito. E aí eu disse:

- Minha gente é o seguinte. Eu sei que todo mundo aqui depende. Agora se a gente não fizer isso, no próximo ano a gente não vai ter. Vai acabar o Festival da gente.

Aí os caras:

- Não. Beleza. Beleza.

Aí quando a gente começou a ir pra rede social, alguns vereadores foram lá nos grupos e os grupos disseram:

- Não. Se vocês quiserem deixar a gente, vocês podem deixar. Agora a gente não pode deixar de fazer o nosso Festival.

E aí a gente começou a falar, falar. A gente não esculhambou o prefeito em nenhum momento.

06:34 **[Lilian]**: Só reivindicou os direitos.

06:35 **[Allan]**: Só reivindicou os direitos. Nunca chegou com palavra de baixo calão, graças a Deus! Foi o que mais eu pedi ao pessoal:

- Minha gente, se você tiver alguém do seu grupo que faça isso, não bote para falar, não bote pra ir no Instagram, porque a gente vai sair de certo por errado.

E a gente foi lá certinho, conversando um com o outro, e a gente conseguiu graças a Deus, fazer [o Festival]. E assim, foi massa! Acho que foi um dos melhores

festivais que a gente teve foi esse de 2023.

07:01 **[Lilian]**: Então vocês se organizaram mesmo, né?

07:03 **[Allan]**: Foi.

07:05 **[Lilian]**: A Liga se reúne com os grupos de Bumba meu Boi?

07:09 **[Allan]**: Se reúne.

07:10 **[Lilian]**: Com os grupos ou com os representantes?

07:11 **[Allan]**: O presidente de cada grupo. Geralmente são duas pessoas que vão de cada grupo, porque a gente hoje em dia, tá com 40 grupos. A gente não só tá com o pessoal de Maceió, já tá com pessoal do interior. Que nem lá na Ilha de Santa Rita com Tinho, Na Massagueira com Alisson. Tem pessoal lá da Barra de Santo Antônio, de São Miguel dos Milagres. E aí a gente tá expandido e eu creio que daqui a pouco a gente vai ter que mudar até o nome de Maceió para Alagoas ou senão pra Federação.

07:35 **[Lilian]**: Uma outra dúvida que eu tenho: Existem outros Festivais em Japaratinga, por exemplo?

07:40 **[Allan]**: Existe. Existe lá em Barra Santo Antônio...

07:45 **[Lilian]**: Sabe o nome?

07:46 **[Allan]**: Sei não. Existe Porto da Rua, existe Porto de Pedra e São Miguel dos Milagres. São Miguel dos Milagres não, Passo de Camaragibe.

06:55 **[Lilian]**: Mas os bois que participam desses festivais são também de Maceió ou só os locais?

08:00 **[Allan]**: Lá, só os locais. Os de Maceió vão fazer apresentação, normal. Não vai competir.

08:09 **[Lilian]**: Você já chegou a participar, a ver?

08:11 **[Allan]**: Já, já.

08:13 **[Lilian]**: É diferente a batida? É a mesma batida?

08:15 **[Allan]**: Não, é muito diferente da batida de Maceió.

08:17 **[Lilian]**: Eu tenho muita curiosidade de pesquisar lá também.

08:19 **[Allan]**: É muito diferente da batida de Maceió, muito diferente mesmo. Porque assim, alguns grupos lá, já estão se adaptando. Porque estão vindo para cá já. Para o Alagoano. Mas o pessoal usa lá muita zabumba, usa surdo de alumínio, aqueles surdão de alumínio grandão, que o toque é totalmente diferente do de madeira, entendeu? E aí como eles usam a zabumba, esses instrumentos, como eles são mais pesados, o toque não sai a mesma coisa, entendeu?

08:49 **[Lílian]**: Sim. Entendi. E o Boi de lá também é diferente?

08:51 **[Allan]**: Não, não, não. O Boi de lá já tá quase o mesmo que o da gente. Eles estão pegando o pessoal daqui de Maceió pra levar pra lá pra fazer os Bois, entendeu?

08:58 **[Lílian]**: Qual foi o ano que a liga do boi foi fundada?

09:01 **[Allan]**: 2002 se eu não estiver enganado. Deixa eu dar uma olhadinha aqui, espera aí, só para mim... 2003. Dia 15 de setembro de 2003. Eu fui olhar aqui a data porque é tanto tempo, que a pessoa...

09:19 **[Lílian]**: Eu fiquei em dúvida numa coisa. Existe um Festival Municipal e um alagoano ou é um só?

09:23 **[Allan]**: Existe um Municipal e um Alagoano?

09:25 **[Lílian]**: Como começou?

09:30 **[Allan]**: Porque assim, o Municipal já é esse que eu digo que é o 32.

09:34 **[Lílian]**: O Municipal é o mais antigo?

09:35 **[Allan]**: É o mais antigo.

09:35 **[Lílian]**: Esse que começou lá com o radialista Luiz de Barros?

09:38 **[Allan]**: É, Luiz de Barros, foi. E aí depois disso, quando mudou o governo que foi pro Renan Filho, aí o Renan pegou botou lá a Melina. A Melina foi olhar o Festival da gente, gostou e aí ela fez o primeiro Festival. Tanto é que a gente tá indo ou pro sétimo ou pro oitavo Festival Alagoano. Isso foi depois do segundo ano do Renan, ou foi o terceiro se eu não tiver enganado.

10:05 **[Lílian]**: Do Renan filho.

10:06 **[Allan]**: Do Renan Filho. Aí como veio a pandemia, essas coisas, aí não fez o [Festival] Alagoano. Só fez o Municipal.

10:12 **[Lílian]**: Então, durante a pandemia não fez o alagoano?

10:14 **[Allan]**: Não fez o alagoano, só o municipal. Não, minto. Fez o alagoano. Fez um. Fez um alagoano.

10:17 **[Lílian]**: Fez onde?

10:18 **[Allan]**: Lá no no Oráculo também.

10:19 **[Lílian]**: Também?

10:19 **[Allan]**: Fez lá no oráculo. Foi. Fez um Alagoano lá no Oráculo. A gente tá no sétimo ou no oitavo alagoano, se eu não tiver enganado. Depois que a Melina entrou.

10:34 **[Lílian]**: Então isso responde uma outra dúvida que eu ia perguntar mais à frente porque no site do governo, tem a informação de que o festival começou em 2004. Então deve ser o Festival Alagoano. Estadual.

10:47 **[Allan]**: 2004 não. Foi 2004 não. O Alagoano começou em dois mil e...

10:59 **[Lílian]**: Foi mais pra frente, né.

11:01 **[Allan]**: A gente tá em 2025 não é isso?

11:03 **[Lílian]**: É.

11:04 **[Allan]**: Eu acho que o Alagoano começou em 2014 ou foi 2015. Foi uma coisa assim. Foi 2004 não. Ele pode ter dado alguma ajuda em 2004, porque como o governo do Téo era junto com o governo do Rui, pode ter ajudado e ele pode ter botado isso lá.

11:19 **[Lílian]**: Entendi.

11:20 **[Allan]**: Mas o alagoano mesmo não começou em 2004 não.

11:23 **[Lílian]**: 2014 mais ou menos.

11:24 **[Allan]**: Mais ou menos isso.

11:24 **[Allan]**: Com as pausas dos dois anos da pandemia.

11:26 **[Allan]**: Da pandemia.

11:28 **[Lílian]**: Onde é que acontece geralmente o Alagoano?

11:30 **[Allan]**: Estacionamento do... Não

11:31 **[Lílian]**: no SESI, né?

11:32 **[Allan]**: No SESI.

11:40 **[Lílian]**: Como funciona essa relação de apoio do governo, do município? Tem direcionamentos?

11:46 **[Allan]**: É. Ele manda ajuda de custo pra gente

11:49 **[Lílian]**: Pra Liga ou pros grupos?

11:51 **[Allan]**: Não. Pra Liga, pra liga destinar aos grupos. Porque os grupos não têm CNPJ. O CNPJ só é da Liga. E eles chegam junto com ajuda de estrutura, segurança, bombeiro civil, essas coisas são eles que fazem. E ele dá uma ajuda a gente pra gente pagar produção, que é o jurado, o lanche do jurado, essas coisas, o pessoal que vai trabalhar e ajuda de custo pros grupos.

12:17 **[Lílian]**: E também o local, né?

12:18 **[Allan]**: É. O local

12:19 **[Lílian]**: Premiações?

12:18 **[Allan]**: Premiações não tem, é só ajuda de custo mesmo. Premiação é só troféu. 12:23 **[Lílian]**: É só troféu? Não tem premiação em dinheiro?

12:24 **[Allan]**: Não tem.

12:25 **[Lílian]**: Meu Deus eu jurava que tinha.

12:26 **[Allan]**: Tem não.

12:27 **[Lílian]**: É só pelo título mesmo, dizer que é o campeão?

12:29 **[Allan]**: É

12:31 **[Lílian]**: Então cada grupo à parte, eles também procuram ajuda e muitas vezes são vereadores que ajudam, né?

12:37 **[Allan]**: É. Vereadores. Eles [os grupos] fazem bingo, fazem rifa, essas coisas. Tiram do bolso.

12:44 **[Lílian]**: Quanto custa, em média, para fazer um Boi com toda a estrutura para competir no Festival?

12:51 **[Allan]**: Em torno de oitenta ou noventa mil reais.

12:52 **[Lílian]**: Meu Deus! Como é caro! O festival geralmente acontece em dois dias, por quê?

12:59 **[Allan]**: É por causa de muitos grupos.

13:01 **[Lílian]**: Muitos grupos?

13:02 **[Allan]**: Muitos grupos.

13:02 **[Lílian]**: Mas os 40 grupos da Liga participam do Festival?

13:05 **[Allan]**: Não, porque os 40 são do Alagoano. É no total de Alagoas, onde é municipal é só de Maceió. Maceió tem 34 grupos.

13:11 **[Lílian]**: 34 grupos. E os 34 participam?

13:17 **[Allan]**: Todos os 34 participam.

13:18 **[Lílian]**: E aí no Festival de Maceió, o Boi da Barra de Santo Antônio também participa?

13:24 **[Allan]**: Não.

13:25 **[Lílian]**: Só o de Marechal.

13:26 **[Allan]**: Só o de Marechal.

13:28 **[Lílian]**: Então, o Boi do Tinho foi o primeiro fora de Maceió a participar do festival?

13:32 **[Allan]**: Participar do Festival.

13:33 **[Lílian]**: Isso é um fato histórico também, não é? Como é que são divididos esses dois dias? Tem uma categoria mais especial e outra...

13:47 **[Allan]**: É categoria “B” e “A”. Onde a “A” é a especial. A “B” é de acesso.

13:53 **[Lilian]**: A categoria A significa que são os melhores do ano passado, é? Do ano anterior?

13:58 **[Allan]**: Não, é o seguinte. São 15 grupos na “A” e o restante na “B”. Esse ano vão ser, se eu não me engano, vão ser 16 na “A” e o resto vai ficar na “B”. Aí sobe três e desce três. Sobe três grupos e descem três grupos. Os três melhores do grupo de acesso vão para [a categoria] especial e os três piores da especial vão para o grupo de acesso.

14:27 **[Lilian]**: Os Bois da categoria “A” tem que ser maior do que a “B” ou não?

14:31 **[Allan]**: Não

14:32 **[Lilian]**: Mas já houve isso?

14:33 **[Allan]**: Já houve.

14:35 **[Lilian]**: Quando era assim, quando eles tinham que ser maiores, qual era o tamanho? Sabe dizer a diferença deles?

14:40 **[Allan]**: Se eu não me engano, tinha que ter... o adulto - que a gente chamava antigamente de adulto. Que não era “A” nem “B”.

14:45 **[Lilian]**: Era adulto e Kids, né?

14:47 **[Allan]**: Adulto e mirim

14:48 **[Lilian]**: Ah Mirim

14:49 **[Allan]**: O adulto tem que ter acima de 2,5 m e o Mirim até 2m

14:55 **[Lilian]**: Isso é do comprimento do chifre à base do rabo?

14:59 **[Allan]**: Da cabeça ao rabo.

15:10 **[Lilian]**: Como é feita a escolha dos jurados que participam do Festival?

15:19 **[Allan]**: A gente escolhe geralmente jurados que já participaram do concurso de Boi, como fazendo reportagem, vindo procurar a gente pra fazer histórico de boi, entendeu? Geralmente é o pessoal que toca bateria, a gente escolhe geralmente o pessoal que toca bateria, que já é mestre de música, já é maestro. [Para julgar o quesito] beleza de Boi a gente escolhe geralmente um pessoal que trabalha com tecido, que trabalha com alguma coisa que seja feita com enfeite do Boi, alguma coisa assim. Com professor da UFAL, repórter, essas coisas assim. Geralmente são pessoas que

16:13 **[Lilian]**: Que tem a ver com critério.

16:15 **[Allan]**: Isso. Critério.

16:15 **[Lilian]**: Quais são os critérios?

16:16 **[Allan]**: Os critérios são evolução do boi, que é a dança; a dança do vaqueiro; entoada, que é a música; bateria; beleza de Boi; conjunto; fantasia.

16:31 **[Lilian]**: Conjunto é tudo

16:32 **[Allan]**: Conjunto é tudo que tá dentro do Boi. tudo que envolve o Boi. Fantasia de bateria, dança do boi, dança do Vaqueiro, toque do Boi, conjunto, se envolve tudo no Boi

16:45 **[Lilian]**: E fantasia é o figurino de todos?

16:45 **[Allan]**: O figurino de todos até o do boi. E a beleza de Boi é só a beleza do Boi.

16:59 **[Lilian]**: As notas não são divulgadas no mesmo dia porque pode dar problema, se eles se sentirem injustiçados. É bem competitivo, né? Isso? Eles são bem competitivos atualmente

17:05 **[Allan]**: É, isso é.

17:09 **[Lilian]**: Então o Boi pode ser de qualquer tamanho? ou tem que passar de 2 m

17:12 **[Allan]**:: Qualquer tamanho.

17:15 **[Lilian]**: Sabe em média quantos quilos pesa cada boi? Porque é pesado para uma pessoa só. Acho muito interessante, né? Eu já vi de outros estados que tem muitas pessoas dentro de um boi só. Só que eles não dançam tanto como o nosso Boi dança.

17:29 **[Allan]**: O da gente é a partir de 25 kg, 30kg. Depende muito do material que você usa hoje em dia.

17:35 **[Lilian]**: Quais são os materiais que usam para fazer

17:37 **[Allan]**: A armação do Boi a gente faz mais no alumínio.

17:40 **[Lilian]**: É mais leve?

17:41 **[Allan]**: É mais leve, entendeu? Aí vem botar o tecido, aí vem uns enfeites, eue são pedrarias, acetato, cola. Aí tem três tipos de cola que a pessoa usa que são: cola quente, cola de sapateiro e uma cola específica que a pessoa usa pra colar as pedras. Aí cola quente geralmente é por quilo, sapateiro é por lata e essa cola específica que a pessoa [usa] para colar pedra é um tubinho de cola bem assim [faz a medida do tamanho do tubo da cola utilizando os dedos indicadores de forma paralela], que parece uma pasta de dente. Aí essa daí só coloca um pinguinho de nada pra colar. Só que um tubo de cola desse é trinta e cinco reais, desse tamanho

[posiciona os dedos indicadores novamente para mostrar o tamanho], geralmente muitas pessoas não gostam de gastar dinheiro assim, aí prefere comprar cola de sapateiro ou cola quente. Aí o boi fica mais pesado. [De acordo com] cada material que a pessoa usa.

18:28 **[Lílian]**: Quantos metros de tecido precisa para fazer Boi?

18:32 **[Allan]**: Um boi desses em cima pega 10m

18:36 **[Lílian]**: Tem o arrastão também, né?

18:37 **[Allan]**: É. Embaixo pega mais 10m. Gasta uns 30m a 35m em cada Boi.

18:45 **[Lílian]**: Geralmente qual é o tecido que eles escolhem para fazer?

18:47 **[Allan]**: Geralmente ou é veludo ou algum tecido que a pessoa [escolha] por causa de tema, né? Geralmente é o tema. E aí depende da cor e se o veludo vai ter. Mas geralmente é veludo que bota em cima.

18:58 **[Lílian]**: Do acabamento principal, né?

19:01 **[Allan]**: E embaixo bota cetim; bota cetim bloqueado, que é um tecido que já vem com tinta, pintado; bota emborrachado mesmo; bota feltro. Depende muito do tema que você vai usar. Mas a maioria das vezes é muito tecido.

19:21 **[Lílian]**: Pra você o que significa o festival?

19:24 **[Allan]**: O festival hoje em dia pra gente é a mesma coisa de um campeonato brasileiro. É a mesma coisa do Campeonato Brasileiro. Como o meu Boi não disputa, porque eu sou o presidente .

19:34 **[Lílian]**: Qual é o seu Boi?

19:35 **[Allan]**: O meu é Águia de Ouro.

19:36 **[Lílian]**: Então toda vez que uma pessoa de um boi é o presidente da Liga, o Boi tem que parar?

19:40 **[Allan]**: É assim. Porque geralmente a gente se dá muito com jurados. Então a gente fica organizando, a gente vai lá, conversa com o jurado, conversa com outro. Aí o Boi da gente tá disputando. Vai ou não o Boi da gente vai e ganha. Aí o pessoal vai dizer:

- É porque tá junto com o jurado. Aí realmente a gente pede para afastar o Boi, entendeu? Já para não ter esse problema. Então, o meu Boi hoje não disputa por causa disso.

20:03 **[Lílian]**: Águia de Ouro é?

20:04 **[Allan]**: Águia de Ouro.

20:05 **[Lílian]**: É de qual bairro?

20:06 **[Allan]**: Da Ponta da Terra. Mas pra quem tá disputando hoje. O Festival de Boi, hoje é a mesma coisa de ser o campeonato brasileiro. A mesma coisa.

20:19 **[Lilian]**: Sobre os temas das apresentações, sobre o tema de cada boi. Tem alguma restrição ou eles podem escolher qualquer tema?

20:25 **[Allan]**: Cada um escolhe o seu tema.

20:26 **[Lilian]**: Pode ser qualquer tema?

20:27 **[Allan]**: O tema é livre.

20:28 **[Lilian]**: Vocês têm o registro oficial dos Bois que já foram campeões?

20:32 **[Allan]**: O que?

20:34 **[Lilian]**: Anotados?

20:35 **[Allan]**: Anotado tenho. Tenho. Se você quiser mando para você no whats app.

20:39 **[Lilian]**: As entoadas são gravadas em algum lugar?

20:42 **[Allan]**: São gravadas em estúdio.

20:43 **[Lilian]**: E é? Onde é que faz para ver essas entoadas? Pra ter acesso?

20:46 **[Allan]**: Aí cada grupo tem o seu. Cada grupo tem o seu.

20:48 **[Lilian]**: Cada grupo tem o seu?

20:49 **[Allan]**: É, cada grupo tem o seu.

20:50 **[Lilian]**: Mas aí geralmente quando eles gravam em estúdio não é com o instrumento mesmo, valendo, né?

20:52 **[Allan]**: É.

20:53 **[Lilian]**: É?

20:54 **[Allan]**: Cada um leva o surdo, leva o tarol, leva o repique, leva o instrumento que você vai usar.

20:58 **[Lilian]**: O Boi campeão ou todos eles?

20:59 **[Allan]**: Não. Aí cada Boi grava sua entoada.

21:09 **[Lilian]**: A Liga tem o registro desses - no caso são - 40 grupos, né?

21:13 **[Allan]**: É.

21:14 **[Lilian]**: 40 grupos. Vocês têm esse registro dos Bois?

21:16 **[Allan]**: Como assim? Endereço, essas coisas?

21:17 **[Lilian]**: É.

21:18 **[Allan]**: Tenho.

21:19 **[Lílian]**: Eu vi que tem três leis sobre o Bumba meu Boi em Alagoas. Tem uma, de Abril de 2024, que inclui o Bumba meu Boi no calendário oficial de eventos de Alagoas. Vocês estavam presentes nesse processo?

21:33 **[Allan]**: Tava, tava, tava. Tanto é que eu assinei lá a folha. E [sobre] essa lei, a gente tá com uma briga com o município. Porque o município, o prefeito não assinou por causa - acho - que ele ficou meio cismado, com raiva de alguma coisa. Porque quando começou a confusão - eu estava dormindo em casa na confusão de 2023.

21:56 **[Lílian]**: Certo.

21:57 **[Allan]**: Que a gente ia ter Boi, não ia ter Boi. eu tava dormindo em casa aí, de repente meu telefone tocou. Era umas 8, umas 9 horas já. Dia de domingo. Aí eu tava assistindo o Fantástico, aí o telefone tocou. O cara:

- Alô Alan!

- Oi!

Tinha nem visto o número. Só apareceu o número, não apareceu o nome, não apareceu nada:

- Alan, aqui quem tá falando é o governador Paulo Dantas.

Eu disse:

- É o que rapaz?

Domingo, 9 horas da noite, uma hora dessa meu parceiro tá passando trote para mim .

Ele disse:

- Não, sou eu mesmo!

Aí eu disse:

- Eu vou logo ser bem sincero, eu não acredito num negócio desse não.

Aí ele pegou e disse:

- Eu posso fazer uma chamada de vídeo?

Eu disse:

- Péra, deixa eu botar uma camisa, que eu tô sem camisa.

Botei a camisa, ele fez a chamada de vídeo, eu atendi. Era o governador Governador:!

- Tô pensando muito em conversar com você e com o pessoal do grupo do Boi. Como é que a gente faz?

Aí eu disse:

- Qual é o dia que o senhor pode atender?

Ele disse:

- Quarta-feira.

Eu disse:

- Fechado. Quarta-feira a gente tá lá. Que horas?

- Tal hora.

Pronto, beleza. Quarta-feira a gente foi e aí o governador disse:

- Olhe...

Saiu na rede nacional, tinha repórter, tinha tudo lá. O governador fez aquela parafernália todinha e disse:

- O que é que eles [município] estão dando lá?

Aí eu disse:

- Ele tá dando ajuda de custo pros grupos.

Aí ele disse:

- Então eu vou dar a estrutura e se ele não quiser dar a ajuda de custo a gente cobre a ajuda de custo também.

Aí pegou na mão do governador, tirou foto e tal, e aí eu acho que o prefeito ficou meio enciumado. E a lei foi antes para o município do que para o governo e a do município ainda não foi sancionada, né?

23:21 **[Lílian]**: Ah, então é essa a minha dúvida, também, porque eu vi que tem mais duas leis. Uma que foi desde 2018, que declara o Bumba meu Boi Patrimônio cultural.

23:32 **[Allan]**: Cultural e imaterial. Essa [lei] é do município.

23:35 **[Lílian]**: De 2018 essa.

23:36 **[Allan]**: Essa é município ou estado?

23:38 **[Lílian]**: Não lembro.

23:40 **[Allan]**: Eu acho que é estado.

23:41 **[Lílian]**: Estado?

23:42 **[Allan]**: Foi 2018 essa...

23:43 **[Lílian]**: Já foi sancionada?

23:42 **[Allan]**: Já foi sancionada essa aí. Foi deputado na época era deputado estadual Davi Davino Filho quem fez.

23:49 **[Lílian]**: Foi, isso mesmo.

23:42 **[Allan]**: Entendeu? Aí essa aí foi sancionada, que foi pelo Estado. Foi com o Renan Filho.

23:59 **[Lílian]**: E sobre a lei número 6819, que declara a Liga dos Grupos de Bumba meu Boi de Maceió de utilidade pública. Tem essa também?

24:05 **[Allan]**: Tem. Essa aí foi o vereador Dudu Ronalsa que fez.

24:09 **[Lílian]**: Foi Sancionada?

24:11 **[Allan]**: Foi sancionada

24:12 **[Lílian]**: E qual foi a do município que ainda não foi?

24:14 **[Allan]**: A do município, que é a lei que declara que tem que ter todo ano festival de Bumba meu Boi, como a do estado.

24:20 **[Lílian]**: Entendi. Falta só essa, né?

24:21 **[Allan]**: Falta só essa.

24:23 **[Lílian]**: Como você enxerga o impacto dessas três leis na trajetória dos grupos de Bumba Meu Boi, desde a luta pela valorização até o cenário atual, considerando os desafios enfrentados ao longo do tempo? Mesmo com tantos problemas eu acredito que essas leis são uma vitória, também, né?

24:36 **[Allan]**: É claro. Isso aí é uma vitória de suma importância pra gente. Porque assim, sem essas leis - como a do patrimônio cultural e imaterial do estado, do município - tem muitos Editais aí que pede isso e poucos grupos tem, entendeu? E aí quando a gente tem uma lei dessa a favor da gente, quando chega na hora da pontuação do edital a gente dispara em cima, na frente dos outros. Então geralmente a Liga do Boi sempre é uma das primeiras a passar, porque a gente tem patrimônio cultural e imaterial do Estado, patrimônio [cultural e imaterial] do Município. Isso é uma coisa muito importante pra gente.

25:11 **[Lílian]**: Ô Alan, antigamente os Bois saíam muito no carnaval, nas prévias.

25:15 **[Allan]**: É.

25:16 **[Lílian]**: E tem tinha muita gente que chamava Boi de Carnaval. Eu percebo que tem gente que não gosta mais que seja usado esse termo de Boi de Carnaval. É uma realidade ou não é? O que você acha disso?

25:27 **[Allan]**: Não. Porque assim: o Boi da gente - como a gente saia no carnaval - o pessoal gostava muito de chamar de Boi de Carnaval. Mas o Boi de gente não é nunca chamado de Boi de Carnaval, é sempre chamado de Bumba meu Boi, entendeu? Aí o pessoal falava muito "Boi de Carnaval" porque a gente sempre

saía uma semana antes do carnaval, nas prévias, a gente fazia o festival na praça Multieventos, que isso aí começou com Luiz de Barros e nos três ou quatro primeiros anos da Liga - ou cinco - continuou fazendo do mesmo jeito. Mas a gente viu que pra gente crescer, a gente tinha que sair ali do carnaval, porque a gente não tinha uma visibilidade boa. Então, como a gente toda vida falou que não era Boi de Carnaval, era Bumba meu Boi, a gente decidiu o quê? Chamou todo mundo pra reunião e decidimos que [o Boi] ia sair do carnaval. Porque primeiro, a gente fazia o festival no carnaval, mas pra gente receber ajuda de custo, a gente sempre recebia em Março ou Abril, porque a lei de incentivo ao município - que hoje em dia é feita em Dezembro - antigamente era feita quando os vereadores reassumiam o cargo de janeiro pra fevereiro, então sempre demorava. A gente viu que estávamos sendo prejudicados por isso. Aí a gente saiu do carnaval e foi pro mês de agosto, setembro.

26:44 **[Lílian]**: Porque aí já tinha o dinheiro de apoio, né?

26:45 **[Allan]**: Já tinha o dinheiro de apoio.

26:48 **[Lílian]**: Entendi. E na sua opinião, por que hoje em dia a gente vê menos essa

parte do desfile dos Bois, a saída de rua?

26:58 **[Allan]**: Porque é o seguinte. Que nem eu disse pra você. Hoje em dia, pra gente fazer um grupo de Boi, pra gente fazer um Boi, um Boi, um Boi mesmo. Só o Boi, sem fantasia, sem as estruturas, sem nada.

27:09 **[Lílian]**: Só o Boi mesmo.

27:10 **[Allan]**: Só o Boi. A gente gasta mais ou menos R\$25.000. Então pra gente...

27:13 **[Lílian]**: Então R\$80.000 seria tudo, né? Com o cenário, com tudo.

27:17 **[Allan]**: Cenário, tudo, com tudo. Então a gente gasta em torno de R\$25.000 então pra gente não é viável pegar um Boi de R\$25.000 e botar na rua.

27:24 **[Lílian]**: Entendi

27:26 **[Allan]**: Entendeu? Porque aí vai quebrar o Boi todinho, a gente tem que aparecer, apresentar, uma apresentação, outra. E a gente gosta de deixar o Boi mais guardado, né?

27:38 **[Lílian]**: Tem mais alguma coisa que você queria compartilhar, dizer?

27:41 **[Allan]**: Não, você perguntou tudo.

27:42 **[Lílian]**: Uma pergunta. No trabalho do Lima, do Bumbá alagoano, ele falou que essa saída de rua dos Bois parou mais quando seu Vevéu morreu. Será que Isso é uma impressão pessoal dele? Porque...

27:59 **[Allan]**: É impressão pessoal dele. É impressão pessoal dele.

28:02 **[Lílian]**: A impressão do território, né?

28:03 **[Allan]**: Território. É uma impressão pessoal dele.

28:05 **[Lílian]**: Porque ele era muito importante, o Seu Vevéu, né?

28:06 **[Allan]**: É. Mestre Everaldo.

28:08 **[Lílian]**: Mestre Everaldo.

28:09 **[Allan]**: Eu esqueci também o nome dele. Ele é de lá do Bumbá. Mas isso aí eu não acredito que foi isso não. Isso aí, a gente já tava deixando de sair há um bom tempo mesmo. O Vevéu gostava muito de sair com o Boi na rua, que era o Paraná. Gostava muito mesmo. Mas isso aí já tava há bom tempo. O pessoal já tava começando a deixar de sair por causa do gasto e o boi também tava ficando muito pesado, para sair com boi na rua, entendeu?

28:36 **[Lílian]**: O que você acha dessa iniciativa de levar a cultura do Bumba meu Boi pras escolas?

28:43 **[Allan]**: Oxe, isso aí é bom demais! Eu mesmo comecei a gostar de Boi porque o Boi foi fazer uma apresentação num colégio que eu estudava, que era na mesma rua que eu moro, lá na Ponta da Terra, que é o Virginio de Campos. Uma professora viu o Boi lá no meio da rua:

- Vem cá, vem cá, vem cá!

Naquela época entrou lá e dançou no meio da gente, na hora do intervalo, todo mundo gostou e assim eu fiquei apaixonado. Então assim, trazer o Boi hoje pra dentro de uma escola é uma coisa muito importante. Muito importante mesmo! Porque a pessoa aprende a fazer um Boi, a pessoa aprende a fazer um instrumento, aprende fazer um enfeite, a pessoa aprende a soldar. O Alisson mesmo, o Alisson era pirralho, junto comigo. A gente começou a fazer Boi junto.

29:30 **[Lílian]**: O Alisson pai, né?

29:31 **[Allan]**: É. Eu vi os filhos do Alisson tudo no bucho. Todos eles. Os seis filhos dele, eu vi todos no bucho. Então o Alisson começou a fazer Boi com a gente. O Alisson começou a esculpir assim do nada. Ele viu o Jameson fazendo, foi lá e curioso foi lá e fez. Quer dizer, hoje em dia o Alisson é um dos melhores profissionais que tem aqui em Maceió. O Alisson hoje é chamado para fazer

quadrilha em Pernambuco, é uma das melhores quadrilhas que tem no estado, no Brasil. Então assim, é coisa que a pessoa começa ali, como criança, a abrir a mente de uma pessoa. A gente foi fazer umas oficinas com o pessoal lá no Graciliano e eu disse até à professora de lá, eu disse:

- Ó, a gente participando, concorrendo a um edital e se a gente passar eu vou trazer [o Boi] pra cá. Porque eu vi que os meninos lá ficaram interessados. Menino aprendeu a dançar, menino aprendeu a tocar, menino aprendeu a fazer Boi, os meninos aprenderam tudo. Então se a pessoa cresce aprendendo a fazer uma coisa e gosta, já tira essa pessoa da marginalidade, daquela ansiedade da pessoa tá no meio da rua, com os amigos. É tão top que a pessoa vai pra casa e já fica querendo pensar no que vai fazer amanhã, num enfeite diferente, entendeu?

30:45 **[Lilian]**: Eles se descobrem também na música...

30:47 **[Allan]**: Na música. Boca de Forno, Sambalelê. 70% das bandas aqui de Maceió é tudo que saiu do Boi.

31:34 **[Lilian]**: O Boi tem uma Musicalidade muito bonita, um swing, né?

31:38 **[Allan]**: Entendeu? Por que? Teve gente que saiu daqui foi tocar fora. Aprendeu com a gente tocando no boi. Acho que 60% do Boca de Forno tudinho tocou no Boi. Quer dizer, é uma coisa que a pessoa aprende e gosta e vai se embora. Então se a pessoa faz um negócio desse. Se cada Colégio do estado, do município, tivesse alguma coisa de cultura, 70% dos jovens não estariam na vida que tá hoje. Tenho certeza disso.

31:41 **[Lilian]**: Ô Alan, uma coisa que eu pensei agora. A dança do Vaqueiro é uma

dança tão diferente, que eu nunca vi em outra parte da cultura popular, nem aqui em Alagoas nem em outro, e é um dos pontos que eu tenho mais dificuldade de levar pra escola. Um Vaqueiro para falar pros alunos como é essa dança e como é que eles aprendem essa dança. Porque é uma dança que não tem nome, é a dança do vaqueiro do boi e é uma dança muito diferente, que outra pessoa que não é daqui, não vai entender como é, se não chegar aqui e ver com os próprios olhos, né? Enfim, eu gostaria que você falasse um pouco mais dessa dança, como é que eles aprendem esses movimentos, como é que eu faço para acessar um vaqueiro para ir lá na escola?

32:28 **[Allan]**: Cada vaqueiro tem um tipo de dança. Cada vaqueiro tem um tipo de dança. Vaqueiro é um dom. Eu digo pra todo mundo. Porque a pessoa aprende a

dançar debaixo de boi, a pessoa aprende a tocar, mas vaqueiro, cada um tem um gingado diferente, que a gente diz, um trupé diferente. Então assim a gente tem um Vaqueiro top, tem o Touche, tem o Jackson, tem o sobrinho Do Eto, lá do Bumbá, tem vaqueiro que é bom, que eu vejo assim. Agora cada um tem sua dança. A dança do vaqueiro não é ninguém que [vai ensinar].

33:11 **[Lilian]**: Não é coreografia, é no momento?

33:13 **[Allan]**: É no momento. Alguns [vaqueiros] já fazem ensaios antes.

33:19 **[Lilian]**: Com coreógrafo?

33:20 **[Allan]**: Não. Com o dançarino do Boi, o condutor. Eles não tem coreógrafo não. O coreógrafo são eles mesmos. Eles começam a escutar a música em casa e começa a fazer o gingado, entendeu? Começa a fazer aquela molência dele, aquele molengo dele e tal, aquele trupé, aquela troca de pé, tal. Então assim, cada um tem a sua dança, cada um tem o seu estilo. O vaqueiro é a pessoa que a pessoa diz: Olha o vaqueiro vai lá ensinar, vai lá dar uma aula, mas a pessoa que tá escutando tá aprendendo não vai ser nunca igual ao que ele vai fazer.

33:57 **[Lilian]**: Mas é muito importante ver com os próprios olhos, porque, como é uma dança que não tem - eu acredito que não tenha - em outro lugar, acho que poderia se pensar em valorizar muito, porque como só são duas pessoas ali, o condutor e o vaqueiro, é um segredo que acaba ficando guardado com poucas pessoas, sabe assim? E às vezes eu fico pensando: Poxa é uma dança muito bonita, poderia - não sei não sei como - ser mais valorizada. Eu digo isso porque, como professora, tenho dificuldade. Eu consigo ensinar pros alunos o toque, a fazer o Boi (com os nossos recursos, né), tudo. Mas a dança do Vaqueiro é uma coisa que eu não consigo ensinar. E também pelo fato de ter poucas pessoas que dançam e geralmente os Vaqueiros trabalham no horário de aula das crianças, então é uma coisa que eu acho que é muito exclusivo e muito restrito. Aí, de repente, deixo um pedido para se pensar nessa dança, na multiplicação.

34:58 **[Allan]**: Eu vou falar com o Touche, para ver se eu consigo ver com ele, se ele pode ir lá um dia. De marcar ou levar ele lá na escola e tal, pra ele explicar aos alunos.

35:05 **[Lilian]**: Ou uma conversa, uma demonstração mesmo, né?

35:08 **[Allan]**: Entendeu? Vou falar com ele para ver como é que a gente pode fazer. Porque o único que eu posso ver se consegue ir porque todo mundo trabalha,

nesse horário de colégio é meio difícil. Mas vou ver com o Touche se ele pode ir lá pra gente dar uma força.

35:25 **[Lilian]**: Então eu acho que foi isso, né? Se fosse antigamente, na época - tu chegasse a pegar a época dos Bois saindo da rua, antes do Festival? [Faz um gesto que sim com a cabeça] - a gente seria rival, né? Ponta da Terra e Reginaldo.

35:39 **[Allan]**: Bumba meu Boi assim, nunca foi muito de tá com rivalidade com ninguém não, graças a Deus. A gente saía de lá da Ponta da terra, aí subia pelo Jacintinho, saía pela Jatiúca, pra subir o Jacintinho ali, naquela época a gente andava muito com o Boi, né? A gente saía às 8 horas da manhã no domingo ou numa sexta ou num sábado e chegava em casa às 10 horas da noite, né? Aí a gente saía andando por ali. Aí saía pela Ponta da Terra, pela Jatiúca.

36:02 **[Lilian]**: Pela Jatiúca, por onde?

36:04 **[Allan]**: A gente passava ali, deixa eu ver... Sabe onde é o campo do antigo Produban, agora onde é o COC?

36:09 **[Lilian]**: Sim

36:10 **[Allan]**: Pegava por ali, pegava ali a Santa Fernanda.

36:12 **[Lilian]**: Santo Eduardo?

36:13 **[Allan]**: É. Santo Eduardo, Santa Fernanda, ali Jatiuca. Ali por onde agora é o posto

tigre. Aí saíamos ali pelo Stella Maris e subia aquela ladeira da Mangabeira, que é do Extra. Aí ao invés de ir por cima da ladeira, a gente ia por baixo, aí pegava o Peixoto, saia lá pelo Feitosa, aí vinha pela principal do Jacintinho todinha. Aí descia ali pela Ladeira do canal cinco, que saía lá na Grota onde o Zé do Boi mora.

36:38 **[Lilian]**: Eu morava por ali.

36:40 **[Allan]**: Pronto. Aí saía, entrava por ali, pegava por dentro...

36:42 **[Lilian]**: Entrava pela grota do Zé do Boi? Não!

36:40 **[Allan]**: Nós passávamos por lá, pela Grota.

36:45 **[Lilian]**: Descia? Então entrava pelo Reginaldo.

36:47 **[Allan]**: Descia. Entrava pelo Reginaldo, a gente...

36:45 **[Lilian]**: Então era amigo?

36:49 **[Allan]**: Era amigo. Aí pegava ali, saía na Segunda Ponte, pegava por aquele bequinho ali, saía na Segunda Ponte, saía voltando pelo Reginaldo, aí passava pelo poço, aí voltava pra Ponta da Terra de novo. Chegava em casa umas 10 horas da noite,

10:30.

37:02 **[Lilian]**: Caramba!

37:03 **[Allan]**: Antigamente era o Boi nas costas, tocando, era tudo, Vaqueiro, La Urso.

37:10 **[Lilian]**: Hoje em dia, quais as personagens que são obrigatórias? O La Urso é obrigatório ou não?

37:13 **[Allan]**: Não. Hoje em dia não tem mais personagem obrigatório.

37:16 **[Lilian]**: Hoje em dia é tudo com o tema, né?

37:17 **[Allan]**: Com o tema. Muita gente leva La Urso, leva burrinha, né? Mas hoje em dia, cada um de acordo com o tema.

37:24 **[Lilian]**: Uma outra coisa, para terminar, que eu sei que você é ocupado. Quando leio alguns trabalhos eu acho que tem uma confusão sobre essas personagens. Por que existem outras pessoas que escreveram. Existem pessoas que escrevem sobre o Boi daqui, mas não são daqui. Eu acho que o trabalho do Lima foi massa porque ele realmente sabe do que tá falando, mas existem outros estados que tem outros personagens. Às vezes, eu lendo, acho que o pessoal faz uma confusão com as personagens que são de fora com as personagens daqui, né? Então aqui atualmente não tem uma personagem obrigatória? É o Boi, o Vaqueiro e as personagens de acordo com o tema. E antigamente o La Urso saía, né?

38:04 **[Allan]**: Saía.

38:04 **[Lilian]**: E a Burrinha saía?

38:05 **[Allan]**: Também.

38:06 **[Lilian]**: Em alguns Bois, né?

38:08 **[Allan]**: É.

38:10 **[Lilian]**: Eu acho que isso é tudo. Muito obrigada!

38:12 **[Allan]**: Por nada!

APÊNDICE F– Entrevista com Natalício Rodrigo Silva dos Santos (Natal)

A seguir, apresenta-se a transcrição da entrevista realizada com Natalício Rodrigo Silva dos Santos (Natal), em 16 de junho de 2024.

Lílian: Bom dia, Natal, tudo bem? você poderia me responder algumas perguntas sobre o Bumba Meu Boi?

Natal: Bom dia! Estou bem e você, como está? Posso sim!

Lílian: Primeiramente, qual é a proporção dos instrumentos musicais no Bumba Meu Boi? Por exemplo, há um surdo para cada tarol?

Natal: O surdo é o que dá a maior força na batucada, trazendo o grave em geral. O tarol, por sua vez, dá o famoso "molho", o swing, proporcionando balanço. A proporção pode variar, mas essa é a essência do papel de cada instrumento.

Lílian: O repique é responsável pela introdução, pelos breques e pelos improvisos?

Natal: O repique em si leva em consideração um comando, digamos assim. Ele faz uma função de viradas e também dá um "molho", atuando como um marcador dentro da batucada.

Lílian: O mestre da bateria costuma usar apito? Para que serve?

Natal: Alguns mestres de bateria usam apito. Ele serve para acionar um comando maior para os ritmistas, chamando mais atenção na hora de uma virada ou de algum arranjo na batida.

Lílian: E o vaqueiro? Ele usa o apito para chamar o boi, mas também faz sons ritmados que combinam com a batida?

Natal: O vaqueiro usa o apito para chamar a atenção do seu condutor, o "boi". Alguns também ficam apitando durante a apresentação, mas eu não aconselho muito. Quando estou na arena, faço mais a função de chamar a atenção do meu condutor, uso mais a parte de interpretação, cantando a música do boi e sorrindo para o público, focando mais na parte teatral.

Lílian: Como você aprendeu a ser vaqueiro, a dançar e tal?

Natal: Aprendi observando um antigo colega, que era vaqueiro, já falecido. Isso foi lá por 2004, 2005. O nome dele era Lu.

Lílian: Qual era o nome dele e de qual boi ele dançava?

Natal: Eu ficava vendo ele dançar no Safary e no Puma na época.

Lílian: E de qual(is) boi(s) você foi vaqueiro?

Natal: Eu já fui vaqueiro dos bois Cão de Raça, Anaconda, Diamante Negro, Diamante, Águia de Ouro, e desde 2006 estou no Safary.

Lílian: Atualmente, você está em algum boi?

Natal: Sim, estou no Safary.

APÊNDICE G – Entrevista com Joelma Ferreira da Silva

A seguir, apresenta-se a entrevista realizada com Joelma Ferreira da Silva, em 27 de março de 2025.

Lílian: Qual o seu nome completo?

Joelma: Joelma Ferreira

Lílian: Qual o nome da escola onde você trabalha?

Joelma: Escola estadual professora Aurelina Palmeira de Melo

Lílian: Tudo bem pra você falar a respeito do trabalho que você realizou na escola sobre os La Ursos?

Joelma: Se tudo bem? Tudo maravilhoso minha filha! Eu acho que a turma vai ficar feliz, apesar de que eles terminaram o terceiro ano o ano passado, mas eu vou falar para eles - eu tenho o contato com alguns- e dizer que: "olha, o trabalho foi tão bom que vai ser citado, vai ser feliz, vai ser incrível. Esse projeto que eu desenvolvi, foi dentro do projeto Professor Mentor. Você pode falar que foi um projeto de pesquisa que a gente idealizou. Eu levantei uma pesquisa sobre os Bois no Brasil, dei essa aula pra eles, né, pra falar do Bumba meu Boi, até chegar no Bumba meu Boi daqui e também falar dessa personagem que é a Lá Ursa. Engraçado que você chama La Urso, né? Eu escutei você falar com O, e eu chamo de Lá Ursa, conheço pelo A, pelo feminino.

Lílian: Conheço por La Urso. No Vergel chama La Ursa é? Porque lá no Vale do Reginaldo, no Jacintinho, nas periferias de Maceió que eu transito, o pessoal chama La Urso.

Joelma: Na verdade, quando eu era criança eu não sabia desse nome La Urso ou La Ursa, pra mim sempre foi Bobo. Sempre foi Bobo. Assim - minha memória afetiva - eu cresci e sempre ficou Bobo. Mas, depois de adulta que eu fui conhecendo que tinha La Ursa. E aí eu não sabia que era La Urso. Na minha cabeça, para mim, para minha pessoa vai ser sempre Bobo. Só que quando eu falo Bobo, não tem muitas pessoas que sabem [do que estou falando], porque eu acho que é uma coisa da minha geração, do meu bairro. E aí já que alguns alunos conhecem como mascarados. Alunos assim, adolescentes. Então eu acho que é por isso, entendeu? Por gerações.

Lílian: O Bobo, quando você era criança, ele saía junto com o Boi ou ele saiu independente? Porque, por exemplo, lá no Reginaldo o La Urso saía independente,

mas em determinado momento começou a sair com o Boi.

Joelma: Sobre a sua pergunta que você falou sobre o Bobo, sobre a minha infância, eu nunca vi os Bobos saírem sozinhos. Sempre com o Boi. E no cortejo da rua, né. Essa é a minha lembrança, assim, eu nunca vi o Bobo separado. Você me falar que lá no seu quarto tinha separado, pra mim é uma novidade, porque sempre estive aliado com a saída do Boi. E pense que quando eu falo da minha infância, você fala em Ponta Grossa, tá bom? Porque a escola é lá no Vergel. E os meninos têm essa referência de mascarado lá do Vergel. Os adolescentes de agora, tá? Não sei como os meninos do Vergel, do Bumba meu Boi do Vergel, usavam a nomenclatura da década de 90, né, da nossa infância, como você tá pensando aí. Mas a minha realidade que é de Ponta Grossa era de Bobo. E que saía no carnaval junto com o Boi.

Lílian: O Bobo atualmente, ou até mesmo na sua infância, já tinha substituído a máscara de papel machê pelas máscaras de borracha?

Joelma: Sim, quando eu era criança já era máscara de borracha, máscara do monstro, máscara pronta, né, comprada. Eu não me lembro de ter máscaras de papel machê neles por aqui não, sabe.

Lílian: O Bobo também canta uma marchinha parecida com: O La Urso quer dinheiro, quem não dá é pechinheiro?

Joelma: Sim. A música do bobo também é essa. Só que no caso de falar La Urso falava o Bobo, né? O Bobo quer dinheiro, quem não dá é pechinheiro.

Lílian: Pois é, tem o Boi, o La Urso e a La Ursa. E elas têm algumas semelhanças. A solução que eu encontrei foi explicar que existem essas semelhanças. Me conta como foi esse processo de ensino dessa tradição com os seus alunos.

Joelma: A gente fez oficina com a Géssyca, que foi a parte das máscaras, tem fotos dos meninos fazendo roupa. E a ideia também... tinha... Eu não sei se eu vou ter esse material, mas a ideia que eu quis estimular nos meninos, era pensar sobre essa coisa da Lá Ursa, que ela assusta, mas que ela também faz rir, né? Porque ela é uma personagem que tá ali pra o que der e vier.

É engraçado, pelo menos essa é a impressão que eu tenho - e a gente chegou a essa conclusão, os meninos na sala conversando, né? -, que essa é uma personagem que as pessoas que vestem, elas ficam livres para fazer o que elas quiserem. Porque como você tá mascarado dos pés da cabeça, você não sabe o

que é aquela pessoa, né? Então aquela pessoa tá ali como se tivesse um super poder, digamos assim, de não ser reconhecida e poder fazer o que quiser.

De poder tirar onda, de poder correr atrás de criança, de adulto, de poder brincar com um, brincar com outro, de fazer graça e também de assustar. Todo mundo tem uma história de tomar um susto de A La Ursa.

Lílian: Que massa a tua visão sobre essa temática

Joelma: Então eu pensei assim com os meninos: o que é que vocês gostariam - de com essa personagem -, se vocês pudessem expulsar da sociedade, se vcs pudessem fazer com que não existisse mais alguma coisa, o que seria? E aí eles falaram algumas coisas que eles gostariam de expulsar. Não só na sociedade mas neles mesmos. Eu lembro que teve uma menina que falou que queria expulsar a timidez, que não queria ser tão tímida quanto ela era. Eu não lembro tanto da parte social. Eu tentei puxar pra esse lado mas eu não sei se fui tão feliz. Porque é isso, né? Aluno na hora de refletir, às vezes eles emperram. Mas na parte estética, da La Ursa aparecer, funcionou bem

Lílian: Sei que a Benita foi lá fotografar, né? Poderia disponibilizar algumas fotos?

Joelma: E a gente fez... a Benita com certeza vai disponibilizar essas fotos, assim eu acho que tem mais de 50 fotos. Tem fotos lindas, tem foto minha com eles, com os meninos. É... eu acho que eu devo ter aqui fotos da preparação também das máscaras, com a qualidade menor, né? Posso procurar aqui para você colocar. Uma foto do processo, entendeu?

Essas fotos que eu tenho aqui são da oficina com a Géssyca, que ela deu a oficina de máscaras e a partir dessa oficina que os meninos construíram as máscaras e as roupas foi comigo orientando. E aí eu vou buscar aqui depois o link com as fotos e aí depois é só pedir permissão para Benita, mas acho que é super de boa, e aí você já fica com o link aqui pra escolher as fotos que você quiser.

APÊNDICE H – Entrevista com Christiano Barros Marinho da Silva

A seguir, apresenta-se a terceira parte da entrevista realizada com Christiano Barros Marinho da Silva, em 30 de março de 2025.

Lílian: Bom dia! Você é o Christiano que aparece nessa escrita [mostrando-lhe um trecho da minha dissertação de mestrado onde menciono o cortejo de Bumba Meu Boi da Zona Sul]?

Christiano Barros: Sou eu sim, não lembro desse artigo.

Lílian: Estou escrevendo. Falo sobre a saída de rua dos Bois. Como morei no Vale do Reginaldo, foquei no antigo Boi Gavião. Porém, soube da existência do cortejo da Zona Sul, com vários Bois. Não consegui muita informação sobre. Qual o seu nome completo?

Christiano Barros: Christiano Barros Marinho da Silva

Lílian: Gostaria de saber qual é o seu envolvimento na tradição de bumba Meu Boi. Se você faz parte de algum grupo de Bumba Meu Boi e gostaria que você me contasse sobre esse cortejo que saem vários Bois. Eu sei que nesse de 2016 [relatado na matéria jornalística] você coordenou a partir de um projeto, mas também sei que já acontece há alguns anos, né? Como é o seu envolvimento nessa saída de rua.

Christiano Barros: Bom dia Lílian! Eu sempre falo da importância de trabalhos como o seu. Importante para que as pessoas possam voltar o olhar para a cultura popular. Eu me aproximei da comunidade da zona Sul em 2008 então a ideia era fortalecer essa articulação para que a gente pudesse criar espaços pra evidenciar a cultura popular, principalmente local, né. Eu digo principalmente porque todos os anos a gente procurava integrar todos os eventos que a gente fazia, a gente tentava trazer pessoas de outras comunidades. Mas trabalhar principalmente com os grupos locais. Hoje a localidade da Zona Sul deve contar com uns seis Bois, mais ou menos, né, mas isso vai variando por ano, que há alguns anos tinha mais, acho que talvez tenha um pouco menos agora.

Então a comunidade conhece os retalhos de uma apresentação, não conhece uma apresentação completa. E a comunidade gosta muito dessas apresentações. Completas, né, organizadas. Só que não tem oportunidade pra isso, porque o Boi se prepara pra fazer isso fora. Então a ideia era criar esses espaços. E aí quando a

gente promove esses desfiles, essas apresentações é pra que isso aconteça. Para que os grupos da cultura popular possam se apresentar, especificamente o Bumba Meu boi.

Lílian: Gostaria que você falasse sobre a realização desse cortejo que envolve vários Bois.

Christiano Barros: A gente organizou ações na praça da guarda municipal e principalmente lá na praça Santa Tereza, por mais de 10 anos, sempre no mês de agosto, mas também em janeiro e em datas comemorativas de Carnaval, São João, enfim. Mas principalmente no mês de agosto, né, que é o mês das tradições populares. E aí eu percebia que a comunidade se deslocava pra ver o Bumba Meu Boi, talvez seja uma das manifestações populares que mais atraíam a atenção das pessoas. Então quando os Bois eles estavam na praça pra apresentação, a praça ficava lotada. E aí a gente reunia 2, 3, 4, 5 Bois na Praça Santa Tereza e desfile a gente chegou a organizar lá na Praça da Guarda Municipal, a partir de 2008, mas antes o pessoal já tinha organizado uns dois ou três desfiles antes disso.

E a ideia era essa, né. Transformar a Praça Santa Teresa, principalmente, né. Eu digo principalmente porque também a gente chegou a fazer na Praça da Guarda Municipal e em outros espaços da comunidade, daquela região. Mas principalmente a praça Santa Teresa, um palco da cultura popular. Como eu falei, os grupos da cultura popular têm essa dinâmica de apresentação fora, né, de se organizar para se apresentar fora e a comunidade conhece o grupo pelo ensaio, né, não conhece uma apresentação oficial. E aí quando vê a apresentação a comunidade se encanta e aí é sempre muito prazeroso, é motivo de muita felicidade ver a comunidade em peso na Praça Santa Teresa, lotar a praça pra ver as apresentações de capoeira, da banda de fanfarra local, né, que é coordenada pelo Cláudio Souza e principalmente, né, o Bumba Meu Boi.

O Bumba Meu Boi é o que atrai mais atenção. Então eles vinham com uma apresentação organizada, com figurino, com o Boi pronto, com a banda, os instrumentos do Boi tudo certinho. Então isso acabava atraindo muito a comunidade. Então era isso, né. E aí também a gente chegou a organizar alguns carnavais, algumas ações no carnaval, reunindo os Bois. As ações que a gente realizava eram no mês de agosto, culminando no final de semana do 22 de agosto, que é o dia das tradições populares. Então a ideia era fazer no fim de semana mais próximo, ou no

último final de semana de agosto. Sempre chamando atenção para a amplitude da questão da cultura popular, que vai além do folclore. E a realizou por mais de 10 anos essas ações e aí depois, acabou que depois da pandemia... a gente conseguiu na pandemia, fazer uma ação bem interessante lá no... pra levar a ação que seria na praça pra o teatro Deodoro, né. Depois da pandemia, as coisas meio que se dispersaram, né e não conseguiu retomar.